

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

IZABEL GOMES DA SILVA

**PROFETAS, FILHOS E SERVOS:
A OBRA DO ESPÍRITO EM JESUS E NOS CRISTÃOS**

CURITIBA

2024

IZABEL GOMES DA SILVA

**PROFETAS, FILHOS E SERVOS:
A OBRA DO ESPÍRITO EM JESUS E NOS CRISTÃOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia Área de concentração: Sistemática, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

CURITIBA

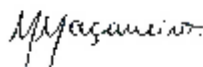
2024

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

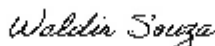
S586p 2024	Silva, Izabel Gomes da Profetas, filhos e servos : a obra do espírito em Jesus e nos cristãos / Izabel Gomes da Silva ; orientador: Marcial Maçaneiro. – 2024. 170 f. ; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2024 Bibliografia: f. 158-170 1. Teologia. 2. Jesus Cristo – Personalidade e missão. 3. Espírito. 4. Diaconia. I. Maçaneiro, Marcial. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título. CDD 20. ed. – 230
---------------	--

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 010.2024
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e quatro dias de maio de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se às nove horas, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Marcial Maçanelro, Profa. Dra. Karen Sturzenegger, Prof. Dr. Clóvis Torquato Jr., para examinar a Dissertação da mestrand Izabel Gomes da Silva, ano de ingresso 2022, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático - Pastoral - Linha de Pesquisa: "Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa". A mestrand apresentou a dissertação intitulada "Profetas, filhos e servos – a obra do Espírito em Jesus e nos cristãos". A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às onze horas e trinta e cinco minutos. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.



Prof. Dr. Marcial Maçanelro - Presidente/Orientador
Profa. Dra. Karen Sturzenegger - Convidada Externa
Prof. Dr. Clóvis Torquato Jr. - Convidado Interno



Prof. Dr. Waldir Souza
Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

A todos aqueles que se dedicam em
fazer conhecer o Deus Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de aprofundar o conhecimento e a experiência com a Pessoa do Espírito Santo.

Agradeço aos meus familiares; a Congregação das Irmãs de São Carlos de Lyon na pessoa da Ir. Edna Belter, Superiora Geral, pelo incentivo e a oportunidade; ao meu orientador Prof. Dr. Marcial Maçaneiro SCJ pela atenção e rigor metodológico.

Meu agradecimento especial à minha comunidade religiosa: Ir. Adélia, Ir. Maria Ferreira, Ir. Maria de Lourdes, Ir. Vicentina e Ir. Aparecida, pelo apoio e ajuda fraterna.

Não é possível falar de Jesus sem falar da ação do
Espírito nele, e sem falar da sua relação com o
Deus que ele chamava de Abba, meu Pai.

(MOLTMANN, 1992, p. 111)

RESUMO

Com o título “Profetas, filhos e servos: a obra do Espírito em Jesus e nos cristãos”, procura-se desenvolver um trabalho que coloque em evidência a importância do Espírito na vida daquele que deseja ser discípulo de Cristo. O objetivo é desenvolver uma cristologia pneumatológica, que explicita a ação do Espírito Santo na pessoa de Jesus e na pessoa dos seus discípulos. Desenvolve-se esse objetivo em três capítulos, como reflexão progressiva da ação do Espírito. Para tanto, faz-se uma análise teológica dos títulos “Profeta, Filho e Servo” aplicados a Jesus, com ênfase pneumatológica de base sinótica, especialmente Lucas. No Capítulo I “Traços da revelação do Espírito de Deus”, trata-se do Espírito de Deus agindo na História, com a progressiva conscientização do Povo de Israel a respeito da *Ruah*. No Capítulo II “O Espírito e Jesus à luz da teologia sinótica”, apresenta-se Jesus como o arquétipo para toda a comunidade cristã, ungido pelo Espírito, com destaque para: seu profetismo, sua relação com o Pai e as práticas de Amor-Serviço, expressões da Nova Aliança que ele consuma. No Capítulo III “A relação filial e a profecia do discípulo” apresenta-se a identidade do discípulo, ungido como Jesus para ser hoje, profeta, filho e servo. Esta identidade marcará o ser e o agir dos cristãos, a exemplo de Jesus, em testemunho do seu Evangelho. O argumento segue os enunciados do Magistério da Igreja Católica, à luz do tema e do objetivo da dissertação. Como resultados, verifica-se o nexos entre Cristologia e Pneumatologia na vida dos discípulos de Jesus, que é Profeta, Filho e Servo por excelência; e pontua-se aspectos atuais da vivência cristã, especialmente o serviço e a missão. Conclui-se com um epílogo, ampliando os resultados para o campo da Igreja, Sacramentos e testemunho.

Palavras-chave: Cristologia. Pneumatologia. Discipulado. Espírito em Lucas. Diaconia.

ABSTRACT

With the title “Prophets, sons and servants: the work of the Spirit in Jesus and in Christians”, we seek to develop work that highlights the importance of the Spirit in the life of those who wish to be disciples of Christ. Dissertation in the area of concentration Systematic Theology, Spirituality and Pastoral of the PPGT at PUCPR. The objective is to develop a pneumatological Christology, which explains the action of the Holy Spirit in the person of Jesus and in the person of his disciples. We develop this objective in three chapters, as a progressive reflection of the Spirit’s action. To this end, we proceeded with a theological analysis of the titles “Prophet, Son and Servant” applied to Jesus, with a pneumatological emphasis on a synoptic basis, especially Luke. In Chapter I “Traces of the revelation of the Spirit of God”, we deal with the Spirit of God acting in History, with the progressive awareness of the People of Israel regarding the Ruah. In Chapter II “The Spirit and Jesus in the light of synoptic theology”, we present Jesus as the archetype for the entire Christian community, anointed by the Spirit, with emphasis on: his prophetism, his relationship with the Father and the practices of Love-Service, expressions of the New Covenant that he consummates. In Chapter III “The filial relationship and the prophecy of the disciple” we present the identity of the disciple, anointed like Jesus to be a prophet, son and servant today. This identity will mark the being and actions of Christians, following the example of Jesus, in testimony to his Gospel. The analysis and argumentation are supported by qualified authors, selected in light of the theme and objective of the dissertation. As results, we verified the link between Christology and Pneumatology in the lives of the disciples of Jesus, who is Prophet, Son and Servant par excellence; and we highlight current aspects of the Christian experience, especially service and mission. We conclude with an epilogue, expanding the results to the field of the Church, Sacraments and testimony.

Keywords: Christology. Pneumatology. Discipleship. Spirit in Luke. Diakonia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAT	Catecismo da Igreja Católica
ChV	Christus Vivit
Coord.	Coordenador (es)
CTI	Comissão Teológica Internacional
DA	Documento de Aparecida
DIM	Divinum Illud Múnus
DNA	Declaração Nostra Aetate
DoV	Dominum et Vivificantem
DV	Dei Verbum
EG	Evangelii Gaudium
FT	Fratelli Tutti
GS	Gaudium et Spes
JEB	Documento <i>O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã</i> (2001), da Pontifícia Comissão Bíblica
LG	Lumen Gentium
MC	Mystici Corporis
NMI	Novo Millennio Ineunte
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	SESSÃO I: TRAÇOS DA REVELAÇÃO DO ESPÍRITO DE DEUS	15
2.1	O ESPÍRITO NA CRIAÇÃO.....	16
2.1.1	A Criação como obra da Trindade	17
2.1.2	Senhor e Vivificante	19
2.2	ESPÍRITO DE SABEDORIA	21
2.2.1	A Sabedoria divina no judaísmo	21
2.2.2	A Sabedoria identificada ao Espírito Santo segundo os Padres da Igreja Irineu de Lyon e Teófilo de Antioquia	23
2.3	O ESPÍRITO DE PROFECIA.....	25
2.3.1	O Espírito e o profeta.....	25
2.3.2	O Espírito e o Servo Ungido	27
2.4	O ESPÍRITO E O MESSIAS	29
2.4.1	“O Espírito do Senhor está sobre mim” Lc 4	32
2.5	CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO I.....	34
3	SESSÃO II: O ESPÍRITO E JESUS À LUZ DA TEOLOGIA SINÓTICA.....	37
3.1	INTRODUÇÃO.....	37
3.2	JESUS, O ESPÍRITO E O REINO: O PROFETA.....	38
3.2.1	A Boa Nova anunciada aos pobres.....	41
3.2.2	Ano da Graça	53
3.3	JESUS, O ESPÍRITO E O PAI: O FILHO.....	62
3.3.1	Este é meu Filho, o Eleito (Lc 9,35).....	63
3.3.2	Escutai-O - Jesus ensina a orar ao Pai	89
3.4	JESUS, O ESPÍRITO E A ALIANÇA: O SERVO.....	109
3.4.1	Jesus, o Servo da Nova Aliança.....	110
3.4.2	Uma comunidade servidora.....	122
3.5	CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO II.....	128
4	SESSÃO III: A RELAÇÃO FILIAL E A PROFECIA DO DISCÍPULO	132
4.1	PROFETAS, FILHOS E SERVOS	132

4.1.1	Com Jesus, o Espírito e o Reino: discípulos Profetas.....	133
4.1.2	Com Jesus, o Espírito e o Pai: discípulos Filhos.....	139
4.1.3	Com Jesus e o Espírito da Nova Aliança: discípulos Servos	144
4.2	CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO III	149
5	EPÍLOGO	152
	REFERÊNCIAS	160

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sistemático, distinto do exegético, que tem como base uma perspectiva eclesial, uma leitura dogmática que visa sondar – apoiado na reflexão teológica de vários autores – os traços da ação do Espírito Santo no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Sobre a ação do Espírito no Antigo Testamento, serão apresentados quatro lugares de revelação do Espírito: Criação, textos sapienciais, profetas e o Messias. No Novo Testamento, a pessoa de Jesus e os cristãos. No que tange à pessoa de Jesus, serão recortados três aspectos: profetismo, relação filial e o amor-serviço. E, finalmente, como o cristão deve apresentar esses mesmos aspectos em sua vida de discípulo de Jesus.

O Espírito de Deus sempre esteve presente na obra da Criação. Já no Antigo Testamento sua presença era reconhecida na ação de Deus em favor do seu povo. Progressivamente, o Espírito foi sendo revelado e, com Jesus, o véu foi retirado. Já nos primeiros séculos da Igreja, o povo de Deus testemunha e professa sua fé na divindade do Espírito.

Desde o Concílio de Constantinopla onde, de forma oficial, foi proclamada a divindade do Espírito Santo (381d.C.), a Igreja renova incessantemente sua profissão de fé; e nesse processo o próprio Espírito Santo tem a missão de conduzi-la. Alguns exemplos de iniciativas eclesiais que favoreçam a assimilação dessa presença viva e atuante do Espírito foram a publicação da *Carta Encíclica Divinum illud munus* (1897), inteiramente dedicada ao Espírito Santo; também Pio XII, que na *Encíclica Mystici Corporis* (1943) se referiu ao Espírito Santo como princípio vital da Igreja, que opera nela, juntamente com Cristo Cabeça.

A Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo (DoV - 1986) traz importantes orientações sobre a ação do Espírito no ser humano, na Igreja e no mundo. O sopro do Espírito faz com que o homem se abra para Deus; pelo Espírito, o homem entra para uma vida nova e é introduzido na vida divina; vive em Deus. O viver em Deus possibilita ao crente uma compreensão de si mesmo. À luz de Cristo, que é o arquétipo dessa relação entre o humano e o divino, o homem só consegue encontrar-se plenamente no dom sincero de si mesmo, quando se relaciona com os outros, isso justamente porque Deus se fez Dom, e o homem é imagem e semelhança de Deus. É Jesus Cristo que ensina ao homem essa verdade, e quem lhe possibilita colocá-la em prática, é o Espírito

Santo. Logo, é a partir de dentro, que o Espírito, como Dom, transforma o ser humano (cf. DoV n. 59).

A vida no Espírito realiza a vocação do homem (CAT nº 1699). Com essa afirmação, a Igreja traz presente a indispensável atuação do Espírito Santo na vida do ser humano, para que ele viva sua verdadeira vocação de imagem e semelhança de Deus. O homem por si só não pode atingir esse fim, mas pela sua abertura à ação do Espírito, pode progredir significativamente na vida cristã, até “que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

Por essa via caminha essa pesquisa: descobrir traços da ação do Espírito na Criação, no Cristo e no cristão, como um caminho para se atingir a maturidade humana e cristã. Olhando para Jesus, que como humano pôde abrir-se completamente ao Espírito, o ser humano pode cultivar em si a esperança de experimentar a plenitude da vida. Um outro aspecto a ser contemplado é que a presença do Espírito em todos aqueles que foram batizados e crismados, deve formar uma comunidade de servidores destemidos, cuja vida nova trazida por Cristo é conduzida pelo Espírito.

Esse trabalho tem como objetivo geral desenvolver uma cristologia pneumatológica, que manifeste traços da presença e da ação do Espírito Santo desde o Antigo Testamento, depois na pessoa de Jesus, em sua condição humana, e na pessoa do discípulo de Jesus. Desenvolvemos esse objetivo em três capítulos, que querem ser uma reflexão progressiva da ação do Espírito.

De fato, o Espírito que agiu em Jesus na plenitude dos tempos, esteve presente desde os primórdios da criação; agiu no povo eleito, Israel, sendo identificado com a Sabedoria nos textos sapienciais; e ainda como o Espírito de profecia, que falou pelas palavras e pela vida dos profetas. Também a figura do Messias esperado por Israel é apresentado como alguém repleto do Espírito de Deus (Is 11,2). Nas Escrituras, a maior riqueza pneumatológica pertence ao Novo Testamento; porém, é no Antigo Testamento que se encontram as raízes da pneumatologia, razão pela qual no primeiro capítulo intitulado “Traços da revelação do Espírito de Deus”, buscamos sondar o Espírito de Deus agindo na história. Percebemos, de forma progressiva, a conscientização de um povo a respeito da presença de Deus em seu meio, através do seu Espírito.

No segundo capítulo intitulado “O Espírito e Jesus à luz da teologia sinótica”, apresentamos Jesus como o arquétipo para toda a comunidade cristã. Destacamos três aspectos de sua vida: o profetismo, a relação com o Pai e o Amor-Serviço como elementos presentes e

fundamentais na Nova Aliança realizada em seu sangue. Antiga e Nova Aliança desenham basicamente um modelo salvífico, com uma economia da salvação caracterizada na relação entre Deus e a humanidade. Na Antiga Aliança essa economia da salvação consistia em dois elementos: um sistema sacrificial e a obediência à lei. A Nova Aliança é uma nova economia da salvação, na qual o sistema sacrificial é consumado na oblação do Messias Jesus; e a obediência à lei, realiza-se então pela presença do Espírito Santo¹, que possibilita ao discípulo o seguimento de Cristo nos mesmos aspectos citados acima. Logo, seguir a pessoa de Jesus supõe dar espaço, na própria vida, à pessoa do Espírito.

“Quem quer ser meu discípulo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). A adesão à pessoa de Jesus faz o discípulo percorrer os mesmos caminhos que o Mestre. No terceiro capítulo, intitulado “A relação filial e a profecia do discípulo”, buscamos enfatizar que, com Jesus, os discípulos são, no mundo de hoje, profetas, filhos e servos, à moda de Cristo. Esses aspectos da vida de Jesus que falou fortemente no seu tempo, não são jamais ultrapassados, ao contrário, na sociedade atual, é justamente na vida dos cristãos que eles devem ser vistos.

Em Atos dos Apóstolos, capítulo 2, lemos, no anúncio de Pedro, a realização da profecia de Joel: o Espírito derramado sobre todos, tornando-os capazes de profetizar (cf. At 2,14-18). O sacramento da Crisma está intimamente ligado ao Dom do Espírito, e todos os anos é ministrado a milhares de pessoas para que se tornem testemunhas do Cristo. O Espírito Santo é Deus. Seja nos primórdios da criação, na vida do povo, em Jesus ou no discípulo de Jesus, estamos falando do mesmo Espírito. Portanto, tornar-se profeta, filho e servo é um dom e uma tarefa, porque “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Aqui chegamos ao núcleo da questão: o cristão é portador do Espírito; a comunidade cristã é portadora do Espírito. Como identificar sinais da ação do Espírito, hoje?

Para nos ajudar nessa reflexão trazemos uma relação dos autores que foram relacionados ao longo de todo o texto. São teólogos da linha sistemática, exegetas, Papas da Igreja católica e outros. Uma breve apresentação de cada um se encontra nas notas de rodapé. São eles:

ARTUS, Olivier; AUGRAIN, Charles; BARUCQ, André; BEAUCHAMP, Paul; BEZERRA, Cícero Manoel, BORTOLLETO FILHO, Fernando; BORTOLINI, José; CLERCK, Paul de; CONGAR, Yves; COSTADOAT, Jorge; DELHAYE, Philippe; DE LA POTTERIE,

¹ TORQUATO JÚNIOR, Clóvis. **[Antiga e nova aliança]**, Curitiba, 2024. Comentário realizado na Banca de Defesa do Mestrado em Teologia da PUCPR, Campus Curitiba em 24 maio 2024.

Ignace; DETTWILER, Andreas; DIETRICH, Luiz José; DU BUIT, Michel, DUMAIS, Marcel; ECHEGARAY, Hugo; FEUILLET, André; FONSATTI, José Carlos; FOURNIER, Jacques; FRANCISCO, Papa; GARCIA CORDEIRO, Maximiliano; GAUTHIER, Jacques; GONZÁLEZ, Carlos Ignacio; GORGULHO DA SILVA, Gilberto; GRELOT, Pierre; JOÃO PAULO II, Papa; KELLY, John Norman Davidson; KOCH, Robert; LACAN, Marc-François, LEFEBVRE, Jean-François; LOHFINK, Norbert; MAÇANEIRO, Marcial; MANZATTO, Antônio; MAURER JR, Theodoro Henrique; MARX, Alfred; McKENZIE, John L.; MOLTSMANN, Jürgen; MONLOUBOU, Louis; MÜHLER, Heribert; PAGOLA, José Antônio; PERROT, Charles; PHILONENKO, Marc; POTTIER, Bernard; RATZINGER, Joseph; RENAUD, Bernard; SALAS, Antônio; SCHILLEBEECKX, Edward; SCHLOSSER, Jacques; SCHULTE, Raphael; SESBOÜÉ, Bernard; SILVA RODRIGUES, Rafael; SOBRINO, Jon; STORNIOLO, Ivo; THEISSEN, Gerd; TORQUATO JR, Clóvis; ZAMAGNA, Domingos; ZUMSTEIN, Jean.

Embora os autores presentes no texto nem sempre discutem o mesmo assunto, de forma direta, todos eles convergem, contribuem e enriquecem o objetivo geral da pesquisa, cuja essência é sondar a relação existente entre Espírito Santo, Jesus e os cristãos. Optamos por pesquisar o tema, buscando nos autores que já o estudaram, contribuições esclarecedoras para a construção de uma linha progressiva de compreensão da ação do Espírito, nos três grandes momentos da história de Deus com a humanidade, ou seja, Antigo Testamento; o personagem central da história humana para os cristãos, Jesus; e a vida com Cristo, no Espírito, depois de Jesus. Usaremos como metodologia a reflexão teológica baseada em livros, artigos, e outros, buscando valorizar o Antigo Testamento, e sua relação com o Novo. As notas de referência estão organizadas da seguinte forma: as referências de fontes bíblicas e fontes do Magistério da Igreja Católica encontram-se no corpo do texto. As referências dos autores consultados e/ou encontram-se no rodapé de cada página.

O caminho não é novo, mas traz um questionamento sempre atual: como estou deixando o Espírito Santo agir em mim? Desejamos uma boa leitura.

2 SESSÃO I: TRAÇOS DA REVELAÇÃO DO ESPÍRITO DE DEUS

Este capítulo tem como objetivo abordar quatro lugares de revelação do Espírito Santo no Antigo Testamento, a saber, a Criação, os textos sapienciais, os profetas e o Messias. Temos como pressuposto, segundo a fé cristã, que *Ruah* é a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Sabemos que o Dogma Trinitário aconteceu depois de séculos da Era cristã (381 d.C.), mas o que faremos aqui, é uma leitura cristã, evidenciando a presença do Sopro de Deus, a *Ruah*, que posteriormente a Igreja vai discernir como o Espírito Santo, atuando já nos eleitos e na história da aliança de Deus com seu povo.

A atuação de Deus através do seu espírito já era reconhecida pelo povo judeu, antes da vinda do Cristo, porém não de maneira personificada, como se dará no cristianismo. As Sagradas Escrituras nos revelam, progressivamente, a ação e a identidade do Espírito. Os termos *ruah*², *hokma*³ e *shekina*⁴ são expressões para dizer a presença, a habitação, a sabedoria do Espírito de Deus no meio do Seu povo, antes da plenitude dos tempos, onde o “Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

No primeiro tópico trataremos a *Ruah*. A *Ruah*, o “Sopro de Deus” que agitava as águas, sugere a presença do Espírito desde os primórdios da Criação. É nesse Dom de Sopro de Vida, que podemos pressentir a presença da Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, dando o que constitui Ele mesmo, a plenitude da Vida e do Ser.

Nos escritos sapienciais aparece a Sabedoria. A *Hokma*, a Sabedoria compreendida como a presença imanente do Deus transcendente. Irineu⁵ foi o teólogo que resumiu o pensamento do

² *Ruah* significa vento, sopro, força viva do homem, princípio de vida, Sopro de Deus (cf. CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 17). “O Sopro de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,2). Em uma leitura cristã, *ruah* é o Espírito de Deus.

³ *Hokma* significa Sabedoria. Tanto a *hokma* quanto a *ruah* é uma simbologia feminina usada para falar do mistério de Deus. Nesse trabalho, *hokma* é entendida como sabedoria, que posteriormente será identificada ao Espírito Santo por alguns Padres da igreja.

⁴ *Shekina* é um termo hebreu que não se encontra especificamente na Bíblia, mas é amplamente utilizado para descrever a presença de Deus. Mesmo que não se encontra nos textos bíblicos, seu uso se deriva da interpretação e da tradição judaica (DICCIONARIO BÍBLICO. **Shekinah Significado Bíblico**, 2024. Disponível em: <https://dicionariobiblico.org/shekinah>. Acesso em: 29 jul. 2024). Tradução nossa. Nesse estudo o termo não será desenvolvido; foi citado apenas para reforçar a ideia da presença de Deus no meio do seu povo, pelo seu Espírito.

⁵ Irineu foi bispo de Lyon, na França. Combateu firmemente as heresias do seu tempo, especialmente o gnosticismo. Um grande teólogo, que resumiu o pensamento do século II, sobre a Divindade. Foi discípulo de Polycarpo, que era discípulo de João, Apóstolo de Jesus. Com Santo Irineu havia o ressoado apostólico, que vinha do Apóstolo São João. Tudo isso era muito importante para a vida da Igreja do século II. Foi chamado doutor da unidade, pois trabalhou incansavelmente para a paz entre as Igrejas. Foi proclamado Doutor da Igreja pelo Papa Francisco em 21 de janeiro de 2022, com o título ‘Doctor unitatis’ (Doutor da unidade) (cf. CORBELLINI, Vital. **Santo Irineu de**

segundo século d.C.; ele identificou o Espírito Santo com a Sabedoria divina. Esta, tem a função de coesão do universo; procede de Deus e é exercendo sua função própria de conduzir os homens de acordo com Sua vontade que a Sabedoria formou amigos de Deus e profetas.

O Espírito Santo é caracterizado como aquele “que falou pelos profetas”⁶. A tradição profética tem uma fonte de unidade: é o espírito de Deus, que desde o princípio, anima os profetas, mesmo se em alguns casos o Espírito não é mencionado como estando à origem da mensagem profética. Finalmente, no quarto tópico, faremos uma leitura teológica sobre o Espírito e o Messias. Algumas profecias no Antigo Testamento, como as de Isaías, mostram que o Messias seria repleto do espírito de Deus para realizar grandes coisas em Seu nome. O Messias proclama um novo reino, renova a aliança.

O Espírito atua ao longo de toda a história da Aliança. É ele que nos permite experienciar a verdadeira vida humana, e a verdadeira vida de Deus em nós.

2.1 O ESPÍRITO NA CRIAÇÃO

O Espírito, ativo em Deus desde toda a eternidade, o é igualmente no tempo; irrompe para dar início à história de Deus com a humanidade, e vai-se revelando progressivamente desde a criação até Pentecostes, quando se manifesta plenamente. “A roûah Javé, Espírito de Deus (Gn 1,2; Is 32,15), e roûah qadosh, Espírito Santo (Sl 51,13; Is 63,10), ambos significando que o Espírito de Deus no Antigo Testamento e o Espírito Santo no Novo Testamento é o Espírito do Senhor ressurreto”⁷.

No Antigo Testamento o termo *ruah* é utilizado 378 vezes, e significa vento, sopro, força viva do homem, princípio de vida⁸. A *Ruah*, o “Sopro de Deus” que agitava as águas, sugere a

Lião, o novo doutor da Igreja. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-10/santo-irineu-doutor-da-igreja-liao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024).

⁶ Credo Niceno-Constantinopolitano.

⁷ BORTOLLETO, Fernando Filho (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. Neste dicionário o termo ‘roûah’ traz uma escrita específica, de origem francesa, ainda que em português, se usa comumente a escrita hebraica, de quatro letras, ‘ruah’. Bortolletto é professor do Seminário Teológico de São Paulo e Pastor da 3ª IPI Guarulhos (ESCAVADOR. **Fernando Bortolletto Filho**. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1704712/fernando-bortolletto-filho>. Acesso em: 25 jun. 2024).

⁸ Cf. CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 17. Congar foi um religioso dominicano considerado um dos mais influentes teólogos do século XX. Eclesiólogo de alto nível e incansável no seu trabalho intelectual, brilhante e pioneiro. Desempenhou um papel decisivo no Concílio Vaticano II (cf. FAZZINI, Lorenzo. **Congar**: dominicano incansável que radiografou a crise do catolicismo ocidental. 2024.

presença do Espírito desde os primórdios da Criação (Gn 1,2). Mas o Espírito não estava só; a Criação é obra da Trindade.

2.1.1 A Criação como obra da Trindade

A fé cristã discerne a criação como obra da Santíssima Trindade. Das obras ad extras⁹ da Trindade, a criação é a primeira, comum às três Pessoas (CAT n. 292).

No livro de Gênesis lê-se que “no princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). O Catecismo da Igreja Católica ensina três afirmações presentes nesta primeira frase das Escrituras: Deus eterno deu um princípio a tudo quanto existe fora d’Ele; só Deus é Criador (o verbo ‘*bara*’ tem sempre Deus por sujeito); e todo mundo criado expresso na fórmula “céu e terra”, depende Daquele que lhe deu o ser (CAT n. 290). Logo em seguida à afirmação de que Deus é o Criador do “Céu e terra”, aparece o Sopro de Deus “que agitava as águas” (Gn 1,2), como quem estimula, prepara para dar início aos trabalhos:

o Sopro divino agita as águas e potencializa o abismo com sua virtude Generativa. Enquanto a luz é criada pela Palavra divina como inauguração do “primeiro dia” e, portanto, do tempo (Gn 1:3-5), ruah tem natureza distinta: não é uma criatura, mas sim uma potência do Deus Criador, o Sopro divino que “possibilita a vida”¹⁰.

Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/636053-congar-dominicano-incansavel-que-radiografou-a-criacao-do-catholicismo-ocidental>. Acesso em: 25 jun. 2024).

⁹ Por obras ad extras entende-se aquilo que a Trindade realiza para fora de si mesma, a saber, a Criação, a Redenção e a Santificação de todo o mundo criado.

¹⁰ MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). **Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas**. Vitória, RELEP, 2022, p. 190. Maçaneiro é sacerdote dehoniano, teólogo, escritor e professor, com vasto conhecimento em pneumatologia, eclesiologia, ecumenismo e dogmática. Professor de Teologia Ecumênica no Centro de Estudos Bíblicos e Teológicos para a América Latina (CEBITEPAL), vinculado ao CELAM (Bogotá, Colômbia). Pesquisador-colaborador do Projeto An Earthed Faith junto à Western Cape University (Cidade do Cabo, África do Sul). Pesquisador-colaborados do Projeto Casa Comum junto ao CITER, da Universidade Católica Portuguesa (UCP, Lisboa) (UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. Faculdade de Teologia. **Marcial Maçaneiro**. 2024. Disponível em: <https://ft.ucp.pt/pt-pt/pessoa/marcial-macaneiro>. Acesso em: 25 jun. 2024).

Esta ação do Sopro de Deus (*Ruah Elohim*) suscita vida e beleza no caos inerte, e expressa a potência e a intenção do Deus Criador¹¹. O Espírito transforma, dá vida, participa da criação e a mantém.

Costuma-se atribuir ao Pai a criação, ao Filho a redenção e ao Espírito a santificação. Ainda que para a teologia essa questão seja clara, a nível popular, no contexto pastoral e catequético, esta afirmação pode levar, erroneamente, a crer que o Filho e o Espírito não participam da criação. No salmo 33, versículo 6, podemos ler: “O céu foi feito com a palavra do Senhor, e seu exército com o sopro de sua boca”, ou seja, aqui Deus cria pela sua palavra e pelo seu sopro/Espírito. A ‘palavra’ é identificada a Cristo, o Verbo, a Palavra de Deus encarnada (Jo 1,1-3), e o ‘Sopro’ ao Espírito. Notemos que a fé cristã professa um Deus Uno, o que torna essencial a compreensão de que as Pessoas divinas não agem separadamente. Deus criador manifesta não somente a onipotência de Deus, capaz de criar do nada, mas sua livre vontade e seu amor pela criação. A Trindade cria, salva e santifica.

Ao lado das expressões bíblicas, temos a profissão de fé da Igreja na Trindade Criadora. Uma das expressões dessa fé é o Símbolo proveniente dos dois primeiros Concílios ecumênicos: Nicéia (325) e Constantinopla (381). O credo Niceno-Constantinopolitano expressa a fé em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu da terra”; “em um só Senhor Jesus Cristo [...] por ele todas as coisas foram feitas”; e no Espírito Santo, “Senhor que dá a vida”.

Ao longo da história do Cristianismo, muitos foram os que refletiram a Criação como uma obra de amor do Deus Trino. Santo Irineu, teólogo da primeira geração pós-apostólica e bispo de Lyon, no sul da França, usa a imagem do Filho e do Espírito como as duas mãos do Pai, sugerindo que desde a criação, junto do Pai, estão o Filho e o Espírito. Em nosso tempo, um dos teólogos modernos mais conceituados, Moltmann (2002), escreve que “conforme a compreensão cristã, a criação é um acontecimento trinitário: Deus, o Pai, cria por intermédio do Filho no poder do Espírito Santo. Todas as coisas, por isso, são criadas “a partir de Deus”, formadas “por Deus”, e existem “em Deus”¹².

¹¹ MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). **Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas**. Vitória: RELEP, 2022, p. 191.

¹² MOLTSMANN, Jürgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p. 118. Luterano, Moltmann é considerado um dos maiores teólogos da atualidade. Vivenciou a Segunda Guerra Mundial e foi feito prisioneiro entre 1945-1948. Sua teologia traz a marca de um povo, por um lado, dilacerado pela guerra e, por outro, em um momento de reconstrução e transformação pela esperança. Seu pensamento teológico é, portanto, profundamente escatológico enquanto uma teologia orientada pela fé na ação de Deus dentro da história que conduz

Temos, então, nas Escrituras, na caminhada de fé da Igreja, e na reflexão teológica ao longo do tempo, o discernimento de que a Criação é obra da Trindade, tanto quanto a redenção e a santificação. As Pessoas divinas não agem isoladamente, pois sendo Trino, o verdadeiro Deus é Uno. E nessa relação de Deus com a Criação, ao Espírito são atribuídas as qualidades de Senhor e Vivificador (*Dominus et Vivificans*); qualidades essas que são aplicadas tanto em sua ação na humanidade como no cosmos¹³.

2.1.2 Senhor e Vivificante

“A primeira missão do Espírito Santo Senhor, com relação a nós é, de fato, nos dar a vida”, afirmava Jacques Fournier¹⁴, futuro Papa Bento XII, já no século XIV. O Espírito já o fez, participando com o Pai e o Filho, de nossa criação. No livro do Gênesis (2,7), lê-se que “Deus modelou o homem com o pó da terra, e soprou em suas narinas o sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivo”. A presença da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, pode ser pressentida justamente nesse Dom de Sopro de Vida. O Espírito dá o que constitui Ele mesmo, sua plenitude de Ser. “A imagem do ‘sopro de vida’ remete a esta Plenitude espiritual de Ser e de Vida, que é a de Deus”¹⁵.

Deus é o Ser vivo por excelência desde toda a eternidade, e criou o ser humano como ser vivo, colocando neste o que lhe é próprio, a vida. Encontramos aqui a lógica do amor: amar é dar de si mesmo. Conclui-se, então, que ser imagem, é participar do Ser e da Vida que é aquela do Deus Vivo¹⁶.

Lucas utiliza a expressão “estar repleto do Espírito Santo” (Lc 4,1), modo como Jesus é apresentado. O Filho aparece no tempo repleto do Espírito Santo, mas ele o é desde toda a

o seu povo (DUMER, Pablo Fernando. **Jürgen Moltmann**: um teólogo da e para a esperança. 2024. Disponível em: <https://est.edu.br/jurgen-moltmann-um-teologo-da-e-para-a-esperanca/>. Acesso em: 15 jul. 2024).

¹³ MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). **Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas**. Vitória: RELEP, 2022, p. 195.

¹⁴ FOURNIER, Jacques. L’Esprit Saint est Seigneur, et il donne la vie. **SEDIFOP**, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.sedifop.com/loeuvre-de-lesprit-saint-troisieme-personne-de-la-trinite-d-jacques-fournier/>. Acesso em: 16 ago. 2023. Tradução nossa. Fournier foi um monge cisterciense, do século XIV, que se tornou Papa Bento XII. Sua personalidade é impregnada de valores de ordem monástica. Humildade e rigor caracterizam seu pontificado. Tradução nossa (cf. FOURNIER, Jacques, **Ecylopédie universalis**. 2024. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/jacques-benoit-xii/>. Acesso em: 31 jul. 2024).

¹⁵ FOURNIER, Jacques. **L’Esprit Saint est Seigneur, et il donne la vie**. 2020, p. 2. Tradução nossa.

¹⁶ Cf. FOURNIER, Jacques. **L’Esprit Saint est Seigneur, et il donne la vie**. 2020, p. 2-3. Tradução nossa.

eternidade, recebendo do Pai essa plenitude do Ser e da Vida, desde antes dos séculos. “Mas ‘estar repleto do Santo Espírito’ [...], supõe estar voltado de coração para esse Outro para receber o Dom gratuito de seu Amor. Esta é a atitude eterna do Filho face ao Pai”¹⁷; foi para possibilitar ao ser humano receber o mesmo Dom de Deus, que o Filho ‘se fez carne’ (Jo 1,14), e veio ao encontro da condição humana. Fournier (2020) ressalta:

o mistério primeiro da vida cristã reside na acolhida desse Dom de Amor, esse Dom do Espírito Santo [...] que trará todas as riquezas próprias ao Amor, os carismas que permitirão a todos os pecadores perdoados que somos nós, de poder testemunhar, cada um à sua maneira, a Misericórdia sempre fiel e superabundante de Deus¹⁸.

O Espírito vivifica e renova o ser humano no mistério de sua relação com Deus, e com os outros seres humanos.

Citamos aqui, além de Fournier, outros autores da atualidade, que mencionam o Espírito como o Vivificador. É significativo notar que no decorrer de seis séculos, ou seja, de Fournier (+1342) aos dias atuais, o pensamento teológico sobre o Espírito Vivificador, segue a mesma direção. Fournier aponta o Espírito como aquele em quem habita a plenitude do Ser e da Vida; Mais próximo de nós, Congar (2009) diz que o Espírito é a “força viva do homem, princípio de vida”¹⁹, Moltmann (2002) vê o Dom do Espírito como aquele que “não somente santifica, mas vivifica por meio dos poderes divinos”²⁰; para Maçaneiro (2022) o Espírito cria, sustenta e se faz presente em toda a Criação²¹:

por Sua divina ruah, Deus não apenas cria, mas sustenta todas as coisas e se faz presente a toda a Criação, do microcosmo humano ao macrocosmo sideral. Em hebraico isso vem indicado com o termo *rewah* (amplidão, extensão), do mesmo radical que *ruah*, como observa Moltmann: “A ruah cria espaço, põe em movimento, leva da estreiteza para a amplidão e, assim, torna vivo [todo ser]”²².

¹⁷ FOURNIER, Jacques. *L'Esprit Saint est Seigneur, et il donne la vie*. 2020, p. 3-4. Tradução nossa.

¹⁸ FOURNIER, Jacques. *L'Esprit Saint est Seigneur, et il donne la vie*. 2020, p. 7. Tradução nossa.

¹⁹ CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 17.

²⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 60.

²¹ MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). *Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas*. Vitória: RELEP, 2022, p. 194.

²² MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). *Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas*. Vitória: RELEP, 2022, p. 194.

Os quatro autores, Fournier, Congar, Moltmann e Maçaneiro, em épocas e lugares bem distintos, sinalizam o Espírito Vivificante como aquele que é a fonte, renova, dá sentido, sustenta, cria e se mantém presente na Criação. Podemos concluir, que é no Espírito que experimentamos, em plenitude, a verdadeira vida em nossa relação com Deus, com as outras pessoas e com todo o mundo criado. Essa manifestação do Espírito não é apenas em relação aos sujeitos da experiência, aos discípulos de Jesus; não é apenas interior, mas exterior, “no âmbito da natureza que se renova, com o derramamento daquele Sopro primigênio, a inaugurar, enfim, a nova Criação”²³. O Espírito em si mesmo é *Ruah/Pneuma*; quando vai para a criação é Sabedoria (*Hokma*).

2.2 ESPÍRITO DE SABEDORIA

“Sabedoria” é um termo bíblico, usado muitas vezes, principalmente no Antigo Testamento. Enquanto livro, “Sabedoria” está inserida na Septuaginta e no cânon católico, tendo por original o grego *sophia*²⁴. Logo, quando falamos *hokma*, falamos *sophia*; *hokma/sophia*.

Os livros sapienciais falam desta sabedoria com intensidade incomparável, usam, por exemplo, da declinação *hokma*²⁵, a personificação da sabedoria. Para o judaísmo, essa Sabedoria mais profunda tem sua fonte em Deus; trata-se de algo divino, que está presente e próximo ao Eterno. Mas a sabedoria é Deus?

2.2.1 A Sabedoria divina no judaísmo

A literatura sapiencial judaica está intrinsecamente ligada à sabedoria, que é equiparada a uma extensão da divindade, e tem como princípio o temor de Deus. São sete os livros sapienciais: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos cânticos, Eclesiástico e Sabedoria. Este último é

²³ MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). **Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas**. Vitória: RELEP, 2022, p. 194.

²⁴ TORQUATO JÚNIOR, Clóvis **[Sabedoria]**, Curitiba, 2024. Comentário realizado na Banca de Defesa do Mestrado em Teologia da PUCPR, Campus Curitiba em 24 maio 2024.

²⁵ *Hokma* é um termo muito usado nos escritos bíblicos, cuja raiz hkm é verbo que designa “ser sábio”. A variação de sabedoria comparecem 318 vezes no Antigo Testamento (LUTERANOS. **O princípio da sabedoria**. 2018. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/o-principio-da-sabedoria>. Acesso em: 12 fev. 2024).

considerado um dos maiores livros sapienciais da Bíblia, assim chamado porque ensina a viver, e convida para seguir nos caminhos de Deus.

No livro de Jó (28), a sabedoria aparece como coisa bem desejável, exterior a Deus e ao homem. Já em Provérbios (1,20-33; 3,16-19 e 8,8-9), aparece como pessoa. A ideia de sabedoria personificada desenvolveu-se em Israel a partir do exílio, e sua presença no momento da criação é mencionada nos livros sapienciais. Assim, temos a sabedoria falando na primeira pessoa: “Quando ele estabelecia os céus, eu estava lá” (Pr 8,22-31); ou ainda, “Contigo está a sabedoria que conhece tuas obras, estava presente quando fazias o mundo” (Sab 9,9). Junto aos homens ela tem a função de levá-los a Deus, tornando-os seus amigos. Finalmente, no livro da Sabedoria 7,22-8,1, tem-se a impressão de que a mesma participa da natureza divina²⁶. Os livros sapienciais (Pr 8,22-31; Sb 7,25) sugerem que a sabedoria provém eternamente de Deus, sem se confundir com o mundo; está próxima dos homens como de Deus, mas não é tida como mediadora que intercede pelo homem, e em nenhum caso interpelada como uma divindade²⁷. A sabedoria no Judaísmo, é uma figura com diferentes interpretações, dando a ideia de uma progressão da compreensão que se tem dela.

Compreende-se a sabedoria como a presença imanente do Deus transcendente; uma presença benfazeja, que assegura a coerência no mundo, ao qual dá sentido; presença de graça ao coração dos amigos de Deus, que deve ser desejada e amada pelo sábio. Assimilada ao espírito de Deus (Sb 9,17), a sabedoria só pode ser recebida Dele, dada a grandeza de sua vocação comum a todo homem, o que justifica a necessidade de pedi-la²⁸.

²⁶ Cf. GORGULHO, Gilberto da Silva. Livro bíblico: nota "a" do rodapé, Pr 8, [tradução]. In: *BÍBLIA* de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1032. Gorgulho é doutor em Exegese bíblica e religião judaico-cristã pela Escola Bíblica e de Arqueologia Francesa (1961). Colaborador da Pontifícia Universidade Católica (Cf. ZAMAGNA, Domingos. **Frei Gilberto Gorgulho OP (1933-2012)**. 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/?id=516761>. Acesso em: 30 jul. 2024).

²⁷ Cf. BEAUCHAMP, Paul. Sagesse. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016, p. 1262. Tradução nossa. Beauchamp é francês, Jesuíta, teólogo e exegeta, especialista em Sagrada escritura. Doutor em Exegese bíblica, que estuda a relação entre Antigo e Novo Testamento (cf. JESUITES. **Paul Beauchamp**. 2024. Disponível em: <https://www.jesuites.com/paul-beauchamp-sj-bibliographie/>. Acesso em: 30 jul. 2024).

²⁸ Cf. ZAMAGNA, Domingos. Livro bíblico: comentário introdutório do Livro ‘Sabedoria de Salomão’ [tradução]. In: *BÍBLIA* de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1104. Zamagna é doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. Integra o Colégio de Tradutores da Bíblia de Jerusalém (Paulus), da Bíblia Sagrada (Vozes) e do Missal Romano da Igreja (CNBB). Lecionou Línguas Clássicas (Latim, Grego e Hebraico) durante 20 anos na Faculdade de Teologia da PUC-SP, e é titular da cadeira n 28 da Academia Cristã de Letras (CF. ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS. **Domingos Zamagna**. 2024. Disponível em: <https://academiacristadeletras.org.br/cadeira-n-28.html>. Acesso em: 30 jul. 2024).

Deus é o Sábio por excelência, e a sabedoria do homem é de proveniência divina. Ela é uma realidade divina que existe desde sempre e para sempre, ela é “um sopro do poder divino, uma efusão de glória do Onipotente, um reflexo da luz eterna, um espelho da atividade de Deus, uma imagem da sua excelência (Sb 7,25) ela habita no céu (Si 24,4), partilha do trono de Deus (Sb 9,4), vive na sua intimidade (Sb 8,3)”²⁹. É, portanto, a mesma coisa, receber a sabedoria ou ser dócil ao Espírito. “Manifestada pela realização histórica da salvação, ela não pode ser comunicada senão pelo Espírito de Deus aos homens que lhe são dóceis”³⁰. O homem que se deixar crucificar com sua sabedoria soberba para renascer em Cristo, tomará um sentido novo, pois se realizará sob a moção do Espírito³¹.

Em sua ação, a sabedoria é colocada em paralelo com o espírito do Senhor (Sab 1,7); ou seu espírito santo (Sab 9,17). Para alguns Padres da Igreja a Sabedoria é identificada ao Espírito Santo, portanto, possui o estatuto divino, Ela é Deus.

2.2.2 A Sabedoria identificada ao Espírito Santo segundo os Padres da Igreja Irineu de Lyon e Teófilo de Antioquia

Embora os escritos do Novo Testamento, estão repletos de menções ao Espírito Santo, as primeiras linhas de concepção de uma teologia do Espírito Santo são escritas por Santo Irineu: “Senhor, único e verdadeiro Deus, faça que domine em nós, por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, o Espírito Santo”³². Irineu foi, sem dúvida, o teólogo cristão mais importante do século II,

²⁹ BARUCQ, André; GRELOT, Pierre. A sabedoria de Deus. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 920. Barucq é salesiano, biblista. Foi professor de língua hebraica e Escritura Santa (Antigo Testamento), na Faculdade de Teologia de Lyon (cf. BEAUCHESNE. **André Barucq**, 2024. Disponível em: https://www.editions-beauchesne.com/product_info.php?products_id=589. Acesso em: 29 jul 2024). Tradução nossa. Grelot foi sacerdote, exegeta e teólogo. Especialista reconhecido de escritos e de línguas bíblicas, com excelência na língua aramaica. Foi membro da Comissão Bíblica Pontifical (cf. BABELIO. **Pierre Grelot**, 2024. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Pierre-Grelot/39580>. Acesso em: 16 jul. 2024). Tradução nossa.

³⁰ BARUCQ, André; GRELOT, Pierre. A sabedoria de Deus. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 922.

³¹ BARUCQ, André; GRELOT, Pierre. A sabedoria de Deus. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 922.

³² Segundo a obra de J. N. D. Kelly. Santo Irineu, VII, 2023. In: **A Santíssima Trindade nos escritos dos Santos Padres dos primeiros séculos**. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/trinddd07.htm>. Acesso em: 29 ago. 2023. KELLY, J.N.D., foi um destacado erudito da Faculdade de Teologia da Universidade de Oxford. Escreveu muito sobre as primeiras confissões de fé, além de comentários bíblicos e estudos bibliográficos de Jerônimo e Crisóstomo. Foi membro fundador do conselho acadêmico do Instituto para Estudos Teológicos Avançados de Jerusalém (VIDA NOVA. **J. N. D. Kelly**, 2024. Disponível em: <https://www.vidanova.com.br/livros/autores/j-n-d-kelly>. Acesso em: 16 jul. 2024).

que resumiu o pensamento desse tempo. Ele “identificou o Espírito Santo com a Sabedoria divina, com o que pôde fortalecer sua doutrina da terceira pessoa com uma base escriturística segura”³³. No fim do segundo século, a imagem deixada por Irineu sobre a Divindade, é de um único personagem, o Pai, inefavelmente uno, que desde toda a eternidade contém em si o Verbo e a Sabedoria. Em sua imanência, Deus contém em si o Verbo e a Sabedoria; em sua auto-revelação, o Verbo e a Sabedoria são manifestados como o Filho e o Espírito. Irineu usa a imagem do Filho e do Espírito como as duas mãos de Deus³⁴.

No livro de Jó 10,8, lê-se: “Tuas mãos me fizeram, e me plasmaram todo”; e ainda do Salmo 118,73: “Tuas mãos me fizeram e me formaram”, e outros textos bíblicos que, provavelmente, inspiraram Santo Irineu na construção da imagem das “Duas Mãos”. Segundo Irineu, o Verbo e o Espírito Santo colaboraram no trabalho da Criação como as “Duas Mãos” do Pai; o Verbo trouxe as criaturas à existência; e a função do Espírito foi de ordená-las e adorná-las³⁵.

Também Teófilo de Antioquia³⁶, faz coincidir o Espírito com a Sabedoria de Deus. Ele afirma em *A Autólico 1,7*:

é Deus que cura e vivifica através do Verbo e da Sabedoria. Deus fez tudo através do seu Verbo e da sua Sabedoria. Por seu Verbo foram estabelecidos os céus e por seu Espírito toda a força deles. Sua Sabedoria é poderosíssima. Por sua Sabedoria, Deus colocou os alicerces da terra³⁷.

E, ainda, em *A Autólico II,15*: “igualmente os três dias que precedem a criação dos luzeiros são símbolo da Trindade, de Deus, de seu Verbo e de sua Sabedoria”³⁸.

³³ KELLY, J. N. D. Santo Irineu, VII, 2023. In: **A Santíssima Trindade nos escritos dos Santos Padres dos primeiros séculos.**

³⁴ Cf. KELLY, J. N. D. Santo Irineu, VII, 2023. In: **A Santíssima Trindade nos escritos dos Santos Padres dos primeiros séculos.**

³⁵ KELLY, J. N. D. Santo Irineu, VII, 2023. In: **A Santíssima Trindade nos escritos dos Santos Padres dos primeiros séculos.**

³⁶ Teófilo de Antioquia é conhecido como o sexto bispo depois dos apóstolos” (HE, IV,20), segundo o testemunho de Eusébio de Cesaréia. Foi bispo da Igreja de Antioquia no século II. Teólogo, escritor cristão, apologista e Padre da Igreja. Um de seus escritos apologéticos, divididos em três partes é o chamado “*Três livros a Autólico*”, sendo dois deles citados nesse trabalho. Foi o primeiro autor cristão a escrever um comentário exegético ao livro do Gênesis (cf. VERITATIS. **Biografia de S. Teófilo de Antioquia.** 2002. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/biografia-de-teofilo-de-antioquia/>. Acesso em: 16 jul. 2024).

³⁷ MEMÓRIA E ORTODOXIA CRISTÃS. **S. Teófilo de Antioquia: 1º Livro a Autólico.** Veritatis Splendor, 2003. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/i-livro-a-autolico/>. Acesso em: 20 set. 2023.

³⁸ MEMÓRIA E ORTODOXIA CRISTÃS. **S. Teófilo de Antioquia: 1º Livro a Autólico.** Veritatis Splendor, 2003. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/i-livro-a-autolico/>. Acesso em: 20 set. 2023.

Os cristãos dos três primeiros séculos foram conduzidos a aprofundar o significado da fé deles no Espírito Santo. Esse caminho não se fez de uma só vez, mas aos poucos; os reconhecidos esforços dos Padres da Igreja foram fundamentais na busca do mistério daquele que “é Senhor, e com o Pai e o Filho merece toda adoração e toda glória”³⁹.

2.3 O ESPÍRITO DE PROFECIA

As grandes religiões da Antiguidade sempre tiveram pessoas que pretendiam falar em nome de seu deus. “Em toda parte, no antigo Oriente, existem homens que, exercendo a magia ou a adivinhação, são julgados capazes de receber uma mensagem da divindade”⁴⁰. Também em Israel, existiam homens, os profetas (do grego: *Prophetes*), que foram chamados a falar em nome de Deus.

“*Nabi*” é o termo hebraico para designar profeta, e aparece no Antigo Testamento aproximadamente 315 vezes. Deriva do termo acádio “*Nabu*”, que indica a ação de proclamar, gritar, chamar, ou seja, entendida no sentido passivo, designa aquele que foi chamado, fazendo menção a uma vocação divina para uma determinada missão.⁴¹

2.3.1 O Espírito e o profeta

Um profeta é um mensageiro da palavra divina. Em Israel, os profetas falavam em nome de Javé; tinham consciência da origem divina de sua mensagem. Neles, tudo era profecia, não apenas suas palavras, mas suas ações, sua vida; tendo uma viva consciência de que são apenas instrumentos da palavra divina⁴².

³⁹ Credo Niceno-Constantinopolitano.

⁴⁰ BEAUCHAMP, Paul. Diversidade e unidade do profetismo de Israel. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 824.

⁴¹ Cf. FONSATTI, P. J. C. **Os livros proféticos**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022. *E-book*. Fonsatti é Sacerdote, possui licenciatura em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. É professor e escritor (cf. ESCAVADOR. **José Carlos Fonsatti**. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3223051/jose-carlos-fonsatti>. Acesso em: 16 jul. 2024).

⁴² Cf. MAURER, Theodoro Henrique Jr. Livro bíblico: introdução aos profetas [tradução]. In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1230-1232. Maurer foi professor da cadeira de Filologia Românica da FFCL/USP, da qual se tornou catedrático em 1952 (HISTORIOGRAFIA. **Theodoro Henrique Maurer Jr.** 2024. Disponível em: <https://www.historiografia.com.br/ind/203>. Acesso em: 28 jul. 2024).

A tradição profética tem uma fonte de unidade: é o espírito de Deus, que desde o princípio, anima os profetas, mesmo se em alguns casos o espírito não é mencionado como estando à origem da mensagem profética. O carisma profético revela ao homem o que por suas próprias forças, não seria capaz de descobrir. O profeta é puro dom de Deus, concedido livremente. Por isso um verdadeiro profeta tem consciência que um Outro o faz falar⁴³. A fé cristã discerne esse Outro como sendo o Espírito Santo: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas”⁴⁴.

Mas o que os profetas falaram, inspirados pelo espírito de Deus? Na primeira carta de Pedro, lemos que os profetas investigaram e perscrutaram a salvação de Deus destinada à humanidade; procuraram saber a época e as circunstâncias a que se referia o Espírito do Messias, que estava neles, ao anunciarem com antecedência os sofrimentos de Cristo e a glória que viria depois. Aos profetas foi revelado aquilo que, no hoje da comunidade de Pedro, era anunciado em virtude do Espírito Santo, enviado do céu (cf. 1Pd 1, 10-12).

Citamos, rapidamente, três exemplos: Joel, Ezequiel e Isaías. Joel fala do Espírito que será derramado sobre toda carne e que fará profetizar (Jl 3,1-2), sugerindo, assim, um povo de profetas, agindo sob a moção do Espírito. A profecia de Ezequiel traz a ação do espírito infuso que vivifica e age a partir de dentro – emblema do “coração novo”, com “espírito novo” (Ez 36); é Isaías que nos apresenta aquele sobre o qual repousará o espírito do Senhor. Aqui aparece a figura do Messias (Is 11) e do Servo Ungido (Is 61). Este, sob a ação do espírito de Deus, é enviado para anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os corações feridos e proclamar a liberdade aos cativos.

Na segunda carta a Timóteo lemos que “toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça” (2Tm 3,16), mostrando assim, a ação do Espírito de Deus na vida e na missão dos profetas, inspirando-os a falar em nome de Deus, a mensagem querida por Deus, para o bem do seu povo.

A fé cristã, desde muito cedo, reconhece nas profecias e na vida do justo uma manifestação do Espírito. É uma maneira de dizer que o mesmo Espírito que estava em Jesus, e que age nas comunidades cristãs, agiu, também, no Antigo Testamento. Santo Irineu, escreve:

⁴³ Cf. BEAUCHAMP, Paul. Diversidade e unidade do profetismo de Israel. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 825.

⁴⁴ Credo Niceno-Constantinopolitano.

[...] o Santo Espírito pelo qual os profetas profetizaram, e os Padres aprenderam o que diz respeito a Deus, e os justos foram guiados no caminho da justiça, e que, no fim dos tempos, foi derramado de uma maneira nova sobre nossa humanidade, para renovar o homem sobre toda a terra em vista de Deus⁴⁵ (Tradução nossa).

“Impelidos pelo Espírito, homens falaram da parte de Deus” (2Pd 1,21), e anunciaram “um coração novo” (Ez 36, 26) para aqueles que construirão um espaço interior totalmente aberto ao Espírito Santo. Este, faz do cristão um profeta da atualidade, com um testemunho destemido, que anuncia e denuncia; fala em nome de Deus, para o povo de Deus, colocando-se a serviço de homens e mulheres do nosso tempo, a exemplo de Jesus, o Servo por excelência.

2.3.2 O Espírito e o Servo Ungido

O termo *ébèd*⁴⁶ designa escravo ou servo, cuja dignidade varia de acordo com seu mestre e com o ofício exercido pela pessoa. Quando aplicado na relação do homem com Deus, implica, da parte do servo, humildade e disponibilidade total⁴⁷.

No livro de Isaías (40-55), encontram-se quatro poemas⁴⁸ que descreve o itinerário e o destino de um misterioso servo; testemunha sua esperança de um servo humilhado, esmagado, mas finalmente triunfante além da morte. Esses poemas, porém, trazem questionamentos sobre esse personagem: é alguém do passado, do presente, ou que ainda virá? Trata-se de um indivíduo ou de uma coletividade?

No primeiro poema do servo (Is 42,1-9), este é apresentado como profeta, cuja missão excede a dos outros profetas; executa tarefa de libertação e salvação. Notemos já no primeiro poema o relato da presença do espírito de Deus, que vai animar o servo em sua tarefa de ensinar a terra inteira. Em Isaías 49, 1-9, o segundo poema, o servo, por sua vez, evoca seu chamado desde o seio materno, sua missão ampliada, não só a Israel que ele deve congrega, mas às nações, para

⁴⁵ IRENEE, *Démonstration de la prédication apostolique*, n° 6; SC 62, p. 39-40, citado por SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 88.

⁴⁶ Termo hebraico, que significa servo. Em algumas versões da Bíblia, o nome é traduzido para Obed ou Ébed (cf. BIBLE, 2024. **‘Ebed [eh’-bed]**. Disponível em: <https://emcivt.com/bible/strong-biblique-hebreu-ebed-5650.html>. Acesso em: 16 jul 2024). Tradução nossa.

⁴⁷ Cf. RENAUD, Bernard. *Serviteur de YHWH*. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016, p. 1330-1332. Tradução nossa. Renaud é sacerdote, Doutor em teologia, professor de exegese do Antigo Testamento da faculdade de teologia católica da universidade de Ciências Humanas de Strasbourg (PERSEE, 2024. **Renaud, Bernard**. Disponível em: <https://www.persee.fr/authority/254879>. Acesso em: 16 jul 2024). Tradução nossa.

⁴⁸ Cf. RENAUD, Bernard. *Serviteur de YHWH*. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016, p. 1330-1332. Tradução nossa.

iluminá-las; encontra hostilidade, mas está decidido a levar a termo sua missão, confiando que Deus o levará à vitória final. Graças a coragem do Servo e o auxílio divino, suportará as perseguições (Is 50, 4-10 - terceiro poema), pois é discípulo fiel de Javé, “incumbido de ensinar os tementes a Deus, mas também os desgarrados ou infiéis que caminham nas trevas”⁴⁹. Finalmente, no quarto poema, Is 53, a perseguição conduzirá o servo à morte mais humilhante. Mas essa morte ganha valor de sacrifício expiatório, fonte de justificação e de salvação para muitos⁵⁰.

O judaísmo adota os poemas do servo no sentido coletivo, ou seja, trata-se do povo de Israel. A tradição cristã os interpreta no sentido individual; ela será unânime em ler nesses cânticos, especialmente no quarto (Is 53), um testemunho cristológico e soteriológico, identificando o servo sofredor com a pessoa de Jesus (sofrimento, morte e ressurreição). O quarto cântico permite uma leitura teológica da morte de Jesus: solidário com seu povo, o Servo Jesus oferece a vida por multidões. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo⁵¹.

Como para os chefes dos tempos passados, ou seja, juízes, reis [...] a eleição do Servo é acompanhada da efusão do espírito de Deus. No relato do batismo, em Mateus (Mt 3, 16-17), é anunciado a descida do Espírito sobre Jesus. Nos dois casos, o eleito recebe o Espírito, o que permite sugerir que a presença e atuação do Espírito Santo na missão de Jesus, foi prefigurada de maneira explícita na missão do Servo em Is 42, 1-9.

Na Bíblia, o título servo de Deus é um título de honra, pois Javé chama “meu servo” aquele que ele chama a colaborar com seu plano. Também a unção ocupa um lugar de destaque, pois é feita nos homens eleitos, como por exemplo, os reis, os sacerdotes. É sinal de que a pessoa foi marcada por Deus como seu instrumento no governo do povo. O ungido torna-se participante do espírito de Deus: “Samuel tomou o chifre com óleo e o ungiu no meio dos seus irmãos. O espírito de Javé se apossou de Davi a partir daquele dia” (1Sm 16, 13). Mas a unção assumiu toda a sua importância quando aplicada ao Messias: este seria o Ungido de Javé (Sl 2,2). A propósito desse título de Ungido, Jesus aplica a si mesmo o texto de Isaías 61,1 mostrando essa unção como

⁴⁹ MAURER, Theodoro Henrique Jr. Livro bíblico: nota "b" do rodapé [tradução]. In: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1335.

⁵⁰ Cf. RENAUD, Bernard. Serviteur de YHWH. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3^a éd. Paris: PUF, 2016, p. 1330. Tradução nossa.

⁵¹ Cf. RENAUD, Bernard. Serviteur de YHWH. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3^a éd. Paris: PUF, 2016, p. 1331. Tradução nossa.

unção profética, para o anúncio da mensagem. A tradição cristã vai falar do Cristo com uma tríplice unção: rei, sacerdote e profeta⁵².

“Jesus foi ungido com o Espírito Santo e com poder” (At 10,38). É ele o Servo de Deus por excelência, que realiza a missão redentora. Cabe aos discípulos de Jesus, o Servo Ungido, a mesma atitude de colocar-se a serviço da humanidade, pois “Cristo expia a recusa de servir que é o pecado, e une todos os homens no mesmo serviço de Deus”⁵³.

2.4 O ESPÍRITO E O MESSIAS

O termo Messias (em aramaico, *Mesíha*; em hebraico, *māshîah* e em grego, *Christós*), significa Ungido. No Antigo Testamento designa o rei histórico ou o sumo sacerdote. O Novo Testamento aplica a Jesus conferindo-lhe valor escatológico.

No Antigo Testamento não existe uma teologia fixa sobre o Messias, mas sim, um pensamento religioso que vai evoluindo com o passar do tempo. Pode-se distinguir três etapas⁵⁴ dessa evolução: a) rei-davídico triunfalista, mantendo a esperança de que a cada coroamento e unção de um novo rei, este seria um rei extraordinário, ou seja, o Messias esperado. b) O Messias servo de Javé, que libertaria o povo pelo sofrimento e a morte. c) O Messias celeste, apocalíptico, que colocaria as tradições inimigas de Israel, debaixo de seus pés⁵⁵. Embora sendo judeu, Jesus apresenta um outro horizonte de messianismo, o Reino de Deus, cujos sinais são os milagres, e cuja característica básica “poderia estar concentrada na entrada em Jerusalém, como Rei manso e

⁵² Cf. DE LA POTTERIE, Ignace. A unção-consagração. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 1049. Potterie foi sacerdote jesuíta, teólogo e biblista renomado. Especialista em exegese joanina. Foi membro da Comissão Bíblica Pontifical, e consultor da Congregação para a doutrina da fé (cf. BNF CATALOGUE GÉNÉRAL, 2024. **De La Potterie, Ignace**. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119103090>. Acesso em: 30 jul. 2024).

⁵³ AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. Servo de Deus. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 967. Augrain foi sacerdote sulpiciano, professor de Escritura Santa, e editor de textos bíblicos (cf. LES SAISONS LIBRAIRIE, 2024. **Charles Augrain**. Disponível em: <https://lessaisons.fr/personne/charles-augrain/50955/>. Acesso em: 28 jul. 2024). Lacan foi monge beneditino. Um dos artesãos do Vocabulário de teologia bíblica e um tradutor da Tradução ecumênica da Bíblia (TOB) (cf. LECTEURS.COM, 2024. Marc-Francois Lacan. Disponível em: <https://www.lecteurs.com/auteur/marc-francois-lacan/3295835>. Acesso em: 30 jul. 2024).

⁵⁴ Cf. GARCIA CORDEIRO, Maximiliano. **Problemática de la Biblia**, Madrid: BAC, 1971, p. 232. García Cordero obtém doutorado bíblico pela Comissão Bíblica do Vaticano. Atuou como professor de exegese do Antigo Testamento. Destacou-se pelo domínio de um número elevado de línguas do Antigo Oriente Próximo e Médio, o que lhe permitiu ser um dos melhores especialistas na História Bíblica (cf. SANCHEZ RODRÍGUEZ, M. **Maximiliano García Cordero**. 2024. Disponível em: <https://dbe.rah.es/biografias/44808/maximiliano-garcia-cordero>. Acesso em: 16 jul. 2024).

⁵⁵ Cf. GARCIA CORDEIRO, Maximiliano. **Problemática de la Biblia**. Madrid: BAC, 1971, p. 232.

humilde”⁵⁶. Não somente a Israel, mas aberto a todas as nações é o Reino oferecido por Jesus. Contudo, esse Reino só é possível com a vinda do Espírito Santo.

1.4.1 O Messias e o Espírito em Isaías 11

O início do primeiro capítulo do livro, relata a atividade profética de Isaías durante o governo de quatro reis: Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias (Is 1,1). O cenário político do Reino de Judá era diferente daquele do Reino Norte, mas os desafios do povo eram similares: adoração aos deuses, opressão, marginalização dos pobres.

Isaías atuou com denúncias típicas dos autênticos profetas na defesa dos mais vulneráveis, como os empobrecidos, as viúvas e os órfãos. É possível ver, também, uma forte oposição à ideologia do Império Assírio, colocando em contraposição a essa ideologia, o reinado universal de Javé, o Deus de Israel⁵⁷. O que caracterizava a atividade profética de Isaías era sua militância política e sua confiança em Deus. O contexto social do capítulo 11 do livro, era de uma sociedade confusa, com o poder governamental instável. A situação de Judá e Israel estava condicionada aos acontecimentos entre Assíria e Egito, que disputavam essa região. Os versículos 33 e 34 do capítulo 10 descrevem a desolação que, através da profecia de Isaías, dá lugar à esperança.

O capítulo 11 de Isaías, chamado de poema messiânico, compartilha com o capítulo 9 temas como o rebento sucessor, a justiça como fundamento, a paz universal. De um lado o eixo cósmico, do outro o eixo vegetal e animal, e no meio uma sociedade humana ideal, regida por um governante justo. Um sonho de paz e reconciliação do homem com Deus, estendendo-se até o

⁵⁶ GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación**: cristología e soteriología. 4. ed. Bogotá: DC, 2001, p. 98, tradução nossa. González é sacerdote jesuíta, fundador de Escolas Populares Gratuitas. Sua obra “Él es nuestra salvación: cristología y soteriología” foi editada pelo Conselho Episcopal Latino-americano, em 1986 (cf. FUNDACIÓN DE SERVICIO SOCIAL CARLOS GONZÁLEZ. **Quien fue el Padre Carlos González S.J?**. 2024. Disponível em linha <https://www.fundacioncarlosgonzalez.org/biografia.html>. Acesso em: 29 jul. 2024). Tradução nossa.

⁵⁷ Cf. DIETRICH, Luiz José. A história que a Bíblia nos apresenta. In: NAKANOSE, Shigeyuri; DIETRICH, Luiz José (Orgs.); KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antonio Carlos; MARQUES, Maria Antônia; **Uma história de Israel**: leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022, p. 149. Dietrich é professor da PUCPR, Escola de Educação e Humanidades, atua na linha exegética. De 2009 a 2012 integrou a equipe encarregada pela Editora Paulus de fazer uma revisão completa da Bíblia Pastoral, lançada em 2014 como “Nova Bíblia Pastoral”, foi encarregado da Revisão da Tradução e escreveu a Introdução Geral ao Antigo Testamento, a Introdução ao Pentateuco, além das introduções aos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, dos quais elaborou também as Notas e Comentários Exegéticos e Pastorais (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Luiz José Dietrich**. 2024. Disponível em: <https://www.pucpr.br/escola-de-educacao-e-humanidades/docente/luiz-jose-dietrich/>. Acesso em: 16 jul. 2024).

reino animal. O tronco está cortado, mas a promessa divina vivifica essa cepa⁵⁸. O profeta faz alusão a um tronco, o que significa que a árvore não existe mais: “Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes” (Is 11, 1). Aponta para o futuro, faz menção a um recomeço, ou seja, o rebrotar da dinastia davídica. Aquele que ocupará o trono de Davi será revestido da plenitude dos carismas, dos quais brota o governo justo, principalmente no ato de julgar⁵⁹. Sobre o Messias repousará o espírito de Javé.

O espírito de Javé (sua *ruah*), atua através de toda a história bíblica. É ele que dá vida aos seres na criação, dá discernimento e sabedoria aos juízes e reis, inspira os profetas. É esse espírito que será dado ao Messias; e nos tempos messiânicos, sua efusão será universal (Jl 3,1-2; At 2, 16-18). “O espírito profético confere ao Messias as virtudes eminentes de seus grandes antepassados: sabedoria e inteligência de Salomão, prudência e bravura de Davi, conhecimento e temor de Javé dos patriarcas e dos profetas, Moisés, Jacó e Abraão”⁶⁰. Sensatez e inteligência significam percepção intelectual e habilidade para agir; força e prudência são virtudes de governo; e conhecimento e respeito do Senhor “sintetizam o sentido religioso, feito de tratamento confiante e reverência”⁶¹. Nesse versículo destaca-se como Deus transfere ao futuro Messias sua própria capacidade de intervir na história. O espírito que agiu ao longo da história, nos eleitos de Deus, recairá, em sua plenitude, sobre o Messias.

Para a tradição cristã, a promessa do Messias se realiza na pessoa de Jesus, “e o horizonte do messianismo de Jesus é o Reino de Deus, a Nova Aliança, cuja lei é promulgada pelo evangelho”⁶². Algumas profecias no Antigo Testamento, como as de Isaías, mostram que o Messias seria repleto do poder do Espírito para realizar grandes coisas em nome de Deus. E é sob

⁵⁸ Cf. STORNILO, Ivo; BORTOLINI, José. Livro bíblico: nota de rodapé do capítulo 11 de Isaías [tradução]. In: BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 1997, p. 1710-1711. Storniolo foi biblista, filósofo, teólogo, editor, autor, tradutor de várias publicações e estudioso em psicologia junguiana (STORNILO, Ivo. **Trabalho e felicidade** – O livro do Eclesiaste. 2012. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/releases/trabalho-e-felicidade-o-livro-do-ecclesiaste/>. Acesso em: 16 jul. 2024. Bortolini é sacerdote e Mestre em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, autor de dezenas de livros, sobretudo na área bíblica. Colaborou na edição da Bíblia de Jerusalém, Bíblia do Peregrino e Bíblia Sagrada - Edição Pastoral, bem como da Bíblia da CNBB (SKOOB. **Jose Bortolini**. 2024. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/autor/21478-jose-bortolini>. Acesso em: 28 jul. 2024).

⁵⁹ Cf. STORNILO, Ivo; BORTOLINI, José. Livro bíblico: nota de rodapé do capítulo 11 de Isaías [tradução]. In: BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 1997, p. 1710-1711.

⁶⁰ MAURER, Theodoro Henrique Jr. Livro bíblico: nota "d" do rodapé [tradução]. In: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1272.

⁶¹ MAURER, Theodoro Henrique Jr. Livro bíblico: nota "d" do rodapé [tradução]. In: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1272.

⁶² GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación**: cristología e soteriología. 4. ed. Bogotá: DC, 2001, p. 98. Tradução nossa.

a ação do Espírito, que Jesus anuncia a Boa Nova aos pobres, cura os corações feridos e proclama a liberdade aos cativos.

2.4.1 “O Espírito do Senhor está sobre mim” Lc 4

Segundo *Dei Verbum* (DV), documento do Concílio Vaticano II, Deus é o “Inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, e dispõe sabiamente que o Novo estivesse veladamente no Antigo e o Antigo se manifestasse no Novo [...], iluminando-se e explicando um ao outro” (DV n. 16). Assim acontece com Lc 4, 18-19, que é iluminado, ao mesmo tempo que explica Is 61, 1-2. O texto utilizado por Lucas é a versão grega dos Setenta⁶³:

o Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me consagrou pela unção,
Ele me enviou levar a Boa Nova aos pobres;
proclamar aos cativos a libertação,
e aos cegos a recuperação da vista,
para restituir a liberdade aos oprimidos,
e para proclamar um ano da bem-aventurança do Senhor
(Lc 4, 18-19a = Is 61, 1-2a).

Os evangelhos sinóticos atestam o batismo de Jesus, e mostram o recebimento do Espírito, acompanhado da voz do Pai que declara seu amor ao Filho (cf. Lc 3,21-22; Mt 3, 13-17; Mc 1,9-11). Aqui no batismo, seu ministério é inaugurado; e Jesus “repleto do Espírito Santo” (Lc 4,1) é conduzido ao deserto e, em seguida, à sinagoga de Nazaré, onde toma o texto de Isaías 61, sobre o dom do Espírito de Deus. O texto fala na primeira pessoa, e Jesus não o lê como um texto casual da Escritura, mas como seu texto, dando-lhe plena e inteira significação em sua pregação inaugural. Os capítulos 60 e 62 de Isaías, são dirigidos a Sião, de forma personificada, na segunda pessoa; já no capítulo 61, um profeta anônimo apresenta sua missão na primeira pessoa, em favor de Jerusalém. Depois do edito de Ciro (538 a.C.), a comunidade pós-exílica dessa cidade, viu surgir esse profeta, que anunciava uma mensagem de consolação (Is 61), segundo a qual seriam restauradas as vilas em ruína, e a humilhação daquele povo seria mudada

⁶³ KOCH, Robert. Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4, 18-19. *Nouvelle Revue Theologique*, n. 115-6, p. 877, 1993. Disponível em: https://www.nrt.be/fr/articles/le-christ-et-l-esprit-du-seigneur-selon-luc-4-18-19-265_. Acesso em: 18 out. 2023. Koch foi sacerdote redentorista dinâmico e zeloso, experto em estudos bíblicos e professor da Academia Alfonsiana de Roma (cf. SANT'ALFONSO E DINTORNI. **Koch Robert redentorista**. 2021. Disponível em: <https://www.santalfonsoedintorni.it/koch-robert-redentorista.html>. Acesso em: 16 jul. 2024). Tradução nossa.

em alegria eterna. Essas promessas provocaram uma ação de graças ao Deus Salvador. É com esse texto que Jesus identifica sua pessoa e sua missão. Essa proclamação da Boa Nova assumida por Jesus ecoa na missão do Servo de Javé (Is 42), que é anunciar a libertação, fazer sair da prisão os cativos, curar os corações feridos, não apagar a mecha que ainda fume. Por essa afinidade de estilo e de ideias, alguns exegetas consideram o texto de Is 61 o quinto poema do Servo; porém, o profeta anônimo não traz o título de Servo, nem apresenta um caráter universal, mas é restrito a Jerusalém⁶⁴.

Ao afirmar que o Espírito do Senhor está sobre ele, Jesus refere-se, certamente, ao batismo que acaba de receber. De fato, Lucas ao narrar o batismo de Jesus, apresenta a descida do Espírito em forma de pomba (Lc 3,21). “Esse dom vem sobre ele do alto (*‘al*) e do exterior. Ele é de origem divina”. Também João, no capítulo 1 do seu evangelho, testemunha ter visto o Espírito descer do céu e permanecer sobre Jesus (Jo 1,32). O Espírito do Senhor é a alma da Boa Nova que inspirou a proclamação de Jesus na Sinagoga; esse dom dado a Jesus é permanente e sem limites, no espaço e no tempo. Em Apocalipse 22, 17, lê-se: “O Espírito e a Esposa dizem: Vem”. A voz do Espírito ressoará, através dos séculos, até a parusia. Sempre presente pelo seu Espírito na Nova e eterna Aliança, o Cristo é o coração da história e dessa mesma Aliança⁶⁵.

Jesus se apresenta como consagrado pela unção. Não se trata de uma unção com óleo como aquela reservada aos reis, que simboliza a ação e a vinda do espírito de Javé sobre o eleito. Os profetas jamais foram ungidos com óleo, mas são considerados ungidos pelo espírito do Senhor para anunciar a palavra de Deus. Ser consagrado pela unção é o mesmo que dizer que o Senhor habilitou o profeta para anunciar e realizar a palavra divina. A infusão do Espírito é como um óleo penetrante, que consagra o eleito, um Messias segundo o termo hebreu, e um Cristo, segundo o termo grego. A missão do Cristo é descrita com o verbo *apostellô* - equivalente ao hebraico *shalach*⁶⁶ - do qual dependem os infinitivos evangelizar, curar, proclamar; o verbo hebreu *hasser (piel)*, significa notícias alegres, Boa Nova. “Segundo a teologia do Antigo Testamento a *ruah Yahweh* traz em si o *dabar*, e a este confere força e poder, ou seja, a palavra de Deus realiza o que ela exprime. Proclamar a Boa Nova significa dizer que ela realiza a salvação do Evangelho. É por isso que a Boa Nova anunciada por Jesus na Sinagoga, encheu de

⁶⁴ Cf. KOCH, Robert. *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4*, 18-19, 1993, p.878.

⁶⁵ Cf. KOCH, Robert. *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4*, 18-19, 1993, p.880-881.

⁶⁶ Cf. KOCH, Robert. *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4*, 18-19, 1993, p.882.

alegria e admiração os que o ouviam (Lc 4,22). Os discípulos de Emaús também testemunham sobre Jesus, dizendo que era profeta poderoso em obras e palavras diante do povo (Lc 24, 19)⁶⁷.

“Ele me enviou levar a Boa Nova aos pobres”. Quem são esses pobres? Na literatura profética, pobres são os miseráveis explorados pelos ricos proprietários. Os tradutores dos salmos compreenderam que não se trata somente de miséria material e social. Para traduzir *'anaw*, eles usaram ‘dócil, sereno’; logo, *'anawim* pode ser traduzido por humilde (Sl 10, 17). Pois “pobre” seria literalmente *aní* em hebraico. Portanto, são chamados Pobres de Javé os que sofrem e colocam sua confiança em Deus. Jesus se apresenta como o Messias dos pobres, e convida seus discípulos a o seguirem não somente na pobreza material, mas também na espiritual. Jesus se apresenta como modelo: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29)⁶⁸.

Moltmann (1992) escreve que “a história crística de Jesus não começa com o próprio Jesus, mas com a ruah - o Espírito Santo”⁶⁹. É no Espírito que Jesus aparece como Ungido, anunciando o Evangelho e efetuando sinais; é no Espírito que se descobre a si mesmo como Filho de um Pai amoroso (*Abba*). Pela força do Espírito Jesus se oferece a morrer na cruz, e pelo mesmo Espírito é ressuscitado dos mortos por Deus. “A chegada, a presença e atuação do Espírito em, por meio e com Jesus é o começo oculto da nova criação do mundo”⁷⁰.

2.5 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO I

No salmo 104 (v.29-30), viver ou morrer depende da presença do espírito. Os seres vivos morrem quando Deus tira seu espírito; quando o envia, eles são criados e se renova a face da terra. Os ossos secos, em Ezequial (37,5s) precisam do espírito para ressurgir; a vitalidade de Jó diminui quando seu espírito é quebrado (17,1). O ser humano, também ele, precisa da vitalidade do espírito, que se traduz em coragem, índole; o espírito faz reviver. Quando uma decisão importante é tomada, falamos que Deus despertou seu espírito⁷¹. McKenzie escreve:

⁶⁷ Cf. KOCH, Robert. *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4*, 18-19, 1993, p.882-883.

⁶⁸ Cf. KOCH, Robert. *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4*, 18-19, 1993, p.883.

⁶⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas/ Jürgen Moltmann*; tradução de Ilson Kayser. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1992, p. 109.

⁷⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *No caminho de Jesus Cristo*, 1992, p. 110.

⁷¹ Cf. ESPÍRITO. In: MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 304. McKenzie biblista católico, professor, grandemente reconhecido. Trabalhou por quase dez anos na redação do Dicionário Bíblico. É autor de vários artigos na Encyclopædia Britannica (cf. BRITANNICA. **John L. McKenzie**. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/contributor/John-L-McKenzie/1852>. Acesso em: 30 jul. 2024).

em textos que na maioria são tardios, o espírito executa operações intelectuais: ele é sábio (Sab 7,7; Ex 28,3; Dt 34,9), forma projetos (Ez 11,5), os pensamentos entram no espírito (Ez 20,32), ele tem inteligência (Sb 3,9). Apareceu como princípio de conversão [...]. A regeneração messiânica de Israel é a criação de um coração novo e um espírito novo (Ez 11,19; 18,31; 36,26). O espírito de Iahweh ou de Deus (Elohim) é uma força que tem efeitos únicos sobre o homem⁷².

As obras de Deus são realizadas pela força do Espírito de Deus. É esse espírito a força que inspira a profecia. Por isso dizemos que o profeta é um homem do espírito. Nas passagens pós-exílicas, o espírito aparece como agente inspirador, e o que caracteriza essa inspiração é ouvir a palavra de Deus. Este, concede seu espírito àqueles que tem um cargo em Israel, como juízes, reis... mas não somente para conceder a estes as qualidades necessárias para cumprirem bem sua missão, “mas inspira também atos acima e além do que se poderia esperar de seus hábitos e capacidades, e este é o verdadeiro sinal do espírito: que o homem se eleve acima de seus hábitos e possibilidades”⁷³.

O espírito é o poder salvífico de Deus, pelo qual Israel é salvo (Zc 4,6); o bom espírito ou o espírito santo de Deus é a sua presença efundida no mundo⁷⁴. “O espírito no Antigo Testamento, originalmente o vento e o sopro, é concebido como uma entidade divina dinâmica, pela qual Javé realiza seus objetivos: ele salva, é uma força criadora e carismática”⁷⁵. É oposto à carne, ou seja, à parte fraca e pecadora do homem, não ao material. O Espírito de Deus é um princípio de justiça no homem⁷⁶.

De fato, os autores sagrados do Antigo Testamento não tinham em mente o Espírito Santo enquanto Pessoa divina, como é concebido no cristianismo, quando escreveram seus textos; mas pressentiam a presença do Espírito de Deus agindo na história da Aliança. Sob a luz do evento Jesus Cristo, a fé cristã discerniu que esse Espírito de Deus é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, assim proclamada no Concílio de Constantinopla (381).

Parafraseando Gregório Nazianzeno: “O esplendor do Espírito se irradia progressivamente”. O Espírito Santo esteve presente desde os primórdios da criação, contudo, sua

⁷² ESPÍRITO. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 304.

⁷³ ESPÍRITO. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 305.

⁷⁴ Cf. Sl 143,10, e também McKenzie, 1983, p. 305.

⁷⁵ ESPÍRITO. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 305.

⁷⁶ Cf. ESPÍRITO. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 305.

atuação não se limita a esse instante inicial, mas sustém e renova em permanência o mundo criado. Se no Antigo Testamento o Espírito foi dado aos eleitos, no Novo Testamento “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (Rm 5,5), a fim de cristificar os que creem no Cristo. Também é importante estar ciente de que o Espírito que agiu na primeira Aliança, agiu em Jesus, o Messias, de maneira plena. Esse mesmo Espírito atuou nas comunidades primitivas, e continua atuando hoje, pois Nele “vivemos, nos movemos e existimos (At 17,28).

3 SESSÃO II: O ESPÍRITO E JESUS À LUZ DA TEOLOGIA SINÓTICA

3.1 INTRODUÇÃO

Jesus foi um homem do seu tempo, vivendo as mesmas condições de todos que o circundavam:

chamava-se Yeshua e provavelmente isso lhe agradava. De acordo com a etimologia mais popular, o nome quer dizer “Javé salva”. O nome fora-lhe dado por seu pai no dia da sua circuncisão. Era um nome tão comum naquele tempo que era preciso acrescentar-lhe algo mais para identificar bem a pessoa. Em seu povoado, as pessoas o chamavam Yeshua bar Yosef, “Jesus, filho de José”. em outros lugares chamavam-no Yeshua hanotsri, “Jesus de Nazaré”⁷⁷.

Parecia um homem comum, mas se tornou o arquétipo para os bilhões de seguidores. E qual é o mistério de Jesus? Onde lhe vem essa atração irresistível, ainda nos dias de hoje? Veremos que “não é possível falar de Jesus sem falar da ação do Espírito nele, e sem falar da sua relação com o Deus que ele chamava de *Abba*, meu Pai”⁷⁸. Falar da história de Jesus é falar do Deus Trindade.

O objetivo desse capítulo é apresentar três aspectos da vida de Jesus: o profetismo, sua relação com o Pai e a Nova Aliança no seu sangue, que tem como espinha dorsal o amor e o serviço. Não se trata de ser exaustivo no assunto, mas de percorrer em linhas gerais, aspectos marcantes da vida de Jesus que, espera-se, devem ser encontrados na vida do seguidor de Jesus.

Descobrir Jesus não é tarefa fácil desde a época dos primeiros cristãos, e depois de décadas de transmissão oral, seus ensinamentos e sua experiência de ‘filho’ foram colocadas por escrito nos livros chamados ‘Evangelhos’. Estes, nos apresentam um rosto de Cristo segundo a característica marcada pelo evangelista, mas em todos eles esses três aspectos aparecem de forma explícita. Sem excluir o evangelho de João ou mesmo algumas citações paulinas, nos deteremos

⁷⁷ PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 29. Pagola é sacerdote, foi professor de Cristologia na Faculdade Teológica do Norte da Espanha (Vitória). É autor de diversas obras de teologia, pastoral e cristologia. Há muitos anos se dedica exclusivamente a pesquisar e tornar conhecida a pessoa de Jesus. Sua obra mais conhecida é “Jesus aproximação histórica”, considerada uma referência no assunto (cf. VOZES. **José Antonio Pagola**. 2023. Disponível em: <https://vozes.com.br/autor/16078/jose-antonio-pagola>. Acesso em: 17 jul. 2024).

⁷⁸ MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 111.

mais nos evangelhos sinóticos. Trata-se de uma cristologia pneumatológica⁷⁹, onde serão sondados os traços da ação do Espírito em Jesus e no crente.

Usaremos como metodologia a reflexão teológica, visitando o percurso realizado pela Igreja, e valorizando o Novo Testamento. No primeiro tópico veremos que o Reino de Deus constitui o elemento fundamental da pregação de Jesus. Falar do Reino é falar de Jesus, e falar de Jesus é falar da ação do Espírito nele e de sua relação com o Pai. Guiado pelo Espírito Jesus atua de forma profética em seu tempo. O profeta é aquele que diz a palavra de Deus, e em Jesus Deus se exprime de um jeito novo. Jesus é o Caminho, o Mestre e modelo para toda a comunidade cristã.

No segundo tópico trataremos da relação filial de Jesus com o Pai. Jesus vive uma relação íntima e recíproca com esse Deus, do qual se reconhece como “filho”. Filho, consciência de relação, não divina; Jesus descobre existencialmente. Para além de uma experiência unicamente pessoal, Jesus é aquele que revela o Pai (Lc 10,22), faz a experiência de ser “Filho amado”, e convida para a fraternidade (Mt 23, 8). Jesus conta para os outros que Deus é Pai, trata todos como irmãos para provar que o Pai é Pai mesmo. É o Espírito Santo que comunica que o Pai é Pai de Jesus e é Pai de todos.

No terceiro tópico falaremos de Jesus como Servo cuja eleição é acompanhada da efusão do Espírito (Is 42, 1); o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1, 29), e é o Mediador da nova Aliança, por amor. O Espírito unge para servir e Jesus serve ao extremo de dar a vida. Sangue derramado, corpo oferecido... sempre lembrando que o cristão terá o mesmo comportamento.

3.2 JESUS, O ESPÍRITO E O REINO: O PROFETA

Os especialistas do Antigo Testamento⁸⁰ não estão de acordo quanto à extensão e à importância do tema do reino de Deus. Ainda que no Antigo Testamento a expressão literal

⁷⁹ Trabalhamos uma cristologia pneumatológica, ou cristologia com ênfase pneumatológica, como sugerem Heribert Mühlen e Jürgen Moltmann, entre outros.

⁸⁰ SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1252-1258, p. 1252. Schlosser teólogo e padre católico, biblista, professor emérito de exegese do Novo Testamento na faculdade de teologia católica de Strasburgo (cf. Jacques Schlosser, Du Cerf, 2024, Disponível em: <https://www.editionsducerf.fr/librairie/auteurs/livres/581/Jacques-Schlosser>. Acesso em: 17 jul. 2024).

“Reino de Deus” não apareça, há uma compreensão do reinado de Adonay como soberano do Povo eleito, de toda a criação e inclusive dos demais povos. O salmo 146 diz: “O Senhor reinará sempre, Ele é teu Deus, Sião, de geração em geração” (Sl 146,10). Este versículo é um exemplo da ideia de um reinado permanente de Deus.

No judaísmo antigo, essa ideia de reinado permanente é expressa usando alguns verbos, por exemplo, ‘reinará’, que afirmam a ação de Deus. Também substantivos relacionados ao tema aparecem com frequência nos textos, como o exemplo do livro de Daniel com o substantivo *Malkûtá*, que significa ‘reino’, ‘reinado’ (cf Dn 2,40.44; 3,54; 4,31; 6,27). Contudo, as concepções relativas ao Reino não são uniformes. Ao lado da soberania de Deus, e da eleição de Israel como seu povo, o reino é concebido como a elevação desse povo, da humanidade e da criação, a um estado de felicidade definitiva. A ideia de centralidade de Israel permanece ressaltada, mesmo que o reinado de Deus se estenda a todos os povos⁸¹.

Nos sinóticos⁸², o tema central da missão de Jesus é o Reino de Deus (Reino: em grego = *basileia*; em hebraico = *malkut*). Em algumas passagens o Reino é sugerido como evento escatológico, sobretudo quando é usada a expressão “reino de Cristo” (Mt 16,28; Lc 1,33). Muitas outras passagens, nas Epístolas, falam do Reino de forma escatológica (2Pd 1,11; 2Tm 4,18; Gl 5,21; Ef 5,5). Quando os discípulos perguntam a Jesus quando seria a vinda do Reino, Jesus responde que o Reino ‘está no meio de vós’ (cf. Lc 17,20). O Reino é uma realidade misteriosa, que já se faz presente no tempo, mas terá sua plenitude quando “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28)⁸³. E qual é a condição para entrar no Reino anunciado por Jesus? McEnzie escreve:

A admissão ao Reino requer que a pessoa se torne criança (Mt 18,3; Mc 10,15; Lc 18,17), que demonstre possuir justiça (Mt 5,20), que faça a vontade do Pai (Mt 7,21), que abandone as próprias riquezas (Mt 19,23; Mc 10,23; Lc 18,24). Por causa do Reino os homens aceitam o celibato (Mt 19,20). O Reino pertence aos pobres e aos humildes, e àqueles que sofrem perseguição por causa da justiça (Mt 5, 3.10; 19,14; Mc 10,14; Lc 6,20; 18,16)⁸⁴.

⁸¹ Cf. SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1252-1258, p. 1253-1255.

⁸² Refere-se aos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, que apresentam estruturas semelhantes.

⁸³ CF. REINO DE DEUS. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 786-789.

⁸⁴ REINO DE DEUS. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 788.

O Reino não é definido como um ideal moral, mas aqueles que se submetem ao Reino devem levar uma vida coerente com os valores do Reino, que se opõem às atitudes pecaminosas. Entrar no Reino supõe uma revolução/conversão da pessoa para uma vida de amor, serviço e perdão. Diferentemente dos reinados desse mundo, como o de César, por exemplo, que vem como uma conquista imperial, no Reino de Deus, cada pessoa é convidada a uma entrega livre, à sua soberania⁸⁵.

O anúncio do Reino de Deus está no centro da pregação de Jesus; este é o dado histórico mais assegurado de sua vida. Não pregava a si mesmo; também não pregava a “Deus” simplesmente, mas pregava o “Reino de Deus”: “Jesus veio para a Galileia. Pregava o Evangelho de Deus, dizendo: ‘Completem-se os tempos, está próximo o Reino de Deus, convertei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15).

O povo de Israel já vivia na expectativa do reinado de Deus. A diferença entre reino e reinado de Deus é que no Antigo Testamento a expressão reino dava a ideia de algo mais localizado, com um território e um povo específicos. Já o reinado atende mais a soberania de Deus, que governa o mundo. Essa ideia de reinado de Deus, em Israel, vem da experiência de um povo que espera o poder atuante de Deus, libertando-os do estado de opressão e prostração⁸⁶.

Atualmente usa-se mais a expressão Reino de Deus, sem identificá-lo a um povo ou um sistema determinado. Faz parte desse Reino a nova moral inaugurada por Jesus, que encontra em seu centro a aceitação interna do Evangelho proposto por ele, e não mais a lei. Aliás, Jesus se propõe a si mesmo como exemplo a ser seguido (Mt 16,24; Mt 4, 19-20; Jo 8,12). Esse seguimento exige desapego e despreocupação pelo terreno, até mesmo com o que comer, o que vestir (Mt 6, 25). Buscar em primeiro lugar o Reino de Deus; amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo.

Considerando a realidade do seu tempo, qual era o contexto social em que Jesus anunciou o Reino? Como agiu Jesus? Quem foram os destinatários de sua mensagem? O que Jesus propõe? Essas questões nos ajudarão na reflexão a respeito do propósito de Jesus.

⁸⁵ Cf. REINO DE DEUS. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 788-789.

⁸⁶ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación: cristología e soteriología**. 4. ed. Bogotá: DC, 2001, p. 128.

3.2.1 A Boa Nova anunciada aos pobres

No evangelho de Lucas 4,18, Jesus se apresenta como aquele que foi enviado e consagrado para evangelizar os pobres. De fato, Jesus se dirige a todos, mas tem um olhar voltado especialmente para o pobre, para o excluído e marginalizado da sociedade, apresentando-lhes uma mensagem de esperança, e garantindo-lhes que no Reino de Deus tem lugar para todos.

a) Ideia básica do contexto social e do movimento de Jesus

Segundo Hugo Echegaray (1980), a classe social de Jesus é aquela que se encontra na base da pirâmide, ou seja, os iletrados, excluídos de poder, riquezas e privilégios, ligados a atividades produtivas precisas. Jesus era conhecido como o filho do carpinteiro, carpinteiro ele mesmo (Mt 13, 54-55), e fazia parte do grupo dos artesãos. Esse grupo tinha apreciação positiva na sociedade da época, mas embora apreciada socialmente era uma classe à qual não se atribuía nenhuma formação superior. Isso explica a admiração do povo ao ouvir o ensinamento de Jesus “com autoridade”, sendo ele filho de carpinteiro, sem ter seguido o processo de formação que moldava os doutores da lei e escribas. “A classe a que pertencia Jesus era composta em primeiro lugar do grupo de trabalhadores qualificados, de baixa extração social, não instruídos na lei, os quais, por causa disso, eram vistos com receio pelos diversos representantes do ‘Israel puro’”⁸⁷. Os artesãos eram uma classe entre tantas outras em Israel, como os pescadores, sapateiros, copistas, perfumistas, etc.

Uma nova categoria que se abre nesse meio é o das profissões impuras, que acarretam exclusão social, pois se tornam impedimento de ascensão a determinados cargos públicos. São assim consideradas pois podem incitar a desonestidade, levando mesmo ao roubo; ou ainda, devido ao contato direto com a impureza. As pessoas que trabalhavam como cobradores de impostos, pastores⁸⁸ e publicanos⁸⁹ eram considerados injustos, pecadores e culpados. E, ainda,

⁸⁷ ECHEGARAY, Hugo. **La practica de Jesus**. Lima: CEP, 1980, p. 160. Tradução nossa. Echegaray sacerdote católico e teólogo da libertação. Atuou como professor na Pontifícia Universidade Católica do Peru, ao mesmo tempo que acompanhou muitas comunidades cristãs de base (cf. UNECPERU. **Hugo Echegaray**. 2013. Disponível em: <https://unecperu.wordpress.com/2013/02/26/hugo-echegaray/>. Acesso em: 12 jun. 2024).

⁸⁸ Nem sempre as ovelhas eram cuidadas pelo dono do rebanho, sendo este confiado a outra pessoa. Em alguns casos eram considerados desonestos, ladrões, por se apoderarem de parte da lã e do leite. São os chamados mercenários do evangelho. Talvez outros fatores contribuam para que essa profissão seja vista como “impura”: passar muitos dias perto dos animais, em um contexto cultural que relacionava higiene com a espiritualidade; e a transgressão do sábado

outros exemplos como médicos, lavandeiros, carneiros, etc. Estas eram, em geral, profissões depreciadas⁹⁰, mas ao mesmo tempo necessárias. Na sociedade judia era-se pobre não somente por ter uma situação econômica desfavorável, mas, também, pela profissão que o indivíduo exercia.

O pobre, também, era responsabilizado por sua situação e a do seu país; ser pobre, é ser culpado. Em várias ocasiões Jesus faz a correção de seus discípulos, quebrando a relação entre desgraça objetiva e culpabilidade. Um exemplo disso está no episódio do cego de nascença (Jo 9,1-25), em que os discípulos perguntam a Jesus quem pecou para que aquele homem fosse cego: ele mesmo ou seus pais? A resposta de Jesus de que, nem ele nem seus pais eram culpados pela sua condição, coloca em evidência a mentalidade da época e o posicionamento de Jesus a favor da pessoa humana, independentemente da classe social a que pertença.

A tradição contida nas profecias e nos salmos contribuíram para manter latente no povo de Israel a consciência de ser povo de Deus, e de uma responsabilidade histórica. Nesse contexto, compreende-se a razão pela qual a presença e a mensagem de Jesus reacendia as esperanças e as expectativas do povo pobre da Galileia e da Judeia. Jesus enfrenta a realidade na qual eles estavam inseridos, não somente com palavras, mas com seu próprio comportamento. A acolhida de todos esses marginalizados era uma forma concreta de chamar a atenção para a chegada do Reino, garantindo que nesse Reino todos tem lugar. Não foram os letrados que seguiram Jesus, mas essa massa sem lei⁹¹.

Jesus viveu em uma realidade concreta, no meio dos pobres e marginalizados, fazendo a mesma experiência que eles, enquanto pessoa e enquanto cidadão. E é a partir do seu lugar de fala, que Jesus se coloca em movimento para anunciar a chegada do Reino. Sem dúvida, uma atitude ousada, fruto de uma convicção nascida no mais profundo de seu ser. É o profeta da esperança em meio a um povo marcado pelo sofrimento.

Segundo Moltmann (1992), “do ponto de vista sociológico, o movimento de Jesus, na Galileia, foi o movimento da pobreza”⁹². Seus discípulos deviam sair pelas ruas despojados de bens materiais, e colocarem sua inteira confiança em Deus, tomados pela esperança de sua vinda.

no qual, provavelmente, se ocupavam dos animais dando-lhes de comer, etc. (cf. ESTUDOS BÍBLICOS. **Pastor ou mercenário?! 2015.** Disponível em: <https://www.estudos-biblicos.net/pastor-ou-mercenario.html>. Acesso em: 15 jun. 2024).

⁸⁹ Cobrador dos rendimentos públicos entre os romanos; de taxas ou impostos.

⁹⁰ Porque tocavam em material impuro, como sangue, por exemplo.

⁹¹ Cf. ECHEGARAY, Hugo. **La practica de Jesus**. Lima: CEP, 1980, p. 165-166. Tradução nossa.

⁹² MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 144.

O próprio Jesus viveu como pobre, e esse movimento de pobreza tornou-se perigoso para as camadas superiores, que o executaram na ‘condição de escravo’ (Fl 2). Portanto, Jesus sofreu o destino dos pobres, a cruz romana.

Para Theissen (2008)⁹³, Jesus iniciou um movimento intrajudaico, com o objetivo de transformar a sociedade toda. Todo início de movimento visa mudar algo na sociedade ou no indivíduo. A mudança pode ser integral ou parcial. O movimento se caracteriza por um líder carismático, que atrai a si adeptos de sua mensagem, formando grupos de seguidores. Via de regra, esses grupos se desmancham após a morte de seus líderes. No tempo de Jesus, João Batista foi um desses líderes, porém, se diferenciava dos demais, que se voltavam contra os estrangeiros, enquanto João Batista criticava o próprio povo, convidando-os a uma mudança de vida. Já Jesus, assumiu uma linha de ação que visava o “reino de Deus”, e convidava o ser humano a ser partícipe, entrando na dinâmica do reino. E quem foram os que aceitaram o convite de Jesus? As elites não aderiram, mas, sim, os grupos marginais.

“O movimento de Jesus faz parte de uma corrente de movimentos de renovação desde o período dos Macabeus (no século II a.C), quando o judaísmo passou a se defender contra a cultura helenista invasora”⁹⁴. Além da resistência política dos macabeus, outros grupos religiosos de resistência surgiram, como os essênios, fariseus e saduceus. Os essênios eram separados do Templo por causa de seus ritos próprios. Uma parte deles vivia em Qumran. Os saduceus eram os mais conservadores, e os fariseus, que apresentavam uma postura mais aberta, embora fossem um desmembramento dos essênios.

As transformações e tensões vividas na história da sociedade judaico-palestina produziram uma situação revolucionária. Nesse contexto surgiram muitos movimentos de renovação que buscavam, de alguma forma, caminhos de preservação da identidade judaica⁹⁵. O movimento de Jesus também surgiu desse contexto, e também reagiu a essa situação

⁹³ Cf. THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 174-182. Theissen é estudioso do Novo Testamento, um dos melhores conhecedores das sociedades que viram nascer o cristianismo. Praticando uma aproximação sócio-histórica dos textos, ele consegue restituir o tecido social, cultural, econômico e político, no qual surge a figura de Jesus e as primeiras comunidades cristãs (LES EDITIONS DU CERF, 2024. **Gerd Theissen**. Disponível em: <https://www.editionsducerf.fr/librairie/auteurs/livres/2894/Gerd-Theissen>. Acesso em: 17 jul. 2024).

⁹⁴ THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 146. Por cultura helenista invasora entendemos a difusão da cultura grega para o Oriente, fundindo-se com a cultura de povos orientais, entre os séculos IV a.C e II a.C.

⁹⁵ Cf. THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 353-354.

revolucionária. Porém, “com uma revolução não de poder, mas de valores, isto é, com uma transformação de valores e atitudes. Contrapôs à realidade de fato sua visão do reino de Deus, e à luta pelo poder, suas estratégias não-violentas”⁹⁶.

Esses movimentos, em geral, duravam um certo tempo, depois a tendência era desaparecer. O movimento de Jesus continuou a existir após a morte de seu líder. Isso se deu devido às aparições pascais. Sua obra foi continuada pelos discípulos, porque estes foram participantes da mesma desde o início. Foi um movimento que deixou marcas duradouras, pois experimentou uma visão de amor e reconciliação; causou uma revolução de valores, pelo fato de ter diante de si a proposta do reino de Deus. Neste reino, também os pobres, e sofredores alcançariam seus direitos⁹⁷. A estratégia do movimento era uma revolução de valores. Theissen escreve:

O movimento de Jesus tinha uma visão dinâmica: aguardava a transformação do mundo pelo reinado de Deus e demandava a transformação do ser humano pelo arrependimento. Projetou a visão de uma vida digna de ser vivida com sua metáfora central do reino de Deus e, para concretizá-la, desenvolveu (delimitando-se contra outras possibilidades), estratégias de uma conduta pacífica⁹⁸.

A tradição ofereceu a combinação de que Deus é Soberano e Pai. Para Jesus, o senhorio de Deus se dá na qualidade de pai. De fato, a visão social apresentada por Jesus é nova e atraente, contrariamente à maioria dos textos judaicos, que apresentam Deus vencendo o inimigo. Esta visão está ligada a “associações de política externa” (Is 24,22ss; Zc 14,9). O movimento de Jesus é apresentado a partir da “política interna”, onde os menos favorecidos tem chance, e esperam uma vida digna para todos. Para Theissen:

no entanto, também no seio dessas metáforas de “política interna” há inequívocas preferências. Nas imagens do reinado de Deus não aparecem os sonhos das elites [...]. Os sonhos do movimento de Jesus não são sonhos de sacerdotes, eruditos das escrituras e poderosos. Nele, pessoas simples sonham com uma grande celebração em família: “Muitos virão do nascente e do poente tomar lugar nos festim de Abraão e Isaac e Jacó no reino dos céus (Mt 8,11). Espera-se comer e beber no reinado de Deus (Lc 6,20ss; Mc 14,25). Nesse banquete são admitidas pessoas que apresentam déficits: participam os dispersos da diáspora, estrangeiros são convidados, marginalizados são buscados de

⁹⁶ THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 351.

⁹⁷ Cf. THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 356-358.

⁹⁸ THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 357.

‘estradas e jardins’ (Lc 14,23). Não representa nenhuma desvantagem que pessoas coxas, aleijadas e cegas se juntem ao banquete⁹⁹.

Aquilo que era tão importante no pensamento sacerdotal, por exemplo, a integridade física, a procriação, sendo este sinal de bênção, no reino de Deus já não tem importância (Mc 9,43ss), e até mesmo o eunuco tem parte. No reino anunciado por Jesus todos têm lugar, todos são acolhidos, todos são beneficiários da bênção de Deus. Com Jesus é chegado o reino de Deus, e Deus levará a termo o que Jesus iniciou¹⁰⁰.

b) A mensagem de Isaías e sua relação com Jesus

Segundo Sobrino, A ideia de Javé como aquele que possui domínio sobre Israel foi construída a partir dos acontecimentos salvíficos com Israel, atribuídos a Ele. De fato, Israel viveu experiências negativas ao longo de sua história, como a aniquilação dos dois reinos (Reino de Israel ao norte, e Reino de Judá ao sul), o cativeiro na Babilônia, a reconstrução penosa no período persa. A expressão ‘Reino de Deus’ deve levar em conta essas experiências vividas, pois da fé em Javé surge uma esperança de verdadeira libertação, uma convicção de que essa não poderia ser a última possibilidade de Javé. Dessa experiência histórica surge a esperança escatológica, e com ela, a vinda de um messias que realizaria essa esperança. É Isaías quem anuncia a vinda do Reino (Is 65,17), e Jesus participa dessa visão profética compreendendo, a partir dela, sua tarefa de anunciá-lo. E, após o seu batismo, onde recebe o Espírito Santo, entra em cena, anunciando que esse Reino esperado, chegou, mesmo se ainda não se realizou completamente, já despontou, está próximo¹⁰¹.

No anúncio de Isaías (65,17), a atuação de Deus, seu reinado, consiste em uma renovação total da realidade. À essência desse reinar de Deus pertence, não somente o fato do homem

⁹⁹ THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 358-359.

¹⁰⁰ Cf. THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008, p. 359-360.

¹⁰¹ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 63-64. Sobrino é jesuíta, Doutor em teologia, um dos grandes impulsores da teologia da libertação. Recebeu o título de doutor honoris causa de nove universidades. Suas obras manifestam profundas preocupações sociais, e orientam para o compromisso evangélico contra a pobreza (cf. FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de Jon Sobrino. Em: **Biografías y Vidas**. La enciclopedia biográfica en línea. Barcelona, España, 2004. Disponible em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/sobrino.htm>. Acesso em: 30 jul. 2024).

voltar-se para Ele, numa orientação vertical, mas também o voltar-se para os outros, numa orientação horizontal, de solidariedade, pois:

ambas possuem um caráter originariamente teológico: pertencem ao próprio Deus. A irmandade não é uma mera exigência ética posterior para a compreensão dogmática de Deus. Irmandade sem filiação pode terminar em ateísmo; mas filiação sem irmandade termina no mero teísmo, porém não no Deus em quem pensou Jesus. A essência de Deus, expressa como reinado de Deus, não permite nenhuma das duas alternativas, mas exige ambas com igual originalidade¹⁰².

Compreende-se, assim, que apenas falar de ‘Deus’, sem realizar o seu reinado seria insuficiente. O reinado de Deus resulta em uma comunidade de irmãos e filhos daquele a quem Jesus chamava Pai (*Abba*).

A missão de Jesus abrange sua proclamação do Reino que se aproxima, e seu agir. A palavra Evangelho (*euaggelizein*), significa notícia alegre, vitória, salvação. Para Moltmann, quando o profeta Isaías anuncia ao povo, no cativeiro babilônico, o retorno para Israel, o novo êxodo para a liberdade, deu ao termo conteúdo messiânico. “O Evangelho é o prenúncio da salvação. Não é nada menos do que a chegada do Deus vindouro na Palavra [...]. Torna a palavra criadora, que efetua o que diz”. O profeta messiânico de Isaías 61 anuncia o governo imediato de Javé, a justiça, a comunhão, a liberdade, e os seus destinatários são os pobres, os miseráveis, os desesperançados. O Evangelho, a boa nova do Reino, é o Evangelho da libertação do povo de Deus. Moltmann (1992), acolhendo a tradução de Lutero, escreve que o Reino de Deus:

se tornou tão próximo que os sinais do tempo messiânico já aparecem: os doentes são curados, demônios são expulsos, coxos andam, surdos ouvem, aos pobres é anunciado o Evangelho. Ele está tão perto que já se pode orar a Deus como ‘Abba’, Pai querido. Já se tornou tão próximo que se torna necessária a interpretação messiânica da Torá por meio do Sermão do Monte em que seu cumprimento se torna possível no discipulado de Cristo¹⁰³.

Na mesma linha profética, Echegaray (1980) apresenta - o que é aceito pela maioria dos exegetas - basicamente dois os polos da mensagem de Jesus: o anúncio do Reino e o convite a entrar na dinâmica do Reino, ou seja, a conversão. Jesus ligou intimamente a ideia do Reino oferecido pelo Pai com o acontecimento de sua própria vida¹⁰⁴. Echegaray escreve:

¹⁰² SOBRINO, Jean. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 66.

¹⁰³ MOLTSMANN, Jürgem. O caminho de Jesus Cristo, 1992, p. 140.

¹⁰⁴ Cf. ECHEGARAY, Hugo. **La practica de Jesus**. Lima: CEP, 1980, p. 170-171.

o aporte de Jesus foi recuperar a perspectiva profética em função das circunstâncias do presente, e iluminar este desde as promessas e exigências do Reino. E isso através da pregação, mas também com gestos simbólicos como as curas, os exorcismos, a expulsão dos comerciantes do templo, a comensalidade com pobres e pecadores, a oferta do perdão, etc¹⁰⁵.

Para alguns judeus, os sinais realizados por Jesus eram considerados pouca coisa; esperava-se uma ação espetacular, cujo modelo eram os prodígios do êxodo. Jesus, ao contrário, oferece ações libertadoras, que se situam no nível das necessidades básicas do ser humano. Esses ‘pequenos’ gestos são menos deslumbrantes e exigem sensibilidade para compreender o sentido de Deus, que volta seu olhar para os menos favorecidos. Por esse desencontro de expectativas entre Jesus e alguns representantes do povo judeu, estes últimos não foram capazes de reconhecer nos sinais realizados por ele, uma manifestação do Reino que se aproxima, ou o próprio Deus se manifestando. O Deus de Jesus não entra na lógica dos reinos desse mundo, onde a base é a riqueza acumulada e a opressão. A posição de Jesus é de uma soberana liberdade com relação a tudo isso, pois existe nele uma vontade inquebrantável de comunhão, que é fruto da concepção que tem de Deus. Para Jesus, Deus é Pai (*Abba*), e tem o ser humano como meta de seu amor. Nesse sentido, quem acolhe o Reino deve situar-se diante de Deus como Pai, buscando relacionar-se na qualidade de filho/filha, portanto, irmãos uns dos outros. E foi essa doutrina exclusivamente elaborada e anunciada por ele, em atos e palavras¹⁰⁶.

Pode-se compreender, a partir da reflexão dos autores acima, que Jesus assume para si a tarefa de anunciar o Reino do qual falava o profeta Isaías. Na visão de Isaías o reinado de Deus traria uma transformação social, onde todos, libertos, teriam voz e vez, principalmente os menos favorecidos. Jesus faz a ligação da chegada desse Reino de Deus com sua pessoa, e o anuncia com palavras e sinais. É interessante lembrar que o profeta messiânico de Isaías seria conduzido pelo Espírito de Deus, e é o que se pode contemplar no comportamento de Jesus.

c) A mensagem de Jesus

Aquilo que não faz parte do projeto de Deus para o homem, é criticado por Jesus, que revela na mensagem do Reino o desejo de felicidade que o Pai tem para com os homens. Jesus resume todo esse desejo de Deus no anúncio da vinda do Reino, que ocupa centralidade em sua

¹⁰⁵ ECHEGARAY, Hugo. **La practica de Jesus**. Lima: CEP, 1980, p. 178. Tradução nossa.

¹⁰⁶ Cf. ECHEGARAY, Hugo. **La practica de Jesus**. Lima: CEP, 1980, p. 180-181. Tradução nossa.

vida. “E para Jesus significa a proximidade da incondicional vontade divina de salvar, da misericórdia que vai ao encontro, da clemência que procura encontrar, o que implica também resistência contra todas as formas de mal: o sofrimento e o pecado”¹⁰⁷.

O significado que o Reino de Deus tem para Jesus é a ação de Deus enquanto Deus, no mundo dos humanos, agindo para o bem da história humana; onde o domínio de Deus colocará fim ao mundo mau. Não que Deus seja apenas útil para a felicidade humana, mas Deus é bom, e a felicidade consiste em procurar Deus, que quer o bem do humano. “Jesus interpreta essa majestade de Deus como benevolência incondicional para com os humanos, como supremo amor pelo ser humano. Mas, essa majestade e sublimidade incluem para Jesus também que o ser humano faça a vontade de Deus”¹⁰⁸.

Jesus vive uma vida fascinado pelo Reino, celebrando esse reinado, e ensinando a viver nele. Vive e morre pela causa do Reino, que é a causa do ser humano. Por isso combateu tudo que se opõe ao centro de sua mensagem. Se a norma era amar os amados de Deus e odiar quem Deus rejeitou, Jesus age contra a norma e leva a todos a boa notícia: os perdidos, os doentes, os pecadores... todos, dando-lhes provas de que Deus os ama, ainda que a lei dos homens diga o contrário. Com isso, Jesus não está anunciando uma reviravolta, onde os pobres se tornariam poderosos, e os ricos oprimidos; na mensagem de Jesus não há lugar para relações de poder que ofendem, mas entrar no Reino significa servir-se mutuamente. Para Jesus o rosto de Deus é misericórdia, o que o torna desinteressado do passado pecaminoso das pessoas¹⁰⁹.

Jesus pensa no Reino, e não em si mesmo, nem em segundo plano. Enquanto João Batista combinou proximidade do fim com julgamento, Jesus ligou proximidade com o reinar de Deus. Se o Reino está próximo, está próximo também seu reinado, o que traduz claramente a salvação universal, a vida e felicidade da humanidade. Por isso sua oposição ao que vai contra o Reino de Deus e, consequentemente, contra a felicidade humana.

¹⁰⁷ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 134. Schillebeeckx foi um teólogo católico belga e membro da Ordem Dominicana. Seus livros sobre teologia já foram traduzidos em diversas línguas, e suas contribuições ao Segundo Concílio do Vaticano o tornaram conhecido mundialmente. É considerado um dos teólogos mais importantes do século XX (Cf. WINLING, R. **Schillebeeckx Edward (1914-2009)**. 2024. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/edward-schillebeeckx/>. Acesso em: 30 jul. 2024).

¹⁰⁸ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 135.

¹⁰⁹ cf. SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 136-139.

Entre os fariseus e rabinos, o tema do Reino de Deus não estava muito vivo. O único movimento revolucionário judaico onde o tema estava presente eram os zelotes. “Eles exigem liberdade política e a derrubada da ocupação romana: somente Deus é rei de Israel”¹¹⁰. Jesus anunciou a vinda, em breve, do Reino de Deus. Mas as coisas não aconteceram exatamente como o esperado. Teria Jesus se enganado? As ideias apresentadas no Novo Testamento não evidenciam a forma como Jesus encarava o futuro, mas o fato é que, no presente de seu tempo, a presença de Jesus faz desaparecer o medo da vida e da morte; com ele, a pessoa humana é novamente livre e devolvida a si mesma.

A vida de Jesus apresenta elementos constitutivos: Jesus anunciou a salvação de Deus, já próxima; atuou como profeta escatológico, anunciando a boa nova aos pobres e sofredores em geral; pregou o reinado de Deus para o bem da humanidade, do qual ele deu exemplo. Toda a vida de Jesus consistia em falar e demonstrar que Deus se preocupa com os seres humanos. Não fazia exigências, e permitia a todos que dele se aproximavam, experimentarem a felicidade gratuitamente. Qual era a fonte de Jesus para agir assim? Sua experiência com o *Abba*. Sem essa experiência a mensagem de Jesus seria vazia e privada de sentido, embora pudesse ser inspiradora. Essa experiência com o *Abba* teria sido a grande ilusão de Jesus? Se assim for:

então se deve tirar daí a inevitável conclusão de que é também ilusão a esperança da qual Jesus falava. Quem, pois, vive da fé em Jesus, mas deixa de lado a sua experiência com o *abba*, de fato vive de uma utopia, e na realidade não fará outra coisa senão depositar suas próprias expectativas mais profundas num homem que 2000 anos atrás viveu e morreu por uma ilusão e utopia [...]; não teríamos razão nenhuma para acreditar num mundo melhor e numa salvação definitiva, e que todas as nossas expectativas de um reino universal de paz são apenas o reverso utópico da nossa história negativa de discórdia, injustiça e sofrimento”¹¹¹.

Colocar Jesus como base da própria vida e confiar nele, supõe uma confiança na sua experiência com o *Abba*; é um ato de fé em Jesus, e um ato de fé no Deus de Jesus. “Para isso não existe uma base puramente histórica”¹¹². O Deus de Jesus é apresentado como Alguém preocupado pela humanidade, e que pode dizer algo sobre o ser humano. Foi o que Jesus desejou:

¹¹⁰ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 144.

¹¹¹ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 262.

¹¹² SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 262.

“dizer algo sobre o ser humano e sobre sua salvação definitiva”¹¹³. E o fez anunciando o Reino de Deus.

d) O anúncio do Reino aos pobres

Nos evangelhos sinóticos, a fórmula constantemente utilizada é a do anúncio do Reino aos pobres (Mt 11,5; Lc 4,18s). Deus começa com aqueles que mais sofrem a injustiça e violência dos homens. Jesus não se preocupava com a doutrina, e sim, com a realidade das pessoas. Mas, quem são esses pobres? Para Moltmann (1992), pobre é um termo que engloba os sofredores como os famintos, doentes, oprimidos, humilhados; são os tristes, destituídos de direitos, os ‘não-pessoas’ da sociedade. O antônimo de pobre, no Antigo Testamento, é ‘violento’, ou seja, aquele que às custas do pobre fica rico. Jesus e seus discípulos anunciaram o Reino aos pobres, não como vingança, mas justiça de Deus; que não exclui os ricos, mas não os restabelece como ricos, mas como pessoas, chamando-os à conversão (Mc 1,15). Converter-se é dar a virada da violência para a justiça, da morte para a vida, do isolamento para a comunhão¹¹⁴.

Segundo González (2001) no início do evangelho de Marcos Jesus aparece anunciando o Reino, como uma boa-nova (Mc 1,14). A vinda desse Reino significa a implantação da lei do amor, um amor que serve e que está atento às necessidades dos mais pobres. Em Jesus, tanto suas palavras como os sinais que realiza, falam da misericórdia salvadora do Pai. Por isso o convite à conversão; sem a conversão do coração não é possível entrar no reino de Deus. “Desta maneira Jesus inaugura uma nova moral que encontra seu centro não no cumprimento exterior da lei, mas na aceitação interna do seu evangelho, que vai se manifestar externamente em palavras e ações”¹¹⁵. A identidade do Deus revelado por Jesus se manifesta em sua relação com os destinatários e privilegiados do Reino, os pobres, ou seja, os ‘inferiores’ da sociedade. Jesus declara essa realidade de presença do Reino aos pobres, quando diz aos discípulos que para entrar no Reino de Deus era preciso ser como criança (Mc 10,13-16). As crianças eram consideradas em uma situação social de inferioridade. Ao acolher as crianças Jesus impõe as mãos sobre elas. Pode-se ver nesse gesto de Jesus a identificação entre aqueles que eram considerados os

¹¹³ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 263.

¹¹⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 143.

¹¹⁵ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación: cristología e soteriología**. 4. ed. Bogotá: DC, 2001, p. 134.

inferiores da sociedade (crianças e pobres). Transmitindo às crianças todo seu afeto e seu Espírito, Jesus transmite as energias do Reino aos que não eram considerados capazes de recebê-lo. Entregar a Boa Nova aos pobres constitui um aspecto essencial do Reino. Na verdade o Reino de Deus não acontece de forma mágica, mas seu primeiro sinal é uma transformação histórica, na qual todos são chamados a entrarem com responsabilidade. Jesus explicou que o Reino não ‘está aqui’ ou ‘está ali’, o Reino de Deus está no meio de vocês (cf. Lc 17, 20-21). Os sinais históricos são reconhecidos em seu caráter transcendente somente por uma fé centrada no amor¹¹⁶.

Na visão de Sobrino, pobres são os segregados e desprezados da sociedade: enfermos, leprosos, samaritanos, estrangeiros, mulheres, endemoninhados... “Jesus escolhera pecadores, publicanos, bêbados e prostitutas como os destinatários da sua pregação; àqueles que por sua situação social e religiosa não podiam esperar nenhuma libertação da situação presente”¹¹⁷.

Jesus anuncia o Reino como graça, boa nova, aproximação de Deus, que vem com amor e não para julgar, como faziam outros pregadores. O Reino é graça, primeiro, porque é iniciativa de Deus, depende dele e não do homem; segundo, porque na perspectiva de Isaías, o Reino é salvação, que não é expressa apenas em palavras, mas em atos. Jesus via o Reino como a transformação de uma realidade negativa em positiva; é a superação do mal. Por isso os sinais que acompanham a pregação de Jesus são necessários, pois demonstram em fatos aquilo que Jesus anuncia, ou seja, a chegada do Reino. E ele os faz de várias formas: curando os enfermos, libertando os endemoninhados, acolhendo e perdoadando o pecador, o estrangeiro, o excluído, aproximando-se de mulheres. Tudo isso revela a compreensão de Reino que Jesus tinha.

Milagres e perdão são sinais da chegada do Reino, e não devem ser entendidos como sinais da divindade de Jesus. O que os evangelhos relatam mostram o contrário, Jesus é uma pessoa cuja essência é estar a serviço, cuja essência é relacional, que deve ser compreendido a partir do Reino de Deus.

O anúncio da boa nova por Jesus acontece em um contexto onde o pecado está presente, por isso a boa nova anunciada é compreendida como libertação, pois o pecado atinge o mais profundo da realidade humana, pessoal e social, e mostra não só a negação de Deus, mas a negação do Reino de Deus. Acolher a boa nova significa superar o pecado. Este está relacionado

¹¹⁶ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación**: cristología e soteriología. 4. ed. Bogotá: DC, 2001, p. 131-135. Tradução nossa.

¹¹⁷ SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 71.

com o poder, mas existe um poder que pode antecipar o Reino, aquele do amor e do serviço. Na concepção de Jesus pecado é a rejeição do Reino, não a transgressão da lei.

Outro aspecto que acompanha o anúncio do Reino é o convite à conversão, que coloca o indivíduo diante de uma escolha, de uma decisão, que supõe uma mudança radical na forma de existir. O critério? A pessoa de Jesus. Acolher o Reino significa examinar a vida e as atitudes de Jesus. São duas as dimensões que devem ser levadas em conta porque respondem ao tipo de Deus que Jesus revela: a fé, onde a esperança em Deus manifesta a gratuidade do reino; e a práxis, onde a luta pelo amor e pela justiça expressam as exigências do seguimento¹¹⁸.

O Reino anunciado por Jesus quer dar aos pobres uma nova dignidade, a de serem filhos e filhas de Deus. Não lhes trará bens materiais, nem os conduzirá à riqueza, mas ajudá-los-á a se levantarem, erguerem a cabeça, na confiança de que Deus está do lado deles. “Se eles são os ‘menores irmãos e irmãs’ do Filho do Homem-Juiz do mundo (Mt 25), então a salvação ou a condenação, a vida eterna ou a perdição dos homens se decide neles. Somente na comunhão dos pobres abre-nos o reino de Deus para os outros”¹¹⁹. Jesus descobre o reino entre os pobres, eles são sua família, seu povo; e ele mesmo é um deles.

Jesus anunciou a chegada do Reino de Deus. Com sua morte e ressurreição, cabe aos discípulos continuar sua missão. Os discípulos anunciam não somente a chegada do reino na pessoa de Jesus, mas a Salvação oferecida por Deus ao seu povo, também na pessoa de Jesus. Os evangelhos sinóticos e Atos narram a continuidade entre Jesus, seus discípulos e as primeiras comunidades, sob a guia do Espírito Santo.

Mateus escreve sobre a proclamação do Reino a todas as nações (Mt 28, 16-20). O ideal de que o Reino de Deus chegue a todos era o desejo do coração de Jesus, e Mateus caminha na mesma ótica. Marcos conclui seu evangelho com o envio ‘a todo o mundo, proclamando a Boa Nova a todas as nações (Mc 16, 15-18). Lucas tem uma visão universal da missão’. Com a ascensão de Jesus ao céu, o Espírito Santo, que conduziu Jesus, assume a tarefa de animar e conduzir os discípulos de Cristo pelo mundo¹²⁰.

¹¹⁸ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 67-82.

¹¹⁹ MOLTSMANN, O caminho de Jesus Cristo, 1992, p.146.

¹²⁰ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación**: cristología e soteriología. 4. ed. Bogotá: DC, 2001, p. 262-265. Tradução nossa.

3.2.2 Ano da Graça

A pesquisa histórica já nos revelou que Cristo nasceu entre o ano 6 e o ano 4 a.C. Mesmo sabendo que a data foi simbólica, a celebração do Jubileu do ano 2000 foi um momento marcante na vida cristã, porque nos deu uma possibilidade de iniciar um novo ciclo e uma vida nova, de criar uma sociedade mais fraterna; deu, sobretudo aos cristãos, a ocasião de renovarem-se espiritualmente, aprofundar a fé e fortalecer a esperança. O ano 2000 foi visto e vivido de forma diferente; era o chamado Ano Santo, o ano do Grande Jubileu de Jesus Cristo. Mas, de onde vem essa ideia de celebrar o Jubileu? Teriam as culturas do Oriente Médio Antigo, inspirado a instituição o Ano Jubilar de Israel? Qual o sentido do Jubileu cristão?

a) Aproximação entre Ano Jubilar e culturas do Oriente Médio Antigo¹²¹

É possível observar semelhanças entre as tradições legislativas mais antigas da Torah, com os textos legislativos do Oriente Médio Antigo. Nota-se a presença de elementos comuns entre o Jubileu bíblico e os editos de “andurarum”, da Antiga Mesopotâmia. Andurarum é um termo utilizado, de forma geral, para exprimir uma ação do rei de pôr em liberdade uma pessoa que se acha em situação de escravidão, contraída por dívidas. Vários textos mesopotâmicos do segundo milênio a.C. mostram isso. São exemplos o Edito de Ammi-tsaduqa (reina de 1646-1626 a.C.), o Código de Hammurapi (1792-1750 a.C.), e os textos neo-assírios. No Edito de Ammi-tsaduqa aparece claramente o perdão das dívidas, de taxas, ou das consequências da dívida, como a escravidão da pessoa ou de um membro de sua família. Também o código de Hammurapi descreve a libertação da pessoa mesma, ou de sua esposa, ou de um filho, que se tornou escravo por consequência de dívidas, depois de três anos de trabalho. E, ainda, os textos neo-assírios, onde também aparecem editos sobre o perdão das dívidas e a libertação da escravidão, sendo uma

¹²¹ Cf. ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 7-27, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023. Tradução nossa. Artus é padre católico e exegeta francês, especialista do Pentateuco. Foi nomeado, em 2001, pelo Papa João Paulo II membro da Comissão bíblica pontifical, é membro do Conselho científico da Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém (cf. UNIVERSITE CATHOLIQUE DE LYON. **Olivier Artus**. 2024. Disponível em: <https://www.ucl.fr/wp-content/uploads/2019/11/cv-olivier-artus-recteur-ucl.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024. Tradução nossa.

coisa ligada a outra. Esses textos mostram que no Oriente Médio Antigo, essa prática de libertação da escravidão e perdão da dívida, fazia parte da cultura e da compreensão da época¹²².

No paralelo desses editos com o texto de Dt 15,1-12, nota-se semelhanças consideráveis nesses dois pontos: perdão da dívida e libertação da escravidão. Existe uma aproximação entre a legislação deuteronômica e a legislação do Oriente Médio Antigo quanto à libertação de escravos por dívidas, depois de algum tempo. No caso de Deuteronômio, esse período é de sete anos. O *andurarum* do Oriente Médio é reinterpretado do ponto de vista teológico: “A soberania de Deus sobre a terra, invalida sua posse pelos grandes proprietários” [...] O único Mestre é Deus, e os israelitas não podem se tornar, em definitivo, servidores de um proprietário que, de fato, se substituiria à autoridade divina. O pertencer a um mesmo povo aparece em primeiro que os direitos do proprietário, tendo tratamento idêntico para homens e mulheres. A motivação teológica da lei tem seu apoio no evento fundador da libertação do Egito (Dt 15,15). Assim como Deus resgatou seu povo da escravidão do Egito, e perdoa periodicamente as dívidas de Israel, o Jubileu convida cada israelita a fazer o mesmo com seu próximo. As leis sabáticas e jubilares são lugares de santificação de Israel¹²³.

b) O Ano Sabático, Ano Jubilar e Ano Santo cristão

A Bíblia, no livro do Gênesis, relata a criação do mundo em seis dias, e o sétimo dia para o descanso (Gn 1,1- 2,3). Trata-se de enfatizar a lei e o costume judaico, sobretudo depois do exílio, chamando a atenção para a importância do Shabat (repouso no sábado). A terra também tem seu shabat, e deve repousar no sétimo ano (Lv 25, 1-7)¹²⁴.

A única prescrição do Levítico introduzida pela menção do Monte Sinai é a do Jubileu¹²⁵. Em Lv 25,6-7 Deus assegura que no ano sabático, ano de repouso da terra, Israel será alimentado

¹²² Cf. ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 18-22, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹²³ Cf. ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 22-25, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023. Tradução nossa.

¹²⁴ Cf. ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 15, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023. Tradução nossa.

¹²⁵ Cf. LEFEBVRE, Jean-François. Le jubilé biblique, mémorial de la création et de la rédemption. **Revue Sources et vie dominicaine**, v. 3-4, p. 1-2, 2000. Disponível em: <https://www.studiumndv.fr/uploads/Document/lefebvre-jubile-biblique.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2023, p. 4. Tradução nossa. Lefebvre é sacerdote de Notre-Dame de Vie.

por aquilo que a terra produzir espontaneamente. A terra não será trabalhada, mas isso não significa que se torna estéril. Pela fecundidade da terra manifesta-se a bênção do Senhor. De fato, na Bíblia, uma boa colheita não é fruto somente do trabalho do homem, embora isso seja indispensável, mas é em primeiro lugar fruto da bênção divina. Aqui se manifesta o sentido fundamental do ano sabático, que é refazer a experiência da gratuidade de Deus:

refazendo a experiência da gratuidade, o homem refaz, também, a experiência da dependência. No decorrer do ano sabático, todos, homens ou animais, escravos ou homens livres, ricos proprietários, trabalhadores imigrantes ou pobres diaristas, todos se encontram, de novo, nesse estado de dependência radical, que é aquele da criatura face ao Criador, de quem ela espera sua subsistência (cf. Lv 25, 6-7)¹²⁶.

A lei exige que o homem, periodicamente, ofereça a Deus o que ele tem de mais precioso, e aqui não se trata de bens materiais, mas do seu próprio tempo. Oferecer um ano do seu tempo para o Senhor, não para viver na ociosidade, mas para voltar-se à ação de graças pelas bênçãos recebidas. É um tempo de retornar às fontes, ao evento fundador, à Aliança, ao compromisso do povo. Nesse sentido, o repouso oferecido à terra também contribui na conscientização da providência divina, que se ocupa do ser humano, e ao mesmo tempo, reconhecer que o humano é um ser dependente de Deus¹²⁷.

Sem dúvida, o envolvimento com o trabalho na terra pode levar o homem a pensar que todos os dons são fruto somente do seu próprio trabalho. O ano sabático reforça e relembra ao homem que a terra tem o seu papel na produção do pão. O alimento que chega à mesa de cada israelita é, ao mesmo tempo, “fruto da terra e do trabalho do homem”¹²⁸.

O Ano Jubilar¹²⁹ é o *shabat* de uma semana de anos. Dito de outra forma: a cada sete semanas de anos, ou seja, 49 anos, celebra-se o Ano Jubilar, que será o 50º ano, conforme escrito

Estudou o Antigo Testamento em Fribourg e em Jerusalém. É professor do Antigo Testamento no Stúdio teológico de Notre-Dame de Vie em Vénasque (DECITRE). **Un mémorial de la création et de la rédemption. Le jubilé biblique en Lv 25: résumé.** 2024. Disponível em: <https://www.decitre.fr/revues/un-memorial-de-la-creation-et-de-la-reemption-9782873241582.html#resume>. Acesso em: 18 jul. 2024. Tradução nossa.

¹²⁶ LEFEBVRE, Jean-François. Le jubilé biblique, mémorial de la création et de la rédemption. **Revue Sources et vie dominicaine**, v. 3-4, 2000, p. 4.

¹²⁷ Cf. LEFEBVRE, Jean-François. Le jubilé biblique, mémorial de la création et de la rédemption, 2000, p. 5. Tradução nossa.

¹²⁸ Oração sobre as oferendas.

¹²⁹ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, 1999, p. 7-21. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023. Manzatto é doutor em Teologia, professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Ele também é professor convidado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina. Atua na área de teologia sistemática trabalhando os tratados de Deus, cristologia, eclesiologia, antropologia e teologia da criação (cf.

nos livros do Levítico e Deuteronômio. No Ano Jubilar Deus reafirma “seu título de proprietário da terra que ele deu a Israel”. Tomando, novamente, posse da terra, de maneira simbólica, todos, proprietários, diaristas e escravos, são colocados em igualdade, pois na terra que pertence ao Senhor, ninguém possui título de proprietário definitivo.

Manzatto (1999) esclarece que esse Jubileu, celebrado a cada 50 anos, é marcado por algumas medidas de caráter social: repouso da terra (Lv 25,2-4.11-12); libertação dos escravos (Dt 15, 12-15; Lv 25,10); o perdão das dívidas (Dt 15,1-2.11); e a devolução das propriedades (Lv 25,13-15.23).

Assim, com a celebração do Ano do Jubileu, cada geração de judeus tem a possibilidade de recomeçar uma vida livre, a partir da partilha igualitária realizada quando da conquista da Terra Prometida. É a contínua volta à Aliança celebrada com Javé no Sinai, e por isso quem tudo perdera tem a ocasião de reencontrar a liberdade, o patrimônio familiar e a possibilidade de recomeçar a vida com dignidade. Impedindo a perpetuação da desigualdade, a lei que prescreve o Ano Jubilar quer impedir a perpetuação da injustiça e da exploração do rico sobre o pobre, possibilitando a ambos vivência da fraternidade¹³⁰.

Lefebvre (2000) escreve que, além das medidas de caráter social, outros aspectos são celebrados, como o uso do *shofar*. Em Is 27,13 o som do *shofar*, também usado na liturgia de Israel no Ano Jubilar, anuncia, não apenas o retorno dos exilados à Terra Prometida, como a vinda solene de Deus para o grande Dia do Senhor. “Talvez a proclamação solene do Ano Santo quer, também, orientar nosso olhar na direção de um reestabelecimento definitivo da justiça, na qual o Jubileu seriam apenas as primícias”¹³¹.

Outro aspecto é relembrar o verdadeiro *Goel* de Israel. Segundo a lei, em caso de venda de terra, ou de pessoas, deve-se prever um ‘*goel*’, ou seja, alguém próximo do proprietário em dificuldade, e com condições de ‘comprar de volta’, reestabelecer seus direitos, redimir o bem ou a pessoa. Deus se faz o verdadeiro ‘*Goel*’ do seu povo, que intervém ao curso do ano sabático,

FACHIN, Patricia. Literatura, Teologia e Antropologia: um diálogo sobre o ser humano. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 299, jul. 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/19-artigo-2009/2656-antonio-manzatto>. Acesso em: 30 jul. 2024).

¹³⁰ MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 8, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹³¹ LEFEBVRE, Jean-François. Le jubilé biblique, mémorial de la création et de la rédemption, 2000, p. 7- 8. Tradução nossa.

proclamando seus direitos sobre o solo e sobre as pessoas, decretando a libertação e o retorno à propriedade familiar¹³².

Assim como o Shabat é considerado o Santuário de Deus no coração do tempo, o Ano Jubilar é um tempo santo no coração do tempo. No entanto, o Ano Jubilar parece servir de base para uma ética social, na qual Deus é percebido como a única fonte dos bens desse mundo, e no qual ressoa o convite a viver a partilha e à fraternidade¹³³. Se o texto é uma ficção literária, traz em si algo de prático pois “convida a refletir nas implicações do dom da criação e do dom da Salvação sobre as relações sociais”¹³⁴.

Jesus, como todos em Israel, conhecia bem a dinâmica do Ano Jubilar. Segundo Lucas, Jesus se apresenta na sinagoga de Nazaré, possivelmente sua sinagoga desde a infância, e ali dá a conhecer seu projeto de vida, inspirado pelo Espírito de Deus, nas palavras de Isaías (Lc 4, 16-21). Ele anuncia o Ano da Graça do Senhor, ou seja, o Ano Jubilar. O ano da graça anunciado por Jesus, na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 16-21) é concebido como o anúncio de uma nova era de perdão, onde Deus nos perdoa todas as dívidas, e nos convida a perdoar nossos devedores.

Este anúncio é causa de divisão para os que o ouvem. Os pobres ficam felizes, pois sonham em ter de volta suas terras, sua liberdade; os ricos ficam encolerizados, e querem levá-lo ao precipício para pôr fim ao seu sonho de fraternidade. O Ano Jubilar despojaria os ricos, que teriam que devolver o acúmulo de seus bens. De fato, o ano do Jubileu privilegia os pobres em detrimento dos que muito acumularam. Esta é uma razão pela qual essa lei nem sempre foi aplicada em Israel¹³⁵.

Ainda que essa lei nunca tenha se tornado uma realidade histórica, exprime um ideal de igualdade no povo de Israel, e manifesta a fé no Deus Criador e Libertador, ao mesmo tempo em que coloca em evidência a dignidade humana, pois dá ao indivíduo a oportunidade de começar uma vida limpa, uma vida livre, tanto no sentido material quanto espiritual; permite a uma

¹³² LEFEBVRE, Jean-François. **Le jubilé biblique, mémorial de la création et de la rédemption**, 2000, p. 10. Tradução nossa.

¹³³ Cf. ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 25, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023. Tradução nossa

¹³⁴ ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 26, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023. Tradução nossa.

¹³⁵ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 9, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

geração não ter sobre si a responsabilidade de situações passadas, independente de culpa ou mérito.

Com o anúncio do Ano da Graça, Jesus anuncia um tempo novo para Israel, que tem início com a chegada do Reino de Deus.

O Ano Santo cristão tem suas raízes e inspiração no Ano Jubilar dos judeus. O primeiro Ano Santo aconteceu em 1300, e foi promulgado pelo Papa Bonifácio VIII. Este, propôs a celebração de um Ano Santo por século, mas como o ano do jubileu dos judeus era a cada 50 anos, o Papa Clemente VI, sucessor de Bonifácio, fez celebrar o segundo Ano Santo em 1350. O Papa Urbano IV faz coincidir o período de celebração do Ano Santo com a duração presumida da vida de Jesus, isto é, 33 anos. E, finalmente, Paulo II reduz esse tempo para 25 anos, possibilitando a celebração de um Ano Santo por geração. Além dessas celebrações ordinárias, foram celebrados na história do Cristianismo, mais 65 Jubileus extraordinários, como em 1933 e 1983, até a Grande celebração dos 2000 anos da Encarnação¹³⁶.

No ano de 2015, o Papa Francisco promulgou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que teve início em 08 de dezembro de 2015, e término no domingo de Cristo Rei de 2016. Francisco tomou como base o “Ano da graça” de Lc 4, e traduziu para “Ano da Misericórdia”, o que é uma opção coerente em hebraico. Esse Jubileu ressaltou a pessoa de Jesus Cristo, que revela o rosto misericordioso do Pai, através de sua palavra, seus gestos, toda a sua vida. Francisco escreve:

há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes (Francisco, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 2015, n. 3)¹³⁷.

¹³⁶ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 10-11, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹³⁷ FRANCISCO, Papa, 1936-. **Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia**. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papafrancesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em: 28 dez. 2023. Papa Francisco nascido Jorge Mário Bergoglio, é o primeiro Papa americano, jesuíta argentino. Foi membro das Congregações para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; do Pontifício Conselho para a Família, e da Pontifícia Comissão para a América Latina. Eleito Papa dia 13 de março de 2013, Francisco torna-se figura de destaque para a Igreja Católica e para o mundo, tantas são as palavras, os gestos, os encontros, as decisões que marcam este tempo novo na Igreja (cf. VATICANO. **Biografia do Santo Padre Francisco**, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em: 19 jul 2024).

Com a abertura da Porta da Misericórdia – em Roma e em todo o mundo - Francisco convida qualquer pessoa que deseje, a “experimentar o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança (Francisco, 2015, n. 3)”¹³⁸. Ao Espírito Santo foi confiada a missão de guia e apoio ao povo de Deus, na busca de experimentar sua Misericórdia.

Com a celebração do Grande Jubileu de Jesus Cristo, vê-se diante dos cristãos, um longo caminho, onde se deve avançar com a ajuda de Cristo, na força do Espírito, que nos impulsiona, hoje, a partir de novo, sustentados pela “esperança que não decepciona” (Rm 5,5).

Compreende-se a insistência sobre a conversão e as indulgências nas celebrações dos Anos Santos, dando ênfase ao espiritual, mas vale lembrar que essa conversão deve ter uma incidência concreta na maneira do indivíduo viver socialmente sua própria vida.

c) Jubileu e reforma social

Há milhares de anos, e os fatos são os mesmos: os mais fracos são vítimas da exploração dos mais fortes. A terra é prometida a todos, mas o ideal de fraternidade se perde de vista ao contato com a terra, ou seja, a nova realidade. O Ano Jubilar vai reorganizar a economia dando, periodicamente, a cada um, um novo recomeço, lembrando que cada um, é um imigrante, um hóspede sobre a terra, e não um mestre. Deus perdoa, regularmente, todas as dívidas de todos; eles devem fazer o mesmo com seu próximo.

A proposta do Ano Jubilar é da atualidade, e pode ser sonhada tanto a nível local quanto na esfera mundial. Vejamos:

A anulação das dívidas (Dt 15, 1-2.11) O Papa João Paulo II pediu que, por ocasião do Jubileu de Jesus Cristo, no ano 2000, fossem perdoadas as dívidas externas dos países do terceiro mundo. A dívida consumia os recursos necessários para as áreas sociais, como educação e saúde. Hoje, mesmo que alguns passos tenham sido dados, a população continua sofrendo os impactos da ambição de uma minoria que possui a maior concentração de bens nas mãos, fazendo aumentar cada vez mais a distância entre ricos e pobres. Quantos se tornaram escravos do sistema, e dos mais ricos, por endividamento!¹³⁹

¹³⁸ FRANCISCO, Papa, 1936-. **Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia**. 2015, n. 3.

¹³⁹ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 15-16, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

O repouso da Terra (Lv 25,2-4.11-12): É o planeta Terra que grita por socorro: exploração excessiva, produtos químicos, poluição do ar, comprometimento da camada de ozônio... O privilégio do lucro levou o planeta a um esgotamento. Pode-se, ainda, acrescentar o desmatamento, o garimpo industrial, pesticidas agrícolas, etc. Milhares de espécies de plantas e animais em risco de extinção. Não sem razão, o Papa Francisco tem chamado a atenção do mundo para a questão ecológica, o cuidado da casa comum, da vida humana e de todos os seres vivos do planeta. Almeja-se que cristãos e não cristãos encontrem nesse momento histórico ocasião de ouvir os gemidos do planeta, e optem pela vida, em todas as suas formas¹⁴⁰.

A libertação dos escravos (Lv 25,10; Dt 15, 12-15): Falar de escravidão nos dias atuais parece um vocabulário ultrapassado, mas infelizmente não é. Muitas são as expressões da escravidão hoje: turismo sexual, onde o Brasil ocupa uma vergonhosa notoriedade; escravidão doméstica de adolescentes, trabalhos clandestinos e irregulares, trabalhos desumanos, como exploração de crianças, trabalho escravo de fazendas no interior do Brasil, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste¹⁴¹.

A Lei Áurea foi promulgada no Brasil em 1888, mas os sistemas análogos à escravidão¹⁴² continuam sendo da atualidade, colocando em risco o projeto de Jesus, Mestre e Salvador, que veio para libertar os cativos (Lc 4,18).

A devolução das propriedades (Lv 25, 13-15.23): Biblicamente, por ocasião do Jubileu, a terra deveria ser devolvida aos seus primeiros ocupantes. Percebe-se, ainda, a carência na demarcação das terras indígenas e da reforma agrária. Já em 1997, a Pontifícia Comissão Justiça e Paz chama a atenção ao fato de que, um pequeno número de proprietários possui a maior parte da superfície cultivável, e uma grande multidão de pequenos proprietários, uma menor parte e de qualidade inferior. Muitos foram os mártires que deram a vida na luta pela terra e pela vida do

¹⁴⁰ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 16-17, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹⁴¹ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 18-19, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹⁴² O Código Penal (artigo 149) define como trabalho análogo à escravidão aquele que é "caracterizado pela submissão de alguém a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou seu preposto". Um total de 3.190 trabalhadores foi resgatado de condições análogas à escravidão no Brasil em 2023, divulgou o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Segundo o órgão, o número de resgates é o maior dos últimos 14 anos (G1. **Número de trabalhadores resgatados de condições análogas à escravidão é o maior dos últimos 14 anos, diz governo**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2024/01/10/numero-de-trabalhadores-resgatados-de-condicoes-analogas-a-escravidao-e-o-maior-dos-ultimos-14-anos-diz-governo.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2024).

povo pobre. A distribuição justa da terra é fundamental para que, no Brasil e no mundo, cresça o compromisso com a justiça, a paz e a fraternidade¹⁴³.

d) Chamados a ser testemunhas do amor

A Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (NMI), do Papa João Paulo II¹⁴⁴, chama a atenção para os desafios atuais, como o desequilíbrio ecológico, as guerras, a violação dos direitos fundamentais de tantas pessoas, especialmente as crianças; um especial empenho na obrigação de respeitar o direito pela vida, desde a sua concepção até o seu fim natural.

Dentre os grandes desafios do novo milênio, um campo vasto é o desafio da comunhão. O mandamento novo do Senhor, de amar uns aos outros (Jo 13,34), deve servir de inspiração. A comunhão é fruto e expressão do amor que brota do coração do Pai e se derrama em nós através do Espírito que Jesus nos dá (Rm 5,5). Vivendo essa comunhão de amor, a Igreja manifesta-se como ‘sacramento’ e instrumento da íntima união com Deus, e da unidade de todo o gênero humano:

espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como « um que faz parte de mim », para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um « dom para mim », como o é para o irmão que directamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber « criar espaço » para o irmão, levando « os fardos uns dos outros » (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não

¹⁴³ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 19-20, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹⁴⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Papa, 1920-2005. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte du Pape Jean-Paul II à l'épiscopat au clergé et aux fidèles au terme du grand Jubilé de l'an 2000**, 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 30 jul. 2024, n. 51. Papa João Paulo II trabalhou sobre os temas dos direitos do homem e da liberdade religiosa. É largamente reconhecido o contributo relevante da sua ação para as vicissitudes que determinaram a queda do muro de Berlim em 1989 e o sucessivo colapso dos regimes filo-soviéticos. Foi assídua a sua atividade a favor da paz, que se entrelaça com a busca do diálogo com as grandes religiões — em particular com o judaísmo e com o islão — e com o novo impulso impresso no caminho ecumênico. Entre os números de um pontificado bastante longo, podem ser mencionadas também as frequentes cerimónias de beatificação e canonização, durante as quais foram proclamados 1.338 beatos e 482 santos. Sabia falar vários idiomas e visitou 129 países durante seu pontificado, trazendo sempre a mensagem de paz (cf. PERFIL biográfico de João Paulo II (1920-2005). **L'Osservatore Romano**, n. 18, 3 maio 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html. Acesso em: 28 jul. 2024).

haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão (NMI, n. 43)¹⁴⁵.

Para avançar neste campo que tem diante de si, a Igreja precisará de muitas coisas, mas tudo seria inútil se faltasse a caridade, como lembra o apóstolo Paulo. Ainda que falássemos a língua dos anjos e tivéssemos uma fé capaz de mover montanhas, mas se não tivermos a caridade, de nada serviria (cf. 1Cor 13,2). Esse testemunho de comunhão deve resplandecer em toda a Igreja, nas relações entre pastores e povo de Deus; inspirar uma recíproca e eficaz escuta entre pastores e fiéis, para confluir em decisões ponderadas e compartilhadas.

Tomar consciência dos desafios é, também, oportunidade de reconhecer a primazia da graça. A Graça superabundante da Redenção, que traz um sentido novo ao Jubileu, e favorece a percepção de diferenças e semelhanças entre o Jubileu dos judeus e o Ano Santo cristão.

O Jubileu dos judeus compreendia várias medidas de caráter social; para o Ano Santo dos cristãos, essas medidas tinham valor espiritual e simbólico. O horizonte dos judeus para a celebração do Jubileu era a Aliança com Javé, no Sinai. O Ano Santo para os cristãos tem como referência a Nova Aliança realizada em Jesus, a partir do horizonte da Redenção da humanidade, que livre do pecado, vive na graça de Deus. Daí o privilégio espiritual cristão sobre o sentido material dado pelo Antigo Israel. Assim, no cristianismo, o descanso da terra passa a ser a consagração do trabalho e do repouso a Deus; a libertação dos escravos passa a ser vista como a libertação da escravidão do pecado; o perdão das dívidas como o perdão das penas temporais; e a devolução da propriedade, como a devolução do ser humano a Deus¹⁴⁶. Tudo isso foi concedido pela Redenção realizada em Jesus. Não seria este o conteúdo do Ano da Graça anunciado por Jesus, na sinagoga de Nazaré?

3.3 JESUS, O ESPÍRITO E O PAI: O FILHO

A experiência vivida entre Deus e Israel, levou este último a chamar a Deus de pai, como forma de demonstrar respeito e obediência, e, também, como forma de significar que a relação

¹⁴⁵ JOÃO PAULO II, Papa, 1920-2005. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte du Pape Jean-Paul II à l'épiscopat au clergé et aux fidèles au terme du grand Jubilé de l'an 2000**, 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 30 jul. 2024, n. 43.

¹⁴⁶ Cf. MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 11, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

entre Deus e Israel assemelha-se à relação de um pai para com seus filhos: “Senhor, tu és nosso pai, nós somos a argila e tu o oleiro, somos todos obras de tuas mãos” (Is 64,7). Mas a imagem de Pai não é central em Israel. É uma expressão que se usava ao lado das outras como pastor, esposo, libertador. Jesus, porém, faz uma experiência diferente.

3.3.1 Este é meu Filho, o Eleito (Lc 9,35)

No Antigo Testamento a expressão “filho de Deus” é aplicada a seres celestes (Gn 6,2; Sl 29,1; Jó 1,6). “O título é atribuído frequentemente a Jesus no Novo Testamento (31 vezes nos evangelhos sinóticos, 42 vezes nas cartas, 23 vezes em Jo, onde o título é mais frequente, 3 vezes nos At, e uma vez no Ap)¹⁴⁷. O título aparece muitas vezes no Novo Testamento, mas possivelmente não tem sempre o mesmo significado. O conceito “filho de Deus” teve uma evolução. McKenzie escreve:

o uso mais solene do título está na cena do batismo (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22; cf. Jo 1,34), e na transfiguração (Mt 17,5; Mc 9,7; Lc 9,35; cf. 2Pd 1,17). Aqui o título vem do Pai que autentica o Filho como seu enviado. A frase repercute a passagem do Servo de Is 42,1; o servo de Deus se revela como seu Filho. No batismo, o Espírito desce sobre o Filho (Is 11,2; 61,1). Essa declaração do Pai eleva evidentemente a filiação de Jesus acima do uso veterotestamentário da frase. É totalmente improvável que a frase seja derivada da aplicação do Sl 2,7 a Jesus, como o é em At 13,33; Hb 1,5; 5,5; a aplicação provém, ao invés do uso corrente do título. Igualmente deve-se dizer da aplicação de Os 11,1 em Mt 2,15¹⁴⁸.

Quando questionado pelo sumo sacerdote, Jesus atribui a si mesmo o título, significando uma filiação única e sobrenatural. Nos sinóticos, Jesus personifica a filiação de Israel; é o enviado pelo Pai, que possui o Espírito, manifesta o Pai e goza de uma intimidade peculiar com Ele. Porém, a ideia de preexistência do Filho não é explícita nos sinóticos, mas nas cartas, o que supõe a ideia da divindade de Jesus desde cedo no cristianismo. Em João, o mundo é salvo mediante o amor que o Pai tem pelo Filho, fazendo dele instrumento de salvação e de vida eterna

¹⁴⁷ FILHO DE DEUS. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 350.

¹⁴⁸ FILHO DE DEUS. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 350.

para os homens (Jo 3,16-18; 1Jo 4,9-13). A filiação de Jesus possibilita a adoção filiativa dos cristãos¹⁴⁹.

Veremos, agora, de forma sintetizada, alguns elementos fundamentais no processo de explicitação da divindade de Jesus. Foi um caminho percorrido pelos cristãos e pela Igreja dos primeiros séculos, mas que permanece vivo e atual, na fé professada dos cristãos de hoje.

a) Breve histórico do Concílio de Niceia (325)

Apresentamos, segundo Sesbouïé, um breve histórico do Concílio de Niceia¹⁵⁰.

1. Do contexto político-religioso: Com a conversão á fé cristã do imperador Constantino (313 d.C.), aconteceu uma radical mudança na atitude de estado com relação a Igreja. Esta deixa de ser perseguida, e o cristianismo torna-se a religião oficial do império. As consequências dessa mudança se farão sentir sem tardar. Os bispos, de homens ameaçados, tornam-se personagens importantes, com uma grande influência em sua região. Deu-se grande abertura aos debates teológicos, nasce a idade dos concílios ecumênicos, o que antes era impensável. Foi um momento de grande importância para a reflexão doutrinal. O olhar da fé se volta para o mistério trinitário. Questões cada vez mais especulativas levam à convicção de que “da natureza de Deus, da natureza de seu Filho tornado Cristo, da natureza do Espírito dado por Jesus, depende a realidade mesma da salvação trazida aos homens. A motivação soteriológica resta primordial na elaboração dos dogmas trinitário e cristológico”¹⁵¹.

Nesse momento estava em questão a divindade do Filho e do Espírito, e também o conflito entre a afirmação trinitária e o monoteísmo:

¹⁴⁹ Cf. REINO DE DEUS. In: MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 350-351.

¹⁵⁰ Cf. SESBOUÏÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 235-261. Tradução nossa. Sesbouïé foi membro da Comissão Teológica Internacional de 1981 a 1986, do Groupe des Dombes e foi consultor do Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Em 2011 recebeu o prêmio “Cardeal Grente” da Academia Francesa por todas as suas obras, que são realmente muitas a partir de 1975; são quase quarenta obras e tocam nas questões mais importantes da teologia dogmática, patrística e ecumênica. Foi um dos grandes teólogos “conciliares”, considerado pelo próprio Congar uma das vozes teológicas mais eloquentes (cf. CIBERTEOLOGIA. **Em memória de Bernard Sesbouïé... Teólogo e sacerdote jesuíta Bernard Sesbouïé faleceu aos 92 anos**. 2021. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/conteudo/notas/em-memoria-de-bernard-sesboue-teologo-e-sacerdote-jesuista-bernard-sesboue-faleceu-aos-92-anos/50>. Acesso em: 17 jul. 2024).

¹⁵¹ SESBOUÏÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 236.

A questão da divindade do Filho ocupará quase todo o IV século. Ela é colocada primeiro por Ario e provoca a primeira reunião do Concílio Ecumênico em Niceia em 325. Mas este evento constitui apenas o primeiro tempo da crise. Os debates redobram após a celebração do concílio, muito tempo contestado. A situação das Igrejas do Oriente, divididas segundo as múltiplas rupturas, torna-se muito confusa. É então que intervém em particular Atanásio de Alexandria, no Oriente, e Hilário de Poitiers no Ocidente¹⁵².

Era o momento em que questões importantes da fé cristã eram submetidas à reflexão, buscando uma maneira de compreender a origem do Filho. Existia uma ambiguidade real nos espíritos à procura de compreensão. Talvez seja a razão pela qual a crise ariana tenha durado.

O pensamento de Ario era habitado por duas convicções: 1) Deus é um ser não-gerado e eterno. Todas as filosofias reconheciam isso. Ora, o Verbo foi gerado. O que faz Deus ser eterno é o fato de não ser gerado. Se Jesus é gerado não pode ser eterno, logo, teve um começo, não existia antes de ser gerado, ou seja, “Deus era Deus antes de ser Pai”¹⁵³. Isso não significa que o Filho foi gerado no tempo; ele foi gerado antes de todos os tempos pela vontade e não pela substância de Deus. “O Filho nos é tão superior que merece bem ser chamado Deus por nós; mas na realidade, é um Deus “feito”; em vista do Deus único, não-gerado e Pai, é uma criatura”¹⁵⁴. 2) Tudo que Jesus viveu referente aos limites da pessoa humana e, sobretudo, a morte na cruz, um verdadeiro Deus não suportaria. Logo, Jesus é um Deus inferior. E ainda, Jesus foi santificado, glorificado e ressuscitado pelo Pai, não fez nada por seu próprio poder. O Filho mesmo se declara inferior: “O Pai é maior que eu” (Jo 14,28). Enfim, para Ario existe um só e único Deus: O Filho e o Espírito são suas primeiras criaturas”¹⁵⁵.

2. Dos participantes e conteúdo: O Concílio de Niceia foi convocado pelo imperador Constantino, que julgava perigoso a discórdia no interior da Igreja de Deus. Conta com a participação de 250 a 300 bispos, sendo a grande maioria do Oriente. A principal questão a ser tratada era o arianismo, mas tinham, também, a data da Páscoa, vários pontos disciplinares sobre o clero e a Igreja. Ário estava presente.

¹⁵² SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 236.

¹⁵³ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 240.

¹⁵⁴ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 240.

¹⁵⁵ Cf. SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 242-243.

Os arianos propuseram uma fórmula de fé que foi rejeitada. Eusébio de Cesaréia propôs o Símbolo de sua Igreja, que foi adotado. Notemos que o Concílio de Niceia não elaborou um Símbolo próprio de fé, mas adotou o da Igreja de Cesaréia e fez algumas adições:

nós cremos em um só Deus [...]
e em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, único gerado,
quer dizer da substância do Pai (*tout'estin ek tès ousias tou Patros*)
Deus de Deus, luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus
gerado, não criado, (*gennèthenta ou poièthenta*)
consustancial ao Pai (*homousion tô Patri*),
por quem tudo foi feito, o que existe no céu e o que existe sobre a terra, [...]
e no Espírito Santo (DzS 125)¹⁵⁶.

3. Das adições: Retomemos alguns pontos:

- Quer dizer, da substância do Pai: “Quer dizer” é uma expressão usada para explicar o que já foi dito antes; não se trata de uma afirmação nova, mas de uma explicação, uma interpretação. Já era professado que o Filho é gerado pelo Pai. Se o Filho é gerado pelo Pai, possui a mesma substância daquele que o gerou. Em Deus, trata-se de uma geração espiritual, sem separação de substância:

para compreender, em verdade, duas experiências de geração devem estar combinadas, a partir das palavras de Filho e de Verbo. O Termo de Filho coloca a partir da substância paterna um outro subsistente da mesma substância. O termo de Verbo envia à geração do verbo mental: nosso espírito gera por sua atividade um termo semelhante a ele, imanente e sem separação¹⁵⁷.

Corrigindo as duas representações, que são complementares, é possível ter uma ideia suficientemente correta da geração divina.

- Gerado não criado: No curso do III século, a ideia geral do conceito de produção apresentava dois sentidos: produção pela geração e produção pela criação. A discussão era em qual desses dois sentidos a origem do Filho se situava. Ário, por sua vez, colocou o Filho do lado da criação; o Concílio define o contrário e coloca a origem do Filho como uma geração. De fato, um ser fabricado pelo homem ou criado por Deus, é um ser diferente daquele que o criou, enquanto um ser gerado possui a mesma substância daquele que o gerou.

¹⁵⁶ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 245.

¹⁵⁷ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 246.

- Consubstancial ao Pai: O termo “consubstancial” é o termo chave do Concílio, ou seja, existe uma consubstancialidade entre o que gerou e o gerado; existe uma identidade de substância entre um e outro, pertencem ao mesmo nível de ser. Enfim, o Filho é Deus como o Pai. “Diretamente o concílio quer definir a identidade específica do Pai e do Filho contra aqueles que sustentam que ele é de uma substância inferior e não semelhante”¹⁵⁸.

A palavra consubstancial traz em si a dificuldade de sua interpretação. Quando usado a Niceia, não se tinha ainda clareza de seu significado, o que contribuiu para a crise. Mas não seria uma exigência da situação o uso de palavras prematuras?

4. Uma nova linguagem para a Igreja:

Em Niceia, nasce uma linguagem dogmática da Igreja. Até então, as palavras usadas nos textos oficiais vinham das Escrituras, e não da filosofia grega, como aconteceu em Niceia, o que causou uma das maiores crises da Igreja. Ora, para se fazer compreender pela inteligência humana, a palavra de Deus sempre se fez palavra humana, e o dogma é um ato de interpretação da palavra de Deus que se encontra nas Escrituras. A palavra “consubstancial” é como um embrião de todo discurso dogmático decorrente da crise, pois “do termo isolado se passará à fórmula construída; da fórmula se passará aos textos de definições construídas (como em Calcedônia), e mais tarde aos capítulos”¹⁵⁹.

O que faz a Igreja em Niceia é oficializar a fé já professada, de que Jesus é Deus, pertence à esfera divina. Em que bases a Igreja se apoia para tal afirmação? Quais são os elementos que, depois de séculos de reflexão, são fundamentais para compreender quem é Jesus?

b) Elementos no processo de sistematização da fé.

Apresentamos, a seguir, alguns elementos¹⁶⁰ da reflexão teológica que corroboraram no processo de explicitação da fé na divindade de Jesus, ao longo dos primeiros séculos da vida cristã.

b.1 Seguindo a lógica da fé

¹⁵⁸ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 247.

¹⁵⁹ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016, p. 249-250.

¹⁶⁰ Cf. SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 39-52.

Depois da ressurreição, os cristãos começaram a se perguntar quem é aquela pessoa que depois de ter vivido intensa e intimamente sua relação com o *Abba*, Pai, morreu de forma drástica, mas foi ressuscitado por Deus.

Duas foram as formas fundamentais nesse processo: a interpretação dos acontecimentos de sua vida, e o registro de diversos títulos de dignidade relacionados com tais acontecimentos. Todo esse processo de fé levou à confirmação de Jesus como Filho de Deus, tornando essa profissão de fé caráter distintivo do cristão:

ao afirmar a realidade de Jesus como filiação divina procurou-se evidenciar a absoluta e irrepetível relação de Jesus com Deus e, inversamente, a absoluta e irrepetível manifestação de Deus em Jesus. Esta relação foi sendo concebida de maneira tão profunda que, séculos depois e na linguagem do mundo grego, se chegou a confirmar que Cristo é consubstancial ao Pai, da mesma natureza do Pai, ou seja, uma realidade divina¹⁶¹.

O desenvolvimento dessa fé passou por um processo de sistematização.

O título “filho de Deus”, na época de Jesus, era apenas uma realidade funcional na pessoa eleita. É improvável que Jesus aplicasse a si mesmo esse título, que de maneira geral designava o rei ou o próprio povo. Porém, Jesus mostrou ter consciência de que a chegada do Reino estava ligada à sua pessoa e, também, era consciente de que sua relação com o Pai era especial, diferente dos demais.

Essa relação do “filho” com o Pai tornou-se objeto de reflexão. Essa reflexão sobre a filiação não começou de forma abstrata, mas apoiada na vida, morte e ressurreição de Jesus. O primeiro acontecimento privilegiado desse processo foi a ressurreição. Em seguida, tomou-se também como objeto de reflexão o Batismo, a transfiguração, a concepção pelo Espírito:

seria anacronismo ver nestas reflexões de fé a heresia adocionista do século XI. É preciso considerá-las antes como incipientes reflexões sobre a peculiar relação de Jesus com o Pai, nas quais se sublinha um duplo interesse: (1) o interesse *histórico* de relacionar a filiação com a vida e destino de Jesus; (2) e o interesse *salvífico* de relacionar filiação com a salvação dos homens¹⁶².

Em Jo 10,30 a unidade entre Pai e o Filho é afirmada. Essa unidade se exprime no conhecimento mútuo (Jo 15,15), e na ação comum (Jo 5,17-20). Uma forte expressão da

¹⁶¹ SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 39.

¹⁶² SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 40-41.

participação de Jesus na vida do Pai é sua obediência e submissão à vontade do Pai. Essa obediência é a manifestação histórica de sua filiação divina. Nessa obediência de Jesus, Deus se encontra essencialmente presente.

Paulo, na Carta aos Colossenses afirma que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9); a Carta aos Hebreus diz que Cristo é “esplendor da glória de Deus e imagem de sua essência (Hb 1,3); os escritos joaninos também afirmam a divindade de Jesus (cf. Jo 1,1; 10,30;20,28; 1Jo 5,20). Sobrino escreve:

portanto, o Novo Testamento afirma a divindade de Cristo. O que nos interessa sublinhar é que: (1) esta afirmação não consiste na aplicação direta e não mediata da divindade de Cristo, mas em confessar sua divindade seguindo a lógica da fé e através de mediações: a história de Jesus, o caráter salvífico de sua missão e sua pessoa, sua relação histórica com o Pai, sua ressurreição; (2) na confissão da divindade de Cristo afirma-se também a nova e escandalosa compreensão da divindade, a nova e escandalosa aparição do ser Deus de Deus¹⁶³.

De fato, o arianismo colocava o Cristo como a primeira e mais excelsa das criaturas. O Concílio de Nicéia combate o arianismo confirmando que Cristo é “consustancial” ao Pai, ou seja, é “gerado” e não “criado”, logo, pertence à divindade.

Para compreender o que a Igreja queria dizer com essa afirmação da divindade de Cristo, é preciso compreender o contexto. Na verdade o que o Concílio faz é proclamar de maneira solene e oficial a fé já existente, professada pelos cristãos dos primeiros séculos, e presente no novo Testamento. A essência da fé permanece; o que a fórmula conciliar faz é explicar que o Filho é divino porque tem a mesma natureza do Pai, e quem encontra o Filho encontra o Pai.

A fórmula conciliar não deve ser entendida primariamente como uma especulação da realidade de Cristo, mas sim, soteriologicamente. A antiga Igreja entendia redenção como divinização, por isso Atanásio insiste que Cristo é verdadeiramente Deus, pois se Cristo não for verdadeiramente Deus não há salvação nem divinização para o ser humano¹⁶⁴.

A mensagem central do anúncio de Jesus é a proximidade do Reino de Deus, e esta proximidade é amor e graça, e não juízo. Jesus anuncia de forma incontestável, a salvação como a última vontade de Deus. A mensagem de Jesus não é mais uma entre as outras, mas uma mensagem acompanhada de sua intrínseca credibilidade. Mesmo com a aparente não vinda do Reino, Jesus continua anunciando com uma imutável confiança, a tal ponto que nem sua paixão e

¹⁶³ SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 42.

¹⁶⁴ Cf. SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 44.

morte o faz desistir. O que Jesus diz com isso, é que nem a morte pode ser obstáculo para a vinda do Reino. Em Jesus, Deus dá ao homem uma resposta definitiva sobre a salvação. A história de Jesus é a expressão de Deus que faz triunfar seu amor sobre a pecaminosidade do homem. Assim, a pessoa de Jesus aparece como a palavra definitiva de Deus na história, sobre a salvação dos homens.

b.2 A peculiaridade da relação de Jesus com o Pai

Jesus tinha uma relação peculiar com o Pai¹⁶⁵. A expressão “filho de Deus”, em Israel, pode ser compreendida como a coletividade, ou seja, Israel se vê coletivamente como o primogênito filho de Deus (Sl 2,7). Também, o Ungido de Deus pelo Espírito, seria denominado “Filho de Deus”. Quando, pelo batismo, Jesus é declarado “Filho de Deus”, entende-se essa filiação messiânica, não uma igualdade essencial com Deus. Isso não significa, para os evangelistas Mateus e Lucas, que Jesus não é pleno do Espírito desde o nascimento. O fato de receber o Espírito no batismo não quer dizer que o mesmo Espírito não tenha atuado nele desde o início. A filiação divina de Jesus é determinada de forma pneumática. “A ruah Jahwe / Espírito de Deus cria aquela relação recíproca na qual Jesus chama a Deus de *Abba*, e se compreende a si como “filho” desse Pai”¹⁶⁶.

O termo aramaico *Abba* exprime uma aproximação acolhedora e íntima; é um termo usado por uma criança que se dirige à sua mãe ou seu pai, ou seja, a pessoa de referência primitiva. Com esse termo a criança exprime uma confiança total. A expressão / oração *Abba* é o fator especial da relação de Jesus com Deus. Quando Jesus usa o termo *Abba* não está se referindo à masculinidade de Deus, mas sua proximidade. Para Moltmann:

quando Jesus se dirige a Deus com *abba*, consequentemente a tônica não está na masculinidade de um Deus pai e nem na majestade de um Deus Senhor, mas na inaudita proximidade, na qual experimenta o mistério divino. Deus lhe está tão próximo em termos de espaço quanto o reino de Deus se “aproximou” por meio dele em termos de tempo. O reino está tão próximo que se pode dizer *abba* para Deus, e se é possível dizer *abba* a Deus, então seu reino já está aí. Jesus demonstra essa proximidade de Deus por meio de “comiseração” e “misericórdia” para os pobres e sofredores, e demonstra desse modo assim chamados atributos “femininos” de Deus (Is 49,15;66,13)¹⁶⁷.

¹⁶⁵ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 196-201.

¹⁶⁶ MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 197.

¹⁶⁷ MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 197.

A experiência de Jesus em sua relação com o Deus *Abba*, faz com que ele se sinta “filho” de Deus; “filho” não com ênfase na masculinidade, mas na filialidade. O *abba* e o filho Jesus se descobrem mutuamente: na relação com Jesus Deus se torna o *abba*, e ele, Jesus, se torna o “filho”. Em Jo 14, 10-11 Jesus diz que está no Pai e o Pai está nele mostrando a reciprocidade de uma inabitação mútua. Moltmann (1992) escreve:

a condição de Deus como Abba e a de Cristo como filho são como que papéis em sua correlação com os quais ambos vão se identificando juntamente em sua história desde o Batismo até a morte na cruz. Se essa relação é constitutiva para ambas as pessoas e precede sua história conjunta, então não é errado considera-los, na linguagem de uma dogmática posterior, *preexistentes*¹⁶⁸.

A auto compreensão que Jesus tinha de Deus foi marcada por essa relação com o *abba*, com consequências nítidas em seu comportamento, chegando a abandonar os seus para ‘cair nos braços do povo’ (cf. Mc 3,31-35). Tanto os fariseus quanto a família de Jesus chegam a dizer que “está louco” (Mc 3,21). Sua relação íntima com *Abba* o levou a um desligamento formal com sua família, mesmo com a mãe, da qual ele teria a pertença ao povo judeu. Uma transgressão consciente do 5º mandamento? Provavelmente foi essa a impressão deixada no povo judeu e, talvez, em sua própria família.

Jesus coloca no lugar dos laços familiares uma nova comunhão com aqueles que fazem a vontade do “meu Pai do céu” (Mt 12,50). Essa nova comunhão inclui irmãos e irmãs, e também mães, mas não pais. “Esse fato, porém, significa nada menos do que: “Domínio patriarcal não tem mais lugar na nova família, mas tão-somente maternidade, fraternidade e filialidade perante Deus, o Pai”. Por que não? “A ninguém na terra chameis pai, pois um só é vosso Pai, o celeste” (Mt 23,9)¹⁶⁹.

A comunhão messiânica é de tal modo preenchida pela proximidade do *abba*, que a função dos pais terrenos desaparece. De fato, a sociedade patriarcal que é a de Jesus, encontra-se em oposição com a comunhão messiânica que Jesus forma ao redor de si. Notemos que a proposta de Jesus é contraditória à sociedade patriarcal, mas não às mães, aos irmãos e aos pais enquanto pessoas. Estes últimos, que fazem a vontade do Pai, são igualmente membros dessa

¹⁶⁸ MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 198.

¹⁶⁹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 199.

nova comunhão messiânica. A própria família de Jesus, posteriormente, se encontra reunida na comunidade, não como mãe e irmãos, mas como crentes (At 1,14)¹⁷⁰.

A relação de Jesus com o *Abba* o direciona para um futuro desconhecido, o Reino de Deus. A oração de Jesus torna-se a oração da comunidade cristã, pois o crente se dirige ao *Abba*, Pai querido, com Jesus. Assim, os discípulos de Jesus se compreendem como filhos de Deus, vivendo na liberdade do Espírito.

Segundo Moltmann (1992), essa proximidade do *Abba* ganha uma certa distância física quando, por exemplo, Mateus na oração do Pai Nosso acrescenta a expressão “no céu”. Com o passar do tempo a expressão *Abba* foi desaparecendo dos cultos cristãos, e uma possibilidade para que isso tenha acontecido pode ter sido o adiamento da parusia. Para Jesus, proximidade paterna de Deus e proximidade do Reino estão juntas. Com o adiamento da parusia nas comunidades primitivas, criou-se uma distância física com relação a Deus, e uma distância temporal, com relação ao Reino¹⁷¹. Logo, voltar continuamente à experiência filial de Jesus com a esperança no Reino vindouro, é um exercício teológico, espiritual e pastoral importante para a Igreja cristã.

b.3 ‘Meu Pai e vosso Pai’: um Deus Bom para todos

Jesus não foi uma pessoa dispersa, mas um homem profundamente unificado em torno de sua experiência de Deus, Pai de todos¹⁷². O *Abba* estava no centro de sua vida. Jesus não fala de sua experiência pessoal com Deus, mas pode-se perceber através de seu comportamento e atitudes, o nível de profundidade dessa relação. O Batismo é lugar de uma experiência decisiva e marcante na vida de Jesus; vai sentir-se como filho muito querido, muito amado, cheio do Espírito de Deus. Aqui, Jesus descobre: Deus é seu Pai. O que Jesus vive é diferente da experiência feita por Moisés na sarsa ardente. Pagola escreve:

Deus não diz a Jesus: “Eu sou aquele que sou”, mas “Tu és meu filho”. Não se mostra como mistério inefável, mas como um Pai próximo que dialoga com Jesus para descobrir-lhe seu mistério de Filho. “Tu és meu, és meu filho. Teu ser inteiro está brotando de mim. Eu sou teu Pai”. O relato sublinha o caráter íntimo e prazeroso dessa revelação. Assim a ouve Jesus em seu interior: “És meu filho querido, em ti me agrado”. Amo-te profundamente. Enche-me de alegria que sejas meu Filho. Sinto-me feliz. Jesus

¹⁷⁰ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 199-200.

¹⁷¹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**, 1992, p. 200-201.

¹⁷² Cf. PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 363-391.

responderá com uma só palavra: *Abba*. Doravante não o chamará com outro nome ao comunicar-se com ele. Esta palavra diz tudo: sua confiança total em Deus e sua disponibilidade incondicional¹⁷³.

Ao mesmo tempo que vive essa intimidade com o Pai, Jesus faz o movimento de ir ao encontro dos demais, para anunciar que Deus é Pai, não somente seu Pai, mas Pai de todos; que Deus é bom, que Deus ama, não somente a si, mas a todos.

Tudo em Jesus é busca da vontade de Deus. Não confunde Deus Pai com os pais patriarcais da Galileia, mas capta de Deus o mistério insondável de sua bondade. Deus é bom para com todos, “faz nascer o sol sobre bons e maus, manda a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Na tradição de Israel, a bondade e a ternura de Deus estavam presentes, mas somente para os bons, somente para aqueles que o temem. Jesus, ao contrário, fala de um Pai bom, que não é autoritário nem controlador, preocupado com sua honra, mas ama, respeita e se interessa por cada um dos filhos. Jesus dizia isso de todas as formas para os desgraçados da vida, que dependiam da bondade de Deus.

Jesus crê no mesmo Deus que seu povo; não discute nem propõe uma doutrina nova. É a experiência de um Deus próximo e pleno de amor que ele associa à vida das pessoas, e não faz ligação disso com o sistema religioso do seu tempo. Conhecendo e analisando a história de Deus com Israel, Jesus vai intuindo ao longo de sua vida, um Deus libertador e próximo, que se interessa pela felicidade de seus filhos e filhas, e age como defensor daqueles que são frágeis, vítimas. Pode-se perceber que Jesus é mais comovido pela bondade, a misericórdia e o perdão de Deus, que por seu juízo.

b.4 A identidade de Jesus nos evangelhos.

À luz da ressurreição de Jesus, seus discípulos fazem a releitura de sua vida, a fim de descobrirem sua identidade¹⁷⁴. Lembram de Jesus, não como alguém que ficou no passado, mas cujo espírito atua no hoje de seus seguidores. Os relatos recolhidos nos evangelhos não têm o objetivo de esboçar seu retrato histórico ou psicológico, mas revelar a presença salvadora de Deus, que já agia em Jesus, antes de sua morte.

¹⁷³ PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 372.

¹⁷⁴ Cf. PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 527-561.

A história de Jesus é narrada pelos evangelistas como “o acontecimento central da história do mundo”¹⁷⁵. Assim, situamos na história humana, fatos de antes e depois dele. Mas foi nele, Jesus, que se nos deu a conhecer o rosto do Deus encarnado.

O evangelho de Marcos apresenta muitas interrogações sobre Jesus, e um grupo de discípulos que não consegue entendê-lo. Quando Pedro reconheceu em Jesus o Messias, está pensando no messias glorioso esperado por todo o Israel. Jesus ensina que não é o messias poderoso que esperam, mas aquele que veio para servir e dar a vida em resgate de muitos (Mc 10,45).

Desde o início do evangelho Jesus é revelado como Filho de Deus: no seu batismo (Mc 1,11); na transfiguração (Mc 9,7). mas para compreender e crer em Jesus, Marcos convida o leitor a colocar-se nos lugares onde Deus pode revelar seu Filho: diante de Jesus crucificado e diante do sepulcro vazio. Contemplar os gestos de Jesus para perceber neles a ação do Espírito, que cura, transforma e enche de vida as pessoas.

O evangelho de Mateus apresenta a vida de Jesus cumprindo as profecias de Israel. Para Mateus, Jesus é o verdadeiro Messias e não há necessidade de esperar outro. A Jesus cabe os títulos do messias esperado: Filho de Davi, Messias, Filho do homem.

Depois da queda de Jerusalém, no ano 70 d.C., há um esforço dos fariseus para restaurar o judaísmo em torno de Moisés. Mateus o apresenta como o novo Moisés, “portador da lei nova e definitiva de Deus”¹⁷⁶. Os cinco discursos de Mateus constituem os cinco pilares da nova Lei, autenticada por Deus; e o sinal dessa autenticação é a ressurreição de Jesus. Segundo Pagola:

o essencial dessa Lei pode ser resumido em três formulações. 1) A chamada “regra de ouro”: “Tudo que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles, porque esta é a Lei e os Profetas. 2) O duplo mandamento do amor”: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. 3) O mais importante da Lei: “A justiça, a misericórdia e a fé”¹⁷⁷.

¹⁷⁵ PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 530.

¹⁷⁶ PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 534.

¹⁷⁷ PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 535.

Para Mateus, Jesus é mais que Davi, mais que Salomão (Mt 12,42), mais que os profetas (Mt 12,41), ele é o Filho de Deus, que conhece o Pai como ninguém e é conhecido por Ele. Com a destruição do templo, Jesus ocupa seu lugar. Nas palavras de Jesus pode-se ouvir a Palavra de Deus; nos gestos de Jesus, o amor salvador de Deus. Jesus é a nova presença de Deus no mundo, e essa presença estará “conosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28,20).

O evangelho de Lucas apresenta Jesus como o Messias e Senhor, mas, sobretudo, como Salvador. Lê-se em Lc 2,11: “Nasceu para vós, hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é o Messias, o Senhor”. Lucas apresenta Jesus como a salvação de Deus para o mundo. Esta salvação traz alegria, por isso em seu evangelho, antes mesmo de nascer, Jesus traz alegria a João Batista (Lc 1,44). Outra característica do evangelho de Lucas é o destaque dado ao “hoje da salvação”. Deus age no hoje da vida humana.

Em Jesus ressuscitado, a salvação nos é oferecida sempre. Essa salvação é fruto da misericórdia de Deus, e se manifesta em Jesus, através do perdão, das curas, da sua compaixão para com os que sofrem, de maneira nova e singular, com as mulheres. Um traço marcante e o fio condutor de Lucas é a presença do Espírito Santo em Jesus. O Espírito que desce sobre Jesus no batismo, já atuava nele desde a concepção. É pelo poder do Espírito que Jesus anuncia a Boa Nova, acompanhada de sinais. Lucas, assim resume a vida de Jesus: “Ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder, passou fazendo o bem, e curando todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com ele” (At 10,38).

À luz da ressurreição, o evangelho de João ilumina a vida de Jesus através da recordação que fazem de como Jesus viveu e agiu. Essa “lembrança” não se deve somente ao esforço dos discípulos e da comunidade cristã primitiva, mas à atuação do Espírito do ressuscitado agindo no meio deles. O Espírito é aquele que vai recordar tudo o que Jesus disse (Jo 14,26). A história que vai ser contada no evangelho é a Palavra de Deus feita carne na pessoa de Jesus. Não se trata de mais um profeta, mas de Deus falando a partir da vida frágil de um homem; Deus que se fez carne e armou sua tenda entre nós (Jo 1,14). Jesus como enviado do Pai, é seu representante no mundo. Para Pagola:

como enviado do Pai, Jesus o torna presente no mundo, o “representa”. Não pronuncia suas próprias palavras, mas as palavras que ouve do Pai¹⁷⁸; não realiza suas próprias

¹⁷⁸ João 14,10; 17,8.14.

obras, mas as de seu Pai¹⁷⁹; não cumpre sua própria vontade, mas a do Pai¹⁸⁰. Jesus não é senão a “voz” e a “mão” do Pai. Nas palavras de Jesus nos está falando o Pai; em suas ações o Pai nos está estendendo a sua mão. Este presente que Deus dá ao mundo enviando seu Filho é motivado apenas pelo amor¹⁸¹.

Jesus é o grande revelador do Pai; é ele que participa da glória do Pai e a manifesta através de sinais (milagres). Transmite aos discípulos tudo que ouviu do Pai, e dá-lhes o mandamento do amor. A partir desse momento os discípulos não são mais servos, mas amigos.

Jesus se revela como pão da vida, luz do mundo, porta de salvação, bom pastor, ressurreição e vida, caminho, verdade e vida, videira verdadeira. Jesus torna-se o referencial, o protótipo humano, porque é “o Unigênito do Pai (Jo 1,18).

Desde muito cedo e praticamente em todas as comunidades, Jesus começou a ser chamado “Filho de Deus”. Esse título estava arraigado na lembrança que tinham de Jesus: um homem que viveu numa atitude de obediência, confiança e profunda intimidade com Deus, o *Abba*. Ao mesmo tempo, Deus, o Pai, foi aquele que ressuscitou Jesus infundindo-lhe sua própria vida.

Na tradição bíblica Israel era chamado “filho de Deus”. Os discípulos atribuíram a Jesus esse título, depois de verem como Jesus se relacionava com o Pai, sua fidelidade e confiança absolutas. Ele não era apenas mais um “filho de Deus”, como os eleitos do Antigo Testamento, ele era “o” Filho de Deus, por excelência. Deus é Pai de Jesus de uma maneira diferente daquela que é pai dos demais. Os primeiros cristãos destacam isso colocando nos lábios de Jesus: “Meu Pai” e “vosso Pai”.

c) E Jesus, que consciência tinha de si mesmo?

Saber a consciência que Jesus tinha de si mesmo¹⁸² é uma questão que atinge todo o público cristão. A Comissão Teológica Internacional (CTI) apresentou um projeto de pesquisa

¹⁷⁹ João 14,10; 5,15.36;8,28.

¹⁸⁰ João 4,34; 5,30;6,38.

¹⁸¹ PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 542-543.

¹⁸² Cf. VATICANO. **Comissão Teológica Internacional**, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_ictheology_po.html. Acesso em: 20 jul. 2024. A Comissão Teológica Internacional como realização da proposta feita pela primeira assembléia ordinária do Sínodo dos Bispos, o Papa Paulo VI, aos 11 de abril de 1969, instituiu junto à Congregação para a Doutrina da Fé uma Comissão Teológica Internacional, aprovou-lhe o Estatuto “ad

iniciado em 1983, onde foi abordado esse tema. Para isso foi criada uma subcomissão¹⁸³, que apresentou um resultado parcial do amplo estudo, em quatro propostas com comentários, sobre a consciência de Jesus sobre si mesmo e sua missão.

O Parecer da Comissão Teológica Internacional sobre a consciência que Jesus tinha de si mesmo, segue um plano de três etapas: 1) o que a pregação apostólica diz sobre o Cristo; 2) exploração dos evangelhos sinóticos em suas diferentes linhas, o que permite dizer algo sobre a própria consciência de Jesus; 3) o testemunho do evangelho de João¹⁸⁴.

Na primeira proposta, lê-se que:

a vida de Jesus testemunha a consciência da sua relação filial com o Pai. O seu comportamento e as suas palavras, que são as do “servo” perfeito, implicam uma autoridade que vai além da dos antigos profetas e que pertence apenas a Deus. Jesus tirou esta autoridade incomparável da sua relação única com Deus, a quem chama “meu Pai”. Ele tinha consciência de ser o Filho único de Deus e, neste sentido, de ser o próprio Deus¹⁸⁵.

Desde cedo a pregação apostólica pré-pascal proclama Jesus Filho de Deus, colocando no centro dessa pregação a filiação divina. Isso se dá à luz da relação peculiar de Jesus com seu *Abba*¹⁸⁶.

A palavra ‘Pai’ tornou-se a forma cristã de nomear Deus, a exemplo de Jesus. Este, dirige-se a Deus como ‘Pai’, na oração, o que implica “a consciência de Jesus, da sua autoridade divina

experimentum”, e sucessivamente designou-lhe os membros. O compito da Comissão é o de ajudar a Santa Sé, e, em particular, a Congregação para a Doutrina da Fé, no exame de questões doutrinárias de maior importância (VATICANO. **Comissão Teológica Internacional**, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_ictheology_po.html. Acesso em: 20 jul 2024.).

¹⁸³ Rev. Pe. von Schönborn, professor em Friburgo (Suíça), foi o seu presidente. Os membros da Subcomissão foram os Professores Gai, Kasper, Peter, Pozo, Sesboué e Walgrave. Os senhores Medina Estevez, Kloppenburg e Thornhill, membros da Comissão Teológica Internacional, também contribuíu para a redação do primeiro texto que foi submetido à discussão em plenário, em outubro de 1985 (DELHAYE, Ph, **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: quatro propostas com comentários, 1985. 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1985_coscienza-gesu_fr.html. Acesso em: 19 jul. 2024). Delhaye é Doutor em teologia. Foi professor de teologia moral em várias universidades. Foi nomeado perito no concílio Vaticano II, co-escreveu o decreto *Gaudium et Spes* de 1965. Participou da Comissão Teológica Internacional fundada pelo Papa Paulo VI em 1969 (cf. BNF CATALOGUE GENERAL, 2024. **Philippe Delhaye**. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb11886138r>. Acesso em: 30 jul 2024).

¹⁸⁴ Commission Théologique Internationale. **La conscience que Jésus avait de lui-même et de sa mission**, 1985. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1985_coscienza-gesu_fr.html. Acesso em: 19 jul. 2024. Tradução nossa. .

¹⁸⁵ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Primeira proposição.

¹⁸⁶ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Primeira proposição.

e da sua missão”¹⁸⁷. E evangelho de Marcos, no capítulo 12,6; e 13,22, sugere que Jesus tem consciência de ser “o” Filho, por isso “fala e age com uma autoridade que pertence somente a Deus”. Jesus chama discípulos e apresenta-lhes as altas exigências de segui-lo (Mc 1, 17; Mt 10,37; Mc 10,29; Mc 8,35; Mt 5,22-28; Mt 12,41; Mt 23,8; Mc 13,31)¹⁸⁸. “O evangelho de João diz mais explicitamente de onde Jesus tira esta incrível autoridade: é porque ‘o Pai está em mim e eu estou no Pai’ (Jo 10,38)”¹⁸⁹.

A segunda proposição lê-se:

Jesus conhecia o objetivo da sua missão: anunciar o Reino de Deus e torná-lo já presente na sua pessoa, nas suas ações e nas suas palavras, para que o mundo se reconcilie com Deus e se renove. Aceitou livremente a vontade do Pai: dar a vida pela salvação de todos os homens; ele sabia que fora enviado pelo Pai para servir e dar a vida “pela multidão” (Mc 14,24)¹⁹⁰.

O significado soteriológico também está presente na pregação apostólica, ou seja, a vinda de Jesus visa nossa elevação. Participar da filiação divina de Jesus pressupõe que Jesus tinha consciência de ser Filho¹⁹¹. “Sem tal consciência de Jesus, não só a cristologia, mas também toda a soteriologia careceria de fundamento”¹⁹². De acordo com os evangelhos sinóticos “Jesus sabe que foi enviado para anunciar as boas notícias do Reino de Deus (Lc 4,43; cf. Mt 15,24; Mc 1,38)”¹⁹³.

O evangelho de João diz que Jesus sabe que ‘veio’ do Pai (5,43). “A consciência de Jesus sobre si mesmo coincide com a consciência da sua missão”¹⁹⁴. Uma consciência de missão que vai bem mais longe que a dos profetas (Jr 1,5) e apóstolos (Gl 1,15), e que está enraizada numa

¹⁸⁷ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Primeira proposição.

¹⁸⁸ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Primeira proposição.

¹⁸⁹ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Primeira proposição.

¹⁹⁰ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Segunda proposição.

¹⁹¹ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Segunda proposição.

¹⁹² Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Segunda proposição.

¹⁹³ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Segunda proposição.

¹⁹⁴ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Segunda proposição.

‘saída’ original de Deus (Jo 8,42). Jesus tem consciência da presença e da ação do Espírito nele (Lc 4, 18)¹⁹⁵.

Na terceira proposição lê-se:

Para cumprir a sua missão salvífica, Jesus quis reunir as pessoas em vista do Reino e convocá-las à sua volta. Com vista a este fim, Jesus realizou actos concretos cuja única interpretação possível, tomada no seu conjunto, é a preparação da Igreja que se constituirá definitivamente durante os acontecimentos da Páscoa e Pentecostes. É portanto necessário dizer que Jesus quis fundar a Igreja¹⁹⁶.

O testemunho apostólico apresenta a Igreja como inseparável de Cristo, sendo Ele a Cabeça (Cl 1,18; 3,15), e a Igreja seu Corpo (1Cor 12,27), cuja unidade é constituída pelo Espírito Santo. “Para a pregação apostólica, a Igreja é de fato o objetivo da obra de salvação realizada por Cristo na sua vida terrena”¹⁹⁷. Na nova família constituída por Jesus, Deus é Pai e todos são irmãos (Mt 23,9). Nas palavras, parábolas e imagens usadas por Jesus, pode-se encontrar uma eclesiologia implícita¹⁹⁸.

Dizer que Jesus teria desejado fundar a Igreja não significa que desejou estabelecer todos os aspectos que se desenvolveram ao longo do tempo, tal como se apresenta; porém, é importante mencionar a escolha dos Doze e Pedro como líder. Jesus deu à Igreja sua própria oração (Lc 11,2-4), o Pai Nosso, e partilhou com os seus uma maneira nova de agir. Esses elementos mostram que Jesus desejou fundar a Igreja. Essa Igreja é o Povo de Deus que ele reúne a partir de Israel. A consciência de Jesus de sua missão salvífica passa pela fundação da Igreja, a família de Deus¹⁹⁹. O evangelho de João “vê toda a vida terrena de Cristo iluminada pela glória do Ressuscitado. Assim, o olhar do círculo dos discípulos de Jesus já está aberto à todos aqueles que, ‘graças à sua palavra, acreditarão em mim’ (Jo 17,20)”²⁰⁰

Na quarta proposição lê-se:

¹⁹⁵ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Segunda proposição.

¹⁹⁶ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Terceira proposição.

¹⁹⁷ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Terceira proposição.

¹⁹⁸ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Terceira proposição.

¹⁹⁹ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Terceira proposição.

²⁰⁰ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Terceira proposição.

A consciência de Cristo de ser enviado pelo Pai para a salvação do mundo e para a convocação de todos os homens ao Povo de Deus implica, misteriosamente, o amor de todos os homens, para que todos possamos dizer: “O Filho de Deus amou mim e se entregou por mim” (Ga 2, 20; GS 22, 3)²⁰¹.

Desde as primeiras formulações da pregação apostólica, está presente a convicção de que Cristo se entregou e morreu por todos nós (Rm 8,32), para nos redimir (Gl 4,4-5). Se Cristo morreu por nós é porque nos amou. E quando a Igreja diz ‘nós’ refere-se a todos os homens e mulheres de todos os tempos. Mas não de uma forma global, e sim, visando cada indivíduo, pessoalmente. O amor por ‘nós’ tem seu fundamento na preexistência do Cristo, que continua nos amando em sua glória²⁰². “O amor pró-existente de Jesus é o elemento contínuo que caracteriza o Filho nas três ‘etapas’ (preexistência, vida terrena, existência glorificada)”²⁰³. O amor de Cristo não exclui ninguém da vida Dele, ao contrário, é um amor que une Cristo a cada pessoa, para sempre.

No coração da fé cristã encontra-se esse mistério: a inclusão de todos os homens no amor eterno de Deus. Jesus se identifica com os mais pobres ao ponto de atribuir a si o que se faz a eles (Mt 25,31-46). Conhecendo o amor de Deus, o cristão se compromete, por sua vez, a amar o próximo²⁰⁴.

Como citado no início deste tópico, o tema da consciência de Jesus sobre si próprio é bastante amplo e delicado. Não se trata de consciência categorial da própria divindade, pois vive em *kênosis*. Mas sim, da consciência vocacional de eleito e enviado, como diz o Parecer da Comissão Teológica Internacional: como demonstra o Novo Testamento, Jesus tinha consciência de sua distinta e peculiar relação com Deus, chamado intimamente de *Abba*; sabia-se o Eleito, o Messias – com base na agenda profética das Escrituras – vocacionado e enviado para anunciar e inaugurar o Reino de Deus; tinha uma autoridade incomum, cuja fonte estava em Deus; tinha consciência de ser ‘Filho’ de um jeito diferente das outras pessoas. Mas teria Jesus, em sua condição humana, consciência de ser ele mesmo Deus, assim como era Deus o Eterno, adorado e reverenciado por seu povo?

²⁰¹ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão:** Quatro propostas com comentários, 1985. Quarta proposição.

²⁰² Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão:** Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Quarta proposição.

²⁰³ Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão: Quatro propostas com comentários**, 1985. Comentário da Quarta proposição.

²⁰⁴ Cf. Comissão Teológica Internacional. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão:** Quatro propostas com comentários, 1985. Comentário da Quarta proposição.

Sobrino (1983)²⁰⁵ também aborda essa questão da consciência que Jesus tinha de si mesmo.

Para a teologia tradicional o homem Jesus “sabia-se Filho de Deus no sentido estrito e metafísico do termo”²⁰⁶. Essa afirmação tinha suas bases em textos do evangelho, como por exemplo, “Ninguém conhece bem o Filho senão o Pai, e ninguém conhece bem o Pai senão o Filho” (Mt 11,27). Esses conceitos sofreram mudanças ao longo do tempo, com as descobertas da exegese. Mas, o que se pode deduzir que Jesus tinha consciência?

É provável que Jesus tenha tido uma consciência de sua própria atividade, e o impacto que esta causava na sociedade do seu tempo. Não atribuiu a si mesmo nenhum título, mas recebeu vários dos discípulos que o seguiam, do povo que o rodeava. É a partir da observação de suas atitudes gerais que se pode deduzir, indiretamente, a consciência que tinha de si mesmo²⁰⁷.

Jesus tem consciência de que a aproximação do Reino de Deus está ligada à sua pessoa. As ações de Jesus de comer com os publicanos e perdoar pecados, sabendo o quão isso era novo e escandaloso em sua sociedade, faz pensar que Jesus estava consciente de sua peculiar relação com o Reino de Deus. “A diferença entre a pregação salvífica dos profetas e a de Jesus consiste em que aqueles anunciam a salvação futura, enquanto que Jesus anuncia que com ele já começou”²⁰⁸.

Esta consciência de Jesus, também se manifesta com relação à Lei. Em alguns textos ele diz: “Ouvistes o que foi dito [...] eu, porém, vos digo” (cf. Mt 5,22). Jesus reivindica a superação da Lei de Moisés. E, também, com relação aos profetas. Estes, em suas profecias diziam: “Assim fala Javé...”. Jesus não usa a fórmula dos profetas, mas começa muitos de seus discursos dizendo: “Em verdade, em verdade, eu vos digo (cf. Mt 5,18). A expressão “Amém” usada no final da frase significa “Assim seja”. Jesus a usa no início da frase significando “Assim é”²⁰⁹.

Jesus tem consciência de que a salvação do homem está relacionada com sua pessoa (Mc 8,38). A aproximação do Reino e com ele, a aproximação de Deus e sua salvação, aparece em Jesus de forma única e insuperável²¹⁰.

²⁰⁵ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 88-92.

²⁰⁶ SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 89.

²⁰⁷ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 89.

²⁰⁸ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 89-90.

²⁰⁹ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 90.

²¹⁰ Cf. SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 90-91.

O importante consiste em saber que “Jesus tem consciência que a última coisa do homem, a sua salvação ou condenação, encontra-se relacionada, praticamente, com sua pessoa”²¹¹. Todos esses elementos levam a crer que Jesus tinha consciência de ter uma missão especial, pois afrontou as estruturas políticas e religiosas do seu tempo, apoiado em suas próprias convicções que, provavelmente, resultam de sua relação com o Pai.

d) Fundamento da experiência de Jesus, fé e seguimento

O que Jesus falava para os homens do seu tempo sobre salvação, brotava de seu interior, de sua relação com o *Abba*, mas com uma tal convicção, que chamava a atenção de seus concidadãos. E qual era a base dessa confiança? O que movia Jesus a ponto de alinhar sua vida, tornando-se arquétipo, daquilo que ele chamava Reino de Deus?

Por mais que uma pessoa seja de Deus, ela sabe que não é Deus. Quem é criatura tem consciência de viver no mundo das criaturas. Segundo Schillebeeckx:

o ser humano consciente de ser criatura vive o seu próprio ser como pura dádiva de Deus. Por causa da original profundidade da experiência de Jesus, vendo-se como dádiva de Deus Pai, a fé eclesial - também a fé cristã ecumênica - identificando-se com ele, chamou Jesus de “o Filho”, especificando assim a relação de Jesus, como criatura, com Deus. O que na linguagem não-religiosa é chamado - com razão - de pessoa humana, é chamado Filho de Deus na linguagem da fé cristã, por causa da relação constitutiva desse homem com o Pai²¹².

Na linguagem humana, ninguém pode ser homem, se não existir enquanto pessoa humana. Isso acontece, também, com Jesus. Na linguagem da fé, o que faz de Jesus ser a pessoa que ele é, é sua relação constitutiva com o Pai; “sua relação com o Pai o faz ser na sua humanidade Filho de Deus”²¹³.

A experiência de Jesus com o Pai é a fonte de seu ensinamento, e é a partir dessa experiência que pudemos compreender e conhecer a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. A partir da experiência de Jesus faz sentido falar em Trindade. Em sua humanidade, Jesus esteve totalmente voltado para o Pai, fonte e alma de sua vida e missão; a intimidade de Jesus era tão do

²¹¹ SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 91.

²¹² SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 660.

²¹³ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 661.

Pai, que “sugere que o centro da humanidade de Jesus não estava dentro dele mesmo, mas em Deus Pai”²¹⁴. Em meio a tantos outros que tinham o mesmo nome, o relacionamento de Jesus com o Pai lhe traça um perfil, uma identidade, um rosto, fazendo dele, Jesus de Nazaré, Filho de Deus²¹⁵.

Onde nasce essa experiência de Jesus? Toda experiência, por mais original que seja, tem raízes na cultura, no contexto em que a pessoa vive. Com Jesus, aconteceu como acontece com toda pessoa humana, aprendeu com a cultura e fé judaica, vivenciou experiências dentro da família, experienciou Deus como Senhor da história. Sua fé no Deus que reina foi alimentada pela tradição, e estava presente em sua pregação. E, ainda, que anunciasse com tanta convicção a chegada do Reinado de Deus, a história seguiu seu curso após sua morte. Teria, Jesus, vivido uma ilusão?

A pessoa de Jesus deixa para o mundo duas opções: acreditar que ele viveu uma ilusão ou depositar nele a confiança, confessando que Deus lhe deu razão. A prova de que o Pai deu razão a Jesus, é a vitória do Filho sobre a morte, dando à humanidade vida e salvação. Os cristãos escolheram a segunda opção, e confessam que a salvação vindoura é mesmo Jesus. Essa identificação de Jesus com o reino vindouro de Deus e a salvação dos homens, para quem não crê, é uma ilusão²¹⁶, para quem crê “é a única resposta adequada à decidida mensagem salvadora, trazida por Jesus”²¹⁷. Essa resposta de fé em sua divindade, pessoa e mensagem, ganha forma de seguimento, provocando no discípulo adesão interna ao projeto do Reino.

Esse seguimento professa que Jesus é Filho de Deus, ou seja, Pessoa divina²¹⁸. Se Jesus causa tal impacto nas pessoas, a ponto de entregarem-se a ele na vida e na morte, aceitando em Jesus o Deus de Jesus, significa que nele se reconhece uma dimensão transcendente. Nada do que é criado constitui objeto de fé. Se Jesus inspira essa entrega e uma decisão de seguimento até o fim, assumindo todas as consequências por parte do discípulo, é porque o reconhece como participante da natureza divina.

²¹⁴ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 663.

²¹⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 663.

²¹⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 664.

²¹⁷ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008, p. 664.

²¹⁸ Cf. SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 50.

O seguimento de Jesus no comum da vida é utópico, porque sua realização plena dificilmente chega a termo. É um seguimento que exige a prática da justiça, da misericórdia, da reconciliação; a luta contra a pobreza, uma esperança indissolúvel e a criação do homem novo. Ver a realização plena de todas essas exigências na história humana certamente não é algo muito provável, mas é um horizonte que impulsiona uma busca constante²¹⁹. O seguimento no martírio, como entrega total e confiança absoluta, é um testemunho de fé na divindade de Jesus. “Se todo ato de fé é entrega, *sacrificium intellectus*, maior será o ato de fé quando esta entrega é *sacrificium vitae* e se explicita, mesmo sem sofisticação, nomeando Jesus”²²⁰. Por isso, seguir Jesus Cristo é uma forma de aceitar e professar sua transcendência, assim como a transcendência de Deus; é uma forma de aprender que Deus se aproximou incondicionalmente em Jesus, e que Jesus manifestou o verdadeiro Deus²²¹.

Todos os elementos apresentados contribuíram para um processo de reflexão que durou séculos, na busca da verdadeira identidade de Jesus, sua origem e sua missão entre os homens. Vários foram os desafios, dentre eles, as heresias; mas muitas, também, foram as manifestações de homens que se levantaram para defender a fé cristã.

Se no Antigo Testamento o Espírito Santo estava presente desde os primórdios da criação, e foi Aquele que falou pelos profetas anunciando a futura salvação de Deus; no Novo Testamento foi, também, o Espírito Santo que atuou no processo de explicitação da divindade de Jesus e suas implicações na vida do crente, suscitando verdadeiros profetas do cristianismo. De fato, o Espírito conduziu a Igreja pelos caminhos retos da Revelação, atuando nas mentes e nos corações, inspirando, conduzindo para que a Igreja não sucumbisse no mar das dúvidas e heresias. O Espírito que conduziu Jesus, conduziu a Igreja em seus caminhos de salvação.

A Igreja reconhece e testemunha, que foi em Jesus que Deus manifestou seu amor de forma única e irrepetível. Jesus foi tão marcado por essa experiência da proximidade de Deus e do seu Reino e, conseqüentemente, da salvação do homem, que ensinou aos discípulos, pela vida e pela morte, que nesse Pai (*Abba*) pode-se confiar totalmente, obedecendo a sua santa vontade, e entrando na dinâmica do Reino anunciado. O Espírito enviado pelo Pai, ensinou e conduziu à verdade plena (cf Jo 16,13).

²¹⁹ Cf. SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 50.

²²⁰ SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 52.

²²¹ Cf. SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 51-52.

e) O evento Cristo e a realidade do Espírito

O Cristo deu-se a si mesmo, através da encarnação. Não podemos dizer o mesmo do Espírito Santo, embora dizemos que o Espírito “dá-se” a si mesmo. “Esse dar-se do Espírito Santo não deve ser interpretado como “encarnação”, pois o Espírito Santo em sentido nenhum se fez homem; pelo contrário, sua “corporeidade” se manifesta na pluralidade das pessoas da Igreja ou de toda a humanidade, que já existem”²²². O Espírito não se encarnou como Jesus, mas esteve de maneira plena no Verbo encarnado. E o que nos autoriza a falar dessa ação do Espírito Santo em Cristo?

O título de Filho de Deus que Jesus recebe, vai sendo cada vez mais vinculado à ideia da ação do Espírito Santo Nele. É concebido pela ação do Espírito, é ungido pelo Espírito no batismo, é pelo Espírito que Jesus expulsa demônios; é identificado como Messias, pleno do Espírito, etc. Jesus é, então, reconhecido como Filho de Deus por aqueles que nele creram. Vale lembrar que a expressão ‘Filho de Deus’ não tem, aqui, caráter metafísico.

Os profetas do Antigo Testamento tinham consciência de que não é Javé que entra no homem, e sim, seu Espírito; e que esse Espírito permanece no homem temporariamente. A presença do Espírito fazia de seu portador um ‘homem de Deus’, um ‘filho de Deus’²²³. “Quando a mentalidade judaica se transformou na grega, com o judaísmo pré-cristão da diáspora, manteve-se a ideia judaica dos ‘homens de Deus’”²²⁴; o que deu a Jesus, sem nenhuma resistência, a ideia de ‘Filho de Deus’, sendo a expressão, aqui, entendida como aquele que é ‘portador do Espírito’. Jesus vai sendo, paulatinamente, identificado como portador do Espírito por excelência, de forma que “a gênese da Cristologia em si mesma é Pneumatologia”²²⁵. A reflexão cristã foi vendo Jesus como aquele que é portador do Espírito permanentemente, e não apenas temporariamente, como se pensava no Antigo Testamento²²⁶.

²²² MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. **Mysterium Salutis**. Vol. III/8. (Colaboração Heribert Mühlen... e al). Petrópolis, RJ: Vozes, 1974, p.10. Mühler foi sacerdote, doutor em teologia, considerado um dos teólogos católicos romanos mais significativos do século XX. Concentrou-se na obra do Espírito Santo na Igreja, participou do Vaticano II, e serviu como professor de Teologia Dogmática e História (cf. VONDEY, Wolfgang. **Mühlen, Heribert (1927–2006)**. 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9780470670606.wbecc0950>. Acesso em: 30 jul. 2024).

²²³ Cf. MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo, 1974, p. 12.

²²⁴ MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo, 1974, p. 12.

²²⁵ MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo, 1974, p. 12.

²²⁶ Cf. MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo, 1974, p. 12-13.

A ideia de que Jesus é portador permanente do Espírito retrocede à sua concepção. Lucas, apresenta Jesus como portador do Espírito não somente em sua vida pública, mas como aquele que, desde o seu nascimento, é pleno do Espírito. Este, foi concedido a Maria em virtude de que, Jesus, desde o seio materno tem algo a ver com o Espírito de Deus (cf. Lc 1,35). A força de Deus desce sobre Maria, porque o ‘Santo’ que dela nascer, será chamado ‘Filho de Deus’. Essa filiação divina deve ser entendida no sentido messiânico²²⁷.

A mentalidade helenística ia além da habitação permanente do Espírito em Jesus. “Pensava-se também que Jesus fora repleto deste Espírito, até em sua corporeidade, a ponto de se poder dizer [...] que Jesus estava ‘onticamente impregnado’ do Espírito”²²⁸. Percebemos, aqui, uma progressão de conceito, passando do funcional para o ôntico, mas ainda “não se põe o problema da relação entre a encarnação própria e exclusiva do Logos e a habitação do Espírito de Deus (no sentido pós-bíblico)”²²⁹. No sentido helenístico, a transfiguração pode ser vista como a irradiação do Espírito Santo na própria corporeidade de Jesus²³⁰.

A realidade Espírito, e o evento Cristo são uma só realidade. É o Cristo que nos envia, e ao fazê-lo concede seu Espírito, de forma que em Cristo e em nós “está presente um só e mesmo Espírito”²³¹. O Cristo se une a uma única natureza humana, enquanto que o Espírito se une com pessoas humanas já existentes. Essa união de Cristo com pessoas humanas atualiza o evento histórico de Cristo. O próprio Cristo se une com os homens pela palavra, pelo ministério e pelos sacramentos, mas sempre por mediação do seu Espírito²³².

Que o Cristo era pleno do Espírito, já o vimos. Mas, sabendo que só o Filho se encarnou, qual é a relação entre o evento Cristo e a realidade do Espírito nele? Uma questão não muito simples de ser respondida, mas que foi esboçada por São Tomás de Aquino, que bem contribuiu com essa reflexão, mostrando que “na manifestação econômico-salvífica da Trindade, a encarnação do Filho como tal é ‘logicamente’ anterior ao envio do Espírito Santo à natureza humana já personalizada pelo Logos”²³³. Logo, são coisas bem distintas a personalização do Filho em uma única natureza humana, e o envio do Espírito a uma natureza humana já pessoal. FEINER e LÖHRER escrevem:

²²⁷ Cf. MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 13.

²²⁸ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 14.

²²⁹ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 14.

²³⁰ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 14.

²³¹ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 16.

²³² Cf. MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 16.

²³³ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 21.

o mistério da unção de Jesus com o Espírito é, por conseguinte, a coexistência total e única dos três mistérios fundamentais do cristianismo (a Trindade, a encarnação e o envio do Espírito). E somente a relação entre a unidade e a diversidade no seio da ‘Trindade econômico-salvífica’ dá acesso a todo o incompreensível das ‘profundezas’ de Deus²³⁴.

A visão de Tomás de Aquino, citada acima, coincide com a colocação trinitária fundamental do Concílio Vaticano II²³⁵.

Depois do evento Cristo (morte, exaltação e envio do Espírito), absolutamente nada acontece na Igreja e em toda história humana, sem o Espírito de Jesus. “Somente porque o Espírito Santo entrou na história da salvação, somente porque Ele próprio ‘se fez’ tempo, é que pode haver na Igreja uma tradição da palavra, o ministério e o sacramento”²³⁶.

Também é importante lembrar a presença do Espírito no momento da cruz. “O Espírito não se ofereceu a si mesmo nem ofereceu Jesus ao Pai; Ele é o poder histórico pessoal de Deus com cuja força Jesus se ofereceu”²³⁷. Antes que Maria pudesse cooperar com seu filho na obra redentora, o Espírito já havia realizado essa cooperação de modo constitutivo. Com a ausência de Jesus, o Espírito Santo não é apenas aquele que o sucede, mas é a “presencialização de Jesus”²³⁸ (cf. Jo 16, 13ss). Pelo seu Espírito, Jesus está permanentemente entre seus discípulos²³⁹.

f) Ser filho no Espírito

O Evangelho nos relata que Jesus, com frequência, saía para orar. Vendo Jesus orar, os discípulos pressentiam vida, beleza, intimidade, experiência amorosa de Deus e, desejosos de fazerem a mesma experiência, pedem a Jesus que os ensine a orar²⁴⁰. O pedido dos discípulos vem ao encontro do desejo do Filho, que veio ao mundo para dar aos que nele crerem de se tornarem, também eles, filhos e filhas de Deus (Jo 1,11-12), à imagem e semelhança do Filho Único (Rm 8,28-30). E como o Filho é um com o Pai, unidos na comunhão do mesmo Espírito (1Jo 2,24), na mesma luz (1Jo 1,5), no mesmo Amor (1Jo 4,8.16), os que ao Filho se unem, estão

²³⁴ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 21.

²³⁵ Cf. MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 23-24.

²³⁶ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 21.

²³⁷ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 26.

²³⁸ MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 27.

²³⁹ Cf. MÜHLER, Heribert. **O evento Cristo como obra do Espírito Santo**, 1974, p. 26-27.

²⁴⁰ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 1-22. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023. Tradução nossa.

unidos ao Pai. Na imagem do Filho, verão o Pai; na voz do Filho, escutarão o Pai. O Filho é o caminho que leva ao Pai (Jo 14,6). Este caminho que os discípulos percorrem, eles o fazem guiados pelo Espírito de Cristo, que os leva a orar como o filho e a chamar a Deus de Pai, *Abba* (Rm 8,14-17)²⁴¹. Para Fournier:

o Espírito de Verdade se unirá sempre a essas Palavras de Verdade para exercitar aqueles e aquelas que as retomarão de todo coração, no mistério de comunhão e de Vida com o Pai em um só Espírito (Ef 2,18; Jo 6,63-68; 16,13). Assim, graças à Presença e à obra do Espírito Santo, as palavras cessam de ser apenas palavras: elas se tornam “vida”. A “vida” dos filhos de Deus que, no seguimento de Jesus, chamam seu Criador: Papai (mc 14, 35-36; Mt 11,25-27)²⁴².

Ao pedido dos discípulos, Jesus vai convidá-los a entrar em sua oração, e para guiá-los, vai lhes dar as palavras certas para, em verdade, se orientarem na direção do Pai. Fournier escreve:

Jesus nos convida todos a colocar o Pai em primeiro lugar em nossa oração e em nossa vida. É na direção do Pai que deve se voltar nosso olhar e nosso coração, pois foi Ele que nos criou à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-28), foi Ele que nos fez seres vivos, dando-nos de ter parte a seu Sopro de Vida (Gn 2,4b-7), o Espírito Santo. E é sempre Ele que deseja fazer crescer em cada um dentre nós essa vida do Espírito, a vida dos filhos e filhas de Deus (Jo 1,12-13; 3,3-8; 20,19-23)²⁴³.

Lucas intui de maneira particular a perspectiva universal da oração do Pai Nosso. Ao usar a expressão “Pai Nosso”, Mateus pensa na comunidade cristã que chama a Deus assim; já Lucas, inicia apenas com a palavra “Pai”. Essa forma de se expressar, mais despojada, mais sóbria, se dirige à humanidade inteira, ao mesmo tempo que a convida a formar uma família ao redor do Criador, daquele que é Pai. É um apelo a viver a comunhão, a fraternidade entre todos. Chamar a Deus de Pai é reconhecer que todos são irmãos, chamados à mesma vocação de filhos de Deus²⁴⁴.

A oração ensinada por Jesus vem do Pai. Isso revela seu desejo de que o chamemos assim: Pai. De sua parte, Ele já o é desde toda a eternidade e para todos. Como Pai Bom, Deus

²⁴¹ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 1. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁴² FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 1. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁴³ FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 3. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁴⁴ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 3. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

deseja nos oferecer o pão de cada dia, o perdão, nos livrar do mal. Mas por causa de seu infinito amor por cada um e, como consequência, o respeito pela liberdade humana, Ele nos oferece por seu Filho, que ensina o ser humano a pedir o que Ele deseja lhe dar²⁴⁵. “Deus será o primeiro a estar feliz de poder nos comunicar o que Ele sabe, estar na fonte de nossa verdadeira Vida”²⁴⁶.

Quando o crente reza o Pai Nosso, consente a ação do Pai, e experimenta de sua presença de misericórdia, ternura, vida e paz; e de alguma forma se coloca em comunhão com todos aqueles que pelo mundo inteiro, oram com as mesmas palavras, no mesmo mistério de comunhão, no único Espírito.

3.3.2 Escutai-O - Jesus ensina a orar ao Pai

João Batista ensinou aos seus discípulos um modo próprio de orar. Jesus, também, ensinou os seus. E a oração ensinada por Jesus iria criar nos discípulos uma verdadeira identidade com Ele. Desde as primeiras gerações cristãs, o Pai Nosso é a oração por excelência. Nela, encontram-se os dois desejos do coração de Jesus: santificar o nome de Deus e a vinda do Reino, bem como as necessidades básicas do humano: pão, perdão, não submissão à prova²⁴⁷.

a) Orar ao Pai como Jesus ensinou

O homem pode ser compreendido somente a partir de Deus²⁴⁸. É na relação com Deus que o ser humano torna-se pessoa justa, de diálogo, de escuta. A oração transforma o humano a partir de dentro, criando nele espaços para a ação do Espírito. Como em Jesus, a oração deve levar o crente a alinhar a própria vida com o desejo de Deus para si e para a humanidade.

²⁴⁵ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 7-8. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁴⁶ FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 8. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁴⁷ Cf. PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 391.

²⁴⁸ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 151-158, que serviu como base para todo o tópico sobre oração. Tradução nossa. Ratzinger foi Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional; presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica; membro honorário da Academia Pontifícia das Ciências; foi o 265º papa da Igreja Católica, com o nome de Bento XVI, e o primeiro a renunciar ao cargo em 600 anos. Doutor em Teologia, seguiu com publicações e estudos de Teologia durante décadas. (VATICAN NEWS. **A biografia de Bento XVI**. 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-12/bento-xvi-biografia.html>. Acesso em: 15 jul. 2024).

Através do evangelho de Mateus Jesus nos coloca em alerta sobre a maneira de orar; que não seja um espetáculo diante dos outros, mas momento de recolhimento, intimidade e discrição. Sabe-se do risco do uso excessivo de palavras na oração, ou de repetições mecânicas, onde coração e lábios não estão em sintonia. Ao contrário, a vida de oração precisa ser constantemente alimentada²⁴⁹.

A oração é o lugar do fiel ser ele mesmo, verdadeiramente ele, diante de Deus, apresentando-lhe suas misérias, esperanças, alegrias, pecados, etc. Se na oração pessoal, o silêncio do homem encontra-se com o silêncio de Deus, na oração da Igreja é o próprio Deus que dá aos fiéis as palavras da oração. Assim acontece no Pai Nosso, nos Salmos... Ao rezar o Pai Nosso os fiéis participam da oração de Jesus, e oram em sintonia com ele, no Espírito²⁵⁰.

O evangelista Lucas situa a oração do Pai Nosso no contexto da oração pessoal de Jesus. Participando da oração de Jesus, o fiel é conduzido a participar do diálogo do amor trinitário, e de alguma forma, em Jesus Cristo, as angústias humanas chegam ao coração de Deus. As palavras do Pai Nosso dão uma orientação para o caminhar humano. Para Ratzinger:

as palavras do Pai Nosso nos indicam o caminho da oração interior; elas representam as orientações fundamentais para nossa existência; elas querem nos conformar à imagem do Filho. O significado do Pai Nosso ultrapassa a simples comunicação de palavras de oração. O Pai Nosso quer formar nosso ser, ele quer nos colocar nas mesmas disposições que Jesus (cf. Fl 2,5)²⁵¹.

Nas palavras do Pai Nosso encontra-se um caminho de amor e um caminho de conversão; um caminho de resposta pessoal e um caminho de resposta comunitária à proposta de Jesus. Não se pode perder de vista que nesta oração Jesus transmite os pensamentos do seu coração, e mais ainda, é a oração que nasce da profundidade da relação do Filho com o Pai, do diálogo entre as duas pessoas divinas, que vai muito além de palavras. Nesse mergulho que Jesus faz em Deus, cada ser humano pode sentir-se guardado e acolhido nessa oração. Quanto mais profunda for a orientação

²⁴⁹ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 151.

²⁵⁰ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 153.

²⁵¹ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 155-156.

para Deus, mais profunda será a oração, e vice-versa. A oração capacita o orante a tornar-se pessoa de paz, suportando as adversidades, numa abertura aos demais²⁵².

Escutar o Filho, o Eleito (Lc 9,35), e colocar em prática o que ensinou Jesus na oração do Pai Nosso é a plenitude da vida cristã, pois leva o discípulo a viver as duas dimensões da oração e do Reino: pessoal e comunitária. O eu, íntimo da oração, e o nós, público da oração, caminham juntos, se entrelaçam:

essa discrição essencial da oração não exclui de forma alguma a oração comunitária. O Pai Nosso é uma oração na primeira pessoa do plural, e é somente entrando no “nós” de filhos de Deus que nós podemos ultrapassar os limites desse mundo e nos elevar até Deus. Mas esse “nós” desperta o espaço interior de minha pessoa. Na oração a dimensão mais pessoal e a dimensão comunitária devem interpenetrarem-se²⁵³.

A oração que Jesus ensinou atravessou milênios. Quais os segredos dessa oração? O que Jesus desejava ao ensiná-la aos seus discípulos?

b) A estrutura do Pai Nosso

A oração do Pai Nosso nos foi transmitida por dois evangelistas: Mateus e Lucas. Nos dois casos ela apresenta duas partes: a primeira está relacionada com a realização do projeto de Deus sobre a humanidade, onde o crente é convidado a se voltar para Deus e desejar o seu reinado de forma plena; e a segunda está relacionada ao bem fundamental de todo ser humano²⁵⁴.

Lucas apresenta cinco pedidos, sendo dois relacionados a Deus, e três relacionados às esperanças, necessidades e dificuldades do ser humano. Mateus, seguindo a mesma estrutura, apresenta três pedidos relacionados a Deus, e quatro relacionados ao ser humano nesse mundo. Com isso, a oração do Pai Nosso nos ensina a colocar o projeto de Deus antes de nossas necessidades pessoais. Estas são realizadas quando buscamos, primeiro, os objetivos e as obras

²⁵² Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 156.

²⁵³ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 152.

²⁵⁴ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 2. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023. Tradução nossa.

de Deus. Jesus ensina, de alguma maneira, que a primeira atitude do crente diante de Deus é a adoração, e que a prioridade deve ser a realização do seu projeto de amor sobre o mundo²⁵⁵.

Lucas não era judeu e, ao escrever, dirigiu-se aos não-judeus. Ao contrário, Mateus era judeu e, ao escrever, dirigiu-se aos judeus. Ora, para um judeu, Deus é o Deus que está no Céu (Sl 123; Sl 136; Jn 1,9); Mateus acrescenta essa expressão que corresponde à cultura do seu povo. E, ainda, no Monte Sinai, através de Moisés, Deus deu uma Lei ao povo de Israel (Ex 20,1-17). Com esse fato, para Israel, tudo se resume no cumprimento da Lei, ou seja, da vontade de Deus, que é guardar os mandamentos e coloca-los em prática (Dt 4,40; 5,29-31). Notemos que, para Mateus, as expressões “que está no Céu” e “que seja feita a sua vontade”, são elementos incontornáveis em toda oração. Essas observações levam a crer que a versão de Lucas é mais antiga, e que Mateus junta elementos que são próprios para o povo de Israel²⁵⁶.

O que aparece aqui é um fato constante na Revelação: a Palavra que Deus desejou nos transmitir através seu Filho, é redigida por homens, inspirados pelo Espírito. Esses homens vivem em uma determinada época, segundo costumes e cultura de seu povo, com uma educação e sensibilidade diferentes; e tudo isso aparece em suas obras, porque ao escreverem, mesmo sob a luz do Espírito, permanecem sendo o que são, o que não impede que a palavra que Deus quer dirigir ao ser humano, chegue até ele, efetivamente. O Espírito habita plenamente no Filho, mas todos temos parte nesse Espírito de Cristo, e Nele, formamos o Corpo de Cristo (Ef 4,1-6; 1Cor 12,12-30), ou seja, a Igreja, da qual foi recebida a Oração do Cristo, para que todo cristão se torne filho e filha de Deus²⁵⁷.

Segundo Philonenko (1995), texto do Pai Nosso que nos foi transmitido apresenta duas formas: a mais longa, de Mateus (6, 9-13), e a mais breve, de Lucas (11, 2-4). Embora a versão de Mateus seja a mais usada na Liturgia, uma interessante e antiga variante de Lucas, substitui a palavra ‘Reino’ por ‘Espírito Santo’. Assim, no lugar de “Que teu Reino venha”, essa variante de Lucas traz: “Que teu Espírito Santo venha sobre nós, e que ele nos purifique”²⁵⁸. Philonenko continua:

²⁵⁵ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 2-3. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-11-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁵⁶ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 4. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-11-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁵⁷ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4), 2020, p. 4-5.

²⁵⁸ Cf. PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan góumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024. Tradução nossa. Philonenko é

essa variante é conhecida de Gregório de Nissa, e de Máximo O Confessor [...]. O Manuscrito D conservou um vestígio do pedido do Espírito Santo, já que ele apresenta o primeiro pedido do Pai Nosso sobre a seguinte forma: “Que sobre nós, venha Teu Reino”. Enfim, a epiclése ao Espírito dos Atos de Tomás, também, em sua conclusão, faz eco a Lc 11,2: “Vem, Espírito Santo, e purifique os seus rins e corações, e coloque sobre eles seu selo”²⁵⁹.

A prática litúrgica não favoreceu uma variante do Pai Nosso na redação de Lucas. O surpreendente não é o aparecimento de um texto que diverge daquele geralmente conhecido e usado - no caso, o de Mateus -, mas um texto que é atestado por raras testemunhas, como citado acima. O fato de que esse pedido do Espírito seja atestado por Marcião não significa que sua origem seja marcionita, mas que a expressão estava presente no texto de Lucas que Marcião conheceu. E ainda, o fato de Marcião ter usado o texto pode ter favorecido sua eliminação²⁶⁰.

A expressão ‘Espírito Santo’ é encontrada poucas vezes no Antigo Testamento, e não parece ter uma atenção expressiva por parte dos judeus até o presente:

sabe-se que, se a expressão ‘Espírito Santo’ encontra-se mencionada apenas três vezes no Antigo Testamento, ela é menos rara na literatura pseudepígrafe, repetida nos textos de Qumrân e no targum Neofiti: para o que está no Novo Testamento, é comum em Lucas, mais rara em Mateus, Marcos e João, como em Paulo; está presente na literatura rabínica²⁶¹.

A menção de Espírito é substituída por ‘Espírito de Santidade’ ou ‘Espírito de profecia’, como por exemplo, em Nm 11,25-28, compreendida no sentido de ‘santuário’, como expressa no targum Neofiti. Mas ‘Espírito Santo’ pode ser, também, Espírito Criador ou Vivificador, como

doutor em teologia, historiador, biblista, cientista das religiões. Foi diretor do Grupo de Pesquisa intertestamentária de C.N.R.S., diretor da escola doutoral de teologia e de ciências religiosas, Membro do capítulo da Fundação São Tomás (cf. ACADEMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES-LETTRES, 2000. **Philonenko Marc, Eugène**. Disponível em: <https://aibl.fr/membres-academiciens/philonenko-marc-eugene/>. Acesso em: 20 jul 2024.). Tradução nossa.

²⁵⁹ PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 61-62. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

²⁶⁰ Cf. PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 62. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

²⁶¹ PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 63. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024. Tradução nossa.

em Is 44,3. Se nos textos rabínicos, a expressão ‘Espírito Santo’ não é expressiva, para os Essênios, ocupa lugar de destaque²⁶²:

o Espírito Santo tem um papel moderado nos textos rabínicos, mas ele tem, repitamos, um lugar central nos textos de Qumrân. É necessário, desde então, admitir que, se os Fariseus julgavam que o Espírito se ‘apagou’, os Essênios acreditavam que o Espírito Santo estava novamente à obra. Para os membros da seita do deserto de Judá, as profecias de Isaías e de Joel se haviam cumprido²⁶³.

O Espírito também é tido por Espírito purificador²⁶⁴; aquele que acompanha o fiel na prática batismal e o purifica. Logo, “o ‘Espírito purificador’ tem uma função escatológica”²⁶⁵. No contexto identitário e escatológico de Qumrân, entre os sinais do fim, está a vinda do Espírito sobre os Pobres. Assim como o Espírito pairava sobre as águas nos primórdios da Criação, pairará sobre os Pobres, chamados a tornarem-se ‘Pobres em Espírito’ (Mt 5,3), na nova criação. “Os Essênios tinham desenvolvido toda uma doutrina do Espírito criador. Eles esperavam que o Espírito de Deus viesse sobre eles no fim dos tempos, e que tivessem, assim, acesso, à uma vida nova”²⁶⁶.

O que marca a antiguidade desse ‘pedido do Espírito’, em Lucas, é o pano de fundo qumrâniano. Sem dúvida, não há necessidade de escolher entre a fórmula Mateana: “Venha Teu Reino”, e a Lucana: “Venha Teu Espírito”, pois o ‘Pai Nosso’, modelo de oração ensinada por Jesus a seus discípulos, sofreu adaptações ao longo do tempo, o que não tira, em uma ou outra redação, sua autenticidade²⁶⁷.

²⁶² Cf. PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 63-64. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024. Tradução nossa.

²⁶³ PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 64. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

²⁶⁴ Cf. PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 65. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

²⁶⁵ PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 65. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

²⁶⁶ PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 65. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

²⁶⁷ Cf. PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995, p. 66. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

Como ressalta Maçaneiro (2023), “a partir de Jesus, considerando sua inteira obra salvífica (Mistério Pascal e Pentecostes), reconhece-se o Reino de Deus como obra do Espírito Santo”²⁶⁸.

O Espírito que ungiu o Messias, unge os discípulos como povo messiânico (Jl 3,1-2; At 2, 16-18). Segundo a profecia de Ezequiel (36,26), é pelo Espírito que homens novos terão um coração novo e um espírito novo. Trata-se do cumprimento da Nova Aliança²⁶⁹. O evangelista Lucas apresenta em sua obra, evangelho e Atos dos Apóstolos, o grande movimento do Espírito na vida e nas comunidades dos cristãos do primeiro século. Que a variante do ‘Pai Nosso’ seja encontrada em sua redação, é coerente com o todo de sua obra: a ênfase cristológica, mas também pneumatológica.

Lucas compreendia os cristãos como um povo de profetas, sobre o qual foi derramado o Espírito Santo, dando-lhe condições de testemunhar Jesus, o Cristo, o Messias, de forma destemida. Para isso é indispensável a presença do Espírito. Dizer “Venha teu Espírito” é pedir que o Espírito mesmo realize sua obra, de forma plena, no coração da humanidade; só, então, o Reino de Deus se estabelecerá de forma definitiva.

Os Padres da Igreja comentam essa variante de Lucas. Seguem dois exemplos: Gregório de Nissa, e Máximo O Confessor.

Gregório de Nissa ressalta a fragilidade da natureza humana, que não sabe discernir entre o bem e o mal, permitindo que este último invada a vida do homem, submetendo-o ao domínio dos vícios e paixões. Daí a necessidade de pedir que venha sobre nós o Reino de Deus²⁷⁰:

não poderíamos escapar ao poder perverso da corrupção, com efeito, se não ocupasse seu posto em nós, o império daquela força vivificante. Isto significa, então, a súplica pela vinda do reino de Deus para nós: que seja livre de corrupção, livre da morte, liberto das amarras do pecado; que a morte não reine sobre mim, nem a tirania da malícia e do vício me domine, nem deixe o inimigo prevalecer sobre mim, nem me subjogue mediante o

²⁶⁸ MAÇANEIRO, Marcial. **Venga tu Espíritu! Variante del Padre-nuestro** (oratio dominica) en manuscritos del Evangelio de Lucas. Bogotá: *pro manuscripto*, 2023.

²⁶⁹ Cf. MAÇANEIRO, Marcial. **Venga tu Espíritu! Variante del Padre-nuestro** (oratio dominica) en manuscritos del Evangelio de Lucas. Bogotá: *pro manuscripto*, 2023.

²⁷⁰ Cf. GREGORIUS EPISCOPUS NISSENIUS. De oratione dominica, III. In: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Graeca**, v. 44. Paris: J. P. Migne Editor, 1863, coluna 1162 A. Disponível em: <https://www.mercaba.org/FICHAS/ORACION/PATER/C4.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024. Tradução nossa. Gregório é um dos Padres da Igreja, capadócio, também chamado Gregório de Nissa. É Doutor da Igreja e irmão de São Basílio (cf. FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de San Gregorio de Nisa. Em: **Biografías y Vidas**. La enciclopedia biográfica en línea [Internet]. Barcelona, España, 2004. Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/g/gregorio_de_nisa.htm. Acesso em: 24 jul 2024). Tradução nossa.

pecado; mas "venha o teu reino" sobre mim, para que sejam afastados e aniquilados, os vícios e afetos que até o presente me dominam [...]²⁷¹.

Gregório continua dizendo que se o Reino de Deus viesse a nós, tudo aquilo que subjuga e tiraniza a natureza humana seria destruído; as trevas não suportariam a presença da luz...²⁷²

talvez [o evangelista] Lucas nos explique melhor o significado desse pedido, insinuando que quem pede "venha o seu reino", implora o ajuda do Espírito Santo. Bem, em vez de: "venha o teu reino", diz em seu evangelho: " Venha sobre nós Teu Espírito Santo, e nos purifique." O que essas palavras podem dizer sobre o Espírito, homens insolentes [...], rebaixando-os à posição de criatura sujeito o Espírito, de quem é o reino e, portanto, nem sujeito nem criatura? [...]. Próprio do Espírito Santo, como atesta a locução evangélica, é purificar e perdoar os pecados [...] daqueles que os tiverem [...]. Venha, pois, sobre nós o Espírito Santo, para que nos purifique e nos torne capazes de compreender quão sublime são os mistérios divinos, que nos foram revelados pela oração do Salvador! [...]²⁷³

A vinda do Reino está intimamente ligada à vinda do Espírito. Máximo O Confessor, segundo Pottier (2017)²⁷⁴, compreende os três primeiros pedidos do Pai Nosso, como aquilo que nos atrai ao coração da Trindade, atravessando o céu do terceiro pedido. A invocação inicial e os dois primeiros pedidos é colocado em paralelo, e identificados à Trindade²⁷⁵:

no Nome do Pai, que deve ser santificado, ele reconhece o Filho; e no Reino do Pai que é chamado a vir, ele reconhece o Espírito. Pois o Pai é o Princípio, que não é jamais sem Filho nem Espírito" [...], pois o Nome do Pai, que subsiste essencialmente, é o Filho Único; e o Reino de Deus, o Pai, que subsiste essencialmente, é o Espírito Santo²⁷⁶.

²⁷¹ GREGORIUS EPISCOPUS NISSENUM. De oratione dominica, III. In: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Graeca**, v. 44. Paris: J. P. Migne Editor, 1863, coluna 1162 A. Disponível em: <https://www.mercaba.org/FICHAS/ORACION/PATER/C4.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

²⁷² Cf. GREGORIUS EPISCOPUS NISSENUM. De oratione dominica, III. In: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Graeca**, v. 44. Paris: J. P. Migne Editor, 1863, coluna 1162 A. Disponível em: <https://www.mercaba.org/FICHAS/ORACION/PATER/C4.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

²⁷³ GREGORIUS EPISCOPUS NISSENUM. De oratione dominica, III. In: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Graeca**, v. 44. Paris: J. P. Migne Editor, 1863, coluna 1162 A. Disponível em: <https://www.mercaba.org/FICHAS/ORACION/PATER/C4.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

²⁷⁴ Cf. POTTIER, Bernard. La dynamique du Notre Père. Le commentaire de Maxime le Confesseur (c. 580-662). **Communio**, n. 250, p. 75-88, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communio-2017-2-page-75.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024. Tradução nossa. Pottier é doutor em teologia, professor de teologia dogmática e fundamental. Em 2021 foi nomeado para um segundo mandato da Comissão Teológica Internacional (cf. JESUITES. **P. Bernard Pottier sj**. 2024. Disponível em: <https://www.jesuites.com/p-bernard-pottier-sj-theologien/>. Acesso em: 21 jul 2024.).

²⁷⁵ Cf. POTTIER, Bernard. La dynamique du Notre Père. Le commentaire de Maxime le Confesseur (c. 580-662). **Communio**, n. 250, p. 75-88, 2017, p. 78. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communio-2017-2-page-75.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024. Tradução nossa.

²⁷⁶ POTTIER, Bernard. La dynamique du Notre Père. Le commentaire de Maxime le Confesseur (c. 580-662). **Communio**, n. 250, p. 75-88, 2017, p. 78. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communio-2017-2-page-75.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024. Tradução nossa.

Não é difícil de aceitar a identificação do nome do Pai, com o Filho; “mas pode-se perguntar de onde Máximo tirou a ideia de identificar o Reino do Pai com o Espírito Santo”²⁷⁷. A resposta está na variante de Lucas. Onde Mateus escreve “Reino”, o evangelista Lucas escreve “Espírito”. Pottier sublinha, também, a presença dessa expressão em Lc 11,2, e o fato da expressão ser conhecida de Marcião e Gregório de Nissa²⁷⁸.

A obra completa de Lucas mostra bem sua compreensão e a ligação existente entre “Reino de Deus” e “Espírito Santo”. A variante de sua redação do Pai Nosso, ressalta que ‘Reino’ não acontece sem ‘Espírito’.

c) Pai

Para Ratzinger (2007), foi o Filho que nos revelou Deus como um Pai amoroso e próximo. O Filho de Deus se fez irmão da humanidade, para que os homens se tornassem filhos no Filho. Embora a palavra “Pai” traz um conceito de proximidade, para o homem de hoje seu significado não é sempre evidente. A experiência de “pai” humano nem sempre traz em si toda a ternura e consolação do Pai do Céu²⁷⁹.

Aprender, a partir de Jesus, que esse Pai é fonte de todo bem e o critério para que o homem se torne justo. A natureza do Pai é revelada no amor que vai até o fim, como fez Jesus sobre a cruz. Isso significa que Deus se dá a si mesmo; e é isso que importa na oração, acolher o dom de Deus. Com essa acolhida da presença de Deus na oração, vai-se purificando os desejos, permanecendo no que é essencial: Deus e seu Espírito²⁸⁰.

Quando Felipe pediu a Jesus de mostrar o Pai (Jo 14,8-9), Jesus responde que quem vê o Filho vê o Pai. E a resposta é sempre a mesma: conhece-se o Pai a partir do que revelou o Filho.

²⁷⁷ POTTIER, Bernard. La dynamique du Notre Père. Le commentaire de Maxime le Confesseur (c. 580-662). *Communio*, n. 250, p. 75-88, 2017, p. 78. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communio-2017-2-page-75.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

²⁷⁸ POTTIER, Bernard. La dynamique du Notre Père. Le commentaire de Maxime le Confesseur (c. 580-662). *Communio*, n. 250, p. 75-88, 2017, p. 78-79 Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communio-2017-2-page-75.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

²⁷⁹ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. *Jésus de Nazareth: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration*. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p.159.

²⁸⁰ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. *Jésus de Nazareth: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration*. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p.159.

“O Pai Nosso não projeta uma imagem humana sobre o céu, mas ele nos mostra a partir do céu - a partir de Jesus - como deveríamos e como podemos nos tornar homens”²⁸¹.

A paternidade de Deus constatada naquilo que revelou Jesus tem duas dimensões. Primeiro, Deus é nosso Pai porque foi Ele que nos criou; Dele recebemos a vida e ele nos conhece pessoal e individualmente. Dizer que o homem é sua imagem e semelhança é um outro jeito de exprimir essa ideia. A segunda dimensão é entrar no “ser homem” de Cristo, para a partir daí entrar no seu “ser filho”, ou seja, participar da filiação de Cristo. Para Ratzinger:

a filiação tornou-se um conceito dinâmico: nós não somos ainda, de maneira terminada, filhos de Deus, mas devemos nos tornar, e sê-lo cada vez mais, através nossa comunhão mais e mais profunda com Jesus. Ser filho, é seguir o Cristo. A palavra que qualifica Deus como Pai, torna-se, então, para nós, um apelo: viver como “filho” e “filha”²⁸².

A falsa emancipação buscada pelo homem no início da história do pecado da humanidade, ficou para trás. Adão quis tornar-se Deus e ser independente. Ora, ser filho, não significa ser dependente, mas viver uma “relação de amor que traz em si a existência humana, dando-lhe sua grandeza e seu sentido”²⁸³.

Outro aspecto da paternidade de Deus é que Deus é Pai e Mãe. Isaías compara o amor de Deus ao amor de mãe (Is 66,13), um amor que não é capaz de esquecer o fruto de suas entranhas; e ainda que a mãe esquecesse seu filho, Deus não esqueceria os seus. “O mistério do amor maternal de Deus aparece de modo particularmente impressionante da palavra hebreia *rahamim*, que significa, de fato, o seio materno, mas que termina por designar a compaixão de Deus pelo homem, a misericórdia de Deus”²⁸⁴. Na imagem de Deus está presente uma linguagem feminina do amor de mãe, mesmo que Deus nunca tenha sido qualificado de mãe no Antigo e nem no Novo Testamento.

Deve-se considerar, ainda, a palavra “nosso”. Somente Jesus pode dizer “Meu Pai”. Para os discípulos de Jesus, o “nosso” permite chamar a Deus de Pai, estar em comunhão com Jesus para se tornar filhos de Deus. A palavra “nosso” exige um sair de si para entrar na comunidade do

²⁸¹ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 160.

²⁸² BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 161.

²⁸³ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 162.

²⁸⁴ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 162.

“nós”, e ir ao encontro dos outros filhos de Deus, para acolhê-los e aceitá-los, na nova grande família de Deus, a Igreja.

Também as palavras “que estais no céu”, não é para colocar Deus distante de nós, mas uma forma de dizer que a verdadeira origem de nossa vida vem de Deus, embora todos tenham um pai terrestre. Deus pensou e desejou cada pessoa humana desde a eternidade, e a cada uma fez o dom da eterna casa paterna. A palavra “céu” é a dimensão da majestade de Deus, e a direção onde se deve avançar; é lá que todos se encontrarão para a comunhão plena com Deus, na paz²⁸⁵.

d) Santificado seja o Teu Nome

Quando se pensa no Nome de Deus tem-se diante de si a imagem de Moisés, no deserto, diante da sarsa ardente (Ex 3,6). Deus chama Moisés do meio da sarsa e o envia ao Egito para libertar seu povo. Ao ser perguntado qual era o nome desse Deus que o envia, Deus responde “Eu sou aquele que sou”. Com essa resposta Deus não se apresenta como apenas mais um Deus no panteão de Israel, mas como o verdadeiro Deus, Aquele que é.

O nome cria a possibilidade de relação, e Deus cria uma relação entre ele e o mundo. Mas entrar em relação com o mundo humano é, de alguma forma, tornar-se vulnerável, correr riscos. “Em seu Filho, tornado homem, pode-se dizer que Deus, desde então, tornou-se verdadeiramente acessível. Ele faz parte do nosso mundo e, de alguma maneira se colocou em nossas mãos”²⁸⁶.

Pode-se, então, compreender o que significa santificar o Nome de Deus. Se a imagem de Deus está deformada pelo abuso que se faz do seu Nome, deve-se, com coragem e respeito, pedir-lhe que não deixe destruir a luz do seu Nome nesse mundo, pois sozinhos os homens não são capazes de fazê-lo. Que Deus mesmo se encarregue de santificá-lo, fazendo resplandecer sempre sua identidade, apesar da deformação causada pelo humano²⁸⁷.

Na linguagem bíblica, o Nome se direciona para a pessoa. Deus é Aquele que é; o completamente Outro, separado, santo. Porém, o fato de ser totalmente Outro não o impede de ser

²⁸⁵ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 164-166.

²⁸⁶ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 167.

²⁸⁷ cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 167-168.

totalmente próximo do ser humano. É justamente por ser próximo, que Deus pode se ocupar de cada uma de suas criaturas²⁸⁸.

Para Fournier, a forma passiva do verbo “santificar” não explica quem é o sujeito da ação. Deus é o primeiro a agir para a santificação de seu Nome, e Ele o faz sendo aquilo que é: Misericórdia infinita. Quem se beneficia com essa ação de Deus? Certamente todos os seres humanos, que após experimentarem de sua misericórdia anunciarão ao redor de si as maravilhas realizadas por Deus em sua própria vida. Agindo assim, contribuirão para santificar o Nome de Deus. Por outro lado, aquele que acolhe a misericórdia se santificará, vivendo de coração os mandamentos de Deus, a ponto de outras pessoas verem e testemunharem a transformação do crente em sua relação com Deus²⁸⁹.

O profeta Ezequiel anuncia a ação de Deus para com seu povo (Ez 34, 11-16); uma água pura para lavar e purificar, um coração novo no lugar de um coração duro e frio; afim de que, fazendo a experiência de sua infinita misericórdia, o ser humano seja mais humano com seus semelhantes. Sabe-se do grande desafio de permanecer na mudança. Quem permitirá essa fidelidade em santificar o Nome de Deus? O Espírito Santo que habita em cada crente.

É pela manifestação da misericórdia, paciência e Amor, que Deus santifica seu Nome em cada pessoa. Colocando em nossa boca essas palavras do Pai Nosso, através do Filho, Deus suscita em nosso coração o desejo de pedir o que Ele deseja nos dar, descobrindo “Quem” Ele é. Se o homem aceita o perdão que vem de Deus, que o faz se reerguer, se renovar, então, sua vida mudará de perdão em perdão, oferecendo aos que convivem com ele o perdão que renova a esperança e a alegria de viver. Santifica-se o Nome de Deus quando se oferece ao outro aquilo que se viveu²⁹⁰.

e) Venha o Teu Reino

Pedir que venha a nós o Reino de Deus é reconhecer seu primado, e a necessidade de sua presença para que o mundo e o homem sejam bons. É, também, estabelecer uma ordem de

²⁸⁸ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 9. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁸⁹ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 10. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁹⁰ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 13-14. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

prioridades para o agir humano, ou seja, colocar como prioridade o Reino de Deus, aceitar que sua vontade seja o critério. Note-se que na vontade de Deus está o direito e a justiça de Deus e, neles, o justo direito entre os homens²⁹¹.

A vinda do Reino de Deus passa pela docilidade do coração humano, que se abre para aquilo que é essencial: um coração dócil e a capacidade de discernir entre o bem e o mal. Assim pode-se optar pelo reinado de Deus e não o dos homens. Pedir que o Reino de Deus venha a nós significa dizer a Jesus: “Faça-nos ser de Ti, Senhor. Penetre em nós, viva em nós”²⁹².

Desejar a vinda do Reino é desejar que seu Amor e Misericórdia reine nos corações humanos. A recepção dos dons de Deus pede um coração pobre, aberto à ação divina, o que gera felicidade, primeiro para a pessoa mesma, mas também se estende aos demais. Um coração que experimentou amor e misericórdia, assume uma nova postura diante da vida, pois faz o amor vencer o ódio, a doçura e a paz vencer a violência, a verdade vencer a mentira. Enfim, pela ação de Deus na pessoa, o que é verdade em Cristo, torna-se também verdade para o crente, pois abrir-se à ação de Deus é tornar-se, pouco a pouco, mais humano, mais dócil, mais justo... Se cada ser humano cria em si espaço para viver essa relação com Deus, a vida humana se tornará menos difícil e o mundo mais belo para todos²⁹³.

O Reino de Deus é o Reino incondicional, ilimitado e sempre oferecido da misericórdia e do amor para com o ser humano. Este, se fechado aos dons divinos, torna-se prisioneiro de suas próprias misérias. A verdadeira liberdade encontra-se na graça e no perdão que foram oferecidos em Jesus Cristo (Jo 8,31-36). Essa Boa Nova é sinônimo de plenitude de vida que, quando acolhida, conta com a graça, o sustento e o perdão de Cristo, na força do Espírito Santo, como companheiros de caminhada nas lutas da vida (Gl 5,1).

O Reino de Deus já está presente, próximo, oferecido na fé; mas deve vir nos corações daqueles que ainda não o acolheram; o Reino virá, para clarear as zonas de sombra presente no humano; o Reino virá através das ações de cada pessoa que a ele abriu o coração. E, finalmente, o

²⁹¹ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 170.

²⁹² BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 170.

²⁹³ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 14. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

Reino virá em sua plenitude com o Cristo Ressuscitado, no último dia, e então haverá a comunhão perfeita dos homens entre si, e de todos com Deus, em um único Espírito (Ef 4,1-6)²⁹⁴.

f) Seja feita tua vontade na terra como no céu

Existe uma vontade de Deus para todos; lá onde a vontade de Deus é feita, torna-se céu. Como reconhecer a vontade de Deus? Podemos, nós, realizá-la? Como?

A consciência é o lugar mais profundo do homem, onde ele pode conhecer a vontade de Deus. É lá que existe uma comunhão de saber entre Deus e o homem. “A vontade de Deus provém do ser de Deus; ela nos conduz, conseqüentemente, em direção à verdade de nosso ser, livrando-nos da autodestruição ligada à mentira”²⁹⁵.

Quando Jesus nos fala da vontade de Deus nos conduz à sua própria missão. Para ele, essa vontade era a fonte de sua vida (cf. Jo 4,34), e o coração de seu ser. Para que o ser humano possa viver essa vontade de Deus, é necessário estar unido ao Cristo, para que com Ele, o egoísmo humano seja vencido²⁹⁶.

Esse terceiro desejo da oração do Pai Nosso encontra-se na versão de São Mateus, pois trata-se de uma característica de sua cultura. Para um judeu a religião consiste em um “fazer” ou “não fazer”, de acordo com a Lei dada a Moisés. Essa Lei dada por Deus a Moisés é compreendida pelos judeus como a vontade de Deus para seu povo. Logo, fazer a vontade de Deus consiste em cumprir a Lei²⁹⁷.

Embora sendo judeu, para Jesus, a vontade de Deus é algo bem mais profundo. Pedir, em oração, que a vontade de Deus seja feita, pode ser interpretado como pedir a Deus que ele mesmo aja de tal maneira que sua vontade se realize no mundo. E qual é a vontade de Deus?

Na Carta de São Paulo a Timóteo lê-se: “Deus quer que todos os homens sejam salvos” (1Tm 2,3-6). Da parte de Deus: “Tudo está consumado” (Jo 19,30). O projeto de salvação de Deus para o mundo, conforme as Escrituras, foi realizado em Jesus Cristo; graça e perdão são

²⁹⁴ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 19-20. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁹⁵ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 172.

²⁹⁶ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 172-173.

²⁹⁷ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 21. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

continuamente oferecidas no Filho. Cabe a cada pessoa acolher essa salvação, para que a vontade de Deus seja realidade na vida humana. Deus convida o ser humano a tornar-se, de fato, aquilo que ele já é a seus olhos²⁹⁸.

A vontade de Deus é que o mundo creia no Filho enviado e acolha a salvação oferecida. Cada cristão é chamado a colaborar, lá onde está, para que seja cumprida a vontade de Deus de salvação, e que todos sejam salvos. Deus procura sempre pelo ser humano; Jesus mostrou isso de várias formas, e um exemplo é a parábola da ovelha perdida (Lc 15,4). Ainda que alguém recuse a crer no Cristo, Este, não deixará jamais de procurá-lo²⁹⁹.

g) O pão nosso quotidiano dá-nos a cada dia

Para Fournier (2020), o pão constituía o alimento de base no tempo de Jesus. ‘Comer o pão’ era sinônimo de alimentação, ou seja, de tomar a refeição. Por intermédio de Jesus, o Pai, autor da vida, ensina a pedir o pão, pois sabe bem o que é necessário à vida humana. E o primeiro desejo do Pai é que essa vida possa se desabrochar da melhor maneira possível, tendo como base aquilo que, naturalmente, lhe é necessário³⁰⁰.

Segundo Ratzinger (2007), o quarto pedido da oração do Pai Nosso aparece como sendo o mais humano. Jesus leva em conta nossas necessidades e nos encoraja a assumirmos nossa dependência diante de Deus. O homem trabalha a terra e produz o pão. Esse alimento não é somente fruto do seu trabalho, mas dom de Deus. Este, oferece o sol e a chuva, a fecundidade da terra e o pulsar da vida. Ratzinger continua:

esta sinergia de forças cósmicas, que escapa a nosso controle, opõe-se á tentação de nosso orgulho de nos dar a nós mesmos a vida, e isso somente por nossas capacidades. Um tal orgulho torna violento e frio. Ele acaba por destruir a terra. E não pode ser diferente, pois se opõe á verdade que nós, os homens, somos capazes de ultrapassar nós mesmos e que somente a abertura a Deus nos permite de nos tornarmos grandes e livres, de nos tornarmos nós mesmos³⁰¹.

²⁹⁸ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 24. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

²⁹⁹ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 25. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³⁰⁰ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 26-27. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³⁰¹ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 174.

Não rezamos pedindo ‘pão meu’, mas sim, ‘pão nosso’. Isso nos leva a aprofundar nossa consciência de filhos de Deus; nossa comunhão de discípulos. É uma forma de crescer na responsabilidade de uns pelos outros; de assumir o compromisso por mim e pelos outros. “Por esse pedido na primeira pessoa do plural, o Senhor nos diz: “Dai-lhes, vós mesmos, de comer (Mt 14,16)³⁰²”.

Um outro compromisso ao qual este pedido nos remete, é o despojamento. Quando rezamos ‘de cada dia’, estamos confessando nossa pobreza. Quem é pobre tem somente o pão para cada dia, ou seja, preocupa-se com o essencial, o necessário para viver, e não com o acúmulo das riquezas. O testemunho daqueles e daquelas que vivem esse despojamento dá coragem ao discípulo de se colocar totalmente nas mãos de Deus, e de confiar somente Nele, sem buscar nenhuma outra segurança. Logo, o pão nosso de cada dia tem a ver com o compromisso com o outro e a confiança total em Deus³⁰³.

Quando o povo de Israel caminhou pelo deserto (Êxodo 16), Deus mesmo se comprometeu em dar-lhe, a cada dia, o pão necessário para viver. Com essa pedagogia, Deus conduzia o povo a crescer na confiança. Através dessa oração, o povo de Deus de hoje também é convidado a fazer a mesma experiência de confiança no Deus da vida. Logo, a primeira preocupação do ser humano deve ser ‘buscar o Reino de Deus e a sua justiça’, a viver na presença de Deus, buscando viver uma vida que lhe agrade.

Cooperar com a providência de Deus é abandonar-se a Ele, e trabalhar para que essa providência seja conhecida. Agindo assim, entra-se na dinâmica do amor e da partilha, à qual Deus nos chama. Então, através de nós, cada pessoa poderá receber esse pão de cada dia³⁰⁴.

Este pedido pode nos levar, também, a refletir sobre as necessidades do coração humano, o pão material, mas também o pão do amor, do perdão, da relação. Jesus mesmo ultrapassa o sentido material dizendo que o ‘homem não vive somente de pão, mas de toda Palavra que sai da boca de Deus’(cf. Mt 4,4). Assim, a Palavra de Deus, o Logos, é o verdadeiro alimento para o homem; aquele que se fez homem, dá-se em alimento no Sacramento da Eucaristia. Este, é o nosso pão; o pão dos discípulos de Cristo. Jesus, logo após se apresentar como Pão da vida, por

³⁰² Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 175.

³⁰³ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 175.

³⁰⁴ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 28. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

sua Palavra, apresenta-se como Pão da vida, por seu corpo oferecido. Pela Palavra ou pelo Corpo oferecido, é o Espírito Santo que comunicará a vida de Deus, e que nos chama à responsabilidade mútua³⁰⁵.

h) Perdoa nossos pecados como nós perdoamos nossos devedores

Deus tomaria exemplo sobre o ser humano, para perdoar como ele perdoa? Se assim fosse, o homem teria motivo para viver na angústia, dada as limitações do mesmo. O que Jesus quer, é mostrar a importância do perdão que o ser humano decide dar, ou não, ao seu semelhante³⁰⁶. Fournier escreve:

Deus, de seu lado, é Amor (1 Jo 4,8.16). Ele só sabe amar, e o Amor face ao pecado não pode ter outro rosto que o da misericórdia (Is 63,7), e do perdão (Is 55,7). Tal é a Boa Notícia que Cristo proclamou até seus últimos instantes sobre a Cruz (Lc 23,34), e que a Igreja deve, a seu tempo, anunciar até as extremidades da terra (Lc 24,46-48)³⁰⁷.

Esse pedido supõe um mundo onde há ofensas. Estas, quebram relações e enfraquecem a vivência do amor e da verdade e, em última instância, obscurecem o relacionamento com Deus que é a Verdade e o Amor.

O perdão, e não a vingança, é a única maneira de superar a falta de outrem. Todo o Evangelho é atravessado pelo tema do perdão. A parábola do servo sem piedade (Mt 18, 23-35), revela que seja o que for que alguém deva perdoar, torna-se pequeno, se comparado à bondade de Deus.

O servo impiedoso não tem consciência de sua situação, ou seja, frente a uma dívida de quase cento e setenta e quatro toneladas de ouro (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, nota de rodapé letra “g”, p. 1737), ele pede ao rei paciência e se compromete a pagar tudo, o que seria impossível. O rei, por sua vez, sente-se comovido até as entranhas, e não age de acordo com os cálculos matemáticos, mas segundo seu coração cheio de amor, perdoando a dívida do servo³⁰⁸.

³⁰⁵ O pão como demanda eucarística, cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 178-180.

³⁰⁶ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 29-30. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³⁰⁷ FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 30. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³⁰⁸ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 31. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

Ao contrário, o comportamento do servo com seu companheiro não é de comoção até as entranhas, nem de compaixão, nem de compreensão e carinho, mas de dureza e condenação. Chega-se aqui na ponta da parábola: o ser humano deve agir com o próximo da mesma forma que Deus age com ele. “O Cristo, exagerando o montante dessa dívida quer colocar sob a luz a profundidade inimaginável da misericórdia de Deus”³⁰⁹.

O perdão dado é sinal de que nossa relação com Deus é viva e verdadeira. Nessa relação experimentamos a misericórdia e a salvação de Deus, e assim nos tornamos aptos a fazer o mesmo com quem errou³¹⁰. O próprio Jesus deu o exemplo, perdando seus algozes do alto da cruz (Lc 23,34). Não que se deva ignorar, minimizar, encobrir ou negar a falta. Esta, deve ser assumida, reparada e superada; pois o perdão coloca a pessoa que perdoa, e o culpado, em um processo de transformação.

É vivendo o mal a fundo e superando-o, que se pode chegar à cruz de Cristo. É um processo interior profundo que passa pela experiência do limite humano de perdoar, e da necessidade de contar com a graça do Cristo. A partir daí, inicia-se o processo de renovação e libertação. Vencer a falta, superar a ofensa exige uma mobilização do coração, ou melhor, uma mobilização da existência toda do indivíduo. A oração, a gratidão e o amor são indispensáveis, e se tornam força de cura e libertação³¹¹.

Nesse caminho, o Espírito Santo, a Água Viva do evangelho de João (Jo 4,10), lava a imundície do pecado, e comunica a vida de Deus. Perdoar é difícil, mas tentar perdoar de coração é dizer “Sim” ao Cristo e escolher, verdadeiramente, ser seu discípulo. Pela ação do Espírito Santo no ser humano, este, pode começar a responder ao apelo de Cristo³¹².

i) E não nos deixeis cair em tentação

Pode, Deus, estar ligado de alguma maneira com a tentação? São Tiago, em sua epístola, diz que ninguém deve dizer que é Deus que o prova, mas que cada pessoa é provada pela própria

³⁰⁹ FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 31. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³¹⁰ FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 32. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³¹¹ Sobre o processo de perdão cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 181-184.

³¹² Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 34. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

concupiscência (cf. Tg 1,13-14). O pedido ‘não nos deixes cair em tentação’ faz aparecer Deus como um companheiro de jornada e de combate, quando nos defrontamos com o pecado. De fato, qualquer que seja a situação, o Deus da Aliança está sempre presente, fiel, bondoso, conosco e por nós. Não é Deus que nos submete à tentação, esta vem do diabo, como é apresentado nas tentações de Jesus no deserto (Mt 4,1). Jesus vence as tentações que conduziram, e conduzem, a humanidade longe de Deus³¹³. Segundo Fournier:

quanto ao pecado, ele remete a um mistério de desobediência do coração face a Deus, a uma falta de amor. E ele é destrutivo para o homem, pois estraga a relação vital que, de qualquer maneira, une o homem ao seu Criador. Quer queiramos ou não, e isso faz parte de nosso estatuto de criatura, vivemos todos em Deus que nos criou a sua imagem e semelhança (Gn 1,26-28), e que, instante após instante, nos mantém na existência por seu próprio Sopro, o Espírito Santo (Jó 34,14-15)³¹⁴.

O mistério da vida humana está nas mãos de Deus. Essa é a realidade do ser humano quer ele aceite ou não. Cada pessoa é habitada pela vida divina, e é convidada a fazer frutificar as potencialidades que a habita. Crendo ou não, o ser humano vive em Deus. A luz da consciência é a luz de Deus, que sempre orienta para o Verdadeiro, Bonito, Bom e Justo.

Quando a relação com Deus não é o que ela deve ser, o homem não recebe a vida como deve receber, sente-se interiormente ferido, em sofrimento. “Deixa-se levar, de uma maneira ou de outra, sob o declínio de um desejo contrário ao de nosso Criador, é sempre estragar, ocultar, colocar de lado nossa relação de coração a Deus, uma relação que é vital para nós, e que determina a qualidade mesma de nosso viver”³¹⁵.

O homem pecador é um homem ferido e, como consequência, sofredor. E é assim que Deus o vê. Em sua infinita bondade, Deus faz tudo para tirar o homem dessa situação de pecado; age na história humana, enviando profetas e o próprio Filho, para trazer o homem de volta ao caminho da vida. E convida a estar vigilante sobre todas as situações que se apresentam, seja por desejos interiores, seja por circunstâncias exteriores. Estar atento à sua presença junto ao ser humano sempre e em toda parte; à luz do Espírito Santo que permite discernir o que é bom e o que não é.

³¹³ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 35-36. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³¹⁴ FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 37. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

³¹⁵ Cf. FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, 2020, p. 37-38. Disponível em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

Para passar de uma piedade superficial a uma união profunda com Deus, o homem precisa ser provado, passar por um processo de purificação para chegar á maturidade. É na provação que se toma consciência da pobreza do amor humano, de sua esperança e de sua fé. É um caminho de risco, mas é necessário para tornar-se mais humano, e aprender um amor mais verdadeiro³¹⁶.

Ao pedir a Deus que não nos deixe cair em tentação, deve-se, ao mesmo tempo, estar pronto para a provação. Pede-se, também, a Deus de não permitir que o ser humano saia de suas mãos, e que não se imponha sobre cada um, mais do que é capaz de suportar³¹⁷. “Com a provação, ele (Deus) vos dará os meios de vencer e a possibilidade de suportá-la (1Cor 10,13)”³¹⁸.

j) Mas livrai-nos do mal

Esse pedido está ligado ao anterior. Pede-se ao Pai de salvar, libertar do mal que põe em risco a vida e a fé humana.

Se no passado, o dragão do Apocalipse (cap. 12 e 13) representava o poder político Romano, que perseguia e colocava em risco a vida dos cristãos, nos dias atuais muitos são os males que colocam em risco a vida humana. Se por um lado, o mercado de armas, do tráfico de drogas e de seres humanas, etc., colocam-no diante de uma situação difícil de resistir; por outro lado se apresentam as ideologias do bem-estar, da conquista, da negação de Deus colocando-o como uma ficção, torna-se, também, um risco de perder Deus, e esse é o maior mal que pode atingir o ser humano. A provação é útil, mas o mal é destruidor³¹⁹.

Quando se reza pedindo a Deus de livrar-nos do mal, e obtém o que se pede, na verdade não resta mais nada a pedir, pois estar livre do mal é estar em segurança. Um exemplo dessa libertação são os mártires, que vivendo todo tipo de provação e tentação, não negaram a fé e permaneceram fiéis, ao ponto de entregar a própria vida pelo Cristo³²⁰.

³¹⁶ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 186.

³¹⁷ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 188.

³¹⁸ BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 188.

³¹⁹ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 189-190.

³²⁰ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 190.

Pedir para ser liberto do mal, é pedir que venha o Reino de Deus, a santificação do seu Nome, e o desejo de se unir à sua vontade. São Paulo descreve o grau de confiança em Deus e de libertação, que ele chegou:

quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Mas em tudo isso somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8, 35.37-39).

Este último pedido deve levar o indivíduo a um exame de consciência, a fim de verificar sua contribuição para acabar com a supremacia dos males do mundo. Perceber a ligação entre os males e o Mal por excelência; não tornar esse pedido superficial, mas voltar-se sempre, de maneira mais profunda, ao Deus vivo e libertador³²¹.

3.4 JESUS, O ESPÍRITO E A ALIANÇA: O SERVO

Na Bíblia, Deus se apresenta como Aquele que faz Aliança com os homens desde o começo do mundo. A Bíblia é dividida em dois Testamentos: o Antigo e o Novo. Neste caso Testamento e Aliança significam a mesma coisa, ou seja, pode-se dizer Antiga e Nova Aliança³²².

Aliança pode ser entendida como sendo um acordo feito por Deus com os seres humanos; onde há adoração e louvor de um lado, e bênção, proteção e privilégios concedidos por Deus, do outro lado. A Bíblia conta as alianças que foram feitas ao longo do tempo, para que os homens tivessem consciência da presença de Deus. Este, de tempos em tempos escolhe pessoas para renovar ou relembrar à humanidade seu compromisso com ela³²³.

³²¹ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007, p. 191-192.

³²² Cf. GAUTHIER, Jacques. L'alliance dans la Bible. **Aleteia**, 2018. Disponível em: <https://fr.aleteia.org/2018/08/27/lalliance-dans-la-bible>. Acesso em: 21 jul. 2024. Gauthier é doutor em teologia, professor e escritor (cf. JACQUES GAUTHIER, 2024. **Biographie**. Disponível em: <https://www.jacquesgauthier.com/biographie/biographie.html>. Acesso em: 21 jul 2024.). Tradução nossa.

³²³ Cf. GAUTHIER, Jacques. L'alliance dans la Bible. **Aleteia**, 2018. Disponível em: <https://fr.aleteia.org/2018/08/27/lalliance-dans-la-bible>. Acesso em: 21 jul. 2024.

3.4.1 Jesus, o Servo da Nova Aliança

A primeira aliança apresentada na Bíblia é com Noé, o justo em uma sociedade injusta, narrada nos capítulos 6 e 7 de Gênesis, cujo sinal é o arco-íris. Mas o que conhecemos como Antiga Aliança remonta a Abraão, com quem começa um longo e lento caminho que vai atingir o cume em Jesus Cristo, o Servo por excelência da Nova Aliança.

a) Personagens e características da Antiga Aliança

Alguns personagens se destacaram na antiga Aliança, como por exemplo, Abraão, Moisés, Davi. Com este último, no capítulo 9 de Isaías, aparece uma aliança adicional com a promessa de um descendente que sentará em seu trono.

Abraão é um dos personagens do Antigo Testamento, cuja vocação é narrada no capítulo 12 de Gênesis. Deus diz a Abraão de sair de sua terra e seguir para a terra que Ele indicar, que é a terra de Canaã, a terra prometida. Esta ordem é acompanhada de uma promessa de bênção universal em seu nome, e de uma grande posteridade. O sinal da aliança entre Deus e Abraão é a circuncisão, que não deve ser somente um gesto na carne, mas um sinal de pertença e de fidelidade. É a descendência de Abraão que renovará a aliança no Sinai³²⁴.

Moisés é outro grande personagem da Antiga Aliança. Sua história e vocação são narradas no livro do Êxodo, nos capítulos 2 e 3. Segundo o texto bíblico, Moisés faz seu primeiro encontro pessoal com o Deus de Israel no episódio da sarsa ardente, e ali recebe a missão de libertar os israelitas da escravidão, no Egito. Após a saída do Egito e a passagem pelo mar vermelho, Moisés conduz o povo pelo deserto até o Monte Sinai, onde recebe as Tábuas da Lei, ou seja, os Dez Mandamentos, firmando Javé como Deus de Israel, e Israel como povo de Javé. Esta aliança feita entre Deus e Israel, por meio de Moisés, é a que predomina na existência quotidiana dos israelitas. E é esta que aparece no Novo Testamento identificada como a antiga Aliança. Nesta, o que Deus exigia de Israel era a obediência a seus mandamentos e, em contrapartida, comprometia-se a fazer de Israel seu povo, a primeira nação da terra. O Código da Aliança - uma

³²⁴ Cf. GAUTHIER, Jacques. L'alliance dans la Bible. **Aleteia**, 2018. Disponível em: <https://fr.aleteia.org/2018/08/27/lalliance-dans-la-bible>. Acesso em: 21 jul. 2024.

coletânea de leis e costumes - aparece logo após os Dez Mandamentos, e pode remontar aos primeiros séculos da instalação a Canaã³²⁵.

Notemos que antes do Sinai, o povo já seguia leis, como o dízimo, as leis alimentares e mesmo os dez mandamentos³²⁶. Depois do Sinai, outras leis foram sendo acrescentadas, como por exemplo, a amplificação dos dez mandamentos, leis civis, leis que regulamentam os sacrifícios e oferendas, um tabernáculo e um sacerdote... Todas essas leis faziam parte da aliança de Deus com Israel, mas este último, antes mesmo de chegar na terra prometida, e por séculos afins, viveu infidelidades á aliança.

Outra característica da Antiga Aliança eram os sacrifícios. Estes, eram muito presentes na sociedade primitiva, e se situavam no coração da religião de Israel, ao mesmo tempo, como dom e como exigência. “O sacrifício é fundamentalmente um rito teofânico. Consequência de uma ruptura, ele traduz aspiração de restabelecer a comunicação com Deus (Gn 8,20ss). Ele tem por função provocar a vinda de Deus em vista de obter sua bênção (Ex 20,24), e de responder a sua presença no meio do seu povo (Ex 29,38-46)”³²⁷.

São três os tipos de sacrifícios³²⁸:

- a) Oferenda das primícias e dos primogênitos: porque Deus é o proprietário da terra e de todos os recursos. Os primogênitos podem ser recuperados por um animal ou por uma soma em dinheiro;
- b) Os holocaustos: consistem exclusivamente em produtos comestíveis, principalmente do rebanho (animais grandes e pequenos) ou da agricultura (cereais, óleo de oliva, vinho), preparados para servir uma refeição oferecida integralmente a Deus, como hospitalidade. São os sacrifícios de ‘agradável odor’;
- c) Sacrifícios pelos pecados e sacrifícios pela reparação: para absolvição dos pecados ou como rito de purificação. É fundamentalmente um rito de sangue usado para situações de passagem. Serve para a reintegração na comunidade daqueles que pecaram ou se

³²⁵ GORGULHO, Gilberto da Silva. Livro bíblico: nota "e" do rodapé Êxodo 20, [tradução]. In: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 131.

³²⁶ Cf. Capítulos 20 a 23 do Êxodo.

³²⁷ MARX, Alfred. Sacrifice. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016, p. 1258. Tradução nossa. Marx foi professor de hebreu bíblico e Antigo Testamento, especialista em sacrifícios bíblicos (cf. LUCIANI D, 2007. **Alfred Marx**, 2007. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/thlou_0080-2654_2007_num_38_4_3627_t1_0567_0000_1. Acesso em: 21 jul. 2024). Tradução nossa.

³²⁸ MARX, Alfred. Sacrifice. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016, p. 1258.

tornaram impuros. É exigido, também, para os rituais de consagração. Os sacrifícios de reparação serviam para reparar uma falta no caso de causar prejuízo à propriedade de Deus ou do próximo.

Como toda forma de culto, o sacrifício apresenta o perigo do formalismo. O sacrifício não dispensa a exigência de justiça, e insiste sobre a atitude interior de amor e obediência a Deus.

Tudo o que caracteriza a Antiga Aliança são formas de expressão que o povo de Israel encontra para viver a aliança com seu Deus, Javé. Apresenta dois polos: de um lado o risco do ritualismo, de colocar a lei acima da pessoa, ou mesmo de se servir da lei para oprimir os mais fracos; e de outro, uma busca de viver essa relação com Deus, apesar da fragilidade sempre presente no humano. Mas a aliança vivida dessa forma, não é a definitiva.

Em Jeremias 31 Deus anuncia que a aliança feita com seu povo através de Moisés, não seria eterna; que haveria uma nova aliança, colocada no fundo do ser de cada israelita, e inscrita em seu coração. Esta Nova Aliança se realizou no sangue de Jesus (1Cor 11,25).

b) A promessa da Nova Aliança

Israel é o povo eleito, com o qual Deus fez aliança. Nessa relação de eleição e de aliança a iniciativa é de Deus, que deseja ser o Deus de Israel e que Israel seja seu povo (cf Lv 26,12; Êx 6,7). Deus deu sua Lei a Israel para vinculá-lo a Si. Esse vínculo se constrói não só pela lei, mas pelo amor e compaixão de Deus que os adota como filhos (cf Êx 3,10 e 4, 22-23). Dois são os sinais externos dessa adoção: *circuncisão* e *shabat*. Esses sinais são um convite ao povo de viver esse vínculo não somente como lei, mas por amor, pela fidelidade do coração³²⁹. Não se trata de uma observância apenas formal da Lei, mas de um compromisso pessoal de cada israelita com Deus, do amor ao próximo, e da busca de justiça nas relações. Segundo Maçaneiro (2022):

a aliança do Sinai, referida nos livros do Êxodo e do Deuteronômio, torna-se o núcleo de sentido e de identidade para o Judaísmo, que perdura por todas as gerações, até o presente. Mas não é uma celebração exclusiva no amplo percurso de Israel, no qual se inserem também as alianças de Deus com Noé (Noah = consolo, alívio) e com Abraão (Ab'raham = pai de povos). Na aliança com Noé estão representadas todas as criaturas da Terra (cf. Gn 9,8-17). O Criador “se compromete por sua própria iniciativa e sem reservas; e esse compromisso incondicionado de Deus com a sua criação é a base de toda vida” (JEB parte II, n. 37). Pela aliança com Abraão, arameu chamado a sair da cidade

³²⁹ Cf. MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo. Lisboa: UCP, 2022, p. 1.

de Ur dos Caldeus, Adonai assume um compromisso: “A teus descendentes darei a terra” (Gn 15,18). A iniciativa compete a Deus, embora o pacto comprometa as duas partes: o Senhor e seu servo Abraão³³⁰.

Essa aliança entre Deus, Abraão e, posteriormente, o povo de Israel não significa simetria. De sua parte, Deus assume o compromisso de fidelidade com seu povo, como expressa o rito da ‘auto-imprecação’³³¹ (cf. Gn 15,17). Deus promete a Abraão fecundidade (cf. Gn 17, 4-16) e dom da terra (cf. Gn 17,8); em um vínculo eterno entre Deus, Abraão e sua descendência (cf Gn 17,8).

A aliança no Sinai eleva a consciência coletiva da fé judaica³³². O Deus de Israel é um Deus libertador, que vem ao encontro do seu povo para libertá-lo (Êx 14). Como escreve Salas: “a aliança sinaítica se torna o eixo articulador de toda a reflexão veterotestamentária”³³³.

Como pertencente ao povo de Israel, Davi já é beneficiado com a aliança de Deus com esse povo. Porém, com ele, Deus estabelece um pacto que diz respeito a sua descendência familiar e régia. Diferente da promessa feita a Abraão, que inclui toda a sua descendência, Davi goza de uma aliança particular com Deus: “Eu serei para ele um pai, e ele será para Mim um filho” (2Sm 7,14). Deus promete que da família de Davi surgirá o rei ungido, o Messias. JEB diz:

Por tratar-se de uma promessa incondicionada, a aliança com a casa de Davi não pode ser rompida (cf. Sl 89,29-38). Se o sucessor de Davi cometer erros, Deus o punirá como um pai pune o próprio filho, mas não retirará dele o Ser favor (cf. 2Sm 7,14-15). A perspectiva é muito diferente da perspectiva da aliança do Sinai, na qual o favor divino está ligado a uma condição: o respeito à aliança por parte de Israel (cf. Êx 19,5-6)³³⁴.

O povo de Israel, e o próprio Davi, comete infidelidades à aliança com Deus. A tomada de Jerusalém e a destruição do Templo por Nabucodonosor (597 e 587 a.C.) é interpretada pelos profetas como consequência da infidelidade do povo para com a aliança. O profeta Jeremias relembra ao povo que Deus é o Deus fiel, que manterá sua fidelidade apesar das suas

³³⁰ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 2.

³³¹ Cf. MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 2.

³³² Cf. MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 3.

³³³ SALAS, A. Alianza. In: FLORISTÁN, C.; TAMAYO, J.-J. (eds.). **Conceptos fundamentales del cristianismo**. Madrid: Editorial Trotta, 1993, p. 14. Salas é agostiniano, diretor da escola bíblica de Madri, diretor da revista ‘Bíblia e fé’(cf. DIALNET. Antonio Salas, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=78455>. Acesso em: 21 jul 2024.). Tradução nossa.

³³⁴ JEB = sigla do importante documento da: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA [2002.]. O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã. In: BIZON, J.; DARIVA, N.; DRUBI, R. (Orgs.). **Diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1985, parte II, n. 38 final, p. 361-528.

transgressões, e anuncia uma nova aliança que será feita, ‘não será como a aliança que fiz com vossos pais quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; aliança que eles quebraram’ (Jr 31,32)”:

vinda depois da aliança do Sinai, a nova aliança tornará possível um novo começo para o povo de Deus. O oráculo não anuncia uma mudança dos termos da Lei, mas uma nova relação com a Lei de Deus, no sentido de uma interiorização. Em vez de ser escrita “sobre tábuas de pedra” (Êx 24,12; 31,18ss), a Lei será escrita por Deus nos “corações” (Jr 31,31) – o que garantirá uma docilidade perfeita, aceita espontaneamente, ao contrário da reiterada desobediência do passado (cf. Is 1,1-31; Jr 7,25-26 e 11,7-8). (JEB parte II, n. 39)³³⁵.

A novidade não consiste na promulgação de uma nova lei divina, mas nas disposições a receber de outra forma essa aliança. Segundo Lohfink (1991):

aliança a que Jeremias se refere permanece aquela que Deus havia selado com Israel quando o tomou pela mão e o conduziu para fora do Egito (cf. Jr 31,32), ou seja, aquela que usamos denominar aliança sinaítica” (1991, p. 51). O profeta “não diz que esta aliança envelheceu ou caducou, mas sim que foi quebrada (v. 32) e, portanto, era como se não mais valesse. Para retomar seu valor, deveria ser novamente outorgada por Deus³³⁶.

Jeremias não fala de uma nova Torá, mas de uma forma nova de viver a aliança. E a única forma de reconstruir a aliança quebrada, é pelo perdão das transgressões do povo. Maçaneiro (2022) diz:

pelo perdão divino das precedentes violações da aliança, como declara o “oráculo de Adonai: Perdoarei sua culpa e não me lembrarei mais de seu pecado” (Jr 31,34). Este perdão expressa o generoso favor de Deus pelo povo pecador, capaz de renovar o pacto rompido ao oferecê-lo de maneira nova, em vista de uma resposta nova da parte dos israelitas³³⁷.

³³⁵ JEB. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*, 1985, parte II, n. 39, p. 361-528.

³³⁶ LOHFINK, N. *L'alleanza mai revocata: riflessioni esegetiche per il dialogo tra cristiani ed ebrei*. Brescia: Queriniana, 199, p. 51. Lohfink é sacerdote jesuíta, teólogo católico, professor emérito de exegese do Antigo Testamento. Lecionou por muitos anos na Faculdade de Filosofia e Teologia de Sankt Georgen, e publicou extensivamente. Foi professor no Instituto bíblico pontifical de Roma. É Doutor honoris causa pela Universidade de Viena (cf. JESUÍTES, 2024. **Norbert Lohfink**. Disponível em: <https://www.jesuites.ch/personnes/norbert-lohfink-sj>. Acesso em: 30 jul 2024). Tradução nossa.

³³⁷ MAÇANEIRO, Marcial. *A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo*. Lisboa: UCP, 2022, p. 5.

Em Jeremias, ser perdoado de suas faltas significa “o retorno a casa dos judeus exilados e o recomeço da vida em Jerusalém”³³⁸. “O perdão das infidelidades e o retorno do exílio (538 a.C.), com a subsequente reforma religiosa e a reconstrução do Templo (537-515 a.C.), impactam no povo judeu como experiência efetiva daquela nova aliança predita por Jeremias”³³⁹.

c) A Nova e Eterna Aliança

A Aliança que dependia da fidelidade do homem ao cumprimento da Lei era condicional, e acabou se rompendo. Lohfink (1991) esclarece:

a aliança precedente foi violada, na prática; e isso indica que o modo como foi confiada ao povo [mediante tábuas de pedra] foi tal, que acabou dando chances à sua violação. Totalmente novo será o modo como Deus dará, enfim, a nova aliança: será depositada no ânimo dos israelitas e a Torá será escrita no coração, sem que seja necessário recorrer a seu ensinamento exterior. O exame atento da antítese retórica usada por Jeremias mostra que a nova aliança – arraigada no profundo da alma e, portanto, arraigada em certa medida na própria liberdade – não estará mais deixada à sorte de ser violada como a aliança precedente. Pois o coração significa a vontade íntima, a liberdade, em suma. A oferta de uma nova aliança nos leva ao mistério da cooperação entre Deus e a liberdade humana, a tocar o ponto culminante em que o ser humano, em plena liberdade, repousa completamente na vontade de Deus³⁴⁰.

Não há novidade quanto ao conteúdo da aliança, e sim na sua forma de acolhida; não mais uma prática de normas externas, mas um movimento interior, do qual vai brotar a fidelidade recíproca entre Deus e Israel. A nova aliança não é citada de forma explícita em outros textos proféticos, mas encontra eco, também, na profecia de Ezequiel, o qual afirma que ao homem será dado um ‘coração novo’; não mais um ‘coração de pedra’ habitará no peito da humanidade, mas um ‘coração de carne’, dócil às leis do Senhor. Esta nova condição será obra do Espírito de Deus, derramado no coração humano, para impulsioná-lo nos caminhos do Senhor (cf Ez 36,26-27)³⁴¹.

A nova aliança de Jeremias era objeto de atenção no tempo de Jesus e de Paulo. Este, seguindo os apóstolos e evangelistas, fizeram a releitura do evento Jesus, atribuindo a este, a realização da Nova Aliança anunciada pelo profeta. Maçaneiro (2022) escreve:

³³⁸ LOHFINK, N. *L'alleanza mai revocata: riflessioni esegetiche per il dialogo tra cristiani ed ebrei*, 1991, p.52.

³³⁹ Cf. Jr 31,38-40; também JEB parte II, n. 48.

³⁴⁰ LOHFINK, N. *L'alleanza mai revocata: riflessioni esegetiche per il dialogo tra cristiani ed ebrei*, 1991, p. 50-51.

³⁴¹ Cf. MAÇANEIRO, Marcial. *A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo*. Lisboa: UCP, 2022, p. 6.

na verdade, os apóstolos e evangelistas interpretam as profecias de Jeremias e Ezequiel à luz da vida, morte e ressurreição de Jesus, o Redentor ungido por Deus. Assim, Lucas e Paulo usam a expressão nova aliança para qualificar a obra messiânica de Jesus, mais precisamente a oblação de seu corpo e sangue, ou seja, sua Páscoa. A expressão está no relato do séder de-pêssah que Jesus comeu com os discípulos, em 1Cor 11,25 e Lc 22,20: *καινη διαθηκη* traduz perfeitamente o hebraico *berit ha-dashá* de Jeremias 31,31³⁴².

Quais são as razões para atribuir a Jesus a realização da nova aliança? JEB (1985) escreve:

Na última ceia, Jesus intervém de modo decisivo, fazendo do seu sangue o “sangue da aliança” (cf. Mt 26,28; Mc 14,24), fundamento da “nova aliança” (Lc 22,20; 1Cor 11,25). A expressão sangue da aliança remonta à instauração da aliança do Sinai por parte de Moisés (cf. Êx 24,8) e sugere, então, uma relação de continuidade com esta aliança anterior; mas as palavras de Jesus manifestam ao mesmo tempo um aspecto de radical novidade: enquanto a aliança do Sinai tinha comportado um rito de aspersão com o sangue dos animais imolados, a aliança de Cristo fundamenta-se no sangue de uma pessoa humana que transforma a sua morte de condenado em dom generoso, fazendo de um evento de ruptura, um evento de aliança³⁴³.

Nos textos da última Ceia aparece a ideia de Aliança (Mt 26, 28; Mc 14, 22-25; Lc 22, 15-20; 1Cor 11, 23-26). Os quatro relatos da instituição podem ser repartidos em dois grupos: Mateus-Marcos, e Lucas-Paulo. Mateus e Marcos ao narrar o conteúdo sobre o cálice diz isso é meu sangue derramado por uma multidão (Mc 14,24), e Mateus acrescenta, para o perdão dos pecados (Mt 26,28). Em Lucas e Paulo, ao narrar o conteúdo sobre o cálice diz ‘esse cálice é a Nova Aliança em meu sangue’ (1Cor 11,25), e Lucas acrescenta que é derramado por vós (Lc 22,20). Lucas e Paulo mencionam a Nova Aliança, enquanto que somente Mateus e Marcos acrescentam ‘por uma multidão’. Para Lucas e Paulo, o cálice da Nova Aliança é fundado no Sangue de Cristo³⁴⁴. Maçaneiro (2022) escreve:

Ao dizer “nova aliança” Paulo e Lucas aproximam as noções de novidade e de continuidade. Novidade, desta vez, em relação à aliança do Sinai, pois agora o Cordeiro é o próprio Jesus, que entrega o corpo e derrama o sangue pela redenção de muitos, isto é, de todos (cf. Lc 22,19-20; Mc 14,24). Autor do novo pacto com o selo do Espírito Santo, Jesus é como um novo Moisés por quem Deus revela uma nova Lei: o Evangelho (cf. Mt 5; Lc 5). Já a continuidade, não se dá em relação ao pacto sinaítico, mas à “nova aliança” do oráculo de Jeremias 31,31-34: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue”

³⁴² MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 7.

³⁴³ JEB. O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã, 1985, parte II, n. 40, p. 361-528.

³⁴⁴ Cf. BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **La Théologie de l'Alliance dans le Nouveau Testament**. 1995. Disponível em: <https://academiesciencesmoralesetpolitiques.fr/wp-content/uploads/2018/07/ratzinger.pdf> . Acesso em: 10 dez. 2023. Tradução nossa.

(1Cor 11,25; Lc 22,20). Ora, “a frase que Jesus pronuncia sobre o cálice declara que a profecia do Livro de Jeremias se cumpriu em sua Paixão. E os seus discípulos participam deste cumprimento graças à sua comunhão na ‘ceia do Senhor’ (1Cor 11,20)” (JEB parte II, n. 40)³⁴⁵.

Para Paulo, a ‘nova aliança’ “não implica uma ruptura da aliança de Deus com o seu povo, mas constitui o seu cumprimento”³⁴⁶. Também a Carta aos Hebreus fala do Cristo como mediador da nova aliança, como ressalta Maçaneiro (2022):

a Carta aos Hebreus cita in extenso o oráculo de Jeremias e proclama a sua realização em Cristo, “mediador da nova aliança” (Hb 9,15). Esta nova aliança estende seus efeitos até Israel: “Pela sua morte, Ele redimiu as transgressões da primeira aliança. Assim, aqueles que são chamados recebem a herança eterna prometida” (Hb 9,15). Mas o tom predominante da Carta, especialmente nos capítulos 8–10, é de superação da antiga aliança pela nova – tanto quanto o sacerdócio do Filho revoga aquele de Aarão, provisório – porque a argumentação quer assegurar a fé dos discípulos recém-chegados do Judaísmo ou, então, influenciados pelos judaizantes (cf. Hb 7,18-19; 10,9: JEB parte II, n. 42). Isso nos leva a notar que, somente em perspectiva cristã, falando aos discípulos já batizados, pode-se dizer que a aliança do Sinai e a Lei mosaica foram superadas, enquanto permanecem subjetivamente válidas para o judeu fiel³⁴⁷.

Portanto, a ‘nova aliança’ é nova em uma perspectiva cristã; para os judeus, a aliança sinaítica ocupa plenamente seu lugar, em sua relação com o Eterno. Para os cristãos, a vinda de Jesus põe fim no que era provisório, e inicia os tempos futuros. “O resultado é uma perspicaz interpretação cristológica da Lei (Torá) e dos Profetas (*Nebiim*), que tem por chave Jesus, Messias e Sumo Sacerdote (cf. Hb 5–8)”³⁴⁸. Os cristãos vindos do judaísmo puderam ver que em Jesus, “o projeto de aliança anunciado e prefigurado no Antigo Testamento encontra o seu cumprimento, não como retorno à aliança do Sinai, mas como aliança realmente nova, fundada sobre uma nova base: a oferta pessoal de Cristo (cf. Hb 9,14-15) (JEB parte II, n. 42)”³⁴⁹.

A nova aliança estabelecida por Jesus não significa uma outra aliança. Jesus não cancela a aliança sinaítica, mas dá-lhe pleno cumprimento, dentro da perspectiva cristã. “Para quem O professa como “Senhor e Cristo” (At 2,36) é certo que Jesus cumpriu plenamente as promessas e

³⁴⁵ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 7-8.

³⁴⁶ JEB. O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã, 1985, parte II, n. 41, p. 361-528.

³⁴⁷ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 8.

³⁴⁸ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 9.

³⁴⁹ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 9.

as alianças, dando início ao novo povo escatológico (cf. Ef 2,11-22; 1Pd 2,9-10)³⁵⁰. Para Maçaneiro (2022):

este cumprimento revela-se como novidade, seja pelo Messias que estabelece a aliança pela entrega de Si mesmo, seja pela universalidade inédita das promessas, acessíveis a circuncisos e não-circuncisos. Notemos, aliás, que tal novidade e universalidade são contempladas no Novo Testamento sob luz pneumatológica, como ação do Espírito (Ruah = Πνεῦμα) em Jesus e nos discípulos, a partir de Pentecostes (cf. Lc 4,17-21; At 10,44-48; 1Cor 12,12-13; 2Cor 3,6-18; Hb 9, 11-14). Por outro lado, há evidente continuidade com a profecia de Jeremias à qual Jesus alude na Ceia, ele mesmo enraizado na fé e na esperança de Israel (cf. Lc 22,20; 1Cor 11,25). Enquanto Ungido que o Pai envia, Ele não cancela a Lei e os Profetas, mas os cumpre de modo pleno e novo (cf. JEB parte II, n. 21)³⁵¹.

O Novo Testamento concebe a nova aliança como uma continuação à fé de Israel, mas levada a seu pleno cumprimento no Sangue de Cristo. Aqui, não somente o povo judeu, mas todos os povos recebem de Deus a salvação e o perdão, de forma definitiva e infinita.

d) O Filho como Servo da Nova Aliança

No evangelho de João (13,1-20), é narrada a última Ceia de Jesus com seus discípulos, onde acontece o gesto do lava-pés.

Sabemos que na época de Jesus, oferecer água ao hóspede para lavar os pés era gesto de cortesia, e em alguns casos, o servo fazia o trabalho, ou mesmo um discípulo podia lavar os pés do mestre. Jesus inverte os papéis, colocando-se aos pés dos seus discípulos e lavando-os. Um gesto quase escandaloso, que provocou a reação e o diálogo com os discípulos. Com a realização do gesto, Jesus faz compreender aos discípulos o sentido de serviço humilde que deve animar suas vidas e a dos cristãos. No contexto imediato seu gesto foi de lavar os pés, logo em seguida será o de dar a vida. O que Jesus ensina, pelo exemplo, é a lei do amor, a lei da graça e a lei da liberdade, como cita o Catecismo da Igreja Católica:

A Lei nova é chamada Lei do amor, porque faz agir mais pelo amor infundido pelo Espírito Santo do que pelo temor: Lei da graça, porque confere a força da graça para agir pela fé e pelos sacramentos; Lei de liberdade porque nos liberta das observâncias rituais

³⁵⁰ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 9.

³⁵¹ MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022, p. 9-10.

e jurídicas da Lei antiga, nos inclina a agir espontaneamente sob o impulso da caridade e, finalmente, nos faz passar da condição do escravo «que ignora o que faz o seu senhor», para a do amigo de Cristo: «porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai» (Jo 15, 15); ou ainda para a condição de filho herdeiro (34) (CAT n. 1972).

No evangelho de Mateus (11,29) Jesus se descreve como aquele que é humilde e manso de coração; é assim que cumpre sua missão de Servo. Ele anuncia a salvação aos pobres, e se coloca no meio de seus discípulos como aquele que não veio para ser servido, mas para servir (Lc 22,27). Quando, na última Ceia, Jesus aceita o título de Mestre e Senhor, e ainda assim vai até o fim das exigências do amor, inspira seus discípulos e imprime neles a marca de seu senhorio (Jo 13). Seu gesto de dar a vida, foi o grande serviço prestado à humanidade de todos os tempos: a salvação³⁵².

Enquanto Messias esperado, Jesus não vem restabelecer um reino temporal, mas introduzir o seu povo na sua glória, passando pela morte do Servo. Para Mateus, Jesus é o servo que anuncia a justiça às nações, e que se torna esperança para as mesmas. Paulo, em sua carta aos Filipenses (2,5-11), escreve um hino para ressaltar a caridade de Cristo, de se fazer homem, tomar a condição de servo, morrer sobre a cruz para, enfim, entrar na glória. O Filho de Deus cumpre a profecia do Servo para realizar o sacrifício redentor³⁵³.

“Os servos de Deus são agora servos de Cristo”³⁵⁴, e este, faz de seus servos, seus amigos (Jo 15,15), e filhos de seu Pai (Jo 20,17). Devem percorrer o mesmo caminho do Mestre, enfrentando o sofrimento, mantendo-se fieis e servindo os demais. Em Jesus, o poder torna-se serviço, e nas relações o que predomina é a fraternidade.

As prescrições morais da Lei Antiga são os Dez Mandamentos. Estes, são as bases sobre as quais se assentam a vocação do homem de ser imagem e semelhança de Deus. O Decálogo proíbe o que é contrário ao amor de Deus e do próximo, e prescreve o que é essencial. A lei mostra o que se deve fazer, mas não dá, por si mesma, a força e a graça do Espírito para cumpri-la. É ainda uma lei de servidão porque não consegue tirar o pecado. Porém, é a primeira etapa do caminho, oferece um ensinamento que subsiste para sempre (cf. CAT n. 1962-1963).

³⁵² Cf. AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. *Serviteur de Dieu*. In: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6^a ed., Paris, CERF, 1988, p. 1223.

³⁵³ Cf. AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. *Serviteur de Dieu*, Vocabulaire de Théologie Biblique, 1988, p. 1223.

³⁵⁴ AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. *Serviteur de Dieu*, Vocabulaire de Théologie Biblique, 1988, p. 1223.

Se na Antiga Aliança Moisés subiu o monte, e de lá trouxe as Tábuas da lei, contendo os Mandamentos; na Nova Lei é Jesus que sobe o monte e de lá proclama o Sermão da Montanha (Mt 5):

(a Nova Lei) é obra de Cristo e está expressa particularmente no Sermão da Montanha. É também obra do Espírito Santo e, por meio dele, torna-se a lei interior da caridade: “concluirei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança. [...] porei minhas leis em sua mente e as gravarei no seu coração, e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (Hb 8,8.10).

A Nova Lei é a graça do Espírito Santo dada aos fiéis pela fé em Cristo. É operante pela caridade, serve-se do sermão do Senhor, para nos ensinar o que é preciso fazer, e dos sacramentos, para nos comunicar a graça de fazê-lo (CAT n. 1965-1966).

A Lei antiga é ultrapassada e aperfeiçoada pela Nova Lei. Esta, cumpre de maneira plena os mandamentos da Lei, sem acrescentar novos preceitos, mas reforma a partir da raiz os atos e o coração, onde a fé, esperança e caridade são formadas de modo sólido. A oração da Nova Lei é o Pai Nosso (cf. Mt 6,9-13), ensinado por Jesus e que caracteriza seus discípulos. A prática quotidiana é regida pela regra de ouro: “Tudo, portanto, quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles. Esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12) (cf. CAT n. 1968-1970).

A doutrina da Nova Lei é animada pela caridade, principal dom do Espírito Santo. Pode-se lembrar aqui o ensinamento do amor aos inimigos (cf. Mt 5,43-48):

a nova Lei é também denominada lei do amor, porque ela leva a agir pelo amor infundido pelo Espírito Santo e não pelo temor; uma lei de graça, por conferir a força da graça para agir por meio da fé e dos sacramentos; uma lei de liberdade, pois nos liberta das observâncias rituais e jurídicas da antiga Lei, nos inclina a agir espontaneamente, sob o impulso da caridade, enfim, nos faz passar da condição de servo, que não sabe o que seu senhor faz”, para a de amigo de Cristo, ‘porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai’ (Jo 15,15), ou ainda para a de filho herdeiro (Rm 8, 15-17) (CAT n. 1972).

A Nova Aliança foi inscrita no coração humano para que, pela graça do Espírito Santo, o homem seja capaz de vivê-la em suas relações com Deus mesmo e com os demais.

Para Fournier (2015), o Cristo veio estabelecer uma Nova Aliança entre Deus e os homens. Nele, todas as perspectivas da Antiga Aliança foram realizadas. O milagre de Cana é sinal da Aliança que Deus vive com todo homem, oferecendo-lhe o Espírito Santo, para encontrar com ele, a vida à qual somos chamados. No quadro da Nova Aliança, o grande presente é o Espírito Santo, que faz novas todas as coisas.

O gesto realizado em Cana é símbolo de tudo aquilo que Cristo traz à humanidade, permitindo, assim, atingir a comunhão desejada por Deus desde toda a eternidade. É no terceiro dia que este sinal é realizado em Caná, o que nos remete ao evento fundador de nossa fé a ressurreição de Jesus Cristo, e com ela, a vida nova.

Em Cana, os seis barris de água eram destinados aos ritos de purificação dos judeus, exigidos pela antiga lei, a fim de reencontrar a pureza perdida seja por seus próprios pecados, pelo contato com um homem, um animal ou uma coisa impura³⁵⁵:

a água dos barris de pedra a Cana é uma água cultural, destinada ao uso religioso típico da lei da Antiga Aliança. Com a transformação dessa água em vinho, assistimos aqui a passagem da Antiga Aliança à Nova, onde o vinho simboliza o dom do Espírito Santo que resume e recapitula todos os dons que Deus quer nos comunicar pela fé em seu Filho Jesus Cristo³⁵⁶.

A ordem de encher os barris de água é porque estavam vazios, ou com pouca água, o que significa que a Antiga Aliança chegara ao seu termo, e precisava ser renovada. Conclui-se que Cana é o sinal de que a Nova Aliança será realizada por Deus através de seu Filho. O começo dos sinais leva a compreender que ali começa um novo tempo que, à luz da Ressurreição, vai permanecer para sempre.

É o Espírito Santo, o grande dom de Deus, que purifica os corações e lhes comunica a vida eterna. Aos que se lançam na vida de fé, descobrirão a intensidade dessa vida nova, vivendo-a³⁵⁷.

Das Alianças que Deus fez com seu povo, a Nova e Eterna Aliança foi realizada no sangue de Jesus, com caráter definitivo. Jesus apresenta um jeito novo de viver: o amor e o serviço. Seus discípulos, agora redimidos, devem segui-lo nesse mesmo caminho. Por isso a comunidade dos discípulos de Jesus é uma comunidade servidora.

³⁵⁵ Cf. FOURNIER, Jacques. Les nocces de Cana (Jn 2,1-12). **SEDIFOP**, p. 2-3, 2015. Disponível em: <https://www.sedifop.com/wp-content/uploads/2015/05/Les-noces-de-Cana-Jn-21-12.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023. Tradução nossa.

³⁵⁶ FOURNIER, Jacques. Les nocces de Cana (Jn 2,1-12). **SEDIFOP**, p. 3, 2015. Disponível em: <https://www.sedifop.com/wp-content/uploads/2015/05/Les-noces-de-Cana-Jn-21-12.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

³⁵⁷ FOURNIER, Jacques. Les nocces de Cana (Jn 2,1-12). **SEDIFOP**, p. 3-4, 2015. Disponível em: <https://www.sedifop.com/wp-content/uploads/2015/05/Les-noces-de-Cana-Jn-21-12.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

3.4.2 Uma comunidade servidora

Na Bíblia, a palavra serviço tem dois sentidos: serviço do homem a Deus, e serviço do homem a outro homem. Este último caso pode levar à escravidão. A história da salvação ensina que o homem será livre quando se submeter a Deus.

No relacionamento humano a palavra serviço pode designar duas situações diferentes: a do escravo e a do servo. O escravo é o homem relegado ao nível dos animais ou coisa, sem nenhuma honra. O servo tem seu lugar na família e pode tornar-se homem de confiança. Há serviços que tem um caráter honorífico, como por exemplo, serviço ao rei ou serviços oficiais, entre os quais ocupa primeiro plano o serviço cultural.

Servir a Deus no culto é uma honra, mas exige fidelidade. Esta, deve manifestar-se no culto e na conduta. O serviço a Deus estende-se por toda a vida pela obediência aos mandamentos. Essa obediência é superior aos sacrifícios: “Quero amor e não os sacrifícios” (Os 6,6)³⁵⁸.

a) O serviço no Novo Testamento

Jesus usa os termos próprios da Lei para lembrar que o serviço a Deus deve ser integral (Mt 4,10). O dinheiro é o rival que pode colocar obstáculos ao serviço, pois pode tornar injustos os que trabalham por ele. Por isso o alerta de Jesus de estar vigilante, pois não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro (Mt 6,24); a renúncia às riquezas é necessária no seguimento de Jesus. Pode-se lembrar, aqui, a história do jovem rico, ao qual Jesus pediu que vendesse seus bens para dar o dinheiro aos pobres, tornando-se livre para o seguimento (Lc 18,18-30)³⁵⁹.

Jesus vem para servir; servir ao Pai cumprindo sua vontade. Mas no fundo o que o move a essa busca constante de fazer a vontade do Pai, é seu amor por Ele. Jesus coloca-se nessa disposição total de serviço porque ama o Pai, e é um prazer para ele cumprir sua vontade (Sl 39, 8-9).

³⁵⁸ Cf. AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. Servir. In: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6^a ed., Paris, CERF, 1988, p. 1218-1220.

³⁵⁹ Cf. AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. Servir, 1988 p. 1219.

Nos homens, a disposição ao serviço não se equipara a de Jesus. Ele os ensina que o Pai quer ser servido, e repara sua recusa. Ensina com palavras e com a vida, que no Reino de Deus não há lugar para o uso abusivo do poder, e que grande é aquele que serve os demais. Ele esteve em nosso meio como quem serve (Lc 22,27)³⁶⁰.

O serviço sagrado ao qual todo servo de Cristo é chamado a executar é o anúncio da Palavra (At 6,4). É um serviço vivido como filhos, e não como escravos, porque agem sob a ação do Espírito (Rm 7,6). ‘A graça que os fez passar da condição de servos a de amigos (Jo 15,15), lhes dá condições de servir tão fielmente a seu Senhor que estão certos de comungar de sua alegria (Jo 15,10s)³⁶¹. E o poder, que lugar ocupa?

Quando se fala de poder e serviço é necessário ter em mente o que ensinou Jesus, de maneira especial quando ele mesmo assume a posição de servo. Quando serve, Jesus demonstra interesse pelo bem da outra pessoa, o que consolida sua autoridade.

Em sua vida terrestre, Jesus enfrentou o poder institucionalizado de sua época, tanto civil quanto religioso. Toma as dores dos menos favorecidos e levanta a voz para denunciar as injustiças, ao mesmo tempo que anuncia o Reino de Deus e seus valores. Por isso, o seguimento de Jesus supõe da parte do discípulo, um compromisso com o que Ele anunciou e viveu³⁶².

O ministério de Jesus tornou-se referência para a humanidade, pois viveu totalmente o poder como serviço. Sua proposta confronta o modelo de governo reinante na época, o que lhe custa a vida. Aparece como uma proposta nova para a humanidade no exercício do poder. Como nos dias atuais, as instâncias de poder, mesmo religioso, manifestam força e podem causar exclusão de pessoas. Jesus, ao contrário, sentava-se à mesa com pecadores e comia com eles, valorizando assim, as diferentes classes sociais, e para elas, anuncia o Reino de Deus como espaço para todos³⁶³.

³⁶⁰ Cf. AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. *Servir*, 1988, p. 1219.

³⁶¹ Cf. AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. *Servir*, 1988, p. 1220.

³⁶² Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013. Bezerra é Doutor em teologia, professor e escritor. Coordenador da Área de Humanidades da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas (UNINTER). **Cícero Manoel Bezerra**. 2023. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/3018>. Acesso em: 30 jul. 2024).

³⁶³ Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 88. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

Entre os cristãos existem as relações de poder. Este, deve passar pela cruz, para chegar ao irmão em forma de amor. Jesus colocou em alerta seus discípulos para não se deixarem corromper pelo poder do mundo, que submete o outro a si, diminuindo seu valor como pessoa. Entre os discípulos de Cristo não deve ser assim, mas aquele que tem o poder, deve colocar esse poder a serviço do bem comum (cf. Mt 20,26).

Anunciando o Reino de Deus, Jesus inverte completamente os conceitos de poder, o que deve ter causado reações impactantes naqueles que o exerciam. Na época de Jesus, os ricos e descendentes de famílias tradicionais de Israel eram privilegiados nas estruturas governamentais da época. A visão de Jesus é contrária, ao invés do rico oprimir o pobre, deve servi-lo com sua riqueza; o mesmo se diz para o órfão, a viúva, enfim, os que necessitam. Jesus não incentiva as diferenças sociais, mas propõe relações fraternas, onde o que está no centro é a pessoa - com toda sua dignidade e valor-, e não os desejos mesquinhos de colocar em evidência o poder dos mais fortes³⁶⁴.

Contrariamente ao reinado do poder romano, o único Reino legítimo para Jesus é o Reino de Deus. Jesus foi o maior protagonista do Reino de Deus, mas em nenhum momento quis identificá-lo com os reinos desse mundo. No Reino de Deus as palavras-chaves são amor e serviço. Seguir Jesus significa romper com as pompas do poder e trilhar um caminho de fraternidade e igualdade, pois ele mesmo não se pretendeu 'superior' aos seus súditos³⁶⁵.

Jesus, o Verbo encarnado, demonstrou seu grande poder de uma forma diferente. Ela atraía pelo seu caráter e sua palavra (Mt 4,18-20); enfrentando seus adversários com questões que os levavam a uma reflexão (Mt 22,26); demonstrando seu zelo pela casa do Pai (Mt 21,12); realizando curas como expressão de sua compaixão pelas pessoas (Mt 11,5); expressando perdão, misericórdia e amor (Lc 7,47); enfrentando e vencendo os demônios (Lc 11, 14-26); seu poder é manifesto quando ressuscita e vence o mal e a morte (At 2, 14-36)³⁶⁶.

O desejo de poder sempre ocupou espaço no coração do homem de todos os tempos. Um exemplo conhecido é o do imperador Augusto (27a.C. a 14 d.C.), que permitiu ser venerado

³⁶⁴ Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 87. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

³⁶⁵ Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 89. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

³⁶⁶ Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 90. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

como deus. Mesmo um templo em Ancira (hoje Ancara) foi dedicado a ele, cujos muros contém a inscrição em latim e grego “*das res gestae divi Augusti*”³⁶⁷. O povo judeu não se submetia a esse tipo de culto, pois seu objetivo era servir ao Deus verdadeiro.

A liderança de Jesus, que não se voltava para questões institucionais, mas para o povo, questionava seus líderes contemporâneos. Jesus entendia o perigo do poder. Ele mesmo lutou contra as tentações de poder, no deserto (Lc 4,1-13), e venceu. Sua experiência enriqueceu os discípulos na compreensão do exercício do poder, segundo Jesus, não de cima para baixo, mas como serviço (Lc 22,24). Quando se está em uma posição de poder, um caráter bem formado é fundamental para dificultar a corrupção. E como líder soberano, as atitudes de Jesus foram provocativas, o que causou reações diversas, mas manteve-se fiel ao propósito de mostrar à sociedade que no Reino de Deus tem lugar para todos, e lá ninguém tem poder sobre ninguém.

Jesus propõe, mas não impõe. Guarda nos discípulos a liberdade de escolha; não é autoritário, é servidor. Para ele, poder é dedicação, interesse, ir ao encontro do outro naquilo que ele precisa, em todas as dimensões humanas, sem interesses pessoais e sem sentimentos de superioridade. Ter o poder em mãos é ter a oportunidade e os meios para amar outrem, entendendo o amor no sentido bíblico (1Cor 13). Um amor desinteressado, sem impor condições, que busca o bem do outro pelo outro, onde o ‘brilhar’ ou ‘não brilhar’ não ocupa o primeiro lugar no momento de fazer escolhas.

O ser discípulo requer uma identificação com o Mestre em sua maneira de pensar e ver o mundo; sua percepção da existência humana, e o pôr-se a serviço da sociedade real em que se vive. Jesus vê o ser humano muito além das aparências; vê em cada pessoa valor, dignidade, imagem de filho ou filha de Deus. A personalidade de Jesus deve inspirar cada cristão na prática do amor³⁶⁸.

Jesus não pensa a vida do ser humano de maneira solitária, mas sempre como ser em relação. A comunidade de cristãos é aquela formada por aqueles e aquelas que desejam seguir o Cristo, aderindo à sua proposta de servir. A toalha usada na última Ceia é símbolo de uma disponibilidade interior de sair de si mesmo para ir ao encontro do outro. A comunidade de Cristo

³⁶⁷ Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 92. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

³⁶⁸ Cf. BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 78-100. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

é sinônimo de comunidade servidora. Seguir Jesus Cristo é amar, e o amor em ação é serviço. O convite não é para dominação, mas para a fraternidade.

b) O Papa Francisco e uma proposta de fraternidade universal

A Exortação Apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium* (EG) traz a reflexão sobre a lei do mais forte, do poderoso que engole o mais fraco. A consequência disso é um grande número de pessoas vivendo à margem da sociedade, sendo consideradas objeto em si mesma, que depois de usadas pode-se jogar fora. A exclusão fere a pertença à sociedade; os mais fracos tornam-se sobras. O que mantém esse estilo de vida onde é permitido excluir o outro é a globalização da indiferença. Já não se é tocado pela realidade do outro, mas lança-se sobre o mais fraco a responsabilidade por sua situação. Corre-se o risco de se acostumar com esse cenário de “morte”, onde vidas ceifadas já não incomodam. “A ambição do poder e do ter não conhece limites” (EG n. 53).

Francisco chama a atenção para o poder do dinheiro, ‘que deve servir e não governar’, ser colocado a serviço dos pobres, e não estes serem vítimas do poder opressor. A exclusão e a desigualdade estão nas raízes da violência. ‘Sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão de guerra encontrarão um terreno fértil’. O sistema de exclusão é injusto em sua raiz (EG n. 58-59). A dimensão política da existência exige uma constante atenção e busca pelo bem do outro.

Existe um apelo universal a superar essas realidades de exclusão, violência, poder e dominação de uns sobre os outros, para a vivência da fraternidade. Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti* (FT) ressalta que sem uma abertura de todos, esta não pode ter razões sólidas para se tornar realidade. As relações cívicas podem até existir, mas a fé em um Deus maior, do qual somos todos filhos é o verdadeiro fundamento da fraternidade. Sem essa transcendência não se pode ter princípios justos que construam relações fraternas, mas em seu lugar ter-se-á relações que buscam interesses pessoais, poder, domínio sobre os outros. Quando Deus é excluído, outros ídolos ocupam seu lugar, deixando o homem perdido e sua dignidade pisoteada (FT n. 274).

Francisco lembra que a Igreja Católica respeita o modo de agir das outras religiões, e nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nelas³⁶⁹, mas os cristãos, chamados a transformar a sociedade, não podem deixar que a música do Evangelho pare de vibrar em suas entranhas:

se a música do Evangelho parar de vibrar em nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra sua fonte no fato de sabermos que sempre somos perdoados-enviados. Se a música do Evangelho deixar de tocar nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de cada homem. Outros bebem de outras fontes. Para nós essa fonte de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos (FT n. 277).

A fraternidade passa pelo respeito entre povos e religiões, o direito fundamental à liberdade de cada pessoa de expressar e viver a sua fé, mesmo em lugares onde os cristãos são a minoria. Na busca da fraternidade, valorizar o que se tem em comum é indispensável, pois o que une é maior e mais forte que as diferenças. Alegregar-se pela beleza de que todos são filhos do mesmo Deus (FT n. 279).

c) Oração cristã ecumênica:

Deus nosso, Trindade de amor,
a partir da poderosa comunhão da vossa intimidade divina,
derramai no meio de nós o rio do amor fraterno.
Dai-nos a amor que transparecia nos gestos de Jesus,
na sua família de Nazaré e na primeira comunidade cristã.
Concedei-nos, a nós cristãos, que vivamos o Evangelho,
e reconheçamos Cristo em cada ser humano,
para o vermos crucificado nas angústias dos abandonados
e dos esquecidos deste mundo,
e ressuscitado em cada irmão que se levanta.
Vinde, Espírito Santo! Mostrai-nos a vossa beleza
refletida em todos os povos da terra,
para descobrirmos que todos são importantes,
todos são necessários, que são rostos diferentes
da mesma humanidade amada por Deus. Amém. (FT n. 287)

³⁶⁹ Cf. DECLARAÇÃO Nostra Aetate: sobre a igreja e as religiões não cristãs. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações, 1965, n. 1-5. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em: 22 jul. 2024.

3.5 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO II

Paulo escreve: “Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção. E, como prova de serdes filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama, *Abba*, Pai!” (Gl 4,6; cf. Rm 8,14ss).

Já no Antigo Testamento havia a promessa de derramamento do Espírito sobre todo o povo messiânico (Jl 2,28-29). O que até então, era concedido aos escolhidos, seria para ‘toda carne’. Os profetas já haviam experimentado a força e ação do Espírito em suas vidas; e o que fora prometido e mesmo pré-experimentado, com Jesus torna-se realidade. O Espírito autoriza aos que estão no Filho, e com o Filho, a chamar a Deus ‘*Abba*’, Pai! “Nesse Espírito Santo quer Deus Pai ser-nos Pai de maneira divinamente perfeita!”³⁷⁰ Esse Espírito atesta que foi restabelecida nossa relação com Deus, que fomos colocados novamente como criatura diante do Criador, e que esse Pai nos manifesta afeição perfeita, como aquela que compete ao Filho amado. Deus permanece Deus, contudo, manifesta à criatura uma afabilidade infinita³⁷¹. O evangelho de João anuncia tal profundidade da afeição paterna do Pai, concedendo aos homens o mesmo Espírito, que é o amor entre Deus Pai e Deus Filho. Esse Espírito os capacita ao amor.

O fundamento de nossa salvação é o amor do Pai a seu Filho (cf. Jo 3,16-21). Deus tanto ama seu unigênito, que “por causa do seu amor paterno a esse seu Filho muito amado e pela entrega desse seu Filho salva o mundo e o leva a uma perfeição sempre maior”³⁷². O Pai concede ao homem redimido o Espírito de Cristo, para que pela experiência do Espírito, o ser humano possa fazer a experiência do Cristo. O evento Cristo nos faz enxergar a profundidade de Deus e a unidade da Trindade. Schulte escreve:

³⁷⁰ SCHULTE, Raphael. A obra salvífica do Pai em Cristo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. Vol. III/1. Cristo e a Santíssima Trindade. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 45-76, p. 73. Schulte é teólogo católico alemão. Professor universitário de história da dogmática (LIBRARY.UPOL, 2024. **Schulte, Rafael**. Disponível em: https://library.upol.cz/arl-upol/cs/detail-upol_us_auth-0241165-Schulte-Raphael-1925/. Acesso em: 27 jul. 2024).

³⁷¹ Cf. SCHULTE, Raphael. A obra salvífica do Pai em Cristo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. Vol. III/1. Cristo e a Santíssima Trindade. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 45-76, p. 73.

³⁷² SCHULTE, Raphael. A obra salvífica do Pai em Cristo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. Vol. III/1. Cristo e a Santíssima Trindade. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 45-76, p. 71.

é só pelo evento Cristo que sabemos quem e o que seja Deus em sua derradeira profundidade e o que faz a bem de nossa salvação, e que uma vez tornado realidade já não pode mais ser não-existente. E é no evento Cristo que enxergamos a unidade indescritível da Trindade “imanente” e “econômica” e, com isso, a indissolúvel unidade da paternidade de Deus para tudo o que proveio dele³⁷³.

Pelo evento Cristo, Deus se torna próximo da humanidade. A salvação é obra do Pai, pelo Filho, no Espírito, mas “o Espírito Santo é, enquanto “pessoa” divina, a que “mais próxima” está de nós; não é, portanto, “mediador” entre nós e Cristo, como Cristo o é entre o Pai e nós. Ele é a mediação que se medeia a si própria, que medeia a tudo em todos e não precisa de mediação”³⁷⁴. O Cristo se manifestou na carne, como homem; o Espírito se manifesta através de homens, em geral sujeitos ao pecado. É somente ‘no’ Espírito que podemos entrar em contato com Jesus³⁷⁵. Neste capítulo procuramos perscrutar a pessoa de Jesus em seu mistério de Profeta, Filho e Servo.

Que Jesus tenha anunciado o Reino de Deus é um dos dados históricos mais seguros, que perpassou os séculos do cristianismo. Anunciou a proximidade de Deus e do seu Reino com uma tal segurança que impactou a sociedade do seu tempo. Que os pobres e marginalizados ocupavam lugar preferencial em sua vida, os evangelhos atestam do início ao fim.

Diferente do Antigo Testamento, para Jesus o Reino de Deus é tema central. Ele usou parábolas para falar do Reino de maneira explícita ou implícita. Mas o que caracteriza o Reino de Deus?³⁷⁶

Uma das características do Reino de Deus é o teocentrismo, onde o próprio Deus aparece como aquele que assume o poder e age. Outra característica é a referência escatológica, onde o reino foi inaugurado, mas espera-se um coroamento, que ainda está por vir. Caracteriza-se, também, pela referência salvífica, onde aparece, de maneira direta, nas palavras e gestos de Jesus, que Deus vem em socorro dos pobres e sofredores em geral (cf. Mt 5,3; Mc 10,25)³⁷⁷.

³⁷³ SCHULTE, Raphael. A obra salvífica do Pai em Cristo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. Vol. III/1. Cristo e a Santíssima Trindade. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 45-76, p. 71

³⁷⁴ MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. **Mysterium Salutis**. Vol. III/8. (Colaboração Heribert Mühlén... e al). Petrópolis, RJ: Vozes, 1974, p. 6.

³⁷⁵ Cf. MÜHLER, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo, 1974, p. 6-7.

³⁷⁶ Cf. SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1252-1258, p. 1252-1258.

³⁷⁷ Cf. SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1252-1258, p. 1254-1255.

Na perspectiva do Novo Testamento não se pode dissociar Igreja e Reino. A Igreja é um caminho rumo ao Reino, mas, este, é mais amplo que a Igreja. A soberania pascal de Cristo permanece dominante. Uma soberania que, nesse caso, comunica a graça e se estende para além dos limites da Igreja³⁷⁸.

Outro ponto marcante do homem Jesus foi sua relação com o Pai. Sente-se ‘filho’ de maneira peculiar, e sabe-se amado, querido, afeiçoado pelo Pai. Jesus transmite aos homens do seu tempo essa maravilha de ser filho, e afirma que não somente ele é filho amado, mas que todos o são. Convida para a vivência da fraternidade, do perdão, da acolhida mútua.

Jesus é percebido pelos discípulos como um ser sublime, e atribuem-lhe títulos a fim de expressar essa sublimidade, dentre eles, o de ‘Filho de Deus’. Paulo teve um papel preponderante na divulgação do título “Filho de Deus”³⁷⁹. Para Paulo, a filiação divina é vinculada à sua morte e ressurreição³⁸⁰.

A finalidade dos sinóticos é dizer que Jesus é o Filho de Deus³⁸¹. São as palavras e o comportamento de Jesus que dão à Igreja o ponto de partida para a reflexão sobre o mistério do Filho. Atestam sobre Jesus as fontes cristãs³⁸² e não cristãs³⁸³. De qualquer forma, os cristãos dos primeiros séculos, marcados pela relação que Jesus tinha com o Pai, e pela vida vivida de Jesus

³⁷⁸ Cf. SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1252-1258, p. 1257.

³⁷⁹ Cf. MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. Filho de Deus. In: **Dicionário bíblico universal**; (tradução Gentil Titton...e al). Petrópolis: Vozes, 1997, p. 296. Monloubou é um padre católico francês, sulpiciano, exegeta especialista do Antigo Testamento e mais particularmente do profetismo e das correntes da sabedoria bíblica. Participa em particular da tradução ecumênica da Bíblia (TOB) (cf. BIBLIOTHÈQUE NATIONALE (FRANÇA). **Louis Monloubou**. 2024. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11916517/louis_monloubou/fr.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024). Du Buit sacerdote dominicano, biblista. é um dos autores do Dicionário Bíblico Universal, juntamente com Louis Monloubou (cf. BNF CATALOGUE GÉNÉRAL, 2024. **Du Buit, Michel**. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb11900697q>. Acesso em: 23 jul 2024).

³⁸⁰ Na morte, por sua eficácia redentora; e na ressurreição porque a libertação única e privilegiada que beneficiou a Jesus, exprime a relação única de Jesus com o Pai (cf. MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. Filho de Deus. In: **Dicionário bíblico universal**, p. 296).

³⁸¹ MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. Filho de Deus. In: **Dicionário bíblico universal**, p. 297.

³⁸² Os textos do Novo Testamento testemunham sobre Jesus. Os escritos não evangélicos, como os de Paulo (1Cor 15,3-8; 1Cor 11,23-25). As lembranças da vida, palavras e gestos de Jesus que aparecem em toda a literatura neotestamentária. Os evangelhos são uma fonte histórica, embora devemos ter algumas reservas (cf. MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. Filho de Deus. In: **Dicionário bíblico universal**, p. 412-413).

³⁸³ Algumas fontes não-cristãs de uma reflexão sobre Jesus são: Talmud da Babilônia, que testemunha sobre o suplício de Jesus na Vigília da Páscoa. Flávio Josefo é uma fonte histórica importante, escreve que Jesus atraiu a si muitos judeus e gregos, e que o grupo de discípulos não tinha desaparecido. Plínio O Moço, na carta a Trajano, fala dos cristãos que se reúnem e cantam hinos a Cristo, como se fosse um Deus. Tácito escreve relatando o fato de que Nero mandou condenar e supliciar os cristãos, presentes não apenas em Jerusalém, mas também em Roma. Justamente por não serem cristãos, são fontes que argumentam a favor da vida e história de Jesus (cf. MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. Filho de Deus. In: **Dicionário bíblico universal**, p. 412).

entre os seus, professavam e viviam a fé de que Jesus era “Filho amado de Deus”. Vivem essa fé a tal ponto, que em 325 d.C., em Niceia, a Igreja proclama solenemente Jesus “o Filho de Deus”, “consustancial” ao Pai.

Em Jesus, a promessa de uma Nova Aliança anunciada pelo profeta Jeremias, se realiza, de maneira tão intensa e tão profunda, que marca definitivamente a vida dos discípulos. Não mais no sangue de animais, mas em seu próprio sangue, Jesus sela o compromisso de amar os seus até o fim, oferecendo-lhes vida e salvação. Dessa mesma Aliança de amor participa todos os que creem no Cristo e assumem sua proposta.

Enfim, o mistério da vida-morte-ressurreição de Jesus revela aos cristãos dos primeiros séculos que este homem só podia ser Deus. E esse processo de explicitação da divindade de Jesus, o Deus encarnado, foi conduzido e iluminado pelo Espírito Santo. É esse mesmo Espírito que conduziu Jesus e conduz os discípulos seus de todos os tempos, logo, essa verdade concerne a cada um, cada uma, pessoalmente.

4 SESSÃO III: A RELAÇÃO FILIAL E A PROFECIA DO DISCÍPULO

O enfoque de todo o capítulo é o discipulado vivido na dimensão pneumatológica, ou seja, o mesmo Espírito que atuou em Jesus atua agora no discípulo e na Igreja. Aqui abordamos o cristianismo como caminho e lugar de realização do seguimento de Jesus. Este, é o arquétipo; é com ele que se aprende a ser profeta, filho e servo, mas quem vai realizar a obra no discípulo é o Espírito Santo.

Com relação aos discípulos profetas, discorreremos sobre a missão, o caráter profético do Povo de Deus, a esperança cristã, a proclamação das bem-aventuranças, para o Reino no mundo atual, e a opção pelos pobres como modo de profetismo na América Latina. A vivência do discipulado requer uma abertura à ação do Espírito, para aprender progressivamente a ser, onde estamos.

Para o discípulo filho, tratamos sobre o batismo e iniciação cristã, com foco na graça/experiência da filiação e interface com fraternidade. Neste sentir-se ‘filho’ de Deus e irmãos uns dos outros, uma relação profunda com o Deus Trindade é indispensável. É daqui que se tira a força e o discernimento para amar ‘como’ Jesus amou. Impossível é trilhar o caminho cristão sem a presença do Espírito Santo. A fortaleza é um dos seus dons.

Refletimos os discípulos de Cristo como servidores. Estar continuamente a serviço uns dos outros, nas mais diversas formas. Participar da mesma visão de Jesus, e do mesmo compromisso assumido na Nova Aliança firmada em seu Sangue. Os cristãos são chamados a oferecerem ao mundo o serviço da misericórdia, procurando ver o Povo de Deus nos povos do mundo. E para concluir, juntamos as peças apresentadas, para compor a identidade do discípulo-missionário.

4.1 PROFETAS, FILHOS E SERVOS

Jesus, depois de cumprir sua missão de anunciar o Reino de Deus, e redimir o mundo por sua vida inteiramente doada, subiu aos céus e, de junto do Pai, enviou o Espírito Santo. É pelo Espírito que a Igreja é santificada, e é pelo mesmo Espírito que os que creem no Cristo tem acesso ao Pai. Pelo Espírito, o Pai dá e sustém a vida dos homens e do mundo; pela força do Espírito os fieis dão testemunho de que são filhos adotivos de Deus. Em Cristo, e com ele, os

cristãos são profetas, filhos e servos, tornando-se, como Igreja, “o povo congregado pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 4).

4.1.1 Com Jesus, o Espírito e o Reino: discípulos Profetas

Vivendo na plenitude dos tempos, pelo batismo, o fiel torna-se membro do Corpo de Cristo e aprofunda sua união com ele. É chamado a continuar a missão de Jesus de anunciar o Reino, e de ser profeta destemido do seu tempo. Mas o cristão não vive sozinho. É como povo que é chamado a viver sua vocação de discípulos e profetas, com Cristo e por Cristo. Diante disso, perguntamos: Como o povo de Deus pode ser profeta hoje? Apresentamos, em seguida, três aspectos do profetismo cristão: a esperança, as bem-aventuranças e a opção pelos pobres.

a) Caráter profético do Povo de Deus e a esperança cristã

A vontade de Deus é que todos sejam salvos (cf. 1Tm 2,4). Mas em seu plano de salvação e santificação da humanidade quis constituir um povo, como diz *Lumen Gentium* (LG):

(esse povo) tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como num templo. Sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou (cf. Jo 13,34). Sua meta é o reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na terra, a ser estendido mais e mais até que no fim dos tempos seja consumado por Ele próprio, quando aparecer Cristo, nossa vida (cf. Cl 3,4), e a “própria criatura será libertada do cativeiro da corrupção para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8,21) (LG n. 9).

Congregado no povo de Deus, cada fiel participa no *múnus* sacerdotal, profético e régio de Cristo, o que constitui o ser do cristão. Este, pelo batismo, torna-se parte desse povo. As três grandes figuras do Antigo Testamento (profeta, sacerdote e rei) são cumpridas na pessoa de Cristo, logo, o discípulo torna-se, também, participante do *múnus* sacerdotal, profético e régio. Como podemos compreender essa participação do fiel, naquilo que é cumprido na pessoa do Cristo, de forma excelente?

No *múnus* sacerdotal essa participação se dá pela vida vivida em todas as suas dimensões na presença de Deus. Sob a condução do Espírito, em espírito de oblação, o indivíduo oferece-se ao Pai, com Cristo (cf. CAT nº 901-903). Oferecer a vida e testemunhar Deus diante dos homens, para levar os homens a Deus.

No *múnus* profético de Cristo, a participação é pelo testemunho de vida e o compromisso com a evangelização (cf. CAT nº 904-907). Significa entrar na dinâmica do acolher o Evangelho para comunicá-lo, com a vida e com a ação, sem a ilusão de que não haverá combate (cf. Mt 10,16). A mensagem só terá credibilidade se o mensageiro trazê-la dentro de si.

Jesus traz em si as características do verdadeiro rei: justiça e paz. Mas Jesus é um rei paradoxal, que lava os pés dos discípulos (cf. Jo 13,14), convidando-os a uma atitude de serviço, e não de dominação, como nos reinos da terra. É servindo que o cristão/comunidade participa do *múnus* régio de Cristo. Essa participação do fiel passa, também, pela vitória sobre si mesmo, sobre o pecado, tornando-se regente de sua própria pessoa (cf. CAT 908-913).

A participação do cristão nos três *múnus* de Cristo perpassa toda a vida do fiel, a saber, a esperança, a fé e o amor. São essas virtudes teologais que vão animar o indivíduo em sua busca de fidelidade a Jesus. Enquanto profeta, sacerdote e rei, pelo batismo, o cristão é chamado a dar testemunho vivo da esperança escatológica, que está na base de sua fé, e o move na vivência do amor. E a esperança, qual é seu papel na vida profética do discípulo de Cristo?

O que alimenta a fé cristã é a ressurreição de Cristo e a esperança do seu retorno glorioso. “Ele é nossa esperança” (Cl 1,27). O futuro do Cristo é afirmado como promessa para o mundo, por isso a esperança do mundo se orienta para ele. O futuro que está anunciado nas promessas, age no presente³⁸⁴.

As afirmações da esperança estão em contradição com a realidade; elas são uma condição para que experiências novas sejam possíveis. Essas afirmações não iluminam a realidade, mas pretende levá-la a “transformar-se naquilo que está prometido e é esperado”³⁸⁵. Na escatologia cristã o presente se contradiz com o futuro, a experiência com a esperança. Essa contradição entre esperança e realidade, é a contradição entre a ressurreição e a cruz. A esperança cristã é a esperança da ressurreição, de vida contra a morte, de paz contra a divisão; e ainda, “é nessa contradição que a esperança deve mostrar sua força”³⁸⁶. A esperança deve ser apresentada como fundamento e mola mestra do pensamento teológico, no qual sejam inseridas as afirmações

³⁸⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã / Jürgen Moltmann; tradução de Helmuth Alfredo Simon; revisão Nélio Schneider. 3ª ed. rev. e atual, - São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005, p. 29-34.

³⁸⁵ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 32.

³⁸⁶ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 33.

“sobre a revelação de Deus, sobre a ressurreição de Cristo, sobre a missão da fé, e sobre a história”³⁸⁷.

A esperança relaciona-se com a fé. Esta, possui poder de transpor os limites da vida humana. Entre a contradição da realidade e da promessa, a fé se apoia na esperança e se lança para além da realidade, transpõe fronteiras, transcende. A fé, ao alargar-se em esperança, torna-se ousadia. “A fé une o ser humano a Cristo, a esperança abre essa fé para o vasto futuro de Cristo”³⁸⁸.

Fé e esperança caminham juntas. É pela fé que esperamos aquilo que foi prometido por Deus, e sem ela, a esperança torna-se utopia. O ser humano pode entrar no caminho da vida pela fé, mas quem o conserva nesse caminho é a esperança. Assim, “a fé em Cristo transforma a esperança em confiança e certeza; e a esperança torna a fé em Cristo ampla e dá-lhe vida”³⁸⁹. Essa esperança em Cristo leva a pessoa a agir de forma contraditória com a realidade, que muitas vezes é de sofrimento, injustiça e morte³⁹⁰. Essa realidade pode levar o sujeito à desesperança.

A falta de esperança gera a tristeza, e desta, o abatimento e a frustração. Nesse caso, o pecado não consiste em querer ser como Deus, mas em “não querer ser o que Deus pensa que podemos ser”³⁹¹. O desespero nem sempre se apresenta com uma face desesperada, mas pode apresentar-se na falta de sentido, de ideal, de não encontrar nenhuma possibilidade que lhe seja ocasião de esperança. Esse *taedium vitae* é um dos frutos de um cristianismo não escatológico. “Nem na presunção, nem no desespero se encontra a força da renovação da vida, mas tão somente na esperança perseverante e segura de si”³⁹². Para a esperança escatológica cristã, “o mundo está cheio de todas as possibilidades, das possibilidades do Deus da esperança. Ela vê a realidade e os seres humanos na mão daquele que, da perspectiva final, fala para o interior da história: ‘Eis que faço novas todas as coisas’”³⁹³.

Com essa palavra de promessa, o ser humano cristão é capaz de renovar a própria vida, presente neste mundo³⁹⁴.

³⁸⁷ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 34.

³⁸⁸ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 35.

³⁸⁹ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 35.

³⁹⁰ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 34-37.

³⁹¹ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 38.

³⁹² MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 40.

³⁹³ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 41.

³⁹⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 37-41.

Porém, a esperança só será eficaz quando “penetrar e modificar o pensamento e a ação do ser humano”³⁹⁵. Sem esse toque no interior de cada pessoa, a esperança continuará inútil e ineficaz. “Por isso a escatologia cristã deve tentar trazer a esperança para o pensamento do ser humano, e o pensamento para a esperança da fé”³⁹⁶.

A Teologia da Esperança de Moltmann coloca o cristão diante do grande desafio de testemunhar sua fé na ressurreição e na vinda gloriosa do Cristo. Em um mundo marcado pelo sofrimento e por tantas situações de desesperança, viver na esperança escatológica é uma forma de profetismo, que compromete todo batizado. Testemunhar a esperança no cumprimento das promessas de Deus, dá vida, cor e sabor ao cristianismo do nosso tempo.

A esperança nos coloca em movimento, tanto para o interior de nós mesmos, quanto para o exterior, na direção do outro. As bem-aventuranças nos apresentam, de forma resumida, o grande movimento de Jesus, que começa a partir do seu coração compadecido, e termina no coração daqueles que foram alcançados por ele.

b) As Bem-aventuranças como forma de profetismo, hoje

Em Lucas 6,20-26 aparece o relato das bem-aventuranças. Tomemos o texto:

Erguendo então os olhos para seus discípulos, dizia:
 Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.
 Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados.
 Felizes vós, que agora chorais, porque haveis de rir.
 Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem.
 Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa.

Esse relato parece ser o mais próximo daquilo que foi pronunciado por Jesus. Este, inspirado no texto de Isaías 61, se apresenta, na sinagoga de Nazaré, como aquele que foi enviado para proclamar a boa notícia aos pobres (Lc 4, 16-21). Proclama que a proximidade de Deus é motivo de felicidade para os pobres, famintos e aflitos. “A primeira bem-aventurança em Lucas, é precisada por outras três: os ‘pobres’ são os carentes em termos econômicos (os que têm fome),

³⁹⁵ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 50.

³⁹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**, 2005, p. 50.

afetivos (os que choram), e sociais (os que são odiados, rejeitados, insultados)”³⁹⁷. Os doentes, pecadores, publicanos... são os menos favorecidos no contexto de Jesus, e é a estes que ele dedica atenção, mostrando, com a própria vida, como se vive as bem-aventuranças que ele anunciou.

As bem-aventuranças revela algo a respeito de Deus, como sua justiça e seu amor pelos menos favorecidos, colocando-os como privilegiados no reino. “A perspectiva teológica que caracterizou a formulação das bem-aventuranças no primeiro anúncio de Jesus, dá lugar a uma mensagem centrada na pessoa humana, nas atitudes espirituais e morais que devem ser adotadas para beneficiar o reino”³⁹⁸. O ensinamento das bem-aventuranças é o ensinamento de Jesus, que se voltou para os pobres, e quis que também esses, se convertessem, acolhendo a amizade e o perdão de Deus, e deixando-se transformar pelo evangelho do reino (cf. Lc 7,39-50)³⁹⁹.

As bem-aventuranças abrem para o futuro, mas convidam à ação no presente. Se os famintos serão saciados, e os que choram, consolados, quem são os sujeitos dessas ações?

O texto inicia dizendo que Jesus olhou para os discípulos. Não seriam eles os convidados a agir em favor dos menos favorecidos? Embora não se encontre um sujeito na redação das bem-aventuranças, olhando o Evangelho, esses sujeitos são os discípulos de Cristo. Conforme vimos acima, os discípulos de Cristo são sujeitos de esperança, que agem no presente com o coração voltado para o futuro, onde se encontram as promessas de Deus. Sem esperança não é possível viver as bem-aventuranças.

Notemos que embora a redação do texto seja de gênero sapiencial, pela promessa “serão”, tem também perspectiva profética, pois compromete o testemunho cristão no hoje da vida. As bem-aventuranças são um jeito prático de abrir-se ao futuro, e assim cumprir o que rezamos no Pai Nosso: “Venha a nós o vosso Reino”. E quem conduz o discípulo na realização desse projeto de Jesus?

Paulo, em sua carta aos romanos (Rm 8) fala sobre a vida no Espírito. Quem vive segundo o Espírito, busca as coisas do Espírito; e o desejo do Espírito é a vida e a paz. Lembremos que o

³⁹⁷ DUMAIS, Marcel. Bem-Aventuranças. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2022, p. 168. Dumais foi professor de Bíblia e de exegese, escritor. Em 1984 foi nomeado membro da Comissão Bíblica Pontifical (cf. OMI WORLD. **Marcel DUMAIS, OMI (1936 – 2023)**: Une Vie Consacrée à la Foi et à l’Apprentissage. 2023. Disponível em: <https://www.omiworld.org/fr/2023/11/18/marcel-dumais-omi-1936-2023-une-vie-consacree-a-la-foi-et-a-lapprentissage/>. Acesso em: 25 jul. 2024).

³⁹⁸ DUMAIS, Marcel. Bem-Aventuranças. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2022, p. 169.

³⁹⁹ Cf. DUMAIS, Marcel. Bem-Aventuranças. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2022, p. 169.

desejo do Espírito coincide com o desejo de Cristo, que veio para que todos tenham vida em abundância (cf. Jo 10,10). O Espírito de Cristo se une ao espírito do discípulo para testemunhar que todos são filhos de Deus (cf. Rm 8,16), portanto, merecedores da vida plena. “Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, felicidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,22), são os frutos do Espírito, tanto para quem agiu em favor dos pobres, quanto para aqueles que ‘tinham fome’, ‘choravam’, antes da presença e ação do discípulo de Cristo.

Essa condição de ‘fome’, ‘aflição’, ‘choro’, pode ser identificada em nossa realidade atual? Quem são os discípulos de Cristo hoje, e como devem agir?

c)Assemelhar-se a Jesus, na opção pelos pobres, como forma de profetismo

O Documento de Aparecida (DA) ressalta que discernir os sinais do tempos hoje, é um desafio para os discípulos de Cristo, pois vivemos grandes mudanças sociais, com transformações de alcance mundial. É o chamado fenômeno da globalização, onde o impacto dessas mudanças são universais. E o campo religioso, como diversos outros, é afetado, pela ocultação de uma clara percepção de Deus, e de seu amor paternal.

Segundo muitos estudiosos, essa realidade traz uma crise de sentido, não os múltiplos sentidos que cada um pode encontrar em suas ações quotidianas, mas um sentido amplo, unitário, capaz de unir o todo (cf. DA n. 33-37). Além da perda de significado, gerada pela globalização, que muitas vezes tem por prioridade o lucro ao invés do ser humano, são fonte de preocupação para a Igreja os milhões de latino-americanos e caribenhos, que não podem levar uma vida digna. Jesus voltou-se para o pobre, anunciou o Reino aos pobres; a Igreja da América latina e Caribe, seguindo o exemplo de Jesus, faz opção preferencial pelos pobres, como forma de converter-se ao evangelho de Cristo (cf. DA n. 391-398).

O discípulo é chamado a assemelhar-se com o Mestre, a aderir à pessoa de Cristo, que o chama pelo nome. Entregar-se a Jesus Caminho, Verdade e Vida é uma resposta de amor Àquele que nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,19). Assemelhar-se ao mestre é obra do Espírito no discípulo de Cristo:

O Espírito Santo, que o Pai nos presenteia, identifica-nos com Jesus-Caminho, abrindo-nos a seu mistério de salvação para que sejamos filhos seus e irmãos uns dos outros; identifica-nos com Jesus-Verdade, ensinando-nos a renunciar a nossas mentiras e

ambições pessoais; e nos identifica a Jesus-Vida, permitindo-nos abraçar seu plano de amor e nos entregar para que outros “tenham vida nele” (DA n. 137).

E para que sejamos verdadeiramente reconhecidos como discípulos seus, Jesus dá o mandamento do amor, cuja medida é ele mesmo. As bem-aventuranças, citadas acima, são aprendidas no seguimento de Cristo, que viveu e ensinou o amor, a obediência ao Pai, e a compaixão frente à dor humana. Conhecendo o que Jesus fez, o discípulo discerne o que deve fazer (cf. DA n. 138-139).

4.1.2 Com Jesus, o Espírito e o Pai: discípulos Filhos

O Batismo, a Confirmação e a Eucaristia são os três sacramentos pelos quais é consolidada a iniciação à vida cristã. A missão de batizar e fazer discípulos em todas as nações, foi dada por Jesus aos cristãos. Trata-se batizar e ensinar a vivência do Evangelho (cf. Mt 28,19-20). Mortos para o pecado, com Cristo os fieis ressurgem para a vida nova. Esta, é consolidada pela força do Espírito, e alimentada do Corpo e Sangue de Cristo, a fim de que o discípulo torne-se como o Mestre.

Apresentamos três aspectos da filiação em Jesus Cristo: o batismo, o convite à fraternidade e o seguimento como relação com a Trindade.

a) A graça de tornar-se ‘filho no Filho’ através do batismo

Toda pessoa humana pode usar para si, a expressão ‘filho de Deus’?

A fé cristã nos permite afirmar que todo homem é criado à imagem e semelhança de Deus; todo ser humano traz em si algo da bondade, da beleza e da grandeza de Deus. Existe uma ligação única entre a criatura e o Criador. Nesse sentido, Deus é o pai de todos os seres humanos, e os convida a se acolherem como irmãos e irmãs⁴⁰⁰.

Por que dizemos, então, que o batismo nos torna ‘filhos de Deus’?

Jesus tem uma relação única com o Pai, ele é ‘o Filho’ por excelência, e nos faz participantes dessa relação filial. Pelo batismo, aqueles que colocam sua fé em Jesus se

⁴⁰⁰ Cf. La Commission doctrinale. « Enfant de Dieu »: de qui parle-t-on ? Conférence des évêques de France. Disponível em: <https://catechese.catholique.fr/outils/conference-contribution/301069-enfant-de-dieu-baptême/>. Acesso em: 01 abr. 2024. Tradução nossa.

beneficiam de sua relação com o Pai. Partilhando de nossa condição humana, Jesus nos permite de participar de sua condição divina, unindo-nos a ele, e nele, nos tornamos também ‘filhos’ de Deus. O Espírito Santo é dado no batismo, e de forma especial na crisma, para que esse fiel participe do projeto de Deus como filho.

Os não-batizados são filhos do Deus criador, e chamados, pela fé em Cristo, a tornarem-se ‘filhos no Filho’, pelo batismo⁴⁰¹.

Ser filho de Deus não é o resultado automático de pertencer ao gênero humano, mas sempre um dom gratuito da graça, recebida pela fé, no sacramento do batismo. Assim como a concepção e o nascimento de Cristo se deu pela ação do Espírito, também é pela ação do Espírito que o fiel pode renascer, e ir se tornando filho de Deus⁴⁰².

No diálogo de Jesus com Nicodemos, Jesus explica que é preciso nascer da água e do Espírito (cf. Jo 3,5), “e isso se produz quando um evento, o batismo e a fé, nos introduzem em uma nova dinâmica do ser, colocando um dinamismo novo em nossa existência. Esse tesouro faz de toda a vida um caminho, uma progressão”⁴⁰³. Nesse caminho nos precede e nos acompanha a graça de Deus, que surpreende o coração e alimenta a fé.

Em resumo, a qualidade de ser filho de Deus é um dom que interpela nossa liberdade. Não nos tornamos filhos de forma automática, mas pelo caminho de fé; é uma participação na qualidade ‘do’ Filho único de Deus. “Assim, a via que permite de se tornar ‘filho no Filho’ é acessível somente àquele que nasce do Espírito, na fé e no batismo (que Jesus indica na passagem pelo sinal da água)”⁴⁰⁴.

Na passagem do batismo, a voz vinda do céu chama Jesus de ‘Filho’ (cf. Lc 3,21-22). Este, sabia-se ‘Filho’, mas ouvi-lo do Pai, provavelmente, provocou em Jesus vibrações novas. Assim somos nós, nos sabemos ‘filhos de Deus’, mas no batismo, “ouvimos” o Pai nos dizendo que o somos, e isso faz toda a diferença. Como na vida natural aprendemos a ser pai, ser mãe e

⁴⁰¹ Cf. La Commission doctrinale. « Enfant de Dieu »: de qui parle-t-on ? 2024. Tradução nossa.

⁴⁰² Cf. DE LA POTTERIE, I de la. **On ne naît pas enfant de Dieu. On le devient**, 2010, p. 1. Disponível em: https://www.30giorni.it/articoli_id_23528_l4.htm#. Acesso em: 25 jul 2024. De La Potterie foi jesuít, doutor em exegese bíblica, especialista em exegese joanina. Foi professor na faculdade jesuít e no Instituto bíblico pontifical de Roma (BNF CATALOGUE GENERAL, 2024. **Ignace de La Potterie**. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119103090>. Acesso em: 30 jul 2024.). Tradução nossa.

⁴⁰³ Cf. De La POTTERIE, I. **On ne naît pas enfant de Dieu. On le devient**, 2010, p. 2.

⁴⁰⁴ De DE LA POTTERIE, Ignace. La figliolanza divina del cristiano secondo Giovanni. In: SIMPOSIO DI EFESO SU SAN GIOVANNI APOSTOLO, 6., 1996. **[Anais...]** Rome: Università Pontificale Antonianum, 1996, p. 53-80, p. 2. Disponível em: https://www.30giorni.it/articoli_id_23528_l4.htm. Acesso em: 01 abr. 2024.

ser filho; na vida espiritual não nascemos ‘filhos’ de Deus, mas nos tornamos. E isso, pelo dom gratuito da graça, iniciada no Batismo, fortalecida na Crisma e alimentada pela Eucaristia.

Os batizados foram estabelecidos como testemunhas, cada qual em sua própria vocação, para que a força do Evangelho brilhe na vida de todo dia. Esses batizados não “escondem essa esperança no íntimo da alma, e assim pela renovação contínua e pela luta ‘contra os dominadores das trevas, contra os espíritos da malícia’ (Ef 6,12) também a expressem nas estruturas da vida secular” (LG n. 35). São os sacramentos que alimentam a vida e a fé dos fiéis no anúncio do Cristo e no testemunho de vida (cf. LG n. 35).

Jesus é o Mestre e exemplo, e convida os discípulos à perfeição (Mt 5,47). E para movê-los interiormente, enviou o Espírito Santo. Assim, poderiam amar a Deus de todo o coração, de toda alma, com todo seu entendimento, e com toda sua força (cf. Mc 12,30). E não somente a Deus, mas também o próximo como ele mesmo ensinou e amou (cf. Jo 13,34). Não por suas obras, mas pela graça, os seguidores de Cristo são santificados por Deus, e assim, são levados à plenitude da vocação de filhos de Deus, iniciada no batismo (cf. LG n. 40).

b) A paternidade de Deus e o convite à fraternidade

A interface da filiação adotiva é a fraternidade. A paternidade de Deus sobre todos, nos leva à responsabilidade de sermos irmãos entre nós. O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), nos apresenta os desafios de viver, hoje, o projeto de irmandade desejado por Jesus.

O sonho de fraternidade iniciado por Jesus encontra, hoje, aspectos que o dificultam. A sensação geral de solidão e fracasso é disseminada pelo enfraquecimento dos valores espirituais e o sentido de responsabilidade comum, pois os interesses individuais são privilegiados em detrimento da dimensão comunitária. Existe a falta de um projeto comum, que vise o bem de todos. Construir a justiça e a paz parece uma utopia, e o que vemos reinar é a indiferença com o outro, em suas necessidades temporais, e em sua dignidade como pessoa (cf. FT n. 29-30). Essa indiferença esconde uma ilusão de onipotência. Francisco escreve:

Essa é a tentação que temos diante de nós, se formos por esse caminho do desengano ou da desilusão [...]. o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas a proximidade, a cultura do encontro, sim. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim (FT n. 30)

Francisco fala da distância entre a obsessão do próprio bem-estar, e do bem-estar de todos. É preciso descobrir e apreciar a riqueza da vida em comum, e aumentar a sensibilidade pela vida dilacerada do outro, inclusive se esse outro é um imigrante, que foge das guerras, das perseguições, e sonha com uma vida melhor. Todos tem direito a esse sonho. (cf. FT n. 31). “A capacidade de sentar-se para escutar o outro, característica de um encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo” (FT n. 48).

Sem ignorar as sombras presentes entre nós, devemos dar espaço para a esperança, e abrir caminhos que nos levam até o outro. “A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que torna a vida mais bela e digna” (FT n. 55). A esperança, como as outras virtudes, devem ser acompanhadas pelo amor.

“A estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor” (FT n. 92). Muitos pensam que serão considerados grandes à medida que conseguem impor aos outros suas ideologias, ou à medida de sua capacidade de mostrar força; mas para quem crê, é fundamental compreender que o mais importante é o amor (cf. FT n. 92). Para Santo Tomás de Aquino, amar é centrar sua atenção no outro, procurando gratuitamente seu bem (cf. FT n. 93).

À medida que alguém se torna caro para uma pessoa, esta, coloca-se a seu serviço. “O amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível a amizade social que não exclui ninguém, e a fraternidade aberta a todos” (FT n. 94). A própria dinâmica do amor exige uma abertura progressiva de acolhida do outro (cf. FT n. 95). Aqui, obrigatoriamente, amor é igual gratuidade. Jesus disse: ‘Todos vós sois irmãos’ (Mt 23,8)”. É um convite para ir além dos limites e crescer na consciência de um destino comum, é aprender a viver conjuntamente, como em uma grande família, a humana.

c) O seguimento de Cristo como relação com a Trindade

A humanidade traz em si a marca do amor de Deus, manifestado na criação e na redenção. O amor manifestado capacita o homem a dar uma resposta, também de amor, a Deus e aos outros

seres humanos⁴⁰⁵. Assim o amor torna-se critério de salvação, e o ponto de encontro entre Deus e a humanidade. É em Cristo e com Cristo que o cristão pode viver o amor proposto por ele. O Espírito Santo vem em socorro do ser humano, dando-lhe a graça necessária para tal fim. Os não-cristãos atingem o objetivo na medida em que amam o próximo e cuidam do mundo criado.

Em Cristo Ressuscitado a humanidade atinge sua perfeição. Seguir Jesus, o mais humano dos homens, torna-nos mais humanos; não responder a esse apelo, desumaniza. Através dos evangelhos temos uma imagem do Jesus da história, seus gestos, seus ensinamentos, o que permite compreender que o seguimento de Jesus não pode acontecer sem a presença do Espírito Santo. Este, dá acesso ao Cristo e possibilita ao discípulo o discernimento na construção do reino. “O reino é um presente que não tem preço. A salvação, que consiste em um perdão incondicional e uma aceitação radical de Deus, é a melhor notícia”⁴⁰⁶. O erro e a culpa serão derrotados. A participação no reino dá aos discípulos a certeza de que “sua vida e a história tem um propósito transcendente”⁴⁰⁷.

O vínculo de Jesus com o Pai o fez crescer em humanidade. Da mesma forma, o discípulo por sua união plena com Cristo, sua fé nele, são humanizados na vivência do amor, como ele ensinou. Jesus cresceu em sua união com o Pai, e apesar disso não foi poupado do sofrimento. Para o discípulo também existe o convite a crescer em sua união com Cristo, o que não o privará de perdas, sofrimentos e necessidade de novos recomeços⁴⁰⁸.

Compartilhar da missão de Jesus traz conflitos e confrontos com a realidade. Disso resulta a necessidade de uma decisão pessoal e consciente, pois o caminho é árduo. Seguir a Cristo é imitá-lo, ao mesmo tempo que é também, fazer a experiência com ele. “Ninguém conhece mais a

⁴⁰⁵ Cf. COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024, p. 1. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr 2024. Costadoat é padre jesuíta e doutor em teologia. Professor de Trindade e cristologia, cristologia latinoamericana. Foi coordenador da Comissão Teológica da Companhia de Jesus na América Latina (cf. PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATOLICA DE CHILE. **Jorge Costadoat**. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/49138263/Seguimiento_de_Cristo_en_America_Latina_Signo_y_criterio_del_acontecer_de_Dios. Acesso em: 25 jul. 2024). Tradução nossa.

⁴⁰⁶ COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024, p. 2.

⁴⁰⁷ COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024, p. 2.

⁴⁰⁸ Cf. COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024, p. 3.

Cristo do que aquele que segue a Cristo”⁴⁰⁹; porque o Espírito Santo dá aos cristãos a graça de serem cristificados, e de verem suas vidas transformadas, pela fé no Ressuscitado⁴¹⁰. Somos atraídos pelo Pai a seguir o Cristo, guiados pelo Espírito. Assim, seguimento de Cristo é igual relação pessoal e filial com a Trindade.

4.1.3 Com Jesus e o Espírito da Nova Aliança: discípulos Servos

No Novo Testamento a palavra serviço aparece em diversos contextos. O grego apresenta dois verbos com conotações diferenciadas. Segundo Perrot:

Existe, em primeiro lugar o vocabulário ligado ao verbo *douleúō*, “servir”, com os substantivos *douleía*, “serviço”, e *doûlos*, “servo”, termos que destaca o serviço desenvolvido pelo escravo ou pelo doméstico. Além disso, existe o verbo *diakonēō*, “servir”, com os substantivos *diakonía*, “serviço”, e *diákonos*, “servidor”, que indicam um serviço por meio do qual, sem uma conotação de inferioridade, uma palavra ou um bem é transmitido a outros⁴¹¹.

No primeiro caso, no greco-romano, o escravo é uma ‘não-pessoa’, a condição de inferioridade social é afirmada, como a de um escravo com seu patrão, obrigado a servir gratuitamente. Em hebraico, *ebed* (servo) oferece conotações mais humanas que a do mundo helênico. Já *diákonos*, do grego, não indica uma categoria social, mas uma instância de mediação, um serviço confiado. Esse “servidor” pode ser mesmo um notável, a quem se confiou um serviço concreto. É um intermediário⁴¹².

Os dois tipos de vocabulário, por vezes se misturam, porém, “é importante expressar que o servidor da palavra nova deve colocar-se como um escravo diante do próprio senhor, ou seja, o

⁴⁰⁹ COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024, p. 7.

⁴¹⁰ Cf. COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024, p. 6.

⁴¹¹ PERROT, Charles. Serviço e Diaconia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1387. Perrot foi padre, biblista, especialista do judaísmo contemporâneo de Jesus. Foi professor do Novo Testamento no Instituto Católico de Paris (EGLISE CATHOLIQUE EN FRANCE, 2013. **Charles Perrot**. Disponível em: <https://eglise.catholique.fr/actualites/359003-deces-du-pere-charles-perrot/>. Acesso em: 30 jul 2024).

⁴¹² Cf. P PERROT, Charles. Serviço e Diaconia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1387-1388.

Cristo, e os seus (cf. 1Cor12,5)”⁴¹³. *Diakonía* é um termo que está na raiz de todos os serviços, mas está ligado principalmente ao motivo da palavra⁴¹⁴.

Apresentaremos, a seguir, três aspectos do discípulo servo: ser para os outros, a vivência da misericórdia como serviço, e o povo de Deus a serviço dos povos do mundo.

a) Ser para os outros

A exortação apostólica do Papa Francisco *Christus Vivit* (ChV) chama a atenção para o fato de não, simplesmente, fazer coisas, mas de fazê-las com um sentido, dando a este ser-para-os-outros o motivo de uma vida bela⁴¹⁵.

O termo ‘vocação’ pode ser entendido, de forma global, como um chamado de Deus, mas neste chamado de Deus, está também um chamado à vida, onde tudo pode ser integrado em um caminho de resposta ao Senhor. “A salvação que Deus nos oferece é um convite a fazer parte de uma história de amor que se constrói com nossas histórias” (ChV n° 252), para dar frutos como somos e onde estamos. O Senhor nos chama a participar de sua obra criadora, colocando a serviço dos outros nossas capacidades, “porque nossa vida sobre a terra alcança sua plenitude, quando ela se transforma em oferenda” (ChV n° 254). Meu ser pessoa é uma missão sobre a terra.

Ser um ser-para-os-outros não é apenas fazer coisas, é mais do que isso. Trata-se de dar sentido, colocando-se a serviço da sociedade. Francisco escreve:

reconhecer qual é o projeto do Senhor para a minha vida. Ele não me indicará todos os lugares, os tempos e os detalhes, que escolherei com sabedoria, mas sim, existe uma orientação de minha vida que ele deve me mostrar, porque ele é meu Criador, meu oleiro, e que eu tenho necessidade de escutar sua voz para me deixar modelar e conduzir por ele. Então serei o que devo ser, e serei também fiel à minha realidade pessoal (ChV n. 256).

⁴¹³ PERROT, Charles. Serviço e Diaconia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1388.

⁴¹⁴ Cf. PERROT, Charles. Serviço e Diaconia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1388.

⁴¹⁵ Cf. FRANCISCO, Papa, 1936-. *Christus vivit: «être pour les autres», le secret d’une vie belle*. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/fr/eglise/news/2019-10/christus-vivit-etre-pour-les-autres.html>. Acesso em: 04 abr. 2024.

Dessa forma, ser um ser-para-os-outros será uma maneira de ser fiel àquilo que devo ser, e à minha realidade. Deus nos chama a oferecer o melhor de nós mesmos para Ele e para os outros. Por isso, é de suma importância a orientação que damos à nossa vida. No serviço gratuito e permanente, na alegria, está o segredo de uma vida plena e realizada.

b) A vivência da misericórdia como serviço

Ao longo de toda a Bíblia encontramos expressões sobre a misericórdia, pois como diz o salmista, Deus tem piedade como um pai (cf. Sl 103,13), e como uma mãe que não esquece seu filho (cf. Is 49,15). O perdão de Deus cura e restabelece a pessoa, em sua precariedade humana⁴¹⁶. Por isso “é preciso que as comunidades, hoje inseridas numa sociedade que destrói a vida humana, possam contribuir para a construção de um mundo misericordioso e solidário, no qual a misericórdia e a solidariedade sejam princípios vitais que orientam a vida”⁴¹⁷.

Na Bíblia, os diferentes vocábulos vão além de uma simples ação compassiva. Um dos conceitos “é aquele de *reheh/rahâmîm*, ou seja, do ‘ventre materno’, como lugar donde provém a vida (cf. Por exemplo, Gn 20,18; Ex 13,2.12.15; 34,19; Os 9,14; Jr 20,17. Em aramaico o termo *rahâmîm* designa um sentimento amplo e geral: amar e ter compaixão” (cf. Dn 2,18)⁴¹⁸. Na cultura semítica compaixão e misericórdia estão localizados nas vísceras, no seio materno e no útero. É uma forma de expressar a profundidade de algo que toca a pessoa e a coloca em um movimento de dentro para fora, na direção do outro.

O conceito de misericórdia pode ser entendido, também, a partir do termo *hesed*, que significa “solidariedade”, “bondade”, “amor”. “A relação de Deus com o povo e com os

⁴¹⁶ Cf. SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 976-977. Silva tem experiência na área da Teologia, com ênfase em Análise Literária dos Textos Antigos, atuando principalmente nos seguintes temas: contexto cultural e histórico, exegese e hermenêutica, sabedoria, hermenêutica e Bíblia hebraica (ESCAVADOR. **Rafael Rodrigues da Silva**. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5848198/rafael-rodrigues-da-silva>. Acesso em: 25 jul. 2024).

⁴¹⁷ SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 977.

⁴¹⁸ Cf. SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 977.

indivíduos é caracterizada pela fidelidade, benevolência, bondade e solidariedade”⁴¹⁹. Nesse sentido, *hesed* está relacionada com a gratuidade de Deus, e a relação entre os povos. As raízes hnn, hml, hws, exprimem termos para explicar misericórdia. Assim, temos: *hārān*, que significa “ser gentil”, “amável”, “misericordioso”; *hāmāl*, que significa “ter compaixão”; e *hāsāh*, “ter compaixão”, “condoer-se”, “ter piedade”⁴²⁰. O objeto da misericórdia, na maioria das vezes, são os pobres e miseráveis.

Outro termo é o *éleos*, que significa “compaixão”, “misericórdia”, “piedade”. Na tradução Septuaginta aparece mais ou menos 400 vezes em seus diversos sentidos⁴²¹. É um termo muito usado em Lucas/Atos, e indica a resposta de Jesus ao grito dos necessitados:

Nos sinóticos o verbo indica a resposta de Jesus ao grito de socorro dos doentes e endemoninhados (cf. Mc 5,19; 10,47-48; Mt 9,27; 15,22; 17,15; Lc 17,13). Nas bem-aventuras de Mateus encontra-se uma declaração de felicidade que promete a misericórdia de Deus aos que praticam a misericórdia (cf. Mt 5,7). Outro texto significativo é a parábola do servo desalmado (cf. Mt 18,23-35), em que a exigência de praticar a misericórdia tem sua origem na compaixão ilimitada do patrão⁴²².

A misericórdia aparece sempre como resposta à necessidade do outro. Vemos isso no comportamento de Jesus que estremece diante do sofrimento humano, narrado inúmeras vezes nos evangelhos. Diante do exposto até o presente, podemos perceber que a misericórdia é vivida sob vários aspectos, como compaixão, bondade, solidariedade, amor, benevolência, relação com Deus e com os outros, gentileza, amabilidade, piedade, fidelidade, perdão... enfim, muitos são os termos usados para traduzi-la.

O Papa Francisco propõe a vivência da misericórdia como estilo de vida. No evangelho de Mt 7,2, Jesus mostra como devemos fazer as coisas, o estilo e a medida. Francisco escreve:

com qual medida eu meço os outros? Com qual medida meço a mim mesmo? É uma medida generosa, repleta do amor de Deus ou é uma medida rasa? E com aquela medida eu serei julgado, não será outra: com aquela, aquela que eu faço. Qual é o nível em que coloquei a minha trave? Coloquei no alto? Devemos pensar nisso. E isso o vemos não só

⁴¹⁹ Cf. SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 977.

⁴²⁰ Cf. SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia, 2022, p. 978.

⁴²¹ Cf. SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia, p. 978.

⁴²² SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia, 2022, p. 978.

nas coisas boas ou más que fazemos, mas no estilo contínuo de vida (FRANCISCO, 2020)⁴²³.

Se considerarmos as raízes dos termos acima, viver a misericórdia como estilo de vida, é um engajamento generoso e profundo que assumimos em vista do bem do outro. Seguir pelo caminho da misericórdia é dizer “sim” a uma vida repleta de amor, e “não” aos julgamentos que humilham e diminuem o semelhante, ou seja, é colocar-se a serviço, buscando o bem do outro em todas as dimensões da vida.

c) O Povo de Deus a serviço dos povos do mundo

A Igreja Católica ressalta que a salvação não é um ato individual ou dependente de laços sociais, mas comunitário, onde o povo de Deus segundo a Nova Aliança realizada em Cristo, é chamado a crescer segundo o Espírito. Em Cristo, judeus e pagãos são um só povo, o povo de Deus, “em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido [...], que outrora não eram, mas agora são Povo de Deus” (1Pd 2,9-10) (cf. LG n. 9). Esse povo tem por cabeça o próprio Cristo, que morreu e ressuscitou para justificar todo ser humano (cf. Rm 4,25).

O povo messiânico é, para todo homem, princípio de unidade, esperança e salvação; estabelecido como sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16), é instrumento de redenção universal. Cristo cumulou esse povo de seu Espírito. Dele participam todos aqueles que reconhecem Jesus como autor da salvação, princípio de unidade e paz. Esse povo é a Igreja, que penetra a história humana e transcende todos os tempos e limites; e é constantemente renovada pelo Espírito Santo no tempo, até chegar o grande dia sem ocaso da ressurreição (cf. LG n. 9).

Enquanto povo, caminha na direção do Reino definitivo. Cada batizado, discípulo de Cristo ungido pelo Espírito, oferece-se como hóstia viva, testemunha Cristo e dá a razão de sua esperança na vida eterna. Todos são chamados à santidade, e para isso dispõem de todos os meios que a Igreja oferece, participando do sacerdócio comum através dos sacramentos. Sendo um povo conduzido pelo Espírito, participa do profetismo de Cristo pelo testemunho de vida; manifesta o senso sobrenatural da fé, e coloca-se a serviço nos mais diversos carismas e riquezas de cada

⁴²³ Homilia do Papa Francisco na Casa Santa Marta, em 30 de janeiro de 2020. O artigo é de Gabriella Ceraso: “Papa, viver e julgar com o estilo misericordioso do cristão”. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/papa-francisco-santa-marta-viver-julgar-com-estilo-cristao.html#:~:text=O%20nosso%20estilo%20de%20vida,ao%20final%20da%20nossa%20exist%C3%Aancia>. Acesso em 07 de abril de 2024.

cultura, que devem ser usados para a edificação de todos. Presente em todas as nações da terra, o povo de Deus possui caráter universal (cf. LG n. 12-13).

O Povo de Deus participa dessas três funções do Cristo - Sacerdote, Profeta e Rei -, que desde o início associou seus discípulos à sua vida. No evangelho de João Jesus fala de uma misteriosa comunhão com ele, como os ramos são unidos á videira (cf. Jo 15, 4-5). Pelo Espírito, a comunhão entre Jesus e seus discípulos torna-se mais intensa, fazendo com que todos os chamados, de todos os povos, sejam componentes de seu próprio Corpo (cf. CAT nº 783-786).

O Verbo de Deus encarnou-se para salvar a todos; é ele o fim da história humana, o ponto para o qual convergem todos os desejos da história, a realização das alegrias e as aspirações humanas. Ressuscitado pelo Pai e colocado à sua direita, vivifica e reúne a todos pelo seu Espírito, que conduz a humanidade ao seu desígnio de amor: “instaurar tudo em Cristo, no céu e na terra” (Ef 1,10) (cf. GS n. 45).

4.2 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO III

Discipulado é um termo que envia a uma condição de “ser discípulo”, onde uma pessoa se coloca como aprendiz daquela que considera seu Mestre. Supõe entrar na escola do mestre e seguir seus passos⁴²⁴.

Na antiguidade, os mestres chamavam seus discípulos a se vincularem a algo de transcendente; os mestres de Israel chamavam discípulos para aprenderem e seguirem a Lei de Moisés. Jesus, porém, ao chamar discípulos, chama-os para um encontro, uma relação, um estar com ele, primeiramente; escutar seus ensinamentos, saborear de sua presença, aprender do seu coração. Como escreve João, só ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68). Diferente dos discípulos dos Doutores da Lei, no Antigo Testamento, que podiam separarem-se de seu mestre depois de serem formados, os discípulos de Jesus não podem jamais se separarem dele. Ao contrário, são chamados a partilharem o mesmo destino, carregar a cruz (Mc 8,34), beber do

⁴²⁴ Cf. FEUILLET, André. Disciple. In: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6^a ed. Paris: CERF, 1988, p. 290. Feuillet é padre sulpiciano, Doutor em teologia, licenciado em Escritura Santa. Foi professor no Instituto Católico de Paris (REVUE RESURRECTION. **P. André Feuillet**. 2024. Disponível em: https://www.revue-resurrection.org/archives_revue-resurrection/_P-Andre-Feuillet_.html. Acesso em: 26 jul. 2024.).

mesmo cálice (Mc 10,38). Quando Jesus fala, ouve-se Deus; logo, tornar-se discípulo de Jesus é tornar-se discípulo de Deus⁴²⁵

A convivência com Jesus logo fez os discípulos perceberem dois aspectos desse discipulado, que se diferenciava dos outros: não foram eles que escolheram o Mestre, mas foram escolhidos por ele (cf. Jo 15,16); não foram convidados para Algo, como aprender a Lei, purificarem-se, mas para estar com Alguém. A primeira proposta para o discipulado de Jesus é criar laços profundos, estreitos com ele; não com algo, mas com a Pessoa (cf. Mc 1,17; 2,14).

Jesus chama os discípulos para “serem dele”, para terem “parte com ele”. Logo, ser discípulo é participar da vida saída das entranhas do Pai, assumir o estilo de vida e as motivações de Jesus (cf. Lc 6,40b); mas também assumir a mesma sorte, e comprometer-se com um mundo novo. Somente depois os envia em missão. Os discípulos participam de seu maior ‘tesouro’: o Reino do Pai.

Na parábola da videira e os ramos (Jo 15,1-17), Jesus revela que o vínculo que ele deseja ter com seus discípulos não é de servos, mas sim, de amigos. O Documento de Aparecida escreve:

O amigo ingressa em sua vida, fazendo-a própria. O “amigo” escuta Jesus, conhece ao Pai e faz fluir sua vida (Jesus Cristo) na própria existência (cf. Jo 15,14) [...]. O “irmão” de Jesus (cf. Jo 20,17) participa da vida do Ressuscitado, Filho do Pai celestial, porque Jesus e seu discípulo partilham a mesma vida que procede do Pai: o próprio Jesus por natureza (cf. Jo 5,26; 10,30) e o discípulo por participação (cf. Jo 10,10). A consequência imediata desse tipo de vínculo é a condição de irmãos que os membros de sua comunidade adquirem (DA n. 132).

Jesus partilha com os discípulos a mesma vida que procede do Pai, por isso faz dos mesmos seus familiares. Na união íntima com ele, na obediência ao Pai, os discípulos produzem frutos no amor.

O capítulo III quis colocar em evidência esse vínculo de Jesus com seus discípulos. E não somente com Jesus, mas sim, também, com o Pai e o Espírito. Jesus sempre aponta para o Pai “meu Pai e vosso Pai” (cf. Jo 20,17), e nada faz sem o Espírito, “Recebam o Espírito Santo” (cf Jo 20,22).

⁴²⁵ Cf. FEUILLET, André. Disciple. In: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6^a ed. Paris: CERF, 1988, p. 291-292.

Jesus é o Profeta, o Filho e o Servo, por excelência. Os discípulos tornam-se profetas, filhos e servos porque são vinculados a Jesus, “enxertados” em Cristo, participantes de sua vida divina e de sua missão no mundo. Ser discípulos de Cristo é ser missionário. Logo, o discípulo-missionário do Filho recebe por Pai o mesmo Pai, e por Espírito o mesmo Espírito do Cristo Ressuscitado⁴²⁶.

⁴²⁶ Sobre a vocação dos discípulos missionários à santidade, cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007, n. 129-136.

5 EPÍLOGO

Vivemos uma mudança de época. A concepção integral do ser humano está se dissolvendo. Dissolve-se, também, sua relação com o sagrado, e seus vínculos comunitários, dando lugar ao individualismo. Nada permanece fixo, tudo está em constante mudança, o que apresenta eventuais riscos que devemos enfrentar, sem perder a esperança. Convivemos com um constante bombardeio de informações e desinformações ao mesmo tempo⁴²⁷.

Outro aspecto que marca a atualidade é o meio ambiente e a economia. “O Relatório de Riscos Globais de janeiro de 2024 do Fórum Econômico Mundial afirma que o mundo está sob os efeitos de duas crises perigosas: a crise climática e os conflitos geopolíticos”⁴²⁸. As decisões e adaptações dos países ficam aquém do esperado. Enquanto isso, secas, inundações, tempestades, etc, acontecem, atingindo de maneira particular os mais pobres.

Temos, ainda, presente no cenário mundial, o aumento das tensões geopolíticas e conflitos entre as nações, guerras, violência, sensação generalizada de insegurança. Falamos de uma crise existencial a nível planetário. Na economia, já são quase 700 milhões de pessoas ao redor do mundo vivendo em situação de extrema pobreza. “As Nações Unidas em seu Relatório de Desenvolvimento Humano de 2023-2024 intitulado: ‘Por fim ao impasse: reimaginar a cooperação num mundo polarizado’ publicado em março de 2023, considera que o mundo está fora do seu rumo”⁴²⁹. Todo esse contexto leva as pessoas a uma certa negatividade com relação ao futuro.

A liberdade humana sente-se desafiada pelas redes sociais e as novas tecnologias. A sedução exerce grande poder sobre os indivíduos, interferindo em suas escolhas, e exigindo do mesmo um grau máximo de competitividade no mercado de trabalho. É preciso ser ‘melhor’ que

⁴²⁷ Cf. GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas**. Tendências, riscos e esperanças. 2024. p. 5. Disponível em: <http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

⁴²⁸ GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas**. Tendências, riscos e esperanças. 2024. p. 9. Disponível em: <http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

⁴²⁹ GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas**. Tendências, riscos e esperanças. 2024. p. 19. Disponível em: <http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

os outros para que sua eficácia seja comprovada e reconhecida. O poder está ligado ao conhecimento⁴³⁰.

Toda essa complexidade nos ensina a olhar a realidade com mais humildade, pois segundo muitos estudiosos, ela traz uma crise de sentido para a humanidade. Notamos uma grande valorização da subjetividade individual, enfraquecendo os vínculos comunitários (cf. DA n. 37). Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos. São as novas gerações as mais afetadas pela cultura do consumo.

É nesse contexto que o discípulo de Cristo é chamado a testemunhá-lo para que, assim como ele, a sociedade passe por um processo de transformação, se se deixar conduzir pelo Espírito do Ressuscitado. Mas um dos grandes desafios do discípulo-missionário de Cristo é discernir os sinais dos tempos, para colocar-se a serviço do Reino de um jeito que corresponda aos apelos da realidade. A grande diferença dessa mudança é que ela é de alcance global, afetando o mundo inteiro. Os avanços tecnológicos, capaz de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, nem sempre revelam o sentido divino da vida humana redimida em Cristo, mas podem ofuscar uma clara percepção do mistério de Deus e seu desígnio amoroso e paternal para os seres humanos (cf. DA n. 33-34).

O convite para os discípulos de Cristo é tornarem-se dóceis, para aprenderem dele a dignidade e a plenitude da vida. Nele, o centro e a profundidade da cultura podem ser reencontrados⁴³¹. É a partir de Cristo que a ação humana realiza grandes mudanças. Gente pequena, fazendo coisas pequenas, em um processo contínuo de escuta e diálogo, podem mudar o mundo. Deus sempre agiu na história da humanidade pelo viés dos pequenos. O Espírito, ‘que faz novas todas as coisas’ (Ap 21,5), conduz e sustenta todas as boas e belas iniciativas de bem. Ser sal da terra e luz do mundo é a tarefa de todo aquele que recebeu a plenitude dos dons do Espírito no sacramento da Crisma⁴³².

⁴³⁰ Cf. GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas**. Tendências, riscos e esperanças. 2024. p. 56. Disponível em: <http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

⁴³¹ Sobre a realidade que interpela o discípulo de Cristo e o olhar que este deve ter sobre a realidade, cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1.ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007, n. 33-42.

⁴³² Cf. GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas**. Tendências, riscos e esperanças. 2024. p. 109. Disponível em: <http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

Diante disso tudo, como pode agir a comunidade dos discípulos de Cristo? Como ler os sinais dos tempos e dar testemunho do Cristo ressuscitado, em uma sociedade, muitas vezes, indiferente à mensagem evangélica? De onde vem, para o cristão, a força necessária para atuar no atual cenário mundial?

a) O Espírito Santo, o sacramento da Crisma e a Igreja

A Igreja Católica fala de sete sacramentos, pelos quais, o Espírito Santo difunde a graça de Cristo nos fieis, que formam seu Corpo, a Igreja. Queremos, aqui, ressaltar a importância de todos os sacramentos, mas dar destaque ao sacramento da Crisma, também chamado Confirmação.

A palavra Confirmação vem do latim “confirmare”, que significa encorajar, consolidar, afirmar. Se da parte de Deus o dom é completo, da parte do batizado/confirmado é necessário a permissão e a abertura para que esse dom se desenvolva plenamente em sua vida. A dinâmica do crescimento cristão é própria de quem vive uma vida sob a condução do Espírito de Deus. Aqui o caminho abre-se para o futuro, para a frente e para o alto⁴³³.

A Crisma é um dos sacramentos da Iniciação cristã, e não é um sacramento facultativo, mas indispensável para fazer crescer a vida de Deus no batizado. Dá crescimento e força na vivência da vida cristã. Na Crisma Deus se compromete com o cristão, reconhecendo-o plenamente como filho do Pai, aprofundando sua união com Cristo, e vivendo de forma explícita sua relação com o Espírito Santo. Este, faz o cristão aprofundar sua vivência eclesial, assumindo seu lugar na missão da Igreja⁴³⁴.

Embora o sacramento da Crisma esteja relacionado, também, ao Batismo, Eucaristia e Igreja, objetivamos destacar sua relação com o Espírito Santo.

Toda a vida de Jesus se realiza em total comunhão com o Espírito Santo. Essa plenitude do Espírito em Jesus, o Messias, deverá ser comunicada a todo o povo messiânico, e a promessa foi realizada de maneira plena em Pentecostes. Repletos do Espírito, os apóstolos começam a proclamar as maravilhas de Deus (At 2,11). Pela imposição das mãos e a unção com óleo, o Dom

⁴³³ Cf. CONFERENCE DES EVÊQUES DE FRANCE. Qu'est-ce que le sacrement de la Confirmation ? Liturgie et sacrements, 2008. Disponível em <https://liturgie.catholique.fr/initiation-chretienne/la-confirmation/1013-questions-sacrement-confirmation/>. Acesso em: 14 abr 2024. Tradução nossa.

⁴³⁴ Cf. CONFERENCE DES EVÊQUES DE FRANCE. Qu'est-ce que le sacrement de la Confirmation ? Liturgie et sacrements, 2008.

do Espírito é transmitido aos batizados, reconhecido pela tradição católica como o sacramento da Confirmação (cf. CAT n. 1287-1289)). Também Clerck escreve:

está aqui o denominador comum do que se pode dizer da Confirmação. Esta relação não é, no entanto, exclusiva como se o Espírito Santo não estivesse agindo nos outros sacramentos. Mas envolve uma força particular. Após numerosos documentos, a constituição apostólica *Divinae consortium naturae* afirma que pela Confirmação os batizados recebem, como um dom inefável, o Espírito Santo, ele mesmo. Da mesma forma que o Cristo está agindo em todos os sacramentos mas que a Eucaristia oferece àqueles que comungam, seu corpo e seu sangue verdadeiros; assim pela Confirmação o Espírito Santo se comunica de maneira toda especial aos cristãos, como sopro de suas vidas pessoais, e força necessária para a missão evangélica⁴³⁵.

Pelo sacramento da Confirmação uma força especial do Espírito Santo é dada ao crismado, para difundir, defender e testemunhar a fé por palavras e ações. A Crisma capacita o crente a confessar com valentia o nome do Cristo; deixa no cristão uma marca espiritual indelével, revestindo-o de força para o testemunho (cf. CAT n. 1303-1304). Participante da missão profética de Cristo, o crente participa da relação filial e de sua Aliança de serviço. Em tudo isso, o modelo é Jesus, mas o agente impulsionador é o Espírito Santo.

Na pessoa de Jesus, o Espírito sempre esteve presente, desde sua concepção (cf. Lc 1,35), mas lhe é dado de forma explícita no dia do seu batismo (cf. Mc 1,9-11). É sendo conduzido e influenciado pelo Espírito presente nele, que Jesus realiza sinais como curar enfermos (cf. Lc 6,17-19), libertar endemoninhados (cf. Lc 8,26-36), ressuscitar mortos (cf. Lc 7,11-17); anuncia o Reino (cf. Mc 1,14-15); lutar pela justiça (cf. Mt 5,6); e fazer o bem a todos (cf. At 10,38). É a presença do Espírito que distingue a obra de Jesus, e faz dos discípulos de Jesus, pregadores do evangelho (At 1,8). O poder de comunicar o Espírito é dado aos Apóstolos (At 2,38).

No tempo da Igreja, são quatro as funções do Espírito⁴³⁶: 1) A todos os membros da Igreja e de forma durável, é dado o Espírito. 2) O Espírito pode se manifestar de maneira extraordinária,

⁴³⁵ CLERCK, Paul de. *Théologie et pastorale de la confirmation*. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3^a éd. Paris, PUF, 2016, p. 304. Tradução nossa. Clerck lecionou no Centro de Estudos teológicos e pastorais de Bruxelas (1970-1998). É membro da Societas liturgica, da qual foi presidente (1989-1991), da Associação Europeia de Teologia Católica, da comissão científica das “Sources liturgiques” e do Instituto de teologia ortodoxo Saint-Serge de Paris (LE FORUM CATHOLIQUE, 2014. **Paul De Clerck**. Disponível em: <https://www.leforumcatholique.org/print.php?num=760250>. Acesso em: 26 jul 2024). Tradução nossa.

⁴³⁶ ZUMSTEIN, Jean; DETTWILER, Andreas. *Esprit Saint*. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3^a éd. Paris: PUF, 2016, p. 490. Zumstein é teólogo protestante e universitário suíço, professor emérito do Novo Testamento, em particular o Evangelho de João e todo o corpo joanino. Presidente da Sociedade suíça de teologia (cf. DETTWILER, Andreas. *Le commentaire de Jean Zumstein sur l’Évangile de Jean*. **Études Théologiques et Religieuses**, v. 91, p. 129-137, 2016. Disponível em: <https://www.revue-etr.org/article/le-commentaire-de-jean-zumstein-sur-levangile-de-jean/>. Acesso em: 30 jul. 2024. Tradução nossa. Dettwiler é teólogo

com sinais exteriores. 3) A função mais importante do Espírito é de natureza profética e kerigmática. 4) O caminho da Igreja é determinado pelo Espírito, que a conduz. Ele garante a dimensão eclesiológica da história da salvação.

Ao fazer a relação dessas quatro funções do Espírito com os milhões de crismados que professam a fé cristã/católica, podemos crer que em todos, o Espírito age de forma individual e comunitária, a fim de fazer dos discípulos de Cristo profetas, filhos e servos, anunciadores do Evangelho. Podemos, ainda, nos perguntar: O Espírito Santo age de forma automática em nossa vida, independente de nossa vontade? Espera-se uma contrapartida do cristão?

De maneira geral, relacionamos compromisso cristão com participação na comunidade dos discípulos, engajamentos comunitários e sociais em nome da fé, indivíduos fervorosos, destemidos, disponíveis e atuantes. Isso, sem dúvida, são sinais da presença do Espírito, na vida dos que receberam esse Dom através dos sacramentos. E os que não agem segundo esses conceitos? Poderíamos reconhecer a ação do Espírito na vida daqueles que não participam de uma comunidade, mas são capazes de arriscar a própria vida para salvar uma outra vida? Ou, ainda, os que se engajam em ações comunitárias a favor da vida, mesmo que essas ações não estejam ligadas à religião?

São muitas as formas de ação do Espírito. Mas é certo que crescer no caminho de Deus, sempre exigirá um esforço de nossa parte, consciente ou não. O modelo e a medida de nosso crescimento espiritual será sempre o Cristo.

b) Crescer à medida da estatura de Cristo

Jesus, como nosso arquétipo, deseja comunicar-nos de sua maturidade plena, para que possamos avançar na mesma direção. Como, podemos nós, atingir a medida da estatura de Cristo? Avancamos no caminho da maturidade, recebendo graça sobre graça⁴³⁷.

protestante suíço, professor do Novo Testamento, com pesquisas que compreendem as epístolas de Paulo, o evangelho segundo João e o cristianismo primitivo na antiguidade greco-romana (UNIVERSITÉ DE GENÈVE. **Andreas Dettwiler**. 2023. Disponível em: <https://www.unige.ch/theologie/faculte/collaborateurs/nouveau-testament/dettwiler>. Acesso em: 30 jul. 2024). Tradução nossa.

⁴³⁷ Cf. TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 45. Torquato Júnior é especialista em línguas bíblicas grego e hebraico. Especialista em latim. Estuda o processo de formação dos Evangelhos - Área de concentração: Novo Testamento (LINKEDIN, 2024. **Clovis Torquato Jr**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/clovis-torquato-jr-72b59a22>. Acesso em: 29 jul. 2024).

Em seu comportamento, gestos e palavras, Jesus expressava o comportamento de Deus (Jo 5,19-20; 7,16; 8,15-16). Aquilo que em Cristo se manifesta de forma plena - o ser imagem do Deus invisível-, em nós, vai-se construindo paulatinamente. É um processo pelo qual recebemos “graça sobre graça”. Essa transformação operada em nós, é fruto da ação do Espírito Santo⁴³⁸. E como avançamos?

Na carta aos Hebreus 5, 8, é relatado o processo de aprendizagem do Cristo. Este, aprendeu o que significa a obediência pelo sofrimento. Logo, é por esse mesmo caminho que, também nós, aprendemos a obedecer. A graça de Cristo nos é comunicada, mas sua obediência, não⁴³⁹. Esta, depende também de nossa livre vontade. É interessante observar que no processo de maturação cristã que vamos vivendo ao longo dos anos, é pelo sofrimento que vamos aprofundando nossa vida em Deus. Compreendemos, então, que a obediência aprendida no sofrimento, é fundamental para que cheguemos à medida da estatura de Cristo.

A vontade humana pode atuar como empecilho na busca dessa maturidade. Porém, é projeto de Deus que sejamos conforme a ‘imagem do seu Filho’ (Rm 8,29). Sabemos o quanto somos dependentes da graça, pois o próprio Jesus para atingir a maturidade plena, passou por um processo de aprendizagem e crescimento. Tanto mais em nós, esse processo deve ser realidade. É o Espírito Santo com seus dons que sustenta a caminhada do discípulo de Cristo⁴⁴⁰.

Os dons do Espírito Santo, em nós, são limitados, ou devemos buscá-los? Em 1ª Coríntios, Paulo orienta a buscar, aspirar os dons mais altos. Isso sugere que a graça nos é concedida da parte de Deus, mas deve haver em nós, em contrapartida, um movimento de busca, de desejo. “Na verdade de que o Espírito distribui o dom segundo bem lhe parece, para o proveito comum, não anula o direito que o crente tem de ‘buscar’ um dom que não tenha recebido e queira receber”⁴⁴¹. Alguns dons nos são concedidos sem esforço de nossa parte, outros devemos pedir.

A obra do Espírito Santo deve ser buscada, desejada por nós. Crescer nas realidade de Deus exige empenho, esforço, busca, perseverança, “porque Deus precisará limpar-nos, moldar-nos, transformar-nos, trabalhar no nosso caráter, na nossa personalidade, no nosso

⁴³⁸ Cf. TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 49.

⁴³⁹ Cf. TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 53.

⁴⁴⁰ Cf. TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 53-54.

⁴⁴¹ TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 89.

temperamento”⁴⁴². Essas ações de Deus exigem de nossa parte perseverança, pois às vezes, as ‘podas’ que sofremos causam dor. Viver a vida de Deus e crescer na plenitude do Espírito passa, necessariamente, por um encontro pessoal com Ele. É depois de sermos tocados que nos tornamos dóceis e dispostos a percorrer o caminho⁴⁴³.

c) “Transbordem de esperança pelo poder do Espírito Santo” (Rm 15,13)

Embora a realidade seja desafiadora, o Papa Francisco convida os fieis a compartilharem a alegria do Ressuscitado. “A ressurreição de Jesus não é apenas uma notícia maravilhosa ou o final feliz de uma história, mas algo que muda nossa vida completamente e para sempre! É a vitória da vida sobre a morte, da esperança sobre o desânimo”⁴⁴⁴. É este o sentimento que deve alimentar a vida do cristão, e embora não seja dito de forma explícita no texto, essa esperança se sustenta pela presença e ação do Espírito Santo em nós.

O Deus Espírito Santo perpassa a história da Criação, mantém a vida, e permanece fiel em sua missão de santificar, cristificar o discípulo de Cristo. O texto abaixo é uma bela ‘poesia’ ao Espírito de Deus:

o Espírito Santo – divina *Ruah*, *Ruah* em aramaico, *Pneuma* em grego – atua no cosmos desde os albores da Criação; pousa sobre o abismo; fala pelos Profetas; prepara a vinda do Messias, seu Ungido. Mas sua epifania, paradoxalmente, manifesta seus efeitos enquanto esconde sua face. No Sinai, expressou-Se como fogo ardente que ardia no espinheiro (cardo, sarça): essas mesmas chamas retornam potentes em Pentecostes, derramando-se sobre os discípulos reunidos (cf. At 2). Mas seu rosto é invisível; sua natureza, misteriosa; seu nome, oculto. Faz-se conhecido por sua obra, pela arte, beleza, potência, movimento, brilho, fecundidade e criatividade que provoca, na Criação, na História da Salvação e na Humanidade. É pelos dons, carismas e frutos que se faz notar e dá a conhecer, intimamente. Dizer “Espírito Santo” o invoca, mas não o define: “Teu Nome tão desejado, e constantemente proclamado, nada declara sobre Quem ele seja” – observa Simeão, o novo teólogo. De fato, também o Pai e o Verbo são “espírito”; também o Pai e o Verbo reconhecemos como “santos”. Para conhecer o Paráclito, há que contemplar suas manifestações, não só na Criação e na Humanidade em geral, mas particularmente em Jesus Cristo – uma vez que o título *Christos* já proclama a presença do Espírito na pessoa e obra de Jesus, a quem o Pai ungiu como Servo = Messias. Na Epifania (manifestação da Trindade no episódio do batismo de Jesus nas águas do Jordão) o Espírito se manifesta na Pomba que vem e pousa sobre Jesus: aproximar-se de

⁴⁴² TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 92.

⁴⁴³ Sobre o caminho da maturidade em Cristo, recebendo graça sobre graça, cf. TORQUATO JR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018, p. 45-59.

⁴⁴⁴ GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas**. Tendências, riscos e esperanças. 2024. p. 108. Disponível em: <http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

Jesus, ir a Jesus, seguir a Jesus, é a direção certa para conhecer e reconhecer o Paráclito. Durante a missão pública de Jesus, o Espírito se faz presente n'Ele, como sopro e voz (íntima e potente) pela qual podemos ouvir a palavra – não só como ditos de Jesus, mas como Ele próprio; pois é pelo Espírito Santo que reconhecemos a Jesus como Verbo, Palavra do Pai. Sem o fôlego do *Pneuma*, Jesus seria mudo. É pelo sopro e voz do Espírito que o Jesus-Palavra atua e se faz ouvir. Este é um dado coerente com Lucas e João, sobretudo: Jesus é o *Logos tou Patrós* (Palavra do Pai); é a Palavra realizada, que se faz carne no seio de Maria sob a força epiclética do Espírito de Deus (cf. Lc 1,35)⁴⁴⁵.

O Espírito Santo se dá a si mesmo e, como Deus, está presente na vida do mundo. O sacramento da Crisma coloca em evidência sua ação transformadora em todo aquele que cria em si mesmo um espaço para Ele. Pois “sem a luz que acode, nada o homem pode, nenhum bem há nele”⁴⁴⁶. O mesmo Espírito que fez de Jesus Profeta, Filho e Servo por excelência, “ensinará a vocês todas as coisas” (Jo 14,26), fazendo do discípulo de Jesus profeta, filho e servo por participação na vida do Cristo. “Que o Deus da esperança vos cumule de toda alegria e paz em vossa fé, a fim de que pela ação do Espírito Santo, a vossa esperança transborde” (Rm 15,13).

⁴⁴⁵ MAÇANEIRO, Marcial. **O Espírito Santo na Patrística**: um olhar para o Oriente. Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Teologia PPGT Área de Sistemática, Pastoral e Espiritualidade. PUCPR. Curitiba: *pro manuscripto*, 2023-II, p. 3-4.

⁴⁴⁶ Sequência de Pentecostes.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS. **Domingos Zamagna**. 2024. Disponível em: <https://academiacristadeletras.org.br/cadeira-n-28.html>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ACADEMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES-LETTRES. **Philonenko Marc, Eugène**. 2000. Disponível em: <https://aibl.fr/membres-academiciens/philonenko-marc-eugene/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

ARTUS, Olivier. Lévitique 25: Année sabbatique et Jubilé dans le contexte des traditions bibliques et des cultures du Proche-Orient ancien. **Transversalités**, n. 129, p. 7-27, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-transversalites-2014-1-page-7.htm>. Acesso em: 07 nov. 2023.

AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. Servir. *In*: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6ª ed. Paris: CERF, 1988, p. 1218-1220.

AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. Serviteur de Dieu. *In*: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6ª ed. Paris: CERF, 1988, p. 1220-1224.

AUGRAIN, Charles; LACAN, Marc-François. Servo de Deus. *In*: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 967-969.

BABELIO. **Pierre Grelot**. 2024. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Pierre-Grelot/39580>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BARUCQ, André; GRELOT, Pierre. A sabedoria de Deus. *In*: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BARUCQ, André; GRELOT, Pierre. Sabedoria. *In*: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 916-922.

BEAUCHAMP, Paul. Diversidade e unidade do profetismo de Israel. *In*: LEON-DUFOUR, Xavier (coord.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 824.

BEAUCHAMP, Paul. Sagesse. *In*: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016, p. 1261-1264.

BEAUCHESNE. **André Barucq**. 2024. Disponível em: https://www.editions-beauchesne.com/product_info.php?products_id=589. Acesso em: 16 jul. 2024.

BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **Jésus de Nazareth**: Du baptême dans le Jourdain à la transfiguration. Cité du Vatican: Flammarion, 2007.

BENTO XVI, Papa, 1927-2022. **La Théologie de l'Alliance dans le Nouveau Testament**. 1995. Disponível em: <https://academiesciencesmoralesetpolitiques.fr/wp-content/uploads/2018/07/ratzinger.pdf> . Acesso em: 10 dez. 2023.

BEZERRA, Cícero Manoel. **Poder-Serviço no Ministério Cristão Midiático**: análise contextual e teológica. 2017. 233 f. Tese (Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51845/51845.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2013.

BIBLE. **`Ebed [eh'-bed]**. 2024. Disponível em: <https://emcity.com/bible/strong-biblique-hebreu-ebed-5650.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE (FRANÇA). **De La Potterie, Ignace**. 2024. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb119103090>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE (FRANÇA). **Du Buit, Michel**. 2024. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb11900697q>. Acesso em: 23 jul. 2024.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE (FRANÇA). **Louis Monloubou**. 2024. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11916517/louis_monloubou/fr.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE (FRANÇA). **Philippe Delhaye**. 2024. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb11886138r>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

BRITANNICA. **John L. McKenzie**. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/contributor/John-L-McKenzie/1852>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CIBERTEOLOGIA. **Em memória de Bernard Sesboüé... Teólogo e sacerdote jesuíta Bernard Sesboüé faleceu aos 92 anos**. 2021. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/conteudo/notas/em-memoria-de-bernard-sesboue-teologo-e-sacerdote-jesuita-bernard-sesboue-faleceu-aos-92-anos/50>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CLERCK, Paul de. Théologie et pastorale de la confirmation. *In*: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3^a éd. Paris: PUF, 2016.

COMMISSION THÉOLOGIQUE INTERNATIONALE. **La conscience que Jésus avait de lui-même et de sa mission, 1985**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1985_coscienza-gesu_fr.html. Acesso em: 19 jul. 2024.

CONFERENCE DES ÉVÊQUES DE FRANCE. **Qu'est-ce que le sacrement de la Confirmation ? Liturgie et sacrements**. Disponível em: <https://liturgie.catholique.fr/initiation-chretienne/la-confirmation/1013-questions-sacrement-confirmation/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

CORBELLINI, Vital. **Santo Irineu de Lião, o novo doutor da Igreja**. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-10/santo-irineu-doutor-da-igreja-liao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

COSTADOAT, Jorge. Seguimento de Cristo. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA. **Enciclopédia Digital**. 2024. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Acesso em: 03 abr. 2024.

DE LA POTTERIE, I. **On ne naît pas enfant de Dieu. On le devient**, 2010. Disponível em: https://www.30giorni.it/articoli_id_23528_l4.htm#. Acesso em: 25 jul. 2024.

DE LA POTTERIE, Ignace. A unção-consagração. In: LEON-DUFOUR, Xavier (coord). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

DE LA POTTERIE, Ignace. La figliolanza divina del cristiano secondo Giovanni. In: SIMPOSIO DI EFESO SU SAN GIOVANNI APOSTOLO, 6., 1996. **[Anais...]** Rome: Université Pontificale Antonianum, 1996, p. 53-80. Disponível em: https://www.30giorni.it/articoli_id_23528_l4.htm. Acesso em: 01 abr. 2024.

DECITRE. **Un mémorial de la création et de la rédemption. Le jubilé biblique en Lv 25**: résumé. 2024. Disponível em: <https://www.decitre.fr/revues/un-memorial-de-la-creation-et-de-la-redemption-9782873241582.html#resume>. Acesso em: 18 jul. 2024.

DECLARAÇÃO Nostra Aetate: sobre a igreja e as religiões não cristãs. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em: 22 jul. 2024.

DEI VERBUM. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. Tradução Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DELHAYE, Ph. **A consciência que Jesus tinha de si e da sua missão**: quatro propostas com comentários, 1985. 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1985_coscienza-gesu_fr.html. Acesso em: 19 jul. 2024.

DETTWILER, Andreas. Le commentaire de Jean Zumstein sur l'Évangile de Jean. **Études Théologiques et Religieuses**, v. 91, p. 129-137, 2016. Disponível em: <https://www.revue-etr.org/article/le-commentaire-de-jean-zumstein-sur-levangile-de-jean/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

DIALNET. **Antonio Salas**, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=78455>. Acesso em: 21 jul. 2024.

DICCIONARIO BÍBLICO. **Shekinah Significado Bíblico**, 2024. Disponível em: <https://diccionariobiblico.org/shekinah>. Acesso em: 29 jul. 2024.

DIETRICH, Luiz José. A história que a Bíblia nos apresenta. *In*: NAKANOSE, Shigeyuri; DIETRICH, Luiz José (Orgs.); KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antonio Carlos; MARQUES, Maria Antônia; **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. São Paulo: Paulus, 2022.

DUMAIS, Marcel. Bem-Aventuranças. *In*: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2022.

DUMER, Pablo Fernando. **Jürgen Moltmann: um teólogo da e para a esperança**. 2024. Disponível em: <https://est.edu.br/jurgen-moltmann-um-teologo-da-e-para-a-esperanca/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ECHEGARAY, Hugo. **La practica de Jesus**. Lima: CEP, 1980.

ÉGLISE CATHOLIQUE EN FRANCE. **Charles Perrot**. 2013. Disponível em: <https://eglise.catholique.fr/actualites/359003-deces-du-pere-charles-perrot/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ENCYCLOPEDIE UNIVERSALIS. **Jacques Fournier**. 2024. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/jacques-benoit-xii/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ESCAVADOR. **Fernando Bortolletto Filho**. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1704712/fernando-bortolletto-filho>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ESCAVADOR. **José Carlos Fonsatti**. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3223051/jose-carlos-fonsatti>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ESCAVADOR. **Rafael Rodrigues da Silva**. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5848198/rafael-rodrigues-da-silva>. Acesso em: 25 jul. 2024.

ESTUDOS BÍBLICOS. **Pastor ou mercenário?!** 2015. Disponível em: <https://www.estudos-biblicos.net/pastor-ou-mercenario.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FACHIN, Patricia. Literatura, Teologia e Antropologia: um diálogo sobre o ser humano. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 299, jul. 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/19-artigo-2009/2656-antonio-manzatto>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FAZZINI, Lorenzo. **Congar: dominicano incansável que radiografou a crise do catolicismo ocidental**. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/636053-congar->

dominicano-incansavel-que-radiografou-a-crise-do-catolicismo-ocidental. Acesso em: 25 jun. 2024.

FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de Jon Sobrino. Em: **Biografías y Vidas**. La enciclopedia biográfica en línea. Barcelona, España, 2004. Disponible em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/sobrino.htm>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de San Gregorio de Nisa. En: **Biografías y Vidas**. La enciclopedia biográfica en línea. Barcelona, España, 2004. Disponible em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/g/gregorio_de_nisa.htm. Acesso em: 24 jul. 2024.

FEUILLET, André. Disciple. In: LEON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (coords). **Vocabulaire de Théologie Biblique**. 6ª ed. Paris: CERF, 1988.

FONSATTI, P. J. C. **Os livros proféticos**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022. *E-book*.

FOURNIER, Jacques. L'Esprit Saint est Seigneur, et il donne la vie. **SEDIFOP**, p. 1-9, 2020. Disponible em: <https://www.sedifop.com/loeuve-de-lesprit-saint-troisieme-personne-de-la-trinite-d-jacques-fournier/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

FOURNIER, Jacques. La Prière du “Notre Père” (Lc 11,1-4). **SEDIFOP**, p. 1-22, 2020. Disponible em: <https://www.sedifop.com/la-priere-du-notre-pere-luc-111-4/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

FOURNIER, Jacques. Les noces de Cana (Jn 2,1-12). **SEDIFOP**, p. 1-11, 2015. Disponible em: <https://www.sedifop.com/wp-content/uploads/2015/05/Les-noces-de-Cana-Jn-21-12.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa, 1936-. **“Papa, viver e julgar com o estilo misericordioso do cristão”**. 2020. Disponible em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/papa-francisco-santa-marta-viver-julgar-com-estilo-cristao.html#:~:text=O%20nosso%20estilo%20de%20vida,ao%20final%20da%20nossa%20exist%C3%AAncia>. Acesso em: 07 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa, 1936-. **Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia**. 2015. Disponible em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papafrancesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em: 28 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa, 1936-. **Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social**. 2020. Disponible em: https://www.vatican.va/content/francesco/fr/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 22 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa, 1936-. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa, 1936-. **Christus vivit**: «être pour les autres», le secret d'une vie belle. Vatican News. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/fr/eglise/news/2019-10/christus-vivit-etre-pour-les-autres.html>. Acesso em: 04 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa, 1936-. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 16 dez. 2023.

FUNDACIÓN DE SERVICIO SOCIAL CARLOS GONZÁLEZ. **Quien fue el Padre Carlos González S.J?** 2024. Disponível em: <https://www.fundacioncarlosgonzalez.org/biografia.html>. Acesso em: 14 fev. 2024.

G1. **Número de trabalhadores resgatados de condições análogas à escravidão é o maior dos últimos 14 anos, diz governo**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2024/01/10/numero-de-trabalhadores-resgatados-de-condicoes-analogas-a-escravidao-e-o-maior-dos-ultimos-14-anos-diz-governo.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GARCIA CORDEIRO, Maximiliano. **Problemática de la Biblia**, Madrid: BAC, 1971.

GAUDIUM et spes. *In*: COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

GAUTHIER, Jacques. **Biographie**. 2024. Disponível em: <https://www.jacquesgauthier.com/biographie/biographie.html>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GAUTHIER, Jacques. L'alliance dans la Bible. **Aleteia**, 2018. Disponível em: <https://fr.aleteia.org/2018/08/27/lalliance-dans-la-bible>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Él es nuestra Salvación**: cristología e soteriología. 4. ed. Bogotá: DC, 2001.

GORGULHO, Gilberto da Silva. Livro bíblico: nota "a" do rodapé, Provérbios 8, [tradução]. *In*: **BÍBLIA** de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

GORGULHO, Gilberto da Silva. Livro bíblico: nota "d" do rodapé [tradução]. *In*: **BÍBLIA** de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

GORGULHO, Gilberto da Silva. Livro bíblico: nota "e" do rodapé Êxodo 20, [tradução]. *In*: **BÍBLIA** de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

GREGORIUS EPISCOPUS NISSENUM. De oratione dominica, III. *In*: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Graeca**, v. 44. Paris: J. P. Migne Editor, 1863, coluna 1162 A. Disponível em: <https://www.mercaba.org/FICHAS/ORACION/PATER/C4.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA DA CNBB - PADRE THIERRY LINARD. **Democracias e Sociedades divididas. Tendências, riscos e esperanças**. 2024. Disponível em:

<http://cnbb.ikhon.com.br/cadastroUsuarioExterno/verificacao.aspx> informando o código: C4ADD26. Acesso em: 15 abr. 2024.

HISTORIOGRAFIA. **Theodoro Henrique Maurer Jr.** 2024. Disponível em: <https://www.historiografia.com.br/ind/203>. Acesso em: 28 jul. 2024.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

JESUITES. **Norbert Lohfink**. 2024. Disponível em: <https://www.jesuites.ch/personnes/norbert-lohfink-sj>. Acesso em: 30 jul. 2024.

JESUITES. **P. Bernard Pottier sj**. 2024. Disponível em: <https://www.jesuites.com/p-bernard-pottier-sj-theologien/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

JESUITES. **Paul Beauchamp**. 2024. Disponível em: <https://www.jesuites.com/paul-beauchamp-sj-bibliographie/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa, 1920-2005. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte du Pape Jean-Paul II à l'épiscopat au clergé et aux fidèles au terme du grand Jubilé de l'an 2000**, 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 30 jul. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa, 1920-2005. **Carta Encíclica Dominum et Vivificantem sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo**, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html. Acesso em: 20 dez. 2023.

KELLY, J. N. D. Santo Irineu. **A Santíssima Trindade nos escritos dos santos padres dos primeiros séculos**. 2023. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/trindd07.htm>. Acesso em: 29 ago. 2023.

KOCH, Robert. Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4, 18-19. **Nouvelle Revue Théologique**, n. 115-6, p. 877-885, 1993. Disponível em: <https://www.nrt.be/fr/articles/le-christ-et-l-esprit-du-seigneur-selon-luc-4-18-19-265>. Acesso em: 18 out. 2023.

LA COMMISSION DOCTRINALE. « **Enfant de Dieu** » : **de qui parle-t-on ?** Conférence des évêques de France. Disponível em: <https://catechese.catholique.fr/outils/conference-contribution/301069-enfant-de-dieu-baptême/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

LE FORUM CATHOLIQUE. **Paul De Clerck**. 2014. Disponível em: <https://www.leforumcatholique.org/print.php?num=760250>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LECTEURS.COM. **Marc-Francois Lacan**. 2024. Disponível em: <https://www.lecteurs.com/auteur/marc-francois-lacan/3295835>. Acesso em: 16 jul. 2024.

LEFEBVRE, Jean-François. Le jubilé biblique, mémorial de la création et de la rédemption. **Revue Sources et vie dominicaine**, v. 3-4, p. 1-12, 2000. Disponível em: <https://www.studiumndv.fr/uploads/Document/lefebvre-jubile-biblique.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2023.

LES EDITIONS DU CERF. **Gerd Theissen**. 2024. Disponível em: <https://www.editionsducerf.fr/librairie/auteurs/livres/2894/Gerd-Theissen>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LES EDITIONS DU CERF. **Jacques Schlosser**. 2024. Disponível em: <https://www.editionsducerf.fr/librairie/auteurs/livres/581/Jacques-Schlosser>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LES SAISONS LIBRAIRIE. **Charles Augrain**. 2024. Disponível em: <https://lessaisons.fr/personne/charles-augrain/50955/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

LIBRARY.UPOL. **Schulte, Rafael**. 2024. Disponível em: https://library.upol.cz/arl-upol/cs/detail-upol_us_auth-0241165-Schulte-Raphael-1925/. Acesso em: 27 jul. 2024.

LINKEDIN. **Clovis Torquato Jr**. 2024. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/clovis-torquato-jr-72b59a22>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LOHFINK, N. **L'alleanza mai revocata: riflessioni esegetiche per il dialogo tra cristiani ed ebrei**. Brescia: Queriniana, 1991.

LUCIANI, D. **Alfred Marx**. 2007. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/thlou_0080-2654_2007_num_38_4_3627_t1_0567_0000_1. Acesso em: 21 jul. 2024.

LUMEN GENTIUM. *In: COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Coord. VIER, Frederico. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LUTERANOS. **O princípio da sabedoria**. 2018. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/o-principio-da-sabedoria>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MAÇANEIRO, Marcial. A aliança do Sinai e o dom da nova aliança. **Extrato do longo Relatório de pós-doutorado sobre teologia, igreja e antissemitismo**. Lisboa: UCP, 2022.

MAÇANEIRO, Marcial. O Espírito de Deus na criação. *In: ALENCAR, Gedeon Freire de; PEREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias (orgs.). Pentecostaismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas*. Vitória: RELEP, 2022, p. 190-196.

MAÇANEIRO, Marcial. **O Espírito Santo na Patrística**: um olhar para o Oriente. Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Teologia PPGT Área de Sistemática, Pastoral e Espiritualidade. PUCPR. Curitiba: *pro manuscripto*, 2023-II, p. 3-4.

MAÇANEIRO, Marcial. **Venga tu Espíritu! Variante del Padre-nuestro (oratio dominica) en manuscritos del Evangelio de Lucas**. Bogotá: *pro manuscripto*, 2023.

MANZATTO, Antonio. O Jubileu e sua integral celebração. **Revistas PUC-SP**, p. 721, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturaleo/article/download/14681/17259>. Acesso em: 07 nov. 2023.

MARX, Alfred. Sacrifice. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3ª éd. Paris: PUF, 2016.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. Livro bíblico: introdução aos profetas [tradução]. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. Livro bíblico: nota "b" do rodapé [tradução]. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983.

MEMÓRIA E ORTODOXIA CRISTÃS. **S. Teófilo de Antioquia**: 1º Livro a Autólico. Veritatis Splendor, 2003. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/i-livro-a-autolico/>. Acesso em: 20 set. 2023.

MEMÓRIA E ORTODOXIA CRISTÃS. **S. Teófilo de Antioquia**: 2º Livro a Autólico. Veritatis Splendor, 2003. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/ii-livro-a-autolico/>. Acesso em: 20 set. 2023.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**: cristologia em dimensões messiânicas. Tradução de Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 1992.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005.

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. Filho de Deus. **Dicionário bíblico universal**. Tradução Gentil Titton. Petrópolis: Vozes, 1997.

MÜHLER, Heribert. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo como obra do Espírito. v. III/8. Petrópolis: Vozes, 1974.

OMI WORLD. **Marcel DUMAIS, OMI (1936–2023)**: Une Vie Consacrée à la Foi et à l'Apprentissage. 2023. Disponível em: <https://www.omiworld.org/fr/2023/11/18/marcel-dumais-omi-1936-2023-une-vie-consacree-a-la-foi-et-a-l-apprentissage/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PERFIL biográfico de João Paulo II (1920-2005). **L'Osservatore Romano**, n. 18, 3 maio 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html. Acesso em: 28 jul. 2024.

PERROT, Charles. Serviço e Diaconia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022.

PERSEE. **Renaud, Bernard**. 2024. Disponível em: <https://www.persee.fr/authority/254879>. Acesso em: 16 jul. 2024.

PHILONENKO, Marc. Que Ton Esprit-Saint vienne sur nous et qu'il nous purifie (Lu 11,2): l'arrière-plan qoumrânien d'une variante lucanienne du Notre Père. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, v. 75, p. 61-66, 1995. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhpr-00>. Acesso em: 03 jan. 2024.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA [2002.]. O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã. In: BIZON, J.; DARIVA, N.; DRUBI, R. (Orgs.). **Diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1985.

PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATOLICA DE CHILE. **Jorge Costadoat**. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/49138263/Seguimiento_de_Cristo_en_America_Latina_Signo_y_criterio_del_acontecer_de_Dios. Acesso em: 25 jul. 2024.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Luiz José Dietrich**. 2024. Disponível em: <https://www.pucpr.br/escola-de-educacao-e-humanidades/docente/luiz-jose-dietrich/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

POTTIER, Bernard. La dynamique du Notre Père. Le commentaire de Maxime le Confesseur (c. 580-662). **Communio**, n. 250, p. 75-88, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communio-2017-2-page-75.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

RENAUD, Bernard. Serviteur de YHWH. In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). **Dictionnaire critique de théologie**. 3^a éd. Paris: PUF, 2016.
REVUE RESURRECTION. **P. André Feuillet**. 2024. Disponível em: https://www.revue-resurrection.org/archives_revue-resurrection/_P-Andre-Feuillet_.html. Acesso em: 26 jul. 2024.

SALAS, A. Alianza. In: FLORISTÁN, C.; TAMAYO, J.-J. (eds.). **Conceptos fundamentales del cristianismo**. Madrid: Editorial Trotta, 1993.

SANCHÉZ RODRÍGUEZ, M. **Maximiliano García Cordero**. 2024. Disponível em: <https://dbe.rah.es/biografias/44808/maximiliano-garcia-cordero>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SANT'ALFONSO E DINTORNI. **Koch Robert redentorista**. 2021. Disponível em: <https://www.santalfonsoedintorni.it/koch-robert-redentorista.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus a história de um vivente**. [tradução de Frederico Stein]. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022, p. 1252-1258.

SCHULTE, Raphael. A obra salvífica do Pai em Cristo. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. O evento Cristo. Vol. III/1. Cristo e a Santíssima Trindade. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 45-76.

SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **Le Dieu du salut**. Paris: Mame-Desclée, 2016.

SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2022.

SKOOB. **Jose Bortolini**. 2024. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/autor/21478-jose-bortolini>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SOBRINO, Jean. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOBRINO, Jean. **Jesus na América Latina**. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985.

STORNIOLO, Ivo. **Trabalho e felicidade** – O livro do Eclesiaste. 2012. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/releases/trabalho-e-felicidade-o-livro-do-eclesiaste/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

STORNIOLO, Ivo; BORTOLINI, José. Livro bíblico: nota de rodapé do capítulo 11 de Isaías [tradução]. In: **BÍBLIA do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 1997.

THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2008.

TORQUATO JÚNIOR, Clóvis. **[Antiga e nova aliança]**, Curitiba, 2024. Comentário realizado na Banca de Defesa do Mestrado em Teologia da PUCPR, Campus Curitiba em 24 maio 2024.

TORQUATO JÚNIOR, Clóvis **[Sabedoria]**, Curitiba, 2024. Comentário realizado na Banca de Defesa do Mestrado em Teologia da PUCPR, Campus Curitiba em 24 maio 2024.

TORQUATO JÚNIOR, Clóvis. **Teologia do batismo no Espírito Santo**: descubra o poder sobrenatural de Deus. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2018.

UNECPERU. **Hugo Echegaray**. 2013. Disponível em: <https://unecperu.wordpress.com/2013/02/26/hugo-echegaray/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

UNINTER. **Cicero Manoel Bezerra**. 2023. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/3018>. Acesso em: 30 jul. 2024.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. Faculdade de Teologia. **Marcial Maçaneiro**. 2024. Disponível em: <https://ft.ucp.pt/pt-pt/pessoa/marcial-macaneiro>. Acesso em: 25 jun. 2024.

UNIVERSITE CATHOLIQUE DE LYON. **Olivier Artus**. 2024. Disponível em: <https://www.ucly.fr/wp-content/uploads/2019/11/cv-olivier-artus-recteur-ucly.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

UNIVERSITÉ DE GENÈVE. **Andreas Dettwiler**. 2023. Disponível em: <https://www.unige.ch/theologie/faculte/collaborateurs/nouveau-testament/dettwiler>. Acesso em: 30 jul. 2024.

VATICAN NEWS. **A biografia de Bento XVI**. 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-12/bento-xvi-biografia.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

VATICANO. **Biografia do Santo Padre Francisco**, 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

VATICANO. **Comissão Teológica Internacional**, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_ictheology_po.html. Acesso em: 20 jul. 2024.

VERITATIS. **Biografia de S. Teófilo de Antioquia**. 2002. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/biografia-de-teofilo-de-antioquia/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

VIDA NOVA. **J. N. D. Kelly**. 2024. Disponível em: <https://www.vidanova.com.br/livros/autores/j-n-d-kelly>. Acesso em: 16 jul. 2024.

VONDEY, Wolfgang. **Mühlen, Heribert (1927–2006)**. 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9780470670606.wbecc0950>. Acesso em: 30 jul. 2024.

VOZES. **José Antonio Pagola**. 2023. Disponível em: <https://vozes.com.br/autor/16078/jose-antonio-pagola>. Acesso em: 17 jul. 2024.

WINLING, Raymond. **Schillebeeckx Edward (1914-2009)**. 2024. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/edward-schillebeeckx/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ZAMAGNA, Domingos. **Frei Gilberto Gorgulho OP (1933 - 2012)**. 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/?id=516761>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ZAMAGNA, Domingos. Livro bíblico: comentário introdutório [tradução]. *In: BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

ZUMSTEIN, Jean; DETTWILER, Andreas. Esprit Saint. *In: LACOSTE, Jean-Yves (coord.). Dictionnaire critique de théologie*. 3^a éd. Paris: PUF, 2016.